

<http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/proa/noticia/2014/06/o-silencioso-protesto-do-barao-de-itarare-em-porto-alegre-4536878.html>

O silencioso protesto do Barão de Itararé em Porto Alegre

Estudante que se tornaria um dos pioneiros do jornalismo político no país organizou manifestação motivada por ataques a navios brasileiros

por Marcelo Monteiro -

LUIZ ANTONIO CUSTODIO

Campanha Memoria Cultural de POA

PORTO ALEGRE 242 ANOS Notícia da edição impressa de 28/03/2014

Memória cultural de Porto Alegre

Michele Rolim, Priscila Mengue, Rafael Gloria e Ricardo Gruner

<http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=157797>

JOÃO MATTOS/JC



Para Edu K, tocar no Auditório Araújo Vianna era estar no topo

Muitos são os locais que evocam a cultura em Porto Alegre. Teatro São Pedro, Margs, Araújo Vianna, para citar alguns, são parte da memória cultural da cidade. Outros já não existem mais e deixaram saudades, como o Porto de Elis, ali na subida da Protásio Alves, lugar de muitas festas nos anos 1980 e 1990. A região da Osvaldo

Aranha, com alguns icônicos bares - João e Lola, por exemplo -, também foi (e continua sendo) palco de muita efervescência. Nesta matéria especial, relembramos alguns fatos e locais que ajudaram a construir a identidade cultural de Porto Alegre.

Bons tempos de rock

O visual inusitado e a folha de palmeira que segura para posar para a foto já indicam: Edu K faz parte da “tribo primitiva do Araújo Vianna”, conforme ele mesmo menciona. Músico e produtor, o homem responsável pela voz do DeFalla relata que sua história com o auditório em questão iniciou ainda antes da relação com a avenida Osvaldo Aranha, a qual ele vê como um caso de amor.

Porto-alegrense, Edu morou com a família em Foz de Iguaçu e voltou à capital gaúcha no início de 1983. Naquela época, frequentou tanto o palco quanto a plateia do Araújo. “Fui conhecendo aos poucos a cena da cidade, a banda Urubu Rei, Replicantes, essa turma que bombou e fez a Osvaldo voltar ser um ponto de encontro. E tudo passa pelo Araújo”, afirma ele, cuja aparência revela ecletismo tão grande quanto aquele que o auditório erguido em 1964 no Parque Farroupilha envolve.

Em um palco que já recebeu de João Gilberto a Simple Minds, o artista tem shows de nomes locais como preferência: Musical Saracura e a banda de heavy metal Astaroth, por exemplo. Outro marco é o lançamento do disco coletivo *Rock Garagem* - do qual participou com a banda Fluxo. “Tocamos para um público mais metaleiro. Eu curto até hoje metal, mas tinha aquele visual meio Duran Duran, roupinha, cabelinho, maquiagem”, explica ele, resumindo: “os caras ficam ali gritando ‘Sai daí! Sai daí!’”.

Hoje morador de Florianópolis, mas curtindo estadia em Porto Alegre para produzir um novo disco da Comunidade Nin-Jitsu, Edu K ainda rememora um show conjunto de DeFalla e Nenhum de Nós. Na ocasião, ele exibiu um buraco na bochecha (feito por ele mesmo na noite anterior e sem nenhuma explicação lógica) e chegou a tomar choques em cima dos andaimes que sua banda instalou no palco. Apesar de tudo, considera aquele episódio um showzaço. “Embora o Nenhum de Nós hoje seja maior, naquela época [anos 1980] estávamos nivelados. E lotamos. Foi um ponto alto da carreira: tocar no Araújo era chegar ao topo”, recorda o músico.

Mesmo que comemore a restauração e o interesse do público no espaço, Edu K mantém na memória o Araújo dos anos 1970 e 1980, ainda sem cobertura e com o desabrochar de uma geração de grupos. “Não é que eu seja contra a modernidade, é saudosismo... Perdeu um tanto do charme”, expõe ele, que também se diz contrário à cerca que envolve o prédio.

Posicionamento à parte, o músico já voltou à casa de espetáculos como artista, e deixou os seguranças locais malucos ao escalar os ferros centrais da estrutura durante um Domingo no Parque com Tonho Crocco. “Não sei nem se vão me deixar cantar de novo. Me perdoem, me deixem voltar”, clama o músico, que prepara um álbum solo e um novo disco do DeFalla.

Descobertas da juventude

O icônico bar Alaska era um espaço não só de discussões políticas, mas também de descobertas e aprendizados na esfera das amizades, dos afetos e dos desejos. Quem diz é Sergius Gonzaga, professor de Literatura da Ufrgs e ex-secretário da Cultura de Porto Alegre, que, como estudante do curso de Letras, viveu aquela época de verdadeira efervescência cultural da segunda metade dos anos 1960 ao frequentar o bar que seria um dos formadores da Esquina Maldita. Ponto esse que se “completou” mais tarde, quando outros famosos estabelecimentos, como o Estudantil e o Copa 70, abriram nas proximidades da intersecção entre a Sarmiento Leite e a Osvaldo Aranha.

Na época, a maioria dos cursos de ciências humanas da Ufrgs se situavam perto do Alaska, o que certamente influenciava na criação de um ambiente mais politizado e cultural. O pessoal que frequentava o bar gostava de filmes europeus, rock contestador e MPB. “Não havia lugar para os alienados no Alaska ou para os pequeno-burgueses. Aliás, insultos mais terríveis do que estes não existiam”, relembra Gonzaga. Ele ressalta que era normal ver alunos carregando livros de autores como Sartre, Simone de Beauvoir, Herman Hesse e Che Guevara.

Os relacionamentos, é claro, também estavam presentes e se confundindo com o ambiente cultural. Foi numa dessas noites no bar que o jovem Sergius ouviu uma confissão de um frustrado aluno da Filosofia. “Com lágrimas nos olhos, ele me disse que rompera com a namorada - uma linda estudante de química - porque, além de querer que ele cheirasse ácidos fétidos exalados por suas mãos,

ignorava a existência da náusea existencialista”, conta. Entretanto, a moça nunca tinha ouvido falar sobre Sartre, o que, para o filósofo, era essencial.

Mais do que política e contestação, muito do Alaska era constituído por esses momentos de descobertas e afinidades pessoais. Havia certo deslumbramento com uma época tão cheia de mudanças. A revolução sexual recém começara, e as mulheres assumiam outro comportamento. “As moças ousavam falar palavrões e, até mesmo, conversavam sobre sexo. Mais falavam do que faziam, é verdade”, revela o professor.

Muitos namoros nasceram no Alaska e muitos ali também encontraram seu final. “Eu mesmo casei com uma jovem bióloga de quem primeiro me aproximei no Alaska, gastando horrores em cuba libre para criar coragem de me declarar e, depois de algumas semanas de lero-lero, beijá-la em uma travessa qualquer do Bom Fim...”, relembra Gonzaga.

No famoso bar Alaska, que abriu as portas pela primeira vez para o público em 28 de dezembro de 1965, muitas vidas e destinos começaram a ser traçados, como o de Gonzaga e muitos de seus amigos da época. “Assim eram aquelas noites no Alaska, o boteco que todos amávamos e no qual - estou seguro disso - fomos felizes”, completa.

Divisor de águas do teatro

MARCOS
NAGELSTEIN/JC



Paulo Flores revisita
teatro em que se
apresentou em 1978

Como uma bofetada. Este foi o título que a jornalista Iria Pedrazzi escolheu para relatar as apresentações das duas peças curtas A

divina proporção e *A felicidade não esperneia*, patati, patatá, com texto de Júlio Zanotta e direção de Paulo Flores. Seu depoimento está no livro *Poéticas de ousadia e ruptura do Ói Nóis Aqui Traveiz*, lançado neste ano.

Divisor de águas na cena porto-alegrense, o espetáculo ocorreu em 1978 e chocou a cidade pela polêmica e inovação cênica. Como não lembrar do leite jorrando na plateia, da nudez, da carne crua com sangue arremessada pelos atores e da agressividade na forma que o texto era dito? “A apresentação tinha sua força, principalmente, porque foi o primeiro do Ói Nóis. De algum modo, ele inaugurou outro viés teatral em Porto Alegre”, conta Flores, revisitando o Teatro Dante Barone, da Assembleia Legislativa. Na época, o local era reduto de resistência à ditadura militar e recebeu as peças do segundo Encontro Gaúcho de Teatro.

Único fundador que segue no grupo, Flores salienta que as ideias formadoras presentes naqueles trabalhos seguem no Ói Nóis. “Desde a linguagem, outra maneira de se organizar, de ter o seu espaço de criação, o Ói Nóis trazia várias novidades para cena”, explica Flores.

A encenação também inaugurava um novo espaço, o Teatro Ói Nóis Aqui Traveiz (localizado na rua Ramiro Barcelos, 485, próximo à esquina da Cristóvão). O prédio ainda existe, e hoje é uma serigrafia. A estreia foi à meia-noite do dia 31 de março de 1978, “data escolhida como uma sátira ao dia que os militares festejavam a revolução redentora”.

Segundo ele, a crítica classificou a encenação como um “misto de grand-guignol, protesto, surrealismo e celebração da anarquia”, e a linguagem mereceu os adjetivos de “crua, debochada, violenta, livre, grotesca”. Na época, o crítico de teatro Claudio Heemann escreveu: “Há 20 anos, Porto Alegre não produzia um espetáculo com propósitos tão devastadores”.

No dia 2 de maio de 1978, o Teatro foi fechado pelo Serviço de Fiscalização de Diversões Públicas da Secretaria de Segurança do Estado, “um ato de censura e perseguição política”, segundo Flores. O grupo contratou advogados e desenvolveu uma luta política pela reabertura, o que só ocorreu no fim de agosto. Nesse período as peças realizaram temporadas nas facultadees de Medicina e de Arquitetura da Ufrgs, além de sessões em Caxias do Sul e na Assembleia Legislativa.

Pinceladas de emoção

ANTONIO PAZ/JC



Cézar Prestes relembra mostra que levou 135 mil pessoas ao Margs

“Um dia que me emocionou muito foi quando a fila fez a volta na Praça da Alfândega e chegou até a Borges de Medeiros, pela Andradas.” Como salienta a fala de Cézar Prestes, a exposição *Arte na França 1860-1960: Realismo* se tornou um fenômeno cultural durante os 48 dias em que esteve em Porto Alegre no ano de 2009. Neste período, mais de 135 mil pessoas visitaram os dois andares do Margs, nos quais estiveram obras de artistas franceses ou com passagem pelo País. Ao todo, foram 140 pinturas de mestres como Jean Renoir, Claude Monet, Paul Cézanne, Edgar Degas, Vincent Van Gogh, Pablo Picasso e os brasileiros Di Cavalcanti e Ado Malagoli.

Nesse período, Prestes celebrava seu terceiro ano como diretor do Museu, para o qual já colaborava há alguns anos. Segundo ele, as visitas funcionavam quase como um ritual, eram cerimoniais da arte. Estudantes de uma escola guarani, estrangeiros vindos de países vizinhos, moradores de bairros periféricos e as mais variadas pessoas se organizavam em uma fila indiana que seguia dentro do próprio museu.

A um ano de se tornar sexagenário, o Margs se mostrou preparado e maduro para receber uma grande exposição de caráter internacional, conforme aponta Prestes. Mostras anteriores comprovaram isto, mas aquela foi um marco. “*Arte na França* criou um polo cultural naquele momento. Dentro de sua realidade, o Margs pode ser tão representativo quanto o Masp ou o MoMa, pode receber o que quiser.” Chamada por Prestes de uma “aventura grandiosa”, a exposição não cobrava ingresso, mas solicitava doações - que resultaram em 70 toneladas de alimentos não perecíveis e milhares de roupas, que ajudaram a aquecer aquele

gélido inverno. “Tinha gente que voltava para trazer mais alimentos, de tão grata e emocionada”, comenta.

Com a comoção do público diante de algumas obras, foram colocados bancos em pontos estratégicos do museu. “Imagina o que é ser educado vendo uma obra num livro e poder visitá-la de graça, na tua cidade. É como realizar um sonho.” Para o ex-diretor, o público sabia reconhecer o valor daquele acervo, não era “coisa de intelectual”, mas uma oportunidade para todos.

“Eu me emocionava sempre quando entrava naquele museu cheio de gente. Tenho certeza que a exposição mudou as pessoas. Eu mudei, o museu mudou, não tem como não mudar”, ressalta. Marchand durante décadas, gestor cultural e ex-secretário estadual da Cultura, Prestes finaliza: “Acho que a arte é isto mesmo: emoção. Valeu a pena pelo Margs, pela cultura e por todo mundo”.

É possível fazer um tour virtual pela exposição no site www.margs.rs.gov.br/tour.html.

XX

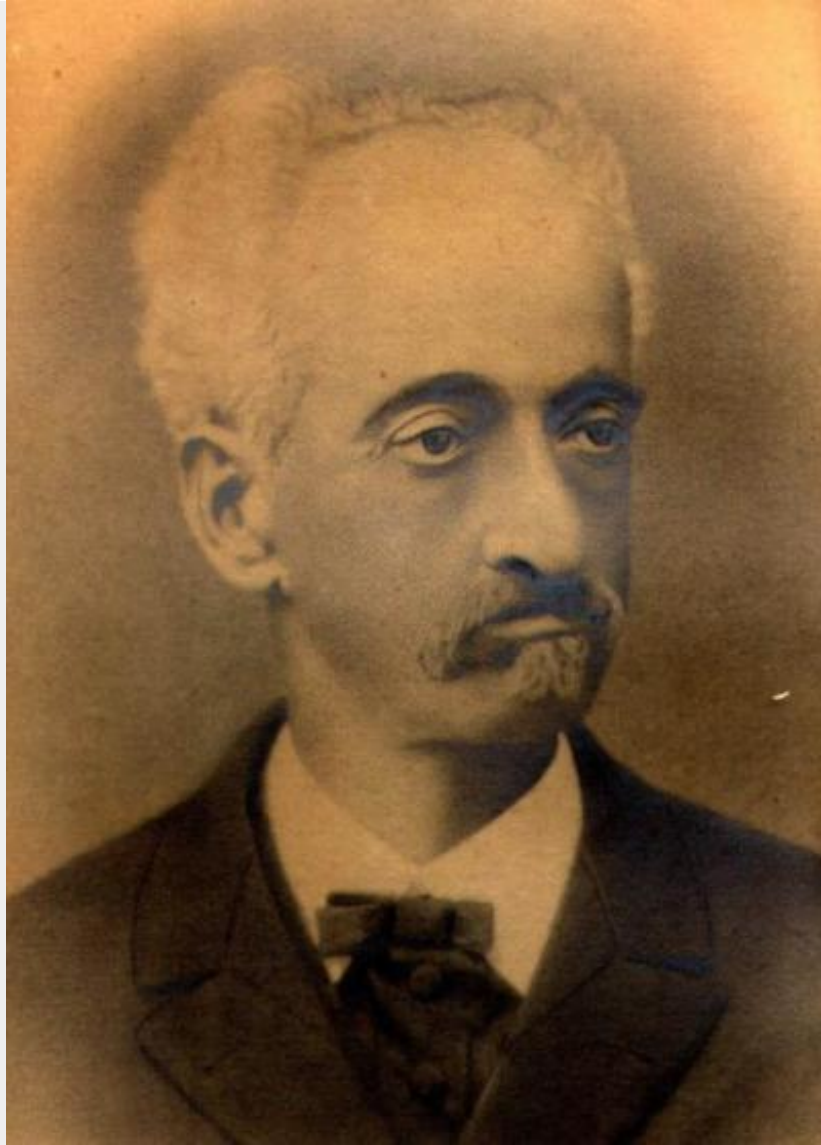
Porto Alegre e seu Partenon Literário

18 DE JUNHO DE 2015 - 13:17ESPECIAL, LITERATURA

Carlos Garcia

<http://culturissima.com.br/especial/porto-alegre-e-seu-partenon-literario/>

Em 18 de junho de 1868, uma turma de jovens sonhadores que viviam em Porto Alegre se reuniu no prédio do antigo Teatrinho. Liderados por Apolinário Porto Alegre, juntaram suas ideias e forças para fundar uma das instituições mais importantes do Rio Grande do Sul no século XIX. Era o Partenon Literário, que nos anos seguintes seria referência intelectual na Capital.



Apolinário Porto Alegre foi o principal fundador do Partenon Literário em 1868.

A instituição queria estimular os porto-alegrenses ao contato com a literatura. E mais do que isso: proporcionar um círculo que impulsionasse o pensamento crítico, o saber. O material cultural publicado na imprensa era escasso, até mesmo porque a imprensa da época ainda não era sólida. Para atender o objetivo, o Partenon criou seu próprio veículo. Na revista, o público lia sobre literatura, claro. Mas o informativo também incentivou a produção literária local, além de difundir os princípios defendidos pela instituição. Entre as bandeiras levantadas pelo grupo estavam ideias republicanas, abolicionistas e feministas.

Além da produção da revista, o Partenon Literário oferecia uma série de atividades de ensino e cultura. Eram realizados debates, cursos, saraus

e [peças](#) teatrais. Era uma proposta atrativa para a pequena Porto Alegre de cerca de quarenta mil habitantes.

Para o professor de literatura da Ufrgs, Luis Augusto Fischer, a instituição representou um ambiente de inteligência. [Destaca](#) que os integrantes do grupo souberam somar esforços, agregar suas vontades e criar um circuito intelectual. “Faz a conta: que outra instituição proporcionava o pensamento, em 1868, em Porto Alegre? Escolas eram escassas. Não havia nenhum curso superior. Não havia editoras regulares de livros. Havia escassíssimos jornais, com pouco espaço para a literatura e a reflexão (mas havia algum espaço na imprensa, é preciso reconhecer). Aí, um cara sensacional como o Apolinário Porto Alegre agrega dezenas de interessados em volta de premissas que qualquer pessoa de bem, até hoje em dia, subscreveria: cultivar a literatura e o pensamento, discutir o mundo, dar voz a quem quisesse fazer conferências, publicar uma revista. Enfim, toda a ação amplamente positiva que tiveram”.

A reunião que oficializou a abertura da nova agremiação não foi a primeira daqueles intelectuais. “Em torno, então, de Apolinário Porto Alegre, reuniu-se um grupo de sonhadores, que iam escutá-lo como um oráculo. Em sua residência, à Rua Nova, hoje General Andrade Neves, esquina da travessa Itapirú ([atual](#) Acelino de Carvalho, a rua coberta), realizaram-se as sessões preparatórias para a fundação do Partenon”, registra Achylles Porto Alegre, que fazia parte do grupo. Aquele 18 de junho foi o momento de formalizar a fundação e mostrar aos porto-alegrenses a instituição que nascia. Na presença do público e de autoridades como presidente da província, Joaquim Vieira da Cunha, reuniram-se no Teatro Dom Pedro II, chamado de Teatrinho (era localizado na atual Marechal Floriano, na quadra entre a Salgado e a Riachuelo), e registraram o primeiro encontro oficial da instituição. “E, à proporção que os dias iam decorrendo, o pequeno grupo de escritores crescia, tornando-se, em poucos anos, uma instituição poderosa, em cujo seio se enfileiraram os nossos homens mais notáveis”, recordou Achylles.

Revista do Partenon

Para o campo da literatura, o maior instrumento do Partenon foi a sua revista. Com o periódico, criou-se uma esfera em que as obras eram ao mesmo tempo publicadas e referidas, conforme lembra Cássia Silveira, em sua dissertação de

mestrado em História *Dois pra lá, dois pra cá: o Parthenon Litterário e as trocas entre literatura e política na Porto Alegre do século XIX*. “A Revista do *Parthenon Litterário* constituía uma das principais instâncias de consagração literária do Rio Grande do Sul da segunda metade do século 19. No espaço da *Crônica Mensal*, os membros do grupo davam publicidade aos seus próprios trabalhos literários e dramáticos, assim como aos trabalhos daqueles que se mostravam seus apoiadores”.

Entre as figuras precursoras das letras gaúchas, fizeram parte da instituição – e colaboraram na revista – nomes como Hilário Ribeiro, Múcio Teixeira, Souza Lobo, Lucina de Abreu, João Damasceno Vieira e Aurélio Viríssimo de Bittencourt, além, claro, de Apolinário Porto Alegre e seus irmãos Achylles, Apeles e Lúcio. Todos tinham menos de trinta anos e uns tantos com menos de vinte. Em meio a essa gurizada, também estava o respeitado e experiente Caldre Fião, que já somava mais de quarenta primaveras quando iniciaram as reuniões do Partenon Literário. É de autoria dele *Divina Pastora*, o primeiro romance da literatura do Rio Grande do Sul, lançado em 1847, quase vinte anos antes da fundação da instituição.



José Antônio do Vale Caldre e Fião

Além dos textos dos integrantes da casa, a revista também publicou o trabalho de intelectuais de fora do estado e, até mesmo, de estrangeiros. É o caso da escritora argentina Juana Gorriti, que defendia a autonomia feminina nos seus romances, contos e memórias, e do poeta francês Charles Poncy, autor de *Marines*.

O conteúdo da revista era variado, mas minuciosamente selecionado. Nas 32 páginas do informativo, eram publicados textos literários e dramáticos, críticas literárias, biografias de ilustres, síntese dos acontecimentos culturais e artigos

de cunho histórico ou filosófico, baseados normalmente nos debates que aconteciam nas reuniões do grupo. A edição era distribuída mensalmente aos sócios do Partenon e assinantes. Circulou entre os anos de 1869 e 1879, somando mais de 70 edições.

Ideias

A revista era apenas uma das diversas realizações oferecidas pelo do Partenon. Outra das principais atividades era o debate. Durante as reuniões do grupo, eram colocados na mesa temas de relevância social, política ou histórica para a troca de ideias. O historiador e urbanista Francisco Riopardense de Macedo, no seu *Porto Alegre: aspectos culturais*, lembra que, pouco depois do fim da Guerra do Paraguai, foi lançado um tema espinhoso para debate na sociedade. “O jornal (A Reforma) publicava um convite para discussão de tese que teve por título: *A invasão paraguaia na Província é ou não justificável?* Título agressivo. Eram estudiosos que viveram perto dos acontecimentos. Proximidade espacial e temporal. Coragem ou conhecimento objetivo?”.

Dentro desse contexto de questionamentos e defesa de ideias progressistas, era colocado nas discussões o tema da emancipação feminina. E aí entra em cena Luciana de Abreu. A poetisa e professora foi convidada a participar do Partenon Literário e, com isso, teria sido a primeira mulher no Brasil a ingressar em uma sociedade literária. Mais: teria sido a primeira figura feminina no país a discursar em uma tribuna pública, questionando, evidentemente, posicionamento da mulher na sociedade da época.



Poetisa e professora Luciana de Abreu.

A instituição ainda promovia saraus que reuniam as famílias dos sócios. Nesses encontros, havia espaço para leitura, declamação, apresentação musical e dança. “Tratava-se do local, por excelência, da sociabilidade feminina. Era nos saraus, especificamente, que as jovens seriam postas em contato com as ideias e os projetos do grupo”, registra Cássia Silveira.

Como se pode constatar, a realização dos debates, discursos e saraus era alicerçado no pensamento ideológico do grupo e servia, ao mesmo tempo, para difundí-lo ainda mais. Uma prática de grande valor era a arrecadação de verba para alforriar pessoas escravizadas. Outra grande iniciativa foi a implantação do curso de aulas noturnas gratuito, voltado para a população carente. O curso

oferecia classes de gramática, aritmética, geografia, história e francês. O Partenon ainda mantinha um museu e uma biblioteca à disposição do público.

Com essa quantidade de atividades, principalmente na área da educação, Fischer sugere que Apolinário Porto Alegre estava preparando um ambiente para proporcionar o ensino superior aos porto-alegrenses. “Tenho a sensação de que o Apolinário chegou a articular um desejo de que o Partenon virasse uma universidade. Isso não está escrito em nada que ele tenha deixado, que eu saiba, mas a vida dele demonstra isso: além de coletar coisas de linguagem, frases, receitas, gírias, reunidas postumamente por um dedicado pesquisador já falecido, Lothar Hessel, num livro chamado *Popularium sul-riograndense*, e pelo seu compromisso com a educação isso se converteria, me parece, em material de pesquisa e aulas, no que poderia ter vindo a ser uma universidade”. Uma pista para o palpite de Fischer foi deixada por Riopardense de Macedo. Ao citar uma notícia do jornal *A Reforma* sobre a nova sede da instituição, revela: “O Partenon lançou a pedra fundamental de seu templo (...), donde brotará a Academia, o liceu, a escola de ensino livre superior”.

Caso a ideia tivesse se concretizado, o fundador do Partenon seria, mais uma vez pioneiro, já que os primeiros cursos de ensino superior do estado começaram somente em 1895, com as faculdades de Farmácia e Química.

Nasce um bairro

Os planos de Apolinário Porto Alegre e toda a turma do Partenon eram grandiosos. Tanto que, como registrou Riopardense de Macedo, logo trataram de projetar uma sede em local espaçoso longe do burburinho do centro da cidade. Escolheram o topo da colina onde hoje está situada a igreja Santo Antônio. Seria como o Partenon na Acrópole de Atenas, já que o novo edifício deveria ser construído no estilo clássico, aos moldes do templo grego. A ideia era mais audaciosa do que construir apenas um edifício para as atividades da instituição. Foi fundado um novo bairro na localidade até então não urbanizada. Os lotes começaram a ser vendidos. E em 9 de novembro de 1873, foi realizada cerimônia para o lançamento da pedra fundamental, com direito a comitiva saindo do centro em direção ao novo arrabalde.



A construção da nova sede, todavia, não passou da pedra fundamental. “Teriam se esgotado os recursos? Se as loterias tivessem realmente sido concedidas, teriam sido empregadas em outras promoções de mais urgência, como por exemplo o Curso Noturno? O fato é que a turma do Partenon Literário não era de sustentar um programa de construção: tinham muita coisa urgente para fazer”, constata Riopardense de Macedo.

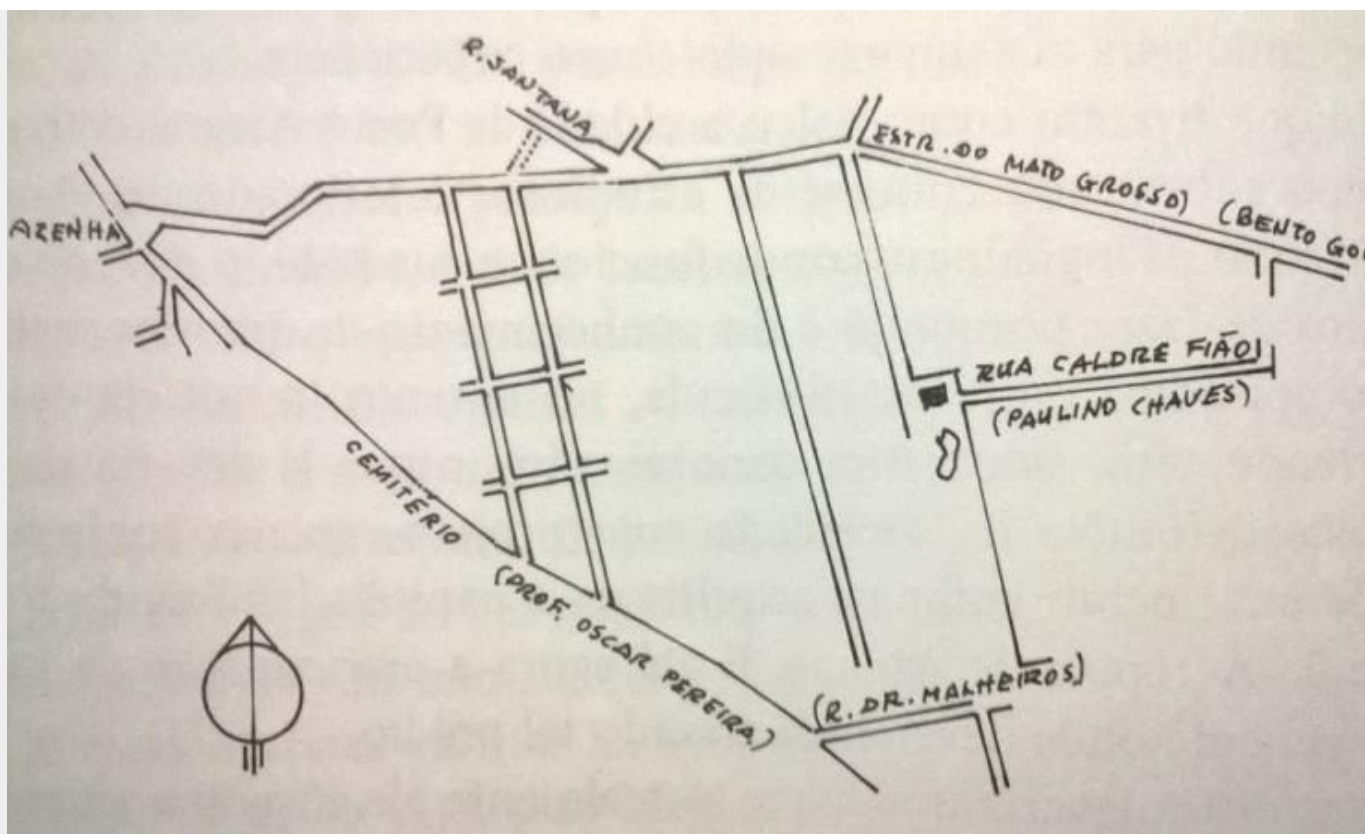
A partir desse ponta pé inicial, o bairro Partenon, como se sabe, se criou, cresceu e se consolidou. Curiosamente o local onde seria construída a nova sede da instituição, por ironia, fica no bairro Santo Antônio e não no Partenon.

Ainda que o empreendimento não tenha sido levado adiante, o trabalho do grupo seguiu firme naquela década de 70. Além das tradicionais atividades, também foram promovidos concursos de literários e de música. Mas aí veio os anos 80 e a coisa começou a esfriar. A revista deixou de circular. A sociedade perdeu membros importantes, como Caldre Fião, que morreu ainda em 1876 e Luciana de Abreu, em 1880. O Partenon já não era mais o mesmo.

Fischer supõe que as questões políticas do momento podem ter sido decisivas para a decadência da instituição. “Posso avançar algumas hipóteses, que gostaria muito de poder comprovar mediante mais pesquisa documental, que nos falta. Por exemplo: Apolinário e outros do Partenon eram republicanos, mas não eram positivistas. Quando o Partido Republicano Rio-grandense (PRR) começou a atuar, especialmente com o jornal *A Federação*, o Apolinário estava com eles, mas me parece que seu temperamento era democrático,

profundamente, ao passo que a ideologia dominante entre os chefes do PRR era claramente autoritária. Sabe-se que, em 93, a casa do Apolinário foi saqueada, houve necessidade de ele fugir para o Uruguai; Então, juntando esses fatos isolados, me parece claro que o Apolinário não teve espaço na nova ordem, ou entre a nova geração republicana, que seria uma aliança valiosíssima”.

No seu Guia histórico de Porto Alegre, o historiador Sérgio da Costa Franco resume como se deram os últimos suspiros do Partenon. “A sociedade só se dissolveu oficialmente em maio de 1899, conforme circunstanciada notícia do Jornal do Comércio de 24 de maio daquele ano. Mas desde a década anterior entrara em hibernação”.



Mapa indica local em que seria construída a nova sede do Partenon. Imagem retirada do livro de Francisco Riopardense de Macedo.

O novo Partenon

Embora tenha fechado as portas, o Partenon Literário permaneceu vivo na memória dos porto-alegrenses. Tanto que, quase um século depois do fim das atividades, um grupo de intelectuais resgatou o nome e os princípios, mantendo viva a tradição do Partenon.

Desde 1997, essa turma se reúne mensalmente para realizar atividades culturais. Os sócios são, na maioria escritores, poetas e admiradores da literatura. A instituição promove palestras, bate-papos, saraus, seminários e exposições. Também publica anualmente, na Feira do Livro, um livro chamado *Vozes do Partenon Literário*, contendo textos de seus sócios e convidados.

Comparada com cenário daquela segunda metade do século dezenove, a realidade de hoje é bem diferente para a atuação da instituição. O hiato de cerca de cem anos contribuiu para que o Partenon atual tenha suas diferenças em relação ao grupo dos tempos do Apolinário. Por outro lado, busca manter vivas as ideias da antiga agremiação voltadas para cultura. “O Partenon de hoje possui ligação muito forte sim com o do século XIX, e entre seus objetivos está *reativar e vivificar os princípios culturais da Sociedade Partenon Literário , fundada em 18 de junho de 1868*. Por isso em nossas atividades sistematicamente são realizados atos, homenagens, concursos ressaltando a importância dos sócios fundadores do ano de 1868”, conforme explica o presidente do Partenon Literário, Benedito Saldanha. A grande causa do Partenon de hoje, de acordo com Saldanha, é mesmo o incentivo à leitura e a formação de leitores.”

REVOLUÇÃO FARROUPILHA

A polêmica farroupilha: o papel de Porto Alegre

02/02/2021 - https://aterraeredonda.com.br/a-polemica-farroupilha-o-papel-de-porto-alegre/?doing_wp_cron=1633894252.0842900276184082031250



Foto de Ciro Saurius

Por GIOVANNI MESQUITA*

A Revolução Farroupilha, que alguns preferem chamar pelo título amorfo de guerra civil, fez parte do movimento nacional pela independência e pela república

A retomada da capital pelas forças leais ao império

Muitas informações, mescladas com suposições, se misturam para tratar do tema: Porto Alegre era pró-império ou pró-farroupilha? A premissa já induz um posicionamento antecipado, como se uma cidade só pudesse ser uma coisa ou outra. Como vimos nas últimas eleições nossa cidade sabe ser uma e outra coisa... Esse maniqueísmo gera tanta confusão que dificulta até saber por onde começar. É importante, para clarear a situação, entender o quadro político mais geral daquele período histórico. Esse passo nos dá alicerce para a construção de uma linha de raciocínio menos passional e mais dialética.

O Brasil, por ser parte do império luso e não hispânico, conduziu o seu processo de independência de maneira completamente atípica. Ele destoou do que ocorreu ao resto do continente latino-americano. Nos outros países a vacância de poder real na Espanha, gerada pela ocupação napoleônica, deixou a região livre da centralização do poder colonial. Isso facilitou o caminho mais radicalizado no processo de independência e da geração de diversas repúblicas, o que foi positivo. Entretanto, gerou o fracionamento do território em vários países, envoltos em processos fratricidas que levaram décadas para se resolverem. E a resolução não deu por uma federação de estados, ao modelo

estadunidense, o que facilitou, e facilita, tremendamente a manipulação imperialista.

No Brasil o processo foi muito distinto, porque aqui se instalou a corte colonialista sob o cajado de D. João VI. Por um lado, isso garantiu a integridade do território, mas por outro enfraqueceu os movimentos republicanos de independência. Estes movimentos foram muitos. A conjuração Baiana de 1798, as revoluções republicanas de 1817 e 1824 em Pernambuco, a Sabinada de 1837/1838, também na Bahia, e a Balaiada no Maranhão, a Cabanagem no Grão-Pará e a Farroupilha no Rio Grande do Sul. A Revolução Farroupilha, que alguns preferem chamar pelo título amorfo de guerra civil, fez parte desse movimento nacional pela independência e pela república. Em quase todos esses casos os protagonistas eram farroupilhas. Sim: farroupilhas. Eles também eram chamados de anarquistas, haitinistas, jacobinos, matracas etc. O pioneiro do partido farroupilha foi o baiano Cipriano Barata. Para estabelecer uma conexão entre esses eventos sociais é necessário analisar se havia ou não bandeiras e características emuladoras comuns.

Os primeiros eventos ocorreram no Nordeste, notadamente na Bahia e Pernambuco. Muitas das lideranças que participaram de um estiveram nos outros. Principalmente Cipriano Barata. Havia a bandeira do federalismo, da república e do fim, mesmo que progressivo, da escravidão. Nesse sentido as opiniões se dividiam entre os haitianistas e os liberais que, mesmo sendo contra a escravidão, temiam as consequências de uma revolução dos escravizados.

Outra questão fundamental é a da rivalidade gerada entre nacionais e portugueses, entre crioulos e peninsulares. A independência não resolveu a questão do domínio dos nacionais sobre as estruturas de poder do Estado. D. Pedro, logo que empossado Imperador do Brasil, colocou na cadeia as lideranças liberais que não conseguiram fugir. Para os postos de comando da nação, nomeou aqueles mesmos portugueses colonialistas que havia acabado de vencer com o apoio dos liberais, que havia acabado de prender. Para que se tenha uma ideia do problema, 78% da oficialidade do Exército Brasileiro era composta por portugueses natos. Essa influência de súditos lusitanos se manteve mesmo depois da derrubada de D. Pedro I.^[1] Os brasileiros eram duramente segregados e sofriam discriminação “racial”: eram chamados, por exemplo, de “cabra gente brasileira”, trocadilho com o verso do Hino da Independência, “brava gente brasileira”. A menção jocosa indicava a “impureza” de sangue e farta miscigenação dos brasileiros, nacionalidade política e jurídica a pouco adotada. Os portugueses, que formavam o partido Caramuru, alentavam o sonho da restauração absolutista e do retorno ao colonialismo. Os lusos, em seu cálculo político, acreditavam que isso ocorreria em breve, considerando que D. Pedro I era o próximo na sucessão da dinastia de Bragança. Com a morte de D. João VI, o coroamento de Pedro I colocaria “tudo como dantes no quartel de Abrantes”.

Se os brasileiros livres sofriam os desmandos dos ricos portugueses imaginem o tratamento que era dispensado aos negros escravizados e aos indígenas. Nos jornais liberais, exaltados ou moderados, é possível encontrar centenas de

denúncia de torturas, assassinatos e maus tratos a escravizados perpetrados por portugueses. O grande líder desse segmento, D. Pedro I, foi derrubado, em abril de 1831 pelos liberais. O evento foi batizado como a Revolução de 7 de Abril. Na vanguarda desse movimento estavam os farroupilhas. Farroupilhas, com já vimos, era uma das alcunhas pejorativas com que os reacionários, ou mesmo liberais moderados, taxavam os liberais exaltados. Ao derrubar o tirano, os exaltados passaram o poder para a ala moderada dos liberais. Esses, para manter o caráter moderado das mudanças, e o unitarismo, mantiveram o filho de D. Pedro I como o imperador simbólico. Essa atitude foi primeiramente entendida pelos exaltados como uma manobra que visava a transição para um modelo republicano. Entretanto, com o passar do tempo, apesar dos ajustes à Constituição de 1824 que geraram reformas importantes no sistema político e nas instituições do Estado, os exaltados perceberam que os moderados não pretendiam ir adiante. Em pouco meses os exaltados começaram a ser reprimidos, presos e mesmo deportados. Os moderados, para garantir o êxito desse processo, começaram a se aproximar dos caramurus. Mais tarde essa aliança se consolidaria com a morte de D. Pedro I, que foi enterrado juntamente com a bandeira da restauração colonial.

É nesse contexto, de luta dos exaltados, que ocorre a Revolução Farroupilha, seguindo essa tradição e brandindo as bandeiras comuns do movimento. O processo de construção de um movimento de caráter nacional, não centralizado, deve muito ao enorme crescimento da imprensa no período pré e pós Independência.

Porto Alegre imperial/republicana

O movimento dos liberais exaltados, posteriormente hegemônicos pelo Partido Farroupilha Rio-grandense, teve em Porto Alegre o seu epicentro. Na cidade circulavam pelo menos 5 jornais dirigidos abertamente ou veladamente por republicanos farroupilhas. Os mais longevos foram o *Continentino* e o *Recopilador Liberal* e havia também o *Echo-Porto Alegrense*, *A Idade do Pau*. Esse partidarismo é fácil de comprovar vendo que os redatores foram artífices e lideraram no processo revolucionário. Temos entre eles “Vicente Ferreira Gomes, Francisco de Sá Britto, José de Paiva Magalhães Calvet, Padre Francisco das Chagas Martins e Avilla, Joaquim José de Araújo, Vicente Ferreira de Andrade, João Manuel de Lima e Silva, Tito Lívio Zambecari, Manuel Ruedas, Francisco Xavier Ferreira, Hermann Salisch.”. Foi em Porto Alegre também que se instalou a sede do partido, travestida em loja maçônica conhecida como *Sociedade Continentino*. Era o local de formação, tendo um acervo bibliográfico, de divulgação, editando um jornal (*O Continentino*) e de conspiração. Porto Alegre, como eu chamei em meu livro, *Bento Gonçalves do nascimento à revolução: biografia histórica*, era a “Meca dos Encrenqueiros”. Para ela, na época, vieram, seguindo os sinais da revolução, centenas de liberais republicanos de todos os cantos do Brasil, América do Sul e de outros países do mundo. Essa é uma das razões pela qual uma altíssima percentagem de líderes farroupilhas não eram nascidos no Rio Grande do Sul. A revolução tinha um caráter nacional e internacional.

Porto Alegre demonstrava a mesma divisão que ocorria em todo o território, notadamente nas capitais. Atuavam aqui os partidos dos exaltados (do qual a ala mais radical era a farroupilha), o partido moderado (representante do poder central) e o partido dos caramurus, que detinham importantes posições em setores econômicos estratégicos, como transportes, comércio, casas bancárias e exportações. A divisão se cristalizava à medida que a situação se tornava mais tensa. Parte dos moderados se uniam aos caramurus. Do lado dos exaltados, pouco a pouco, o a ala farroupilha ia crescendo e abarcando a direção desse setor. Portanto a Capital se dividia entre esses dois polos. Segundo Ársene Isabelle, que esteve na cidade em 1834, o mais forte deles era a facção republicana. “Os habitantes de Porto Alegre, como os das outras cidades do Império, estão divididos em dois partidos: o dos caramurus, que compreende os partidários e os defensores do governo monárquico, e o dos farroupilhas, partidários do governo republicano. Os últimos são os mais fortes, como em toda parte, mas desconhecem sua própria força. Aliás, os brasileiros em geral parecem ser pela República; mas, desgraçadamente, estão em dissidência, porque uns querem adotar a forma unitária e outros a forma federativa”ⁱⁱⁱ. Essa afirmação é avalizada pela eleição da primeira legislatura do Estado onde a maioria dos membros era de liberais e farroupilhas.ⁱⁱⁱⁱ

Mas, se os exaltados federalistas e republicanos eram tão fortes, como os imperiais retomaram a Cidade e nunca mais a perderam?

Alguns historiadores supõem que a população era contra os farroupilhas por desmandos e violências perpetrados durante a ocupação da cidade no famoso “Vinte de setembro”. Falam em estupros e assassinatos, mas não indicam fontes. Falam em perseguição e expulsão de portugueses, mas não esclarecem o ocorrido. A ocupação da cidade foi incruenta. Por falta de tropas que defendesse seu governo, Antônio Fernandes Braga embarcou para Rio Grande no dia anterior à tomada da capital. Os portões foram abertos para as tropas comandadas por Onofre Pires. O responsável pela proteção das fortificações da cidade era o 8º Batalhão de Caçadores, que havia tomado o partido dos farroupilhas. Nesse momento não se relata nenhuma espécie de confronto ou repressão. Isso decorre da total falta de resistência o que, por si, já questiona a tese de que a cidade era uma renhida fortaleza imperial. As violências que ocorreram contra imperiais, notadamente contra portugueses, foram ações de um grupo de meia dúzia comandados por um suposto religioso conhecido apenas com Padre Pedro. Eles foram detidos e punidos pela direção farroupilha. Parte desses eventos ocorreram antes mesmo das tropas farroupilhas entrarem na cidade.

Já o caso da perseguição contra os portugueses com expulsões e prisões é um mito. Ocorreu, de fato, uma iniciativa da facção jacobinista dos farroupilhas, comandada por Pedro Boticário, para a expulsão de mais 400 portugueses restauracionistas. Por intervenção de Sá Brito, a lista se reduziu a 200 nomes. O documento foi apresentado a Bento Gonçalves, líder inconteste do movimento. Bento, depois de ler o papel, o jogou no chão e declarou: “isso não tem lugar aqui”^{iv}, o que encerrou a suposta perseguição a portugueses.

O movimento insurrecional foi um sucesso, todas as cidades do Estado caíram em mão dos farroupilhas. Incluindo Rio Pardo, Pelotas, Rio Grande, cidades essas que depois se tornaram bastiões armados inflados por milhares soldados enviados pelo Império. Braga partiu para o Rio e em seu lugar foi mandado Araújo Ribeiro. Araújo, depois de desencontros com o governo provisório e a Assembleia, resolveu partir para a briga. Para tal encontrou apoio em tropas comandadas pelo coronel monarquista João da Silva Tavares, que veio da Banda Oriental, atual Uruguai, onde se homiziaram. Vital também para a reação foi a ajuda de Bento Manoel. Ele havia participado da derrubada de Braga, mas não aceitou as exigências dos farroupilhas para a posse de Araújo e trocou de lado. Na Região Dos Sinos, Daniel Hildebrand arregimentou combatentes entre os colonos germânicos. O argumento para a cooptação dos germânicos, que por não entenderem a língua não compreendiam bem o que se passava, foi que suas casas seriam incendiadas, suas mulheres e filhas estupradas por negros e suas terras roubadas. A quantidade de denúncias falsas era tal que os farroupilhas lançaram um jornal em alemão para colocar sua versão da situação. O periódico, editado por Hermann Von Salisch, se chamou O Colono Alemão.

Dessa maneira, a partir do começo de 1836, os combates se disseminaram no interior do estado. Na maioria dos casos com vitória dos farroupilhas. Foi necessário que se encaminhasse, para a região sul e para o Vale dos Sinos, o maior número de tropas possível, enfraquecendo a guarnição da capital. E em cada vitória os prisioneiros eram enviados para Porto Alegre, lotando a cadeia pública e a Presiganga, navio prisão. Entre eles estava o futuro Conde de Porto Alegre, Manuel Marques de Souza (neto). Foi nesse contexto que ocorreu a retomada da Cidade na madrugada de 14 para 15 de junho.

A cidade possuía fortificações que fechava completamente o perímetro urbano dificultando os ataques. E por água, via Lagoa dos Patos e Guaíba, as investidas foram repelidas com sucesso até a chegada da frota imperial comandada pelo comandante inglês John Pascoe Grenfell. Essas forças destruíram as fortificações em Itapuã que davam o controle da entrada ao Guaíba aos farroupilhas massacrando sua guarnição.

Dessa maneira, e com o controle de Rio Grande, o Império dominou as principais vias hídricas do estado. Esse fator estratégico permitiu que cidades importantes, como Pelotas e Rio Pardo, fossem controladas pelas tropas imperiais.

A aliança dos liberais moderados (monarquistas) e dos caramurus, que no Rio Grande do Sul já havia se iniciado desde 1832, se consolidou em âmbito nacional com a morte de D. Pedro I, em 1834. Junto com o duque de Bragança foram enterradas as ilusões de uma possível recolonização lusa. Portanto, a ideia de que os farroupilhas não tinham nenhuma influência sobre a população da Capital não se sustenta por uma pesquisa que não fique na superficialidade. As urbes dominadas pelo Império durante a guerra eram cidadelas fartamente protegidas por tropas vindas de outras províncias brasileiras. Outro ponto importante é que o principal setor de apoio imperial era o mais reacionário e retrógrado possível. Além de monarquistas, eram absolutistas e avessos a um

A exploração midiática e política deste processo é perigosa. Ao mesmo tempo em que une, ela aparta. Somos “nós” e os “outros”. O grande problema é que “nós” somos os “outros” dos “outros”. Criam-se, assim, inimigos potenciais. A “honra gaúcha” tem que se contrapor à “honra paulista”, à “honra mineira” ou, até mesmo, à “honra brasileira” para se afirmar e para ter significado. Se não for assim, ela não existe. E, o que é pior, para que a honra de um exista é preciso diminuir ou eliminar a do outro ou, até mesmo, no limite, eliminar o “outro”.

Esta é a lógica dos preconceitos e das guerras. Esta também é a lógica simples dos povos isolados. Todos os povos ditos “primitivos” se reconhecem e se afirmam se autodenominando o “povo eleito”, o “povo verdadeiro” ou, ainda, os “homens de verdade”, já que todos os demais são considerados “meio bichos”.

É preciso, sim, reconhecer nossas façanhas, mas sem desmerecer a dos demais. É preciso reconhecer nossas façanhas e, ao mesmo tempo, nossos problemas e limites para poder crescer, avançar.

Que este 20 de Setembro seja de reflexão, não de afirmação pura e simples de um bairrismo tosco. Um bairrismo que melhor serve aos interesses comerciais e políticos de alguns do que aos interesses da maioria.

Hegemonia gauchesca

Tau Golin - - **www**

www.sul21.com.br - 15/09/11 | 14:58

Um dos fenômenos socioculturais mais emblemáticos do Rio Grande do Sul, com repercussão no Brasil, começou a ocorrer em 2007. Alguns representantes da área cultural e da comunicação sistematizaram as interpretações e as opiniões de dezenas de intelectuais e artistas sobre o Movimento Tradicionalista Gaúcho. As fontes foram diversas, a exemplo de livros, artigos, ensaios, entrevistas para a mídia, debates públicos e conversas pessoais. Reafirmou-se a constatação que esse universo *gauchista* abrange, em seu conjunto, três paradigmas formativos da historicidade sul-rio-grandense, com implicações nas relações com os platinos-estrangeiros e com o Brasil. Pode-se distingui-los na dinâmica de que o fenômeno do Tradicionalismo, um movimento criado na sociedade civil, de caráter privado, com interpretação singular sobre a formação sulina e estabelecimento de calendários de celebração do passado-presente, apossando-se de

setores do Estado (redundando no civismo pilchado), implicou em embates sobre a *memória* e a *história*, a construção do hegemonismo gauchesco, com correntes fundamentalistas, e o bloqueio sobre a representação simbólica da diversidade social e cultural.

No conjunto das análises, entre outros processos, ficou evidenciado que o movimento tradicionalista, para se credenciar publicamente, utilizou técnicas de invenção e construção do *mito fundante*, elegeu um episódio político-bélico (guerra civil de 1835-45, que glorificam como a Revolução Farroupilha) e de interesse de classe do passado (oligarquia), operando sobre ele para estabelecer paradigmas, referências axiomáticas e manipulação de identidade gentílica. Adicionaram xenofobia à manipulação do conceito de guerra de libertação colonial na fantasia de que no século XIX o Rio Grande unanimemente combateu o Império.

Os tradicionalistas se colocaram no centro da operação sobre a autenticidade, assumiram os postos de guardiões de um pretense Rio Grande tradicional, usando artifícios das construções das nações étnicas em uma região mestiça. Ou seja, o Tradicionalismo evidenciou-se como problema contemporâneo, vitorioso na celebração da identidade, construída pela rede societária de CTGs e Piquetes, com um órgão central de orientação, adestramento e controle (MTG), imposição de cartilhas de comportamento e visão sobre o passado, o lugar e o futuro de seus milhares de militantes no mundo. Para vingar, precisou supor que as suas “práticas” decorrem como sucedâneas da história.

Entretanto, todas as suas “verdades” são refutadas pela historiografia, sociologia, antropologia críticas e jornalismo culto.

A compreensão do núcleo estruturante da análise sobre o MTG, por considerá-lo questão da conjuntura, que se coloca como intérprete do passado, normatizador de comportamentos no presente e proposituras para o futuro, foi além da análise e se expressou no campo da práxis, com a compreensão de que o Tradicionalismo é um movimento ideológico, abrigando múltiplas correntes. E, como força político-comercial-cultural que interfere na sociedade com a pretensão de formatá-la a sua visão comportamental de mundo, merecia ser considerado nesta esfera militante, que opera com interesses sociais, econômicos, políticos e culturais.

O Manifesto

Nesse paradigma, o núcleo falou à sociedade através do *Manifesto contra o Tradicionalismo*. A ela ofertou um texto de reflexão e denúncia. Refere-se a uma violação da vida republicana pelo Tradicionalismo. Portanto, diz respeito às instituições do Estado e da sociedade civil. Do ponto de vista cultural e educacional indica as implicações que a hegemonia e a influência do MTG possui nessas esferas, a sua forma seletiva, normatizadora, e excludente de elementos constitutivos da historicidade rio-grandense, além de pretender controlar a liberdade artística. Acima de tudo, o *Manifesto* demonstra como um movimento de interesse particular, em um viés fundamentalista pilchado, em seu limite, opera no Rio Grande do Sul, selecionando, consagrando e reconhecendo as manifestações que comungam com sua visão de memória, de cultura; e faz um alerta máximo: a destruição do patrimônio rio-grandense, da diversidade, do folclore, da tradição, pois readaptou os seus elementos em um processo sistêmico

palanqueado no ícone da estância oligárquica e selecionou como monumentos tutelar senhores de escravos. Na imanência dessa cavalgada tudo passou a ser considerado gauchesco e transformado em sua aparência. Não respeita as historicidades dos lugares e dos grupos sociais. E leva os governos a rebenque para manter suas guaiacas estufadas.

Desse ponto de vista, o *Manifesto* condenou a militância tradicionalista para manguieirar o povo, demonstrando a insustentabilidade histórica de sua pretensão usurpadora, ao mesmo tempo em que defende um processo de inclusão na historiografia e na cultura de participação e representação republicana de todos os segmentos sociais.

Com os signatários iniciais, o *Manifesto* foi disponibilizado na internet. Através de um *link*, aqueles que concordavam com suas reflexões, passaram também a assiná-lo durante algum tempo. Multiplicou-se vertiginosamente por *blogs*, *sites* e *emails*. Uma repercussão extraordinária! Exceto para a mídia tradicional. Nenhum jornal impresso, rádio ou televisão pautou o assunto. Enquanto isso, as redes sociais o multiplicaram, novas interpretações apareceram, milhares de acessos ao endereço <http://gauchismos.blogspot.com/>.

A repercussão

Porém, nesse processo, outro fenômeno transpareceu como uma avalanche contundente. Centenas de *emails* foram enviados para o endereço *online* disponibilizado. Neles, as pessoas justificavam porque não poderiam assinar o *Manifesto*. Histórias esclarecedoras e dolorosamente desumanas. Todas possuíam o mesmo nexos: a retaliação, a repressão de suas atividades profissionais e, invariavelmente, a perda de empregos e negócios, caso chancelassem publicamente o *Manifesto*. Professores relataram que suas “incompatibilidades” com seus educandários começaram quando simplesmente tentaram passar do adestramento de repetir, de celebrar, para a pedagogia do aprender.

Especialmente em setembro, durante as euforias da Semana Farroupilha, suas formações acadêmica mermavam diante de qualquer padrão de CTG analfabeto, que de credencial possuía apenas as pilchas; prendas ignorantes e adestradas, assumiam as turmas para repetirem manualzinhos; o Tradicionalismo toma(va) os educandários, submetendo, como em uma doma, qualquer doutrina educacional, como o ápice da operação que transformou o ensino em sua invernada, como se “estudar” fosse formar manadas para mugir no mesmo eco, com a cabeça em uma só direção. Isso ainda é pouco diante do projeto educacional do MTG. Por deliberação de um dos seus congressos, forceja para ter suas próprias escolas e, inclusive, no mínimo, uma universidade. Obviamente, onde o uniforme será o primeiro item das obrigatoriedades – a imposição da “pilcha gaúcha” aos alunos, afinal ela já foi adotada inclusive como traje oficial do Rio Grande.

Relatos desesperadores dos funcionários públicos. Desde que o gauchismo se transformou em “pedra de toque” do democratismo popularesco, as secretarias se converteram em galpões de mão de obra, consumindo o patrimônio em eventos de celebrações particulares, de duvidosos resultados culturais, invertendo as prioridades chanceladas pelos atributos civilizatórios por repetições caducas de encantamento com o mundo latifundiário e suas profissões, convertidas em festivais que retiram suas concretudes dramáticas.

Mas por que o *Manifesto* teve e mantém enorme repercussão? Objetivamente, sistematizou o pensamento crítico sobre o Tradicionalismo e se transformou na voz pública da cidadania de milhares de pessoas, cotidianamente reprimidas e caladas. E, mais drasticamente, submetidas e instrumentalizadas para atividades para as quais possuem reservas, representam “desvio de função”, ou, simplesmente, abominam. Consideram uma violação de sua cidadania. São vítimas da manipulação da isonomia republicana no serviço público, onde postos são ocupados privativamente pelos tradicionalistas.

O talibã é no Rio Grande. O fundamentalismo tradicionalista não difere culturalmente dos demais dogmatismos. As suas correntes “profissionais”, “brigadianas” e “funcionalistas” operam no viés de um cânone excludente e de reconhecimento de iguais nos postos políticos, econômicos e culturais, cujas esferas manipulam como totalidade. Esta nesse nexos o esforço metegista de se transformar em ícone, pressionando os órgãos públicos a elegê-lo como “patrimônio imaterial” da sociedade. É a manipulação completa do conceito de público, de vida republicana, em que o “singular-particular” deseja assumir um lugar “comum” a todos.

Entretanto, devido ao enfrentamento realizado pelo *Manifesto*, nos últimos anos, ele se transformou em fonte para estudos acadêmicos, mas também justificativa para políticas públicas republicanas, para conselhos de cultura ou simplesmente de esteio argumentativo para algum departamento municipal, zeloso na proteção do erário público, formando mesmo rústica trincheira para tentar conter as constantes razias tradicionalistas no dinheiro dos cidadãos.

Passando a tarca

Mas o que diz o Manifesto para se transformar em fenômeno cultural importante, com implicações nas atividades de inúmeras pessoas. Fundamentalmente estabeleceu paradigmas de princípios “em defesa de uma cultura e de uma estética correspondentes à memória e à história do Rio Grande do Sul.” Ou seja, a crítica decorre de compreensões, não trata-se de gostos aleatórios ou simpatias. Existe uma necessidade de reconhecimento do Rio Grande do Sul de que ele é uma invenção brasileira, cujas regiões, durante o período colonial, com reforço de tropas europeias e açorianas, e início do Império, mobilizaram recursos e arregimentaram contingentes militares para conquistá-lo, defendê-lo e povoá-lo. Particularmente São Paulo, Santa Catarina, Rio de Janeiro, Minas, Bahia e Pernambuco.

No estilo, muitos dos adereços rio-grandenses decorrem da marinharia, o contingente estratégico que conquistou e sustentou o Rio Grande. As guerras irregulares, cantadas em verso e prosa pela massa que declara “seu amor pelo Rio Grande”, são táticas dos paulistas, que desenvolveram a combinação da cavalaria sulina com a emboscada mameluca no povoamento. O ódio gauchesco a São Paulo decorre de questões de disputa hegemônica durante a República. Pode-se entender o fenômeno historicamente, ou tratá-lo como problema psicológico, diagnosticado pelo “desejo de assassinar o pai”.

Já o preconceito ao Nordeste corresponde a uma estupidez, pois os nordestinos, em especial durante o século XVIII, contribuíram com sua arrecadação, provimentos, e contingentes de mar e terra para ocupar o Rio Grande. Talvez nenhuma outra tropa tenha sido mais importante estrategicamente do que a companhia de jangadeiros, que

despejaram na margem meridional do canal do Rio Grande as tropas de assalto luso-brasileiras, constituídas por 800 granadeiros, infantes e artilheiros, na madrugada de 1º de abril de 1776, e depois passar os contingentes de um exército de aproximadamente 6.000 homens. A surpresa da operação com jangadas possibilitou a reconquista do território perdido pela cavalaria liderada pelos dragões em 1763.

Para quem gosta de origens simbólicas, a primeira selaria oficial pertenceu a um baiano, introduzido no Continente por Silva Pais em 1737. Foi a primeira “escola” de arreios.

O Rio Grande brasileiro não existiria sem o barco, juntamente com a infantaria, tendo como tropas táticas auxiliares a cavalaria. No entanto, o romantismo midiático e manipulatório colocou o rio-grandense no lombo da tropilha imaginária, dando-lhe viseiras para pensar a história. A fumaça do galpão simbólico enuviou o resto. No conjunto, a conquista colonial foi consolidada “em suas dimensões definitivas no período imperial”, com “pequenas áreas ajustadas na República Velha.”

O Rio Grande como criação do Brasil determinou que os farroupilhas jamais conseguissem arregimentar além de seis mil homens. E assim mesmo na primeira fase da revolta. Massivamente, a população esteve ao lado do país que nascera recentemente, em 1822. De Porto Alegre foram desalojados por um levante popular. Foram pessoas do povo que mantiveram as barricadas. Os colonos, em particular, que se negaram à arregimentação tiveram suas casas incendiadas. Hoje, seus descendentes, como eunucos sem memória, festejam àqueles que submeteram seus antepassados à barbárie.

No aspecto humano, contribuíram para a conquista, ocupação e formação da sociedade sulina indivíduos de diversos grupos sociais e étnicos. “Ao longo do tempo, o rio-grandense se formou através da inserção em uma identidade política, na composição da brasilidade e da naturalidade regionalizada e fronteiriça. E no cotidiano, através da vivência de todas as culturas, hábitos e costumes de origem, reelaborados na dinâmica da convivência. Nesse processo de formação, em diversos de seus setores, ocorreu um involucramento com a sociedade e a cultura platina, ameríndia, afro e latino-americana, além de outras contribuições com origens em diversas regiões do mundo, com diferentes níveis de contatos e entrelaçamentos, resultando em culturas de experiências históricas. A mestiçagem é um patrimônio sul-americano e particularmente sul-rio-grandense.”

Portanto, o paradigma rio-grandense é o Rio Grande multicultural e multiétnico. Sua fronteira de involucramento é a mestiçagem. O autêntico é a diversidade. E não exclusivamente o padrão gauchesco. O nexos é a alteridade, o reconhecimento do outro. “Cultural e simbolicamente é uma região de representação aberta, de recriação constante, como critério indispensável às manifestações de pertencimento, motivadas pelas transformações históricas, sociológicas e culturais, típicas de uma sociedade em movimento, de transformações estruturais e antropológicas, onde ainda se opera, por exemplo, a mestiçagem dos grupos étnicos de origem. Um estado onde as fronteiras internas são evidentes.” Desse ponto de vista, são *ilegítimos* os movimentos, “ou iniciativa doutrinária de orientação pública ou particular que não represente a complexidade social e cultural do estado.” Que o mergulhe no arcabouço simplório do arquétipo da estância.

Realidades

Toda cultura expressa reconhecimentos e cria realidades. Quando perde sua dimensão de representação da complexidade humana, e se converte em civismo, principalmente com as características do Tradicionalismo, transforma-se numa estupenda força alienante e escapista. “Impede e atua através de instrumentos de coerção cultural, midiático ou econômico, com o objetivo de dificultar os desenvolvimentos culturais e estéticos que tomam os indivíduos e as realidades contemporâneas como matérias de suas criações e vivências estéticas.” É nesse aspecto que o *cetegismo* se converteu em movimento repressor, pois “milita através do governo, da educação, da economia e da mídia, para fechar os espaços das manifestações artísticas, das representações simbólicas e das inquietações filosóficas sobre os múltiplos aspectos do Rio Grande do Sul.” É “doutrinador e usurpador do direito individual” porque “impõe modelos de comportamento fora de seu espaço privado, se auto-elegendo como arquétipo de uma moralidade para toda a sociedade.”

O *pastiche* é a sua maior obra. Pretender-se patrimônio imaterial a sua estupenda arrogância e falta de limites, em uma imanência doentia. Tudo fica igual, ou condensado no mesmo nexos. Especialmente quando a mídia toma o Rio Grande caricatural como formato comunicativo. A população é massacrada por bordões simplórios da publicidade das grandes corporações ao mercadinho da esquina. Complexos de comunicação estruturam a internalização de suas marcas pelo rastro gauchesco. Disso advém a unanimidade caótica e alienadora sobre a compreensão da sociedade em que se vive. Quando a RBS mantém *links* permanentes com o chamamento de “declare seu amor pelo Rio Grande”, não resta outra alternativa, mesmo quando alguns de seus jornalistas fraturam essa lógica com matérias esclarecedoras. Quando a vida já possui sua representação definida e com o sentido da emoção esquizofrênica, o espaço da ilustração já foi contaminado. Exemplo mais gritante desse processo foi o megaespetáculo sobre a Legalidade. Ao vivo era uma coisa. Na grande mídia, outra. Foi devidamente adequado ao fundamentalismo do “orgulho gaúcho”. Potencializaram somente os recortes de possibilidade laudatória. Algo que serve a todos, em uma sociedade tão desigual, não presta à maioria. Para as massas, a memória já chegou a um nível de deturpação e celebração quase irreversível.

Nessa sopa fundamentalista fermentam todos os oportunismos. No jornalístico se criou a malta dos que acenam para o grande público, fazem o elogio fácil do senso comum das massas idiotizadas a uma vida de estímulos criados de fora, alavancam suas audiências no caldo da fanfarronada tosca. No programa de “embates” Sala de Redação da Rádio Gaúcha, o jornalista David Coimbra foi transformado em espécie de carniça de campo para cachorros chimarrões pelos colegas Kenny Braga e Wianey Carlet. Qual o crime de Coimbra? Realizou a prudente observação que o patriotismo e o nacionalismo não trazem “nada de bom”. Realmente, setembro parece um mês mordido por um cachorro louco que sobreviveu agosto. Prometeram levá-lo para o Acampamento Farroupilha, onde apanharia de relho. Obviamente, nessa falta de interdições, ao gauchismo tudo é permitido, pois, supostamente, o Rio Grande estaria em perigo. Sem dúvida, tal fenômeno só se propaga porque possui seus agentes de irradiação. Para alguns gritões adoradores de caudilhos, o pago está ameaçado por uma carga castelhana (e seus agentes infiltrados) sempre que um raciocínio civilizatório se manifesta.

Hegemonismo

Lembro da época em o Tradicionalismo assumiu a posição de cultura de massa, fortemente palanqueado na indústria cultural – todos os seus adereços já haviam-se convertido em mercadorias e seus militantes ocupavam significativamente as grades das programações das rádios e das emissoras de TV (jornal já é mais difícil: necessita-se escrever). Foi lá pelo início dos anos 1980. Com Adelmo Genro discutia o fenômeno. Considerávamos criteriosamente a necessidade de estabelecer uma *categoria* nominativa para o processo. Então, criamos o conceito de *gauchismo*. Até aquele momento, o termo em voga era gauchesco. Ao introduzirmos o sufixo *ismo* dávamos-lhe o caráter de movimento sociocultural, com uma imaginação de mundo, reconhecimento de um dogmatismo de conexão passado-presente-futuro, e sua dimensão militante.

O conceito apareceu no meu livro *A ideologia do gauchismo*. Com o passar do tempo, sua natureza foi desfigurada e, pela hegemonia crescente do Tradicionalismo, depois de subtraído seu aspecto categorial de análise crítica, passou a figurar como classificativo positivado de uma organização dominante. Este é o poder de uma hegemonia: ressignificar quase tudo – conceitos, tradição, folclore, nativismo, etc.

Em todo esse nexos, o princípio de “legítimo” também foi subvertido. Não potencializa mais as manifestações que tomam os rio-grandenses em suas complexidades históricas e culturais, dimensionados em seus tempos sociais. Nele, não se encontra a sociedade contemporânea em suas criações estéticas, formulações teóricas e inquietações existenciais.

Por essa razão, o *Manifesto* se anunciou “contra todas as forças que dogmatizam, embretam, engessam, imobilizam a cultura e o saber em “expressões” canonizadas em um espaço simbólico de revigoramento e opressão a partir de um “mito fundante”, inventando um imaginário para atender interesses contemporâneos e questionáveis, geralmente identificados pela história como farsa e inexistência concreta.” E considera que todo o processo de invenção e sustentação de uma visão “mitologizada” objetiva, unicamente, atender interesses atuais; é uma forma de militância que recorre à fábula, a ressignificação de rituais, hábitos e costumes, como forma de “legitimação” de causas particulares como se fossem “tradições” coletivas.

Com o Tradicionalismo, o “reino da liberdade”, o tempo livre dos indivíduos, destinado supostamente para a desalienação do “reino da necessidade” (Adorno), foi tomado por uma tropa de devaneios fundamentalistas, ou piquetes de oportunistas. A sociedade e as instâncias de governo sentem cotidianamente a sua guiada conduzindo-lhes para o abismo passadista de uma cultura inútil para se compreender a história e, em especial, o nosso tempo.

Ficam para o futuro os temas do *Manifesto* sobre a defesa da racionalidade na representação da história, a equiparação de direito para todas as manifestações culturais, de inclusão multicultural e respeito às heranças étnicas, a defesa de uma cultura que respeite os tempos de registro histórico-cultural e de representação contemporânea e sua densidade histórica.

Tags:

Comentários (22)

[» Deixe seu comentário](#)

[Comentário](#) de: Jermino Martins da Costa | 15 de setembro de 2011 | 16:20

Muito bom o artigo. Tau Golin já nos presenteou com excelentes reflexões sobre o tema, desnudando este aparato “cultural” montado. Se ensinassem o que foi na verdade a Revolução Farroupilha, veriam que foi um movimento da oligarquia, que não mandou os seus para a guerra, mas sim os peões e negros com promessas de liberdade ao voltarem vivos. Brinco com meus amigos tradicionalistas dizendo: Seguindo a linha de raciocínio de vocês, “Como gremista vou começar a comemorar os grenais perdidos..”.

[Comentário](#) de: Cândido | 15 de setembro de 2011 | 19:56

Jermino, eu já ouvi um presidente do Grêmio celebrar uma “memorável jornada” em que nosso time foi eliminado numa semifinal da Libertadores (o mesmo que celebrou nosso site).

[Comentário](#) de: [Jorge Passos](#) | 15 de setembro de 2011 | 23:34

Estava escutando o programa da Gaúcha em que praticamente lincharam o Davi Coimbra. Outra coisa, não dá pra aturar o ridículo desse Hino riograndense em todos os jogos de futebol.

[Comentário](#) de: Ary | 16 de setembro de 2011 | 0:20

Ezxcelente! Tau Golin “deu de mango”. Alguém pode imaginar o que seria do Rio Grande se os Farroupilhas tivessem ganho a guerra? respondo: o estado estaria “sesmariado”, e de tanto churrasco, o aquecimento global iria às alturas. As missas seriam “crioulas”, os padres usariam bombachas e xiripás. O charque seria a iguaria principal. A cachaça, vendida em guampa. Na merenda escolar: mate doce para os pequenos e mate amargo para os “malhorzinhos” (com rapadura). E no recreio, a diversão principal seria “tiro de laço”. Nas escolas rurais, a petizada (não confundir com petezada!) teria aulas práticas de “castração, tosquia, matança de porcos, marcação em ferro e gineteadas. E o comércio exterior? O charque seria o principal produto de exportação. Café? Só de chaleira (que o Paixão Cortês não ouça!). Parto? Só pelas mãos das parteiras (umas 20 mil!). E o Rio Grande estaria até hoje peleando contra o “resto da américa”. Lula? Lula seria o Chávez da hora. Oigalitiê! Obs: sugiro que leio o texto “sapateando na bosta do 20 de setembro”, de autoria de Rodrigo Andrade, disponível na internet (que seria proibida no Rio grande – só entra Remington!).

[Comentário](#) de: Paulo Pediatra | 16 de setembro de 2011 | 17:34

Como colorado eu tive que ouvir, na final em Tóquio, que a “garra farroupilha”, a honra “gauchesca”, derrotou o Barcelona. Só esqueceram um detalhe: não tinha nenhum gaúcho no time!!!!

[Comentário](#) de: Olavo Terra | 16 de setembro de 2011 | 23:35

Como diz o seu Ary, bom mesmo é tomar coca-cola, ao inves do mate guarany, usar calça jeans americana ao inves da bombacha e chiripá. Seguindo o mesmo raciocinio é melhor escutar a bosta dos rolestones ao inves duma marca bagual do Mabo Lima.

[Comentário](#) de: Maria Elly | 17 de setembro de 2011 | 19:48

Olá Tau. Como inderir este texto no meu facebook para compartilhar com mais pessoas.??? Belo texto sobre a necessidade de defender a diversidade humana. Grande abraço.. Dedé

[Comentário](#) de: Ricardo | 17 de setembro de 2011 | 21:09

É uma pena que aquilo que vocês acham de bonito em regiões como o território Basco, a Irlanda, regiões européias, asiáticas,... que defendem uma identidade própria, com regras bem definidas que GUIAM suas ações (não as engessam), mas que não são capazes de fazer o mesmo na terra em que vocês nasceram.

Atualmente, o ensino de história prima pela verdade histórica, sem heróis (já que todas as pessoas têm defeitos, em todas as épocas). É assim com a história do Brasil, é assim com a do RS. Nem por isso se deixa de festejar o 7 de setembro, o 21 de abril, o 15 de novembro. Por que seria diferente com o 20 de setembro?

Quanto à geografia, todos já se perguntaram o que aconteceria ao RS se na revolução Farroupilha houvesse um final diferente. A comparação com o Uruguai e a Argentina é inevitável. Por acaso vocês acham esses países um horror? Uma vergonha?

A influência de outros estados na formação cultural do RS é estudada dentro dos CTGs. Vocês conhecem as danças Balaio e Carangueijo? São nordestinas de origem. As danças Birivas? São paulistas.

Se vocês quiserem fazer uma pizza na Itália, tem uma lei que diz o que é uma pizza verdadeira. Isso impediria vocês de inventarem novos sabores? Não. Apenas que usassem o nome “pizza” OFICIALMENTE. Se vocês quiserem fazer cachaça fora do Brasil, vocês podem? Não. Se quiserem fazer champanhe no Brasil vocês podem? Não. E o chá verde, japonês ou chinês? E o chimarrão, brasileiro, uruguaio, argentino, paraguaio,...? Tantas coisas, com regras, normas, leis, que orientam um padrão, para que não se perca a essência.

Perdão pela minha ignorância, mas ninguém os obriga a ir a uma Igreja, a um campo de futebol, a um CTG, faculdade, hospital,... mas se quiserem, terão regras que orientam como dever-se-ia portar-se.

Saber de onde se vem, faz parte de muitas culturas. Saber para onde se vai, de poucas. Façam como quiser, mas não queiram obrigar quem não gosta do pensamento de vocês a achar que vocês estão certos.

[Comentário](#) de: Carlos Torres | 18 de setembro de 2011 | 8:32

Quem obriga é o MTG, a uma existência de manada. Pelo que tenho lido, as análises apenas estimulam que as pessoas tenham “consciência”. Mas, pelo jeito, a obediência entumeceu qualquer reflexão. O pensamento dogmático é um poncho de defesa... contra a inteligência. O OFICIALMENTE inventou que o Rio Grande é uma estância. Este imaginário do latifúndio como lugar da felicidade divinizou o “patrão”. Nesse pastoreio, a valentia só existe na ficção do passado. No resto, são lambe botas, rebanho de obedientes, que responde o estímulo do relho oficial. E, pelo jeito, estão agradecidos. Mas viva a fanfarronada que já demonstra seu destino carnavalesco e a falta de fio de bigode na corrupção dos eventos farroupilhas. CPI neles, para depurar a cultura do Rio Grande e abrigar no fogo da solidariedade diversa todas as manifestações culturais. Com mate, Balaio, Pézinho, Chula, e tudo mais...

[Comentário](#) de: Ney d'Água | 18 de setembro de 2011 | 10:32

O gaudério Olavo Terra, entre a bosta dos rolenstones e as mérdas bagualas, prefere a mérdá gauchesca, é questão opção entre dois tipos de escrementos...

[Pingback](#) de: [Hegemonia gauchesca « Ficha Corrida](#) | 18 de setembro de 2011 | 10:40

[...] Sul 21 » Hegemonia gauchesca Sirva-se:Like this:LikeBe the first to like this post. Deixe um comentário [...]

[Comentário](#) de: Josei | 19 de setembro de 2011 | 18:38

Prof. Tau, já conhecia o Manifesto “de outros carnavais”, mas esta análise está fantástica! No que depender de mim, será amplamente divulgada! Abraços

[Comentário](#) de: Eduardo | 20 de setembro de 2011 | 15:49

Acho o sentimento de povo uma coisa muito bonita; entretanto o que temos aqui no RS é uma espécie de “senso de superioridade” que é simplesmente ridículo. É incrível que a maioria dos “bagualistas” contitue-se de pessoas que acha que a “revolução” farroupilha por exemplo, foi um manifesto popular. Divulguemos o Manifesto!

[Comentário](#) de: Eduardo Frank | 20 de setembro de 2011 | 19:42

“... que se coloca como intérprete do passado, normatizador de comportamentos no presente e proposituras para o futuro, foi além da análise e se expressou no campo da práxis, com a compreensão de que o Tradicionalismo é um movimento ideológico, abrangendo múltiplas correntes. E, como força político-comercial-cultural que interfere na sociedade com a pretensão de formatá-la a sua visão comportamental de mundo, merecia ser considerado nesta esfera militante, que opera com interesses sociais, econômicos, políticos e culturais.”

Queria ver se aplicasse tal trecho à historiografia produzida nas universidades. Não é exagero demonizar tanto o tradicionalismo e não ver os aspectos positivos que possa ter no movimento?

Por outro lado, falar em boa antropologia que fala mal dos nativos é questionável. A antropologia faz justamente o contrário, ela complexifica a análise, a relaciona e relativiza à situação proposta, não buscando demônios ou santos, mas ter criticidade à realidade. Não é um discurso de profundidade de um pires de outras áreas humanas. Isto não tira a criticidade da análise, pelo contrário, a aumenta, pois aproxima realmente o estudioso da realidade.

No mais, as críticas são válidas, desde que relativizadas e não tomadas como verdades gerais ou mesmo, quem sabe, dominantes, mas apenas como mais um aspecto da realidade. Por que, afinal, ao que transparece, os novos tradicionalistas viram tradicionalistas por outros aspectos que não são a busca de um obscurantismo de pensamento.

Que o tradicionalismo gaúcho tem aspectos culturais impressionantes, vide os acampamentos anuais, e é um movimento popular, não há como negar. Também que há um discurso ideologizador por aí há, mas dizer que este corresponde ao pensamento de todos os tradicionalistas ou a maioria é generalizar demais.

[Comentário](#) de: Carlos Torres | 21 de setembro de 2011 | 11:42

Caro Frank, apenas para contribuir. Você arrancou bem. Pensei que vinha um tropel de argumentos antropológicos. Mas, ao cabo, você nem original foi. Seu discurso já ouvi dos padrões de CTG.

Só o coronel Savaris para confundir multidão com cultura popular. O fenômeno é mais de cultura de massa. Cultura popular, no mínimo, pressupõe que as manifestações decorram da realidade e dos costumes populares, do meio social daqueles que a exerce. Historicamente, a cultura popular advém de práticas culturais em que o povo, através de seus artistas, principalmente, “se pensa”, se representa, se diverte, inclusive, se ironiza, se goza e se “glorifica”. Ora, até um olhar limitado percebe que o gauchismo é um fenômeno pós-moderno do “parecer-ser”, sem ligação com o cotidiano da população, como diz o autor que motivou este debate. Celebração com calendário, dia, hora e lugar marcados, está mais na esfera dos dogmas. E, como se sabe, a militância do dogma é o fundamentalismo. A intolerância, a falta de reconhecimento das virtudes dos outros. No extremo, achar que ser este gaúcho clubístico é algo estupendo. Só um ignorante, sem qualquer mediação civilizatória, pode repetir que “sou maior que a História grega”. Ser gaúcho lhe chega “para ser feliz no universo”. Ora, convenhamos, uma cultura grega foi determinante na invenção do mundo ocidental, do processo civilizatório, em que o próprio gaúcho histórico foi uma rebarba.

Sem dar carteiraço, essa é uma constatação de quem possui mais bombachas que calça-corrida. Além disso, nenhuma foto dos meus antepassados tropeiros e homens de campo

tem correspondência com os manequins animados pelo MTG e pela estupidez da RBS e outras mídias. Com isso, não quero dizer também que todos os tradicionalistas são seres da teatralidade. Conheço inúmeros indivíduos boníssimos, tolerantes, afáveis, educadíssimos, “reais”, que frequentam esses espaços. Todavia, com o passar do tempo, muitos deles, a doutrina do CTG começa formatar, confundí-los, modificá-los. Não é difícil encontrar nessa multidão o dilema do homem real que teve a sua imagem subvertida. Ele mesmo, para ter uma identidade reconhecida, precisou aderir a invenção. Mas vá exercitando o seu cérebro. Um dia ele lhe surpreende. Só joga quem treina...

[Comentário](#) de: Luiz Carlos | 21 de setembro de 2011 | 20:28

Bah, loco de especial! Revolução à epopéia da revolução farroupilha .. Chega de dizer que os farrapos eram os bravos guerreiros que não tinham nem roupa boa para vestir. Vamos ensinar a história sem enredos mitológicos.

[Comentário](#) de: Ari fernandes de Oliveira | 22 de setembro de 2011 | 11:46

Gostaria que o eminente mestre, Doutor, se digne me informar, na atualidade qual o estado brasileiro que possui uma cultura útil? e o que é uma cultura útil?

[Comentário](#) de: Carlos Torres | 23 de setembro de 2011 | 12:56

Ari, se vc estiver se referindo a este gaudério, dispense os títulos. Minha alma de andeje não suporta qualquer penduricalho. É certo que este negócio de utilidade da cultura é perigoso. Principalmente quando é instrumentalizada pelos movimentos políticos e fundamentalistas, pilchados ou de túnica talibã, ou encontre uma terceira via no xiitismo gauchesco. Humildemente, a cultura “útil” é a que formou a humanidade com a potencialização de valores, com o perdão da redundância, humanistas. A que estimula o conhecimento. A que serve para que as pessoas compreendam e se entendam no mundo em que vivem. Algo simples. O velho Kant realizava uma separação básica entre os homens: os de “menor idade”, aqueles que somente respondiam estímulos – isso que ele não chegou a conhecer a cultura de massa; os de “maior”, aqueles que se esforçavam para ler o mundo; e propunham. As polaridades entre alienação e desalienação são fundamentais, ainda, como vc deve fazer. A dialética tem se transformado em palavrão, mas as culturas se fazem na história, representam interesses e visões de mundo. Todavia, umas encilham o dogmatismo, formam piquetes fundamentalistas; outras, representam seus mundos e, em princípio, são expressões do conhecimento. E conhecer é diferente de celebrar. No extremo, existe a “utilidade” de repetir, a crença construída por interesses contemporâneos de que o passado oligárquico dos farroupilhas era naturalmente bom, uma herança para todos; e a “utilidade” de não servir de boi de manada, tangido pela guiada do MTG, e se manter na posição “iluminista” de compreender o seu tempo e a história. Neste negócio de iluminismo, neste arremate final, que o nosso governador não nos escute... Mas ele é um taura de São Borja que, antes de se afogar no Guaíba, se recupera, e abre a perna para terminar de pé nesta rodada criada pela sua própria assessoria. Como diz a gurizada de hoje, que mico!

Sobre Nacionalismo

Jorge Alberto Benitz

Em um programa radiofônico, o Editor trouxe a baila à discussão sobre nacionalismo. É o mesmo que disse gostar de todos os presidentes da república, como se assim demonstrasse o quanto era neutro e isento política e ideologicamente. Reafirmou seu entendimento que considero mais um desentendimento, assentado em um conceito eurocentrista (Não foi a toa que os tucanos privatistas são os primeiros a incorporar este conceito) e que, por isso, lá tem sua razão histórica de ser, posto que nele subjaz a ideia de nação imperialista e do fascismo (mais do que o conceito de nação, que servia de biombo para estas duas ideias- chaves, a bem da verdade) a base de todo o sofrimento gerado pelas consequências das duas grandes guerras, mas que transplantado para “o lado debaixo do Equador” perde todo o sentido. Não que aqui o nacionalismo seja uma bandeira imaculada. Ficando apenas no exemplo brasileiro, temos no Estado-Novo, Getúlio implantando não um regime fascista, mas sim um regime com alguns elementos fascistas, como afirmam historiadores e estudiosos de esquerda mais preocupados com uma análise mais arejada e menos maniqueísta.

O que ocorre aqui é uma transformação de sentido e função do termo nacionalismo devido ao fato de que na realidade latino- americana e brasileira, ou de qualquer país periférico, este pode assumir uma positividade civilizatória quando defende os interesses dos seus povos contra o espírito de rapina colonialista dos países centrais. Rotular o nacionalismo (o termo nacionalismo aqui está sobreposto e confundido com o termo patriotismo. Outro equívoco do tal Editor) como o último reduto de canalhas, frase criada por Samuel Johnson, é dizer que o movimento legalista de 61 e toda a luta contra a ditadura estavam assentados em um erro. Podemos ir mais longe, situando em 1930, um nacionalismo que sempre incomodou uma elite que queria e ainda quer continuar colônia agro- exportadora, deixando as rédeas do país para fantoches monitorados pelos países centrais, em especial, pelos EUA. Teve até um personagem, o general Juracy Magalhães que expressou, ainda no início da revolução de 64, que “ O que era bom para os EUA, era bom para o Brasil”; explicitando assim o núcleo do pensamento dos vendilhões da pátria.

Desde então esta elite desalojada do poder passou a rondar os quartéis, conspirando para retornar ao mesmo via golpe visando instaurar um modelo econômico e político menos nacionalista e mais alinhado aos seus interesses. Foram oposição a Getúlio para restaurar a república velha e não por razões democráticas e progressistas, tentaram evitar a posse até do JK que era só um desenvolvimentista e não tinha nada de nacionalista, conspiraram contra a posse de Jango e conseguiram chegar lá nos braços dos militares. Depois da redemocratização, neste mesmo diapasão, chegaram ao auge com Collor e FHC que foram os que mais trabalharam de acordo com sua cartilha entreguista e assim seguem até hoje se indispondo com Lula e Dilma, contra os quais travaram uma luta sem quartel via mídia durante o período eleitoral, porque estes, embora não representem um perigo aos seus interesses, não são confiáveis, justamente, porque foram eleitos contra os seus candidatos, sem o seu aval e por forças políticas que não rezam integralmente por sua cartilha. Portanto, a nossa história recente é um

exemplo vivo do que significa nacionalismo no lado debaixo do Equador. Logo, querer debitar ao termo nacionalismo, que em nossa realidade trabalha pela elevação da civilização e contra a barbárie colonialista, o mesmo sentido dado ao termo no velho mundo é de uma impropriedade sem precedentes. É o que dá usar paradigmas de outras latitudes. Usado uma linguagem intermetes: análise histórico – cultural usando apenas a ferramenta copiar e colar tende a não dar certo.

[Comentário](#) de: Flávio | 10 de outubro de 2011 | 23:54

Apenas uma pergunta: por que o manifesto contra o tradicionalismo ainda não está no facebook? . . . (eu gostaria de assiná-lo lá e, tenho certeza, junto com milhares de pessoas, já que existe esta ferramenta é o mínimo que podemos fazer)

[Comentário](#) de: Sam de Mattos, Jr. | 13 de outubro de 2011 | 23:26

Toda essa discussão é fútil, é mera masturbação mental e exercício de futilidade. O fato é simples, claro, maniqueísta e vastamente embasado pela fé. Pela fé que o sistema solar é Gauchocentrico, com os demais estados, países, potestades e principados, orbitando como bêbadas esferas celestiais, muito fuleiras, ao redor do Astro Rei – de bombachas e mamando cuia. É o universo MAMACUIA.

[Comentário](#) de: [tulio](#) | 31 de agosto de 2012 | 22:24

Os gringo de Caxias do Sul são obedientes ao ctg.

MANIFESTO CONTRA O **TRADICIONALISMO**

<http://gauchismos.blogspot.pt/> 28 maio 2007 -

I - Em defesa de uma cultura e de uma estética correspondentes à memória e à história do Rio Grande do Sul.

O Rio Grande do Sul é um estado da federação brasileira resultante de um longo processo histórico de conquista e ocupação, no âmbito da geopolítica colonial, na disputa territorial entre Portugal e Espanha. O território foi consolidado em suas

dimensões definitivas no período imperial e teve pequenas áreas ajustadas na República Velha.

Em todo o ciclo histórico, observou-se o esforço de vidas humanas e material para a construção de um espaço luso-brasileiro nos séculos iniciais, e brasileiro, com a Independência, a partir de 1822. A população do Rio Grande concorreu para a invenção do Brasil soberano. Nesse ato, passou a ter uma identidade e a pertencer a um Estado-nação. Historicamente, a escolha rio-grandense foi pelo seu pertencimento brasileiro, rompendo com Portugal e tendo a América espanhola como sua alteridade.

Concorreram para a conquista, ocupação e formação da sociedade sulina indivíduos de diversos grupos sociais e étnicos, genericamente identificados como: portugueses, índios, negros, mamelucos, cafuzos, mestiços da terra; espanhóis, uruguaios, argentinos, paraguaios, que escolheram permanecer na terra independentemente dos tratados divisórios; imigrantes de projetos de colonização ou que se aventuraram individualmente, em especial, advindos de territórios atualmente inseridos na territorialidade da Alemanha, Itália, Polônia, Rússia, Ucrânia, Espanha, França, etc.

Ao longo do tempo, o rio-grandense se formou através da inserção em uma identidade política, na composição da brasilidade e da naturalidade regionalizada e fronteiriça. E no cotidiano, através da vivência de todas as culturas, hábitos e costumes de origem, reelaborados na dinâmica da convivência.

Nesse processo de formação, em diversos de seus setores, ocorreu um involucramento com a sociedade e a cultura platina e latino-americana.

Historicamente, o Rio Grande é multicultural e multi-étnico.

Cultural e simbolicamente é uma região de representação aberta, de recriação constante, como critério indispensável às manifestações de pertencimento, motivadas pelas transformações históricas, sociológicas e culturais, típicas de uma sociedade em movimento, de transformações estruturais e antropológicas, onde ainda se opera, por exemplo, a mestiçagem dos grupos étnicos de origem. Um estado onde as fronteiras internas são evidentes.

Portanto, só é legítima a cultura que representar esta diversidade.

Conseqüentemente, é ilegítimo todo o movimento ou iniciativa doutrinária de orientação pública ou particular que não represente a complexidade social e cultural do estado.

É alienante e escapista todo o movimento que impede e atua através de instrumentos de coerção cultural, midiático ou econômico, com o objetivo de dificultar os desenvolvimentos culturais e estéticos que tomam os indivíduos e as realidades contemporâneas como matérias de suas criações e vivências estéticas.

É repressor todo o movimento que milita através do governo, da educação, da economia e da mídia, para fechar os espaços das manifestações artísticas, das representações simbólicas e das inquietações filosóficas sobre os múltiplos aspectos do Rio Grande do Sul.

É doutrinador e usurpador do direito individual todo o movimento organizado que impõe modelos de comportamento fora de seu espaço privado, se auto-elegendo como arquétipo de uma moralidade para toda a sociedade.

Nessa direção, consideramos como legítimas as manifestações que tomam os rio-grandenses em suas complexidades históricas e culturais, dimensionados em seus tempos sociais, e que transformam, em especial, a sociedade contemporânea como expressões de suas criações estéticas, formulações teóricas e inquietações existenciais.

Somos, em razão disso, contra todas as forças que dogmatizam, embretam, engessam, imobilizam a cultura e o saber em "expressões" canonizadas em um espaço simbólico de revigoração e opressão a partir de um "mito fundante", inventando um imaginário para atender interesses contemporâneos e questionáveis, geralmente identificados pela história como farsa e inexistência concreta. Consideramos que todo o processo de invenção e sustentação de uma visão "mitologizada" objetiva, unicamente, atender interesses atuais; é uma forma de militância que recorre à fábula, a ressignificação de rituais, hábitos e costumes, como forma de "legitimação" de causas particulares como se fossem "tradições" coletivas.

II - Em defesa de uma racionalidade sobre a história do Rio Grande do Sul, de equivalência para todos os construtores de nossa sociedade, de equiparação e direito para todas as manifestações culturais, de inclusão multicultural e respeito às heranças étnicas, sem que todas essas expressões sejam diluídas em um gauchismo pilchado de civismo ufanista, ideológico e manipulador dos mais sinceros sentimentos do povo.

Fundamentados nos princípios acima e nos demais existentes no transcurso deste manifesto, identificamos o MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO (MTG) como o principal instrumento de negação e destruição desses traços culturais e direitos fundamentais do povo rio-grandense.

Nossa posição se fundamenta nos seguintes argumentos:

- 1.. Somos contra o Movimento Tradicionalista Gaúcho, especialmente porque, em sua cruzada unificadora, construiu uma idéia vitoriosa de "rio-grandense autêntico", pilchado e tradicionalista, criando uma espécie de discriminação, como se a maioria da população tivesse uma cidadania de segunda ordem, como "estrangeira" no "estado templário" produzido fantasiosamente pela ideologia tradicionalista.
- 2.. Somos contra o Movimento Tradicionalista Gaúcho, por identificá-lo como um movimento ideológico-cultural, com uma visão conservadora e ilusória sobre o Rio

Grande, cujo sucesso se deve, em especial, à manipulação e ressignificação de patrimônios genuínos do povo, pertencentes aos seus hábitos e costumes.

3.. Somos contra o Tradicionalismo, porque ele não é a Tradição, mas se arrogou de seu representante e a transformou em elemento de sua construção simbólica, distorcendo-a, manipulando-a, inserindo-a em uma rede gauchesca aculturadora, sem respeito às tradições genuinamente representativas das diversidades dos grupos sociais.

4.. Somos contra o Tradicionalismo, porque ele não é Folclore, mas o caducou dentro de internadas artísticas e retirou dele seus aspectos dinâmicos e pedagógicos; o seu apresilhamento ao espírito e ao sentido do pilchamento do estado está destruindo o Folclore do Rio Grande do Sul.

5.. Somos contra o Tradicionalismo, porque ele é um movimento organizado na sociedade civil, de natureza privada, mas que desenvolveu uma hábil estratégia de ocupação dos órgãos do Estado, da Educação e de controle da programação da mídia, conseguindo produzir a ilusão de que o tradicionalismo é oficialmente a genuína cultura e a identidade do Rio Grande do Sul. A "representação" tomou o lugar da realidade.

6.. Somos contra o Tradicionalismo, porque, insensível à história e à constituição multicultural do Rio Grande do Sul, através de procedimentos normativos, embretou o rio-grandense em uma representação simbólica pilchada.

7.. Somos contra o Tradicionalismo, porque ele criou um calendário de eventos e, através de seus prepostos, aprovou leis que "reconhecem" o próprio tradicionalista como modelo gentílico, apesar de ser, em verdade, um ente contemporâneo, sem enraizamento histórico e cultural.

8.. Somos contra o Tradicionalismo porque identificamos nele a criação de instrumentos normativos usurpadores, com a ambição de exercer um controle sobre a população, multiplicando a cultura da "patronagem", com a reprodução de milhares de caudilhetes que tiranizam os grupos sociais em seu cotidiano. Tiranetes que, com sua truculência, ditam regras "estéticas" e limitam os espaços da arte e da cultura, lançando o preconceito estigmatizador, pejorativo e excludente, sobre formas de comportamento e manifestações artísticas inovadoras ou sobre concepções do regional, diferentes da matriz "cetegista", mesmo quando essas manifestações surgem no interior do próprio Tradicionalismo.

9.. Somos contra o Tradicionalismo, porque ele instrumentaliza política e culturalmente uma visão unificadora, como se a origem identitária do Rio Grande estivesse no movimento da "minoría farroupilha", falseando sobre a sua natureza "republicana", elencando um panteão de "heróis" latifundiários e senhores de escravos, como se fossem entes tutelares a serem venerados pelas gerações atuais e vindouras.

10.. Somos contra o Tradicionalismo, por ele se fazer passar por uma Tradição, desmentida pela própria história de sua origem, ao ser inventado através de uma bucólica reunião de estudantes secundaristas, em 1947, no colégio Júlio de Castilhos, em Porto Alegre.

11.. Somos contra o Tradicionalismo, porque ele se transformou em força institucional e "popular", em cultura oficial, através dos prepostos da Ditadura Militar no Rio Grande do Sul.

a) Na verdade, em 1964, o Tradicionalismo foi incluído no projeto cultural da Ditadura Militar, pois o "Folclore", como fenômeno que não pensa o presente, serviu de alternativa estatal à contundência do movimento nacional-popular, que colocou o povo e seus problemas reais no centro das preocupações culturais e políticas.

b) O Tradicionalismo usurpou, assim mesmo, o lugar do Folclore, e se beneficiou do decreto do general Humberto Castelo Branco, de 1965, que criou o Dia Nacional do Folclore, e suas políticas sucedâneas. A difusão de espaços tradicionalistas no Estado e as multiplicações dos galpões crioulos nos quartéis do Exército e da Brigada Militar são fenômenos dessa aliança.

c) A lei que instituiu a "Semana Farroupilha" é de dezembro de 1964, determinando que os festejos e comemorações fossem realizados através da fusão estatal e civil, pela organização de secretarias governamentais (Cultura, Desportos, Turismo, Educação, etc.) e de particulares (CTGs, mídia, comércio, etc.).

d) Durante a Ditadura Militar, o Tradicionalismo foi praticamente a única "representação" com origem na sociedade civil que fez desfiles juntamente com as forças da repressão.

e) Enquanto as demais esferas da cultura eram perseguidas, seus representantes censurados, presos, torturados e mortos, o Tradicionalismo engrossou os piquetes da ditadura - seus serviçais pilchados animaram as solenidades oficiais, chulearam pelos gabinetes e se responsabilizaram pelas churrasqueadas do poder. Esse processo de oficialização dos tradicionalistas resultou na "federalização" autoritária, com um centro dominador (ao estilo do positivismo), com a fundação do Movimento Tradicionalista Gaúcho, em 1967. Autoritário, ao estilo do espírito de caserna dos donos do poder, nasceu como órgão de coordenação e representação. Enquanto o general Médici, de Bagé, era o patrão da Ditadura e responsável, juntamente com seu grupo, pelos trágicos anos de chumbo que enlutaram o Brasil na tortura, na execução, na submissão à censura, na expulsão de milhares de brasileiros para o exílio, os tradicionalistas bailavam pelos salões do poder. Paradoxalmente, enquanto muitos frequentadores de CTGs eram perseguidos ou impedidos de transitarem suas idéias políticas no âmbito de suas entidades, o Tradicionalismo oficialista atrelou o movimento ao poder, pervertendo o sentimento de milhares de pessoas que nele ingressaram motivados por autênticos sentimentos lúdicos de pertencimento e identidade fraterna.

f) Através da relação de intimidade com a ditadura, o MTG conseguiu "criar" órgãos estatais de invenção, difusão e educação tradicionalista, ao mesmo tempo em que entregou, ou reservou diversos cargos "públicos", para seus ideólogos, sob os títulos de "folclorista", "assessor cultural", etc.

g) O auge do processo de colaboração entre a Ditadura e o MTG foi a instituição do IGTF - Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, em 1974, consagrando uma ação que vinha em operação desde 1954. A missão era aparentemente nobre: pesquisar e difundir o folclore e a tradição. Mas do papel para a realidade existe grande diferença. Havia um interesse perverso e não revelado. A constituição do quadro de pessoal, ao contrário da inclusão de antropólogos, historiadores da cultura, pessoas habilitadas para a tarefa (que deveriam ser selecionadas por concurso público), o critério preponderante para assumir os cargos era, antes de tudo, a condição de tradicionalista. Assim, um órgão de pesquisa, mantido pelo dinheiro público, transformou-se em mais uma mangueira do MTG. Com o passar dos anos, os governos que tentaram arejar o IGTF, indicando dirigentes menos dogmáticos, invariavelmente, entraram em tensão com o MTG.

h) Essa rede de usurpação do público pelo Tradicionalismo, por fim, atingiu a força de uma imanência incontrolável. Em 1985, já na redemocratização, o MTG conseguiu que a Assembléia Legislativa instituisse o Dia do Gaúcho, adotando como tipo ideal o "modelo" tradicionalista.

i) Em 1988, com uma manipulação jamais vista na vida republicana, o MTG se mobilizou pela aprovação da lei estadual que estabeleceu a "obrigatoriedade do Ensino de Folclore"; na regulamentação, a lei determinou que o IGTF exercesse a função de "suporte técnico", sem capacitá-lo pedagogicamente. De fato, passou a ocorrer uma relação direta entre as escolas e os CTGs. Dessa maneira, o Tradicionalismo entrou no sistema educacional, transgredindo a natureza da escola republicana como lugar de estudo e saber, e não de culto e reprodução de manuais. Hoje, os alunos são adestrados pela pedagogia de aculturação e cultuação tradicionalista.

j) Por fim, em 1989, a roupa tradicionalista recebeu o nome de "pilcha gaúcha", e foi convertida em traje oficial do RS, conforme determinação do MTG.

12.. O grande poncho do MTG, por derradeiro, foi tecido pela oficialização dos símbolos rio-grandenses, emanados diretamente do simulacro da "república" dos farroupilhas.

III - Em defesa de uma cultura que respeite os tempos de registro histórico-cultural e de representação contemporânea e sua densidade histórica.

13.. Somos contra o MTG, porque consideramos indispensável para a cultura regional distinguir os fenômenos da história dos da memória, identificar os eventos em seus tempos históricos e desenvolver um conhecimento em que os tempos históricos não sejam diluídos nas celebrações contemporâneas e seus interesses ideológicos, culturais e econômicos. A "institucionalização" de uma cultura cívica e de lazer tradicionalista

como "legitimidade", reforçada e inserida na indústria cultural pilchada, impõe uma visão da sociedade e do passado, segundo a ótica dos interesses dos indivíduos que operam socialmente na atualidade. Através dessa falsa "historicidade", eles se legitimam como "autênticos" e podem especular com este inventivo "selo de qualidade".

14.. Somos contra o MTG, porque a sua atividade de militância "aculturadora", ressignificando símbolos, ícones, eventos históricos, em um espaço praticado e imaginado como o ethos de uma estância atemporal, empobrece culturalmente o Rio Grande do Sul e, de fato, relega etnias e grupos sociais, historicamente importantes, à massa dos "sem-simbologia".

15.. Somos contra o MTG, porque o seu controle e patrulhamento vigora sobre a sociedade como um espectro opressivo, em muitos casos como uma maldição, como uma ameaça punitiva, desclassificativa daqueles que não ideologizam as pilchas ou não se enquadram nos modelos "humanos", geralmente caricaturais, decretados pelo MTG.

16.. Somos contra o MTG, porque aqueles que se libertam de sua doutrina, depois do longo processo de adestramento, geralmente iniciado na infância, enfrentam traumas de identidade, especialmente ao descobrirem suas "versões manipulatórias" da história, como a de que o povo do Rio Grande do Sul se levantou contra o Império, ou que os farroupilhas eram republicanos.

17.. Somos contra o MTG, porque ele pratica a demência cronológica e estatística, impondo a deturpação de que o povo se levantou contra o Império e os imigrantes e seus descendentes também cultuaram a Revolução Farroupilha, quando, quase em sua totalidade, sequer estavam no RS entre 1835 e 1845. Se um dia aportaram no Brasil, isso se deve ao projeto de colonização do Império. Os projetos de colonização fundamentais, que contribuíram para a formação do Rio Grande do Sul contemporâneo, não pertenceram aos farroupilhas.

18.. Somos contra o MTG, porque ele ajudou a instituir e alimenta em seu calendário de celebrações, nas escolas, na mídia, um panteão de "heróis", na sua maioria senhores de escravos.

19.. Somos contra o MTG, porque ele é uma força militante ideológica e cultural que trabalha contra a criação de uma mentalidade ilustrada; a transposição para o presente de personagens do antigo regime, como "lumes tutelares" a serem adorados, impediu que se fizesse, nesse particular, um movimento cultural com a densidade dos princípios consagrados pela Revolução Burguesa.

20.. Somos contra o MTG, por ele ter transformado a população em adoradora de senhores de escravos (no geral, sem saberem).

21.. Somos contra o MTG, especialmente, porque defendemos o RS da inclusão, da convivência multicultural, de todas as indumentárias, de todos os ritmos, de todas as

danças, de todas as emoções, de todos os trabalhos e ofícios, de poéticas de múltiplos espaços, e não da territorialidade simbólica exclusiva do pampa.

22.. Somos contra o MTG, porque desejamos construir espaços poéticos que representem também a complexidade de nosso tempo.

23.. Somos contra o MTG, porque, em defesa dos postulados da liberdade de criação e de comportamento, do saber sobre o culto inócuo e ideologicamente manipulador, o identificamos como o instrumento preponderante de negação dos direitos elementares da liberdade, da igualdade e da fraternidade.

24.. Somos contra o MTG, por se tratar de um movimento de interesse hegemônico sobre a sociedade sul-rio-grandense, de caráter privado, que transgride a sua esfera particular, para operar um autoritarismo de conversão dogmática da população a um estilo gauchesco, inventado e normatizado por seus membros, como expressão estilística de um pretensão gentílico de conteúdo e forma cívico-ufanista.

25.. Somos contra o MTG, porque, ao se transformar arbitrária e oficialmente em uma imagem gentílica, se converteu em um movimento de intolerância cultural no Rio Grande do Sul e em outras regiões do Brasil e do mundo, através de instalações de CTGs que não respeitam as culturas locais, que invadem como intrusos localidades de tradições milenares, usurpando seus espaços, destruindo sua poética popular e deturpando sua arquitetura. Nessa operação, o Tradicionalismo não é uma "representação" aceitável da cultura sulina, mas o instrumento de uma "aculturação", da não inserção dos grupos migrantes nas culturas locais, transformando-se, de fato, em agente de destruição.

26.. Somos contra o MTG, porque, ao se converter em uma representação do Rio Grande do Sul e exercitar sua arrogância aculturadora em outros espaços sócio-culturais, fazendo uma escolha pela não inserção e respeito às populações do restante do Brasil e do mundo, está desencadeando movimentos de reação discriminatória contra os "gaúchos". Devido às posturas dos tradicionalistas, tornam-se cada vez mais frequentes campanhas populares de "Fora gaúchos" em outros estados da federação, confundindo os "tradicionalistas" com os "rio-grandenses", jogando sobre o povo do RS um estigma motivado unicamente pelo "cetegismo". Essa militância tradicionalista contribui, de fato, para a difusão da intolerância na população sulina.

27.. Somos contra o MTG, por considerá-lo agente de um dano irreparável à maioria dos sul-rio-grandenses frente ao Brasil, pois defendemos princípios de identidades regionais harmonizados com as genuínas culturas locais das demais regiões brasileiras.

28.. Somos contra o MTG, por ele se apresentar militantemente em outras unidades da federação, em seu extremo, como uma "etnia gaúcha", deturpando a formação multi-étnica sul-rio-grandense, e ofendendo, além de tudo, os conceitos mais elementares da Antropologia.

29.. Somos contra o MTG devido a sua soberba de pressionar outros estados brasileiros para adotar a "pilcha gauchesca" como traje oficial, produzindo ainda maior rejeição aos sul-rio-grandenses.

30.. Somos contra o MTG no Rio Grande do Sul e nos demais estados brasileiros pela sua articulação incessante para se transformar na cultura oficial, ou ser reconhecido como "uma representação externa", e desejar se constituir em guardião dos símbolos, dos ícones e do imaginário do povo.

31.. Somos contra o MTG, porque, como entidade privada, ele tange, em sua arreada intolerante, grande parte das verbas públicas dos setores da cultura, da educação, do turismo, da publicidade e da Lei de Incentivo à Cultura das empresas estatais, fundações e autarquias, para o seu imenso calendário de eventos, onde, nem sempre, se distingue a cultura do turismo e do lazer.

a) Em defesa da cultura rio-grandense postulamos pela instalação de uma CPI na Assembléia Legislativa, para investigar a transferência de verbas e infra-estruturas públicas para as atividades tradicionalistas, o que caracteriza flagrantemente uma usurpação do patrimônio público.

b) Reivindicamos audiências públicas ao Conselho de Cultura, para discutir a canalização da LIC para um excessivo predomínio de projetos tradicionalistas, muitos de caráter turístico e de lazer, iludindo a natureza da Lei.

c) Alertamos e igualmente reivindicamos audiências públicas ao Conselho de Educação, para discutir a deturpação dos currículos e dos princípios de Educação Pública, em consequência da infestação, da usurpação e da distorção pedagógica representada pela invasão tradicionalista nas escolas, substituindo os preceitos do "saber", do "estudar", pelo "culto" e pelos "manuais" tradicionalistas. O indicativo dessa distorção e atropelo obscurantista é a transformação do próprio espaço escolar, com a criação de "piquetes" e "invernadas artísticas". Essa situação revela a falência pedagógica da escola, o abandono de sua natureza laica e republicana. Os alunos são induzidos a comportamentos e práticas dogmáticas, adestradoras, apresilhados a uma identidade questionável, originada em um mito fundante. Essa escola doutrinariamente cívica, "gentílica" e de "orgulho gaúcho" exercita a fé, a pertença alienada. Ela significa a falência da Educação. Por essa razão, reconhecemos como legítima a revolta daqueles professores que rejeitam a sua conversão em instrumentos de realização do calendário tradicionalista, como se fossem meros executores de seus manuais dentro dos educandários. Reconhecemos como legítima a resistência dos professores às pressões para serem transformados em pregadores pelas direções, pelo poder e por alguns ciclos de país e mestres, pois esse enquadramento significa a negação de suas funções constitucionais de educadores.

32.. Somos contra o MTG, porque, entre todas as suas deturpações, a mais grave é representada pela sua própria oficialização, cujo corolário é a ambição de instituir como

"legalidade" a sua versão da história, através de uma legislação introduzida progressivamente na esfera pública. Em alguns processos judiciais contra pessoas transformadas em réus, por terem feito crítica ao Tradicionalismo ou aos seus atos, os advogados do MTG argumentam com "base" em leis que os parlamentares tradicionalistas criaram, em decretos de seus executivos, em "epistolos" de seus ideólogos.

33.. Somos contra o MTG, porque, devido à sua ação de controle cultural, uso das verbas públicas, interferência nos currículos escolares, vigilância sobre os meios de comunicação, imposição manipulatória de uma idéia de "história" que converteu em "heróis" senhores de escravos, sua hegemonia e operação militante no Estado, na sociedade civil e no senso comum, contribui para a mediocrização do Rio Grande do Sul em seus aspectos culturais, de inserção moderna e respeitosa no Brasil e na América, produzindo uma incapacidade de leitura crítica da sociedade rio-grandense e do mundo. Nas últimas décadas, os acontecimentos culturais populares importantes se constituíram na relação e na contradição com o Tradicionalismo. Na maioria dos casos tiveram que superá-lo, ou negá-lo, para sobreviverem e afirmarem os seus espaços estéticos.

34.. Somos contra o MTG em sua usurpação do público, mas, por outro lado, ainda como manifestação de nossos princípios republicanos, defendemos o MTG quanto ao seu direito privado, ao seu exclusivo espaço cultural, à noção de que ele é apenas um segmento interpretativo da história e da cultura do Rio Grande do Sul, sem que as suas convicções singulares tenham a ambição e a ação militante ilegítima de "aculturação" das demais esferas sociais e culturais do estado, sem que se coloque no topo de uma hierarquia dominante e exclusivamente gauchesca da identidade.

35.. Somos contra o MTG, exclusivamente, no que tange à usurpação das esferas públicas e à coerção de nossos direitos civis, culturais e estéticos.

36.. Somos contra o MTG, porque identificamos nele a alimentação de uma sinergia cultural que atolou o Rio Grande do Sul no passadismo conservador, criando uma força de pertencimento que bloqueia o desenvolvimento de uma energia socialmente humana moderna, humanista, republicana, respeitosa com os sentimentos historicamente multiculturais da população rio-grandense.

37.. Somos contra o MTG, porque nos sentimos reprimidos, cerceados e vitimizados, cultural e profissionalmente, por ele, identificando-o como uma força militantemente dogmática contra os nossos direitos e cidadania.

38.. Somos contra o MTG, porque defendemos o Folclore representativo da nossa multiplicidade étnica, consideramos as frações da Tradição que expressam as relações humanizadas e o espírito solidário do povo sul-rio-grandense, a Cultura Popular, os espaços efetivos para uma cultura que expresse nossa historicidade, desde o passado até a atualidade, e, principalmente, porque postulamos uma estética sem embretamentos,

capaz de apreender a complexidade regional com suas particularidades e conexões universais.

Rio Grande do Sul, março de 2007.

Se você deseja ser também um dos signatários do Manifesto, preencha os dados do formulário nos COMENTÁRIOS DESTA BLOG e/ou envie para gauchismo@gmail.com. Os nomes dos signatários aparecerão neste blog, abaixo do Manifesto, em ordem alfabética, acompanhados, unicamente, do campo profissão/atividade e do local de procedência.

NOME:

PROFISSÃO/ATIVIDADE:

DATA DE NASCIMENTO:

SEXO:

RG:

LOCAL DE NASCIMENTO:

CIDADE EM QUE RESIDE:

SIGNATÁRIOS

Alessandra Colares Cichovski, professora. Rio Grande, RS.

Alessandra Meireles Rezende, professora de química. Taguatinga, DF.

Alessandro Batistella, professor e historiador. Loanda, PR.

Alexandra Almeida, desenhista. Passo Fundo, RS.

Alexandre Saggiorato, músico. Passo Fundo, RS.

Ana Lúcia Lombardi, produtora cultural. Porto Alegre, RS.

Anderson Ioriati Colombelli, estudante universitário. Passo Fundo, RS.

Andrea Barros Machado, administrativo. Viamão, RS.

André Luiz Mitidieri Pereira, professor. Porto Alegre, RS

Angela Maria Faria da Costa, servidora pública e estudante de Geografia. Porto Alegre, RS.

Ângela Viviane Schröder, professora. Novo Hamburgo, RS.

Anjee Cristina Pinheiro Machado, escritora e jornalista. Alto Paraíso, GO.

Antonio Carlos Pasolini, jornalista. Vila Velha, ES.

Antonio Jesus Costa Gonçalves, músico e arranjador. Pelotas, RS.

Arlício Figueiredo Nunes, gráfico e estudante. São Jerônimo, RS.

Arthur Gubert, estudante universitário. Passo Fundo, RS.

Artur Poester, fotógrafo. Bagé, RS.

Auro Cândido Marcolan, professor universitário. Passo Fundo, RS.

Bárbara Stracke, assistente de compras. São Paulo, SP.

Bráulio Oscar Filho, desempregado. Porto Alegre, RS.

Camila Martins Kila, estudante. Porto Alegre, RS.

Carlos Afonso Iha Noya, pequeno empreendedor. Porto Alegre, RS.

Carlos Eduardo Terres Bonorino, filósofo. Passo Fundo, RS.

Carlos Henrique Ferreira, analista de sistemas, advogado / empresário. Passo Fundo, RS.

Carmem Sayão Lobato, psicóloga, professora universitária. Passo Fundo, RS.

Carolina Hoffmeister, cabeleireira e estudante. Estância Velha, RS.

Caroline Mayer, caixa. Santa Cruz do Sul, RS.

Cibele Maria Almeida Menini, professora. Blumenau, SC.

Circe Terezinha da Rocha, professora de história. Santa Maria, RS.

Cleinice dos S. Collona. secretária. São Paulo, SP.

Clóvis Da Rolt, professor e mestrando em Ciências Sociais. Bento Gonçalves, RS.

Clovis Figueiredo Freire da Silva, músico. Porto Alegre, RS.

Clóvis Rodrigues Junior, vendedor. Passo Fundo, RS.

Conceição Cristina Espíndola. funcionária pública. Porto Alegre, RS.

Daiane Hemerich, estudante e estagiária. Passo Fundo, RS.

Daison Kipper da Paz, professor de geografia. Porto Alegre, RS.

Daniel Bittencourt, jornalista. Passo Fundo, RS.

Daniel Castro, Vendedor. Porto Alegre, RS.

Daniel Confortin, desenhista industrial. Passo Fundo, RS.

Dario Correa, educador social. Santana do Livramento, RS.

Dilmar Pozzetti, artista plástica. Porto Alegre, RS.

Dimas Fernandes Vieira Junior, historiador e professor. Jundiaí, SP.

Eduardo Francisco Luft, engenheiro agrônomo. Ibirubá, RS.

Ellen Augusta Valer de Freitas, bióloga. Porto Alegre, RS

Elisa Forster, psicóloga. Porto Alegre, RS.

Érico Emanuel Tieppo da Silveira, professor de educação física. Porto Alegre, RS.

Everson Marca, produtor cultural e professor. Nova Prata, RS.

Fabiano Dirceu Burgert de Paula, comerciante. Passo Fundo, RS.

Fernanda Fernandes, atriz e professora. São Leopoldo, RS.

Fernanda Peres Rocha, estudante. Passo Fundo, RS.

Gabriel da Fonseca Guimarães, estudante/publicitário, estagiário. Passo Fundo, RS.

Gabriel Machado Chaves, estudante. Passo Fundo, RS.

Gabriele Maffei, estudante. Porto Alegre, RS.

Gelson Piber, professor e historiador. Rio de Janeiro, RJ.

Gilse Helena Magalhães Fortes, professora de teatro e pedagoga. Porto Alegre, RS.

Gladis Helena Wolff, professora. Gaurama, RS.

Glauce Mariane Bittencourt Mendes, médica. Santa Maria, RS.

Guilherme Lazzarotto de Lima, estudante. Porto Alegre, RS.

Gustavo Chaise, músico. Passo Fundo, RS.

Helena Dutra, jornalista. Porto Alegre, RS.

Helenice Trindade de Oliveira, advogada. Porto Alegre, RS.

Inácio Neutzling, professor universitário. São Lourenço do Sul, RS.

Inês Portela Nogueira, dona de casa. Sobradinho, DF.

Iuri Daniel Barbosa, músico, estudante de Geografia. Passo Fundo, RS.

Ivens Balen, estudante, Passo Fundo, RS.

Jacqueline Ahlert, professora de Artes. Carazinho, RS.

Jacques Salvador Souza, jornalista. Poa, RS

Jaime Giolo, professor universitário. Vila Maria, RS.

Jamil Khoury, personal chef. Passo Fundo, RS.

Janaíta da Rocha Golin, servidora da Universidade Federal da Fronteira Sul. Chapecó, SC.

Jean de Oliveira, servidor público federal. Chapecó, SC.

Jeferson Bossoni Mendes, professor de Ciências Sociais, pesquisador estudos econômicos, capoeirista. Passo Fundo, RS.

João Batista Carvalho da Cruz, professor de História. Alegrete, RS

João Vicente Ribas, jornalista. Passo Fundo, RS.

José Ernani de Almeida, professor universitário. Passo Fundo, RS.

José Francisco Baronio da Costa, músico. São Leopoldo, RS.

Juliano Torres Fraga, historiador e professor. São Lourenço do Sul, RS.

Júlio Cesar Colnageri Brum, servidor público. Porto Alegre, RS.

Juraci Bronzato Moro, professora aposentada. Garibaldi, RS.

Jussara Fernandes Oleques, professora. Alegrete, RS.

Kátia Ferreira de Oliveira. arquiteta e urbanista. Porto Alegre, RS.

Katiuscia Zuchetti, administradora. Passo Fundo, RS.

Keity Duque, técnico de enfermagem. Juiz de Fora, MG.

Leandro Gaspar Scalabrin, advogado. Erechim, RS.

Leandro Malósi Dóro, jornalista e cartunista. Passo Fundo, RS.

Leandro Pinto Salvador, estudante. Porto Alegre, RS.

Leila Sibebe Pilger, administradora. Lajeado, RS.

Leonardo Marmitt, produtor/empresário. Passo Fundo, RS.

Lilian Rodrigues, estudante de Relações Públicas. Santa Cruz do Sul, RS.

Lucas Alves Flor, Passo Fundo, RS.

Lucas Machado Chaves, estudante. Passo Fundo, RS.

Luciana de Mello, geógrafa. São Sebastião do Caí, RS.

Luciana Wagner, tatuadora. São Carlos, SC.

Luciane Cristina Tonial, professora de História. Passo Fundo, RS.

Luciano do Monte Ribas, designer gráfico / empresário. Santa Maria, RS.

Luciano Pimentel da Silva, comerciário. Passo Fundo, RS.

Luiza Gallo Pestano, historiadora e bibliotecária. Pelotas, RS.

Luiz Carlos da Cunha Carneiro, professor de História. Porto Alegre, RS.

Luiz Roberto M. Gosch, arquiteto e professor. Passo Fundo, RS.

Luiz Vicente Tarragô, professor. Porto Alegre, RS

Luiziana de C. Monteiro de Barros, médica. Petrópolis, RJ.

Maíra Martini, yogue. Passo Fundo, RS.

Márcia Luísa Tomazzoni, estudante. Porto Alegre, RS.

Marcos Botton Piccin, doutorando em Ciências Sociais. Campinas, SP.

Marcos Rolim, jornalista e professor universitário. Porto Alegre, RS.

Marcio de Almeida Bueno, jornalista. Porto Alegres, RS.

Maricilia Rovena Blank Bueno, servidora pública. Passo Fundo, RS.

Maria Zenisse, professora. Porto Alegre, RS.

Maria de Nazareth Agra Hassen, antropóloga. Flores da Cunha, RS

Marta Forster, professora. Porto Alegre, RS.

Mateus Fiorentini, estudante. Passo Fundo, RS.

Maura Bombardelli. estudante de História. Porto Alegre, RS.

Mauro Menine, diretor teatral. São Leopoldo, RS.

Miriam Beatriz Barbosa Corrêa, assessora técnica de gênero e direitos sexuais; estudante de Direito. Porto Alegre, RS.

Nei Lisboa, músico. Porto Alegre, RS.

Neusa Pulita, assistente de produção. Porto Alegre, RS.

Pablo Tavares, estudante. Passo Fundo, RS.

Paulo Tedesco, consultor gráfico e escritor. Caxias do Sul, RS.

Paulo Gaiger, professor, cantor, ator e diretor teatral. Porto Alegre, RS.

Paulo Henrique de Toledo, escritor, músico e filósofo. Passo Fundo, RS.

Pedro Paulo de Moraes, músico. Rio de Janeiro, RJ.

Pedro Scuro Neto, sociólogo. Santa Cruz do Sul, RS.

Rachel Candio, bióloga. Osasco, SP.

Rafael Bán Jacobsen, físico. Porto Alegre, RS.

Rafael Mota Altenberg, estudante. Santa Maria, RS.

Renata Agra Balbuena, contadora. Porto Alegre, RS.

Ricardo Sabadini, músico. Passo Fundo, RS.

Rita Buttes, terapeuta ocupacional da Secretaria Municipal de Saúde de Porto Alegre. Porto Alegre, RS.

Roger D'Oliveira, estudante. Lajeado, RS.

Roberta Scheibe, jornalista e professora universitária. Passo Fundo, RS.

Rochelle Frandoloso Ferrão, estudante. Passo Fundo, RS.

Rodrigo Chaise, músico. Passo Fundo, RS.

Rodrigo de Andrade, jornalista e historiador. Passo Fundo, RS.

Roseli Alves Lacerda. São Bernardo do Campo, SP.

Runildo Pinto, técnico em microinformática. Porto Alegre, RS.

Sandra Mara Benvegnú, professora de História. Passo Fundo, RS.

Sandra Maura Sampaio Ribeiro, presidente do Sindicato dos Empregados no Comércio de Camaquã. Camaquã, RS.

Santos Arthur Gonçalves Carneiro, digitador. Porto Alegre, RS.

Scheila Maria Agostini, jornalista/turismóloga -funcionária pública. São Leopoldo, RS.

Setembrino Dal Bosco, bancário. Passo Fundo, RS.

Scheila Daisy Marcelino, auxiliar administrativo. Venâncio Aires, RS.

Simone Pereira Soares, comerciária/consultora de Relacionamento. Porto Alegre, RS.

Suzna Maria Bracht Badia, bancária. Porto Alegre, RS.

Tau Golin, jornalista, professor e historiador. Passo Fundo, RS.

Thomas Germano Battesini, designer. Passo Fundo, RS.

Vinícius Falcão, estudante. Passo Fundo, RS.

Wolnei Prates, administrador de empresas/funcionário público municipal. Porto Alegre, RS.

Postado por [Gauchismo](#) às 07:11 51 comentários: [Links para esta postagem](#) 

[Manifesto é notícia no blog civitates](#)

Manifesto Contra o Tradicionalismo Sul-rio-grandense

Gustavo Pedrollo

<http://gauchismos.blogspot.pt/>

Trago hoje ao Civitates uma polêmica caseira (caseira para mim, pelo menos), mas com importância para o Brasil todo, de alguma forma. Um grupo de jornalistas, historiadores, produtores culturais, pedagogos e autoridades acadêmicas lançou, no Rio Grande do Sul, há pouco mais de três semanas, um "Manifesto Contra o Tradicionalismo", em que denuncia uma usurpação da cultura gaúcha pelos CTG's (Centros de Tradições Gaúchas), e em especial pelo MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho), que congrega os CTG's e outras entidades de divulgação da "cultura gaúcha".

O manifesto denuncia uma visão deturpada da história do Rio Grande do Sul, que conseguiu se institucionalizar e se impor de forma não republicana, mitificando uma idéia falsa da figura do gaúcho. De fato, devo dizer que cresci vendo os CTG's repetirem, até mesmo na sua estrutura hierárquica, as formas de dominação das estâncias escravocratas do Século XIX, e todos os preconceitos característicos daquele tempo e de um conservadorismo tacanho que ainda hoje mantém tremenda força no Rio Grande do Sul. Todo CTG, saibam, tem na topo da hierarquia um "patrão" (sim, esse é o nome pela qual se designa o representante do CTG).

Apenas para exemplificar, um dos CTG's da cidade de Canguçu, próximo à chácara de meus pais, onde eu costumava passar o verão, não admitia, até menos de dez anos atrás, a entrada de negros. Os negros assistiam os bailes da janela, sem poder entrar, participar ou dançar, em uma cena verdadeiramente macabra.

Na "cultura gaúcha", falseada e imposta pelos CTG's e pelos MTG's, nunca houve espaço para a diversidade étnica do povo gaúcho, e sobretudo, ficou esquecida a figura verdadeiramente contestadora e controversa do gaúcho da Bacia do Prata. Mas já falo demais. Vou citar abaixo alguns trechos do manifesto, e deixar o link ([clique aqui](#)) para quem quiser lê-lo na íntegra, além do link para uma entrevista do jornalista Tau Golin, um de seus redatores ([clique aqui](#)).

A imprensa tradicional tem se esforçado para ignorar o manifesto, mas a Internet está se encarregando da tarefa de torná-lo público.

<http://209.85.165.104/search?q=cache:cN7GrhPJz9AJ:civitates.blogspot.com/+contra+o+tradicionalismo+2007&hl=pt-BR&ct=clnk&cd=7&gl=br>

Postado por [Gauchismo](#) às 07:07 comentários: [Links para esta postagem](#) 

[bagualices desenfreadas](#)

Veja o que algumas pessoas são capazes de fazer. [Clique aqui](#).

Postado por [Gauchismo](#) às 06:47 comentários: [Links para esta postagem](#) 

quinta-feira, 3 de maio de 2007

[Veja a repercussão do Manifesto](#)

Leia a repercussão do Manifesto no site da Unisinos - Universidade do Vale dos Sinos. Acesse [aqui!](#)

Postado por [Gauchismo](#) às 17:26 comentários: [Links para esta postagem](#) 

"Não perca tempo com essa grossura, com esses bombachudos, com essa bagualice!"



Veja entrevista exclusiva do jornalista, historiador e professor Tau Golin, concedida ao blog www.santasaliencia.blogspot.com.

O assunto, entre outras coisas, é o MANIFESTO CONTRA O TRADICIONALISMO.

Acesse!

Postado por [Gauchismo](#) às 17:187 comentários: [Links para esta postagem](#)

<http://gauchismos.blogspot.pt/>

Texto escrito em réplica à publicação de [A Disneylandia de bombachas](#) por Cristóvão Feil, em 25 de setembro de 2004.

"Nós não vemos as coisas como elas são:

nós as vemos como nós somos."

(provérbio rabínico)

O profeta cego Tirésias, em sua primeira fala no *Édipo* de Sófocles, lamenta, em alta voz: " -Oh, que terrível coisa é a sabedoria que não reverte em benefício daquele que é sábio!". Da mesma forma Martín Fierro aconselha a seus filhos: " Hay hombres que de su ciencia tienen la cabeza llena; hay sábios de todas menas, mas digo, sin ser muy ducho, que mejor que aprender mucho es aprender cosas buenas."

Desafortunadamente, nem todos chegam a perceber a utilidade dessas ponderações e preferem agir de maneira totalmente diversa, empilhando conceitos sem nenhum critério, movidos apenas pela volúpia infantil de ouvir a própria voz. Estas observações são necessárias para que possamos compreender melhor o tedioso efeito que um texto publicado na Agência Carta Maior teve sobre todos os que efetivamente conhecem o Rio Grande do Sul, sua história e seu legado. E digo "tedioso" porque não é a primeira, mas deveria ser a última vez em que temos que ouvir essas velhas sandices, já fartamente refutadas.

Em primeiro lugar, é forçoso referir que todo o artigo prima pela deselegância, dando a impressão de que o iracundo sociólogo possui alguma motivação incompreensível a arrastá-lo a agir assim de forma tão desastrosa

para um cientista e tão lamentável para um gaúcho. Ou talvez deva dizer "nascido no Rio Grande do Sul, pobrezinho...", já que ele faz questão de firmar que não basta ter nascido abaixo do Mampituba para ser gaúcho. Pelo menos nisso concordamos: que ser gaúcho é um estado de espírito, uma disposição emocional, uma adesão íntima como a fé em todo um ideário que é, de resto, ancestral e no qual comungamos com todos os homens de bem de todos os tempos. E digo "de bem" como poderia dizer "de respeito", já que é disso que se trata o tema, coisa que parece ter escapado ao articulista. Respeito à tradição e respeito principalmente à inteligência dos leitores, ofendida pelo arrazoado tendencioso despejado "ex-cathedra", como se dirigido a algum bando de iletrados. Será que realmente alguém pode pensar que precisamos de lições sobre positivismo? Que nos digam o que é o gaúcho? Não precisamos de mais mestres do que a própria História e é sempre útil recordar que o estudo acadêmico não é privilégio de ninguém, havendo muitos eruditos de bombacha aptos a rebater esse tipo de discurso. Discurso, aliás, que não se eleva acima do insulto gratuito e da mera provocação. Mesmo assim, por lamentável que seja, tornou imprescindível a devida resposta, que ele não merece mas que os leitores precisam.

A gênese do gaúcho realmente obedeceu a uma série de fatores e conjunturas muito especiais, de caráter econômico, político e social que fazem de nossa cultura um fenômeno ímpar não apenas no Brasil como perante outros povos. Quem nos conhece sabe que não somos comuns, nem de fácil definição. Que não somos e nem nunca fomos dóceis cordeirinhos, anjos de candura. Somos de uma estirpe de guerreiros originária de uma terra selvagem e inóspita, onde construímos com nossas próprias mãos essa pátria gaúcha que esse senhor procura denegrir a pretexto de defini-la. E, de fato, talvez seja porque não se pode compreender verdadeiramente aquilo que não se ama.

Tenho vagado pelo Rio Grande desde antes da fundação da universidade onde esse senhor possa ter estudado e não me fiz folclorista, historiador e antropólogo para iludir quem quer que fosse ou para referendar quimeras, mas para compreender melhor a minha terra e a cultura do meu povo. Esse é o amor que me levou a percorrer os galpões e as faculdades, os terreiros de batuques e os congressos, os rodeios e os círculos acadêmicos, encontrando sempre a mesma verdade fundamental de que somos todos irmãos em nossa necessidade de compreender o mundo e a nós mesmos. Necessidade que, no entanto, é distorcida e mesmo poluída quando falsos argumentos são erigidos em totem para alegria dos iconoclastas profissionais e dos corifeus da ignorância. É só o que se pode pensar de uma pessoa com curso superior que coloque por escrito tanta incorreção histórica, e mesmo (por que não dizer) tanta amargura capaz de levá-lo a distorcer os fatos de forma tão cansativa. Na verdade chega a surpreender que tenha sido publicado.

Sim, senhores. Se o autor pensou que chutava um cachorro morto ao atacar os tradicionalistas cometeu um grave equívoco e de impossível reparação: atacou os gaúchos. Acaso pensou que os estudiosos (entre os quais, humildemente, tomo a liberdade de me incluir) iriam deixar que essa verdadeira infâmia fosse perpetrada? Talvez que, no máximo, o "quixote temporão" fosse se defender com a "ferrugenta espada do tradicionalismo"? Lamento informar que se a peleia foi comprada contando com a ferrugem de nossas espadas o autor já começou cometendo o pior erro da arte da guerra: subestimou o adversário. Estamos todos aqui, os gaúchos, vivenciando a tradição e cultuando os nossos heróis sem preocupação com o que podem pensar de nós aqueles que nada sabem da nossa história, que não nos conhecem e que, por razões subjetivas, nos associam com o que há de mais retrógrado nas ideologias, que é o preconceito e o fanatismo e com o que há de pior na natureza humana, que é a violência. E, no entanto, salta aos olhos de quem quer que leia o texto citado que ele sim não contém nada além disso: preconceito, fanatismo e violência. Não é assim que se fala com pessoas esclarecidas e, acima de tudo, não é assim que se fala aos gaúchos. Ou decerto expressões como "charqueadas da ignorância", "invenção da tradição", "certa elite", "expropriação da história", "vulgarização fetichizada", "mitificação tradicionalista", "fantasia pilchada de uma ilusão galponeira" e outras devem ser encaradas como "científicas"?

Marx, em "O Capital", concorda com Linguet, que em sua "Théorie de Lois Civiles", afirma que "a caça ao homem (a guerra) é a primeira das formas de caça". É mais do que evidente que um povo sacudido por conflitos e marcado por guerras e revoluções necessariamente vai apresentar características culturais e mesmo psicológicas muito específicas. Uma delas é precisamente a de não compactuar com a injustiça e a de não se submeter à violência. Por isso, apenas, esta merecida réplica. Assim, para estabelecer a devida proporção dos fatos, é preciso lembrar apenas algumas das grotescas incorreções que o texto teve a infelicidade de cometer, para desdouro do autor mais do que para a História gaúcha.

Engana-se quando classifica o gaúcho de mitificação tradicionalista ou de imposição cultural de uma certa elite, cevada em ideário rude. Como assim?! O gaúcho está vivo e vai muito bem, muito obrigado. Que tolíce imensa e que pretensão enorme querer reduzir essa incontável massa de homens e mulheres que lutaram e acreditaram em seus ideais a meros mitos. Esses mitos são os nossos avós, esses mitos somos nós! Pode até ser que na mentalidade de uma certa elite acadêmica o gaúcho não exista. Mas sabemos que não existe para

eles porque não vão onde o gaúcho está. Nós nunca o vimos entre nós, mateando nos galpões, ou puxando a rede e partilhando da cachaça dos nossos pescadores. Existe o gaúcho porque nunca deixou de existir desde sua formação nos primórdios de nossa história. Mudamos, mas persistimos e somos cada vez mais gaúchos.

Ilude-se quando chama de "constructo mental" uma realidade social e cultural de tamanha influência capaz de expandir-se pelo Brasil e pelo mundo de uma forma impressionante e espontânea. Há CTG's sendo fundados todos os dias, até no Leste Europeu e isso não se explica pelas frouxas razões alegadas pelo autor. O que explica é refletir um pouco mais e considerar que existe uma completa identidade entre o código de valores do gaúcho e todos os outros cânones de comportamento dos guerreiros, como o "Bushido" dos Samurais, as Regras dos Cavaleiros do Templo, o código de conduta dos Beduínos, ou dos Cossacos, ou dos Apaches....Entre esses grupos ou povos (e muitos outros) os valores da honra, do peso da palavra empenhada, da coragem, da hospitalidade, da proteção aos fracos e do amor à liberdade eram absolutos e indisponíveis, ditando não só as normas de comportamento como a própria estrutura da sociedade. Como pode ser uma fraude uma realidade tão eterna e tão evidente, ainda que combatida pelos "idiotas da objetividade", arautos de uma civilização que nada deve em barbárie aos tempos mais selvagens de nossos patriarcas.

Erra torpemente ao dizer que Júlio de Castilhos fez uma lenta e continuada apropriação dos despojos da Revolução Farroupilha. Que despojos? O brasão e o hino, que ele adotou? São esses os despojos? Sim, certamente o brasão do Rio Grande tem uma simbologia positivista, mas e o que há de absurdo nisso quando o próprio autor reconhece que o positivismo era, à época, a mais liberal e avançada das doutrinas? Queria, acaso, que fossem marxistas, ou sociólogos? Quanto ao fato do "sangue da escravidão", não pode ser imputado aos farroupilhas o seu derramamento e se, filosoficamente havia divergência entre eles, nada mais natural. Havia farrapos republicanos e farrapos monarquistas, assim como muitos dentre eles eram abolicionistas, mas se alguns não se preocupavam com isso também não chega a ser mais do que o reflexo de sua época. Será razoável atrever-se a medir a conduta daqueles homens com os valores do nosso tempo? Ainda assim, havia em todos eles uma grandeza fruto da entrega aos seus ideais que se manifestava na coragem com que combateram lado a lado com seus irmãos negros.

Falseia a verdade quando associa a criação do movimento tradicionalista a uma maquiavélica glorificação de uma oligarquia militarizada, à escravatura, ao abigeato, ao bandoleirismo, ao saque e ao contrabando. Será que era isso que Barbosa Lessa, Paixão Côrtes e Glauce Saraiva tinham em mente, por alguma pérfida razão secreta? Estavam, talvez, a serviço de poderosas forças econômicas e/ou ideológicas? Não me parece, e desfrutei da amizade e do respeito deles durante mais de quarenta anos. Pelo contrário: vejo com clareza cada vez maior a importância do gesto que tiveram e tenho certeza de que perdurará no Tempo, multiplicado na esperança dos gaúchos de todos os povos. O que parece, sim, é que o autor desconhece a opressão getulista da Constituição de 37, que proibia o uso dos símbolos estaduais, como a bandeira e o hino e a importância disso para o povo gaúcho. Até o dia em que Paixão Côrtes viu em um bar imundo um trapo colorido que servia de cortina e reconheceu, revoltado, que era o (para nós) sagrado pavilhão rio-grandense. Dizem que foi a primeira vez em que o Paixão chorou.

Desconhece completamente o que seja tanto a tradição quanto o tradicionalismo, fazendo um toco "*jeu de mot*" ao chamá-lo de "oxímoro", ainda acentuando erradamente o vocábulo. Tradição é justamente movimento, entrega, a transmissão de algo. Esse é o conceito da palavra e não faz sentido algum a argumentação de que o tradicionalismo pressupõe algo fixo, a não ser para quem não tenha a menor noção tanto da palavra quanto do fenômeno real. E por falar em palavra, de fato a palavra "gaúcho" originariamente tinha uma conotação negativa dada pelos aristocratas, tanto quanto a palavra "farroupilhas". No entanto, mesmo assim, delas nos apoderamos orgulhosamente e pela nossa luta e pelo nosso exemplo as transformamos em galardão e honraria, não sendo mesmo utilizadas para qualquer um.

Ignora a grande união que existe entre os tradicionalistas e todos os grupos que o autor nos acusa de discriminar. Curiosamente afirma que o tradicionalismo "esconde tudo o que possa cheirar a povo", quando qualquer pessoa que vá ver com seus próprios olhos pode verificar a falsidade dessa acusação. Que pergunte aos rapper's da banda "Da Guedes" o que eles acham da tradição gaúcha, ou por que gravaram a voz de Leopoldo Rassier em sua música "Não podêmo se entregá pros home", ou mesmo por que o nome da banda homenageia Jacinto Guedes da Luz, cujos lanceiros traziam em seus chapéus a divisa "Sou do Guedes, morro sêco mas não me entrego"? Será que há latifundiários no morro? Ou talvez oligarcas da favela os levaram a admirar heróis "de fancaria"? Não me parece. Que pergunte às mulheres que trabalham e fazem o movimento tradicionalista, que cavalgam a nosso lado em cada vez maior número, e participam conosco como companheiras e como mulheres. Será que é porque são maltratadas e desvalorizadas? Não me parece. Quando cavalgamos com os gaúchos do Movimento Negro, liderados pelo Comandante Centeno, onde estava o referido autor? Que pergunte a ele se sua cultura tem espaço na nossa e ele lhe dirá que são a mesma e que nós todos somos um só em nosso ideal de gaúcho. Por que será que ele nos trata como irmãos? Por que se sente

discriminado e quer nos agradar...? Não me parece.

Mente abertamente e sem nenhum receio quando afirma que o tradicionalismo substituiu o folclore, quando a verdade é exatamente oposta. Nós, os tradicionalistas, é que fomos lá nos confins procurar a dança perdida, entrevistar os mais velhos, colher os relatos e preservar a cultura genuína da nossa gente. Glaucus Saraiva, por exemplo, de que o autor sabe o nome mas de quem não conhece nada, apenas por pura paixão organizou o primeiro museu de brinquedos de campanha, em uma iniciativa que até hoje encanta as crianças e que ajudou a resgatar a memória da infância de antigamente.

Distorce os fatos quando alega uma suposta "hegemonia unidimensional" do tradicionalismo, dando como exemplo o fato de o churrasco ser a comida oficial do Estado. E daí? Isso não quer dizer que ignoremos a riquíssima culinária gaúcha, mas certamente nos leva a deduzir que o autor não passou nem perto do Acampamento Farroupilha, onde todos os que quiseram puderam experimentar uma tamanha variedade de pratos que deixariam Apicius ou Trimalcion extasiados. Essa é a verdade, para quem quiser verificar.

Mente, por fim, quando diz que o "tradicionalismo de espetáculo" é uma recriação e uma apropriação da História para fins inconfessáveis de dominação cultural. Se de fato se preocupa com o tema que aborda (o que não acreditamos) ele deveria é deixar de procurar o verdadeiro gaúcho nas churrascarias e colocar os pés na realidade dos fatos. Que conheça o Movimento antes de dizer que não há vida inteligente nele e que procure os fatos antes de alegar inanidades como a suposta "prova" de má consciência dos tradicionalistas com os intelectuais sulinos. Nunca ignoramos nenhum dos artistas citados, que, pelo contrário, sempre trabalharam os temas regionais com muita propriedade e que engrandecem a cultura gaúcha. Além do mais, ele é que não quer que nos expressemos, como se por não gostar de nossa arte resolvesse proibi-la. Pode ser que ele prefira ouvir "The Strokes" ou "Belle & Sebastian", mas só porque não o fazemos, somos bárbaros?

Tropeça na própria fúria ao perder de vista o conteúdo do que pretendia provar, exemplificando muito bem o próprio ditado que citou, já que correu por rios de palavras e demonstrou não ter alma alguma, em uma bela peça de paranóia e rancor com o Rio Grande que finge defender de nós, os gaúchos...

Eu não preciso perguntar pelo gaúcho. Eu sou um gaúcho. Meus filhos e meus amigos são gaúchos. Nasci em um rancho coberto de santa-fé erguido no meio do nada pelas próprias mãos de meu pai, um dos "despossuídos" que o autor menciona. Que não me venham falar do que ele e outros como eles sofreram. Eu vim de lá. Representando a cavalaria do Rio Grande cavalgamos pela Europa e por toda a América Latina e em toda parte fomos recebidos como irmãos. Essa alegria e esse limpo orgulho me bastam.

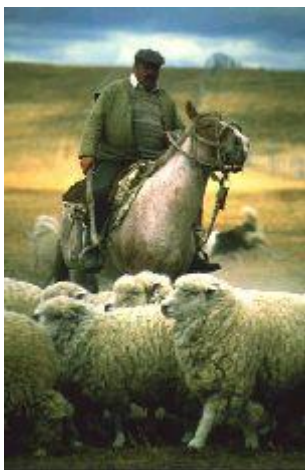
Pode até ser que de fato surjam parques temáticos com temas gauchescos, mas isso não afetará em nada a seriedade do nosso trabalho, indiferente aos modismos e tendências acadêmicas. Não temos medo da Disneylândia, tanto quanto do Mac Donald's ou do que quer que seja, porque não temos medo do futuro.

De resto, ainda bem que esse senhor não se intitula gaúcho. Pena que tenha nascido no Rio Grande do Sul.

(*) **Antonio Augusto Fagundes** é Mestre em Antropologia Social pela UFRGS

Arte & Cultura | 25/09/2004 | Copyleft 

Envie para um amigo [Versão para Impressão](#)



PRIEMIRA PESSOA

A Disneylandia de bombachas

A identidade que o senso comum registra do gaúcho é uma das tantas tradições inventadas, pelo mundo afora. O mito gaúcho é uma narrativa fixa de três combinações histórico-culturais: o republicanismo farroupilha, um comtismo crioulo, e um rústico positivismo estancieiro. A vulgarização fetichizada disso é o que chamamos de "disneylandia de bombachas".

Cristóvão Feil*

"Quando se corre muito, há que parar e esperar pela alma" (Provérbio dos índios Guarany, antigos habitantes do Brasil meridional).

Max Weber dizia que ninguém nasce religioso, mas torna-se religioso. Simone de Beauvoir sustentou que não se nasce mulher, mas torna-se mulher. Parafraseando os dois, diremos que, igualmente, ninguém nasce gaúcho, alguns se tornam gaúchos.

O gaúcho, segundo a mitificação tradicionalista, é o cálculo acumulado de uma imposição cultural inventada e cevada no ideário rude de uma certa elite do Rio Grande do Sul. Mendes Fradique escreveu, no início do século XX, a *História do Brasil pelo método confuso*, pois a sabedoria "gauchista" tentou arremedá-lo contando a história do Rio Grande do Sul. A confusão, e não o método, inspirou a plataforma do tradicionalismo de fancaria.

Os primeiros esboços desse constructo mental que procura representar o tipo ideal dos indivíduos nascidos na região mais meridional do Brasil foram dados por jovens líderes políticos republicanos, ainda no final do século XIX, todos seguidores do positivismo de Auguste Comte. Júlio Prates de Castilhos, fundador do Partido Republicano Rio-grandense (1882), foi um dos que passaram a fazer uma lenta e continuada apropriação dos despojos da Revolução Farroupilha (1835-1845). A modernização conservadora que propugnavam, e depois levaram a efeito na Província do Rio Grande do Sul, através dos governos de Castilhos e Borges de Medeiros, e mais tarde no resto do Brasil, com Getúlio Vargas, vinha a cavalo e estava adornada de toda a memória heróica dos revoltosos farroupilhas, ainda que respingado pelo sangue coagulado da escravidão.

A influência do positivismo

O pensamento comtiano curiosamente vicejou no pastoril cenário austral brasileiro. Embora positivista e reacionário no plano geral da modernidade, numa província xucra e áspera como o Rio Grande do Sul, o comtismo representava um verniz de civilidade e institucionalização republicana. Havia, pelo menos, algum pensamento. Basta saber que, ainda no período 1893-95, na chamada Revolução Federalista, foram mortos mais de 10 mil pessoas, entre civis e militares de ocasião, numa Província que contava com 1 milhão de almas, onde a secção da carótida por lâmina branca (degola) de prisioneiros era prática comum em ambos os lados - liberais e republicanos. Joseph Love chega a afirmar que, no Rio Grande, no final do século XIX, ainda vagavam "hordas semibárbaras egressas do regime agro-pastoril". Pelear era um meio de vida e de morte; especialmente, onde não havia trabalho assalariado regular no campo.

Comte, um dos tantos pensadores positivistas, concebia um mundo republicano, positivo (em relação ao ideal burguês da Revolução Francesa), organicista, não-estático, em evolução através de estágios civilizatórios, e com valores dispostos numa hierarquia. Havia o dogma da superioridade do amor sobre a razão. As mulheres eram superiores aos homens, por diversas razões, mas a principal era a do suposto predomínio dos sentimentos afetivos sobre os valores da razão, na alma feminina. Os negros eram superiores aos brancos. Os

latinos eram superiores aos anglo-saxões. Todos pelas mesmas imaginadas razões altruísticas e de valoração puramente moral.

Uma mitologia do mundo rural

O segundo e definidor impulso do tradicionalismo crioulo foi dado somente a partir de 1947, por jovens de classe média do grêmio estudantil do colégio estadual Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. Um movimento urbano, estudantil, pequeno-burguês, reivindicando e propondo uma mitologia do mundo rural, cuja unidade econômica era o universo da estância latifundiária agro-pastoril, seus símbolos, sua oligarquia militarizada, suas relações objetivas de trabalho, onde a acumulação primitiva estava fundada na escravatura, no abigeato, em terras havidas pela força das armas, pelo bandoleirismo, pelo saque, pelas vantagens da fronteira móvel, pela ausência do Estado, e pelo contrabando de mão-dupla; na esfera subjetiva, a estância foi matriz de relações de trabalho com conflitos não-manifestos, onde a relação patrão-peão estava dissimulada por laços de sociabilidade marcados pela mútua convivência em peleias contra os "castelhanos" ou contra facções políticas rivais. Relações de trabalho economicamente opostas, ainda não agudizada pelas contradições de classe, naqueles perdidos confins de coxilhas, ventos e horizontes sem curvas como o mar, mas que, no plano subjetivo é fator de solidariedade, coesão social e que tende a favorecer a unidade política.

Barbosa Lessa e Glaucus Saraiva acabam sendo os intelectuais orgânicos do chamado movimento tradicionalista gaúcho. Um oxímoro: "movimento tradicionalista". São palavras de sentido oposto: tradicionalismo pressupõe algo fixo no tempo; logo, não há movimento. Assim foi, e é. Eles, primeiro, recuperam o vocábulo "gaúcho" que sempre teve qualificação negativa, sendo sinônimo de desajustado social, um desclassificado teatino, guacho, peão andarilho, etc. Antes do re-cozimento da história, é preciso apresentar identidades, heróis, um verniz cultural, uma bravura, própria das solenidades da origem, na luz sem sombra da primeira manhã. Entretecer as narrativas que montarão o imaginário da "pequena pátria" (Comte) carente de identidade. Ao fazê-lo, emprestam-lhe um passado heróico de glórias infinitas, cujas ilustrações vivas, que o saber histórico não deixa mentir, são as revoluções por causas nobres e justas. Sendo a principal delas a Revolução Farroupilha de 1835 a 1845, com seus personagens míticos, sua bandeira republicana e autonomista, mesmo escondendo a ausência de uma consigna abolicionista.

A história como lenda

Escondem, aliás, tudo que possa cheirar a povo, à autenticidade das manifestações populares, seja do branco despossuído, do negro, do índio e da mulher. É carimbado com o selo do tradicionalismo somente a memória do regime patrimonialista latifundiário ou da história convertida em lenda das revoluções sulinas. Com isso, a história transforma-se numa redução narrativa degradada. Já não é mais história, mas fábula, lenda, alegoria. O passado é cuidadosamente recortado numa seletiva representação de fatos deformados ou exagerados. A invenção da tradição, como cálculo político de identidade e dominação, agora é um mosaico de fatos positivos prontos para serem exibidos como espetáculo, esquecendo os aspectos sempre revolucionários do republicanismo e dos elementos modernos do comtismo, como o respeito à mulher e ao negro.

Eles operaram com um pau de dois bicos: de um lado, uma expropriação da história; de outro, a montagem de uma representação histórica. Paixão Côrtes, um dos idealizadores do tradicionalismo de espetáculo, admite que "o Rio Grande do Sul é um dos Estados brasileiros mais pobres em folclore", e confirma: "o que assistimos é o culto das nossas tradições e não a vivência do folclore" (in jornal ZH, 22.08.1977). O tradicionalismo de espetáculo - inventado e curado nas charqueadas da ignorância - substituiu o folclore como fonte autêntica de manifestação popular na arte, na música, na poesia, nas cantigas e jogos infantis, na dança de perdas origens, no artesanato, nas narrativas orais das tantas etnias que cimentam a cultura meridional do Brasil, como os povos europeus, o judeu, o libanês, o palestino, o negro de diversas extrações africanas, e os indígenas que tem uma história riquíssima de vida pré-colombiana e depois com a experiência das reduções jesuíticas, na região missioneira.

O estereótipo do tradicionalismo

A cultura do Rio Grande do Sul é muito mais rica do que o estereótipo do tradicionalismo fetichizado. O tradicionalismo crioulo é excludente e autoritário, sufoca todas as outras manifestações culturais de um Estado múltiplo, colorido de etnias, artes, linguagens e imaginários, parecendo-se com um corredor que se recusa a esperar sua alma. Uma das provas desse fenômeno nocivo da hegemonia unidimensional do tradicionalismo é o da culinária, onde o churrasco parece ser o monarca das mesas sulinas. Existe até uma lei estadual que o consagra como "comida oficial do Estado". Nada mais inútil e tolo. E as ricas e saborosas culinárias das tantas etnias que temperam a mesa sulina? Numa região que teve nas charqueadas a base da sua economia, por longos decênios do século 19 e 20, o saboroso charque é pobremente servido de uma única forma, o "arroz de carreiro".

O tradicionalismo unidimensional e monotemático é um fator de inibição da criatividade e da livre manifestação

de tantas culturas em um solo generoso e multitudinário. Uma prova da má consciência do tradicionalista de espetáculo é a relação difícil e conflituosa que sempre tiveram com os intelectuais sulinos. Ignoram, por exemplo, Érico Veríssimo, o escritor que construiu a maior e melhor narrativa literária de uma região brasileira, teceu tipos inesquecíveis e que vivem entre nós como se fossem de carne e osso, tamanha a sua sensibilidade, força artística e exemplo ético. Ignoram Pedro Weingärtner, José Franz Lutzenberger e Vasco Prado, para citar alguns artistas plásticos de épocas diferentes, mas que tiveram como temática pictórica e escultural o homem e a alma do Rio Grande, nos cenários da querência pampeana, missioneira e serrana, nos utensílios, no vestuário, nos instrumentos de trabalho, nos hábitos, no cavalo, nas vacarias, nos aperos, etc., mas sem convergir para o fantasioso mundo artificial do tradicionalismo de espetáculo.

O uso da bombacha tem a sua introdução nos Pampas (seja brasileiro, argentino ou uruguaio) por uma dessas ironias do destino (e do oportunismo comercial dos ingleses): conta o pesquisador uruguaio, Fernando Assunção, que durante a guerra da Criméia (1854-56), as fábricas inglesas produziram um grande excedente de uniformes para o exército da Turquia, o qual era ornado pelas tais calças bufantes, e como o conflito teve curta duração, os comerciantes ingleses resolveram desová-las para as tropas da Tríplice Aliança na guerra contra Solano Lopez, do Paraguai.

A "ideologia do gauchismo"

Alguns críticos do tradicionalismo de espetáculo exageram ao classificá-lo como uma "ideologia do gauchismo". Não é nesse brevíssimo artigo que se debaterá a interessante polêmica, mas, desde já, não adotaremos tal categoria para tais propósitos. Trata-se de uma mitologia tão pobre e mal ajambrada que seria elogioso classificá-lo como "ideologia", de resto, uma categoria com múltiplas noções. Mas, sem dúvida, funciona como uma usina de produção de verdades, que preenche o vazio do desencantamento do mundo, fortalecendo o senso comum em detrimento do senso crítico. Cumpre a função de cobrir as lacunas e buracos de um imaginário popular que tem as ilusões cada vez mais erodidas pela pós-modernidade. Se não é um partido político na forma, milita politicamente em favor de uma "ordem" para todos, e um "progresso" para os eleitos.

Num mundo fetichizado pela miséria da mercadoria, os espelhos são inutilizados a tantos quadros por segundo. O homem, já sem espelho, auto-imagem, auto-referência, não se reconhece no mundo das coisas. É quando o tradicionalismo de espetáculo providencialmente estende espelhos simbólicos que oferecem um conforto identificador, um repouso ôptico, ao homem-multidão. Agora ele reconhece-se, agora ele identifica-se, ainda que na fantasia pilhada de uma ilusão galponeira. Tivesse bala na agulha, ousadia, empreendedorismo, o movimento tradicionalista gaúcho (MTG) poderia associar-se à Walt Disney Corporation no sentido de negociar o direito de ser objeto da dramaturgia materializada em parques temáticos e embalsamar mitologias e histórias. Uma mega disneylandia de bombachas é a aspiração mais legítima do tradicionalismo de espetáculo. A estância-fetice como sagração da vida boa, e o gaúcho, qual quixote temporão, se defendendo na coxilha da vida com um peleguinho já deslanado e a ferrugenta espada do tradicionalismo.

(*) Cristóvão Feil é sociólogo e ensaísta. Nasceu no Rio Grande do Sul.

Arte & Cultura | 17/10/2004 | Copyleft 

Envie para um amigo [Versão para Impressão](#)



Primeira Pessoa

Sobre festejar a cultura gaúcha

Leia o texto em resposta à publicação de *A Disneylandia de bombachas* de Cristóvão Feil

Evaldo Muñoz Braz*

Texto escrito em réplica à publicação de [A Disneylandia de bombachas](#) por Cristóvão Feil, em 25 de setembro de 2004.

Difícil compreender o intelectual Cristóvão Feil. Ele ataca os tradicionalistas formais ou a cultura gaúcha como um todo? Provavelmente ele ataca os tradicionalistas, e não tenho procuração em defendê-los, mas logo na introdução, ele garante que, no Rio Grande, não se nasce gaúcho, torna-se artificialmente gaúcho.

Bem, neste caso eu tenho que opinar, pois não tenho nada de artificial.

Nos últimos 20 anos, aproximadamente, grande parte dos intelectuais rio-grandenses optou por medir músculos, não com grandes desafios no desenvolvimento de teorias novas, que possam melhorar nossa sociedade. Nada disso. Nossos intelectuais gostam de mostrar sua inteligência atacando movimentos culturais locais, os quais, por acaso, tem boa acolhida por grande parte da população. Aliás, esta parte da população, já identificada por pesquisadores como Ruben Oliven, nada tem a ver com latifúndio, ou mesmo com nossa burguesia. Quer dizer, estes intelectuais lutam contra a preferência popular.

O fato é bastante estranho. Pois ninguém imaginaria um intelectual japonês malhando o samurai, ou um intelectual nordestino malhando o admirável vaqueiro. Ou um paulista malhando o seu caipira/caubói, super americanizado. Aliás, ninguém nem nota isso ou pensa criticar isto.

Feil começa logo com um erro sempre repetido no Rio Grande. Afirma que o gaúcho é uma invenção republicano farroupilha e positivista e latifundiária.

Ora, o positivismo odiava o gaúcho. Tinha-o como bárbaro, e bárbara a sua influência. Na época, foram massacrados criticamente Simões Lopes Neto e Alcides Maya. Este último com seu livro *Ruínas Vivas*, verdadeira obra-prima. Penso que é necessário ler mais um pouco antes de elaborar teses vazias.

O viés latifundiário já está desgastado. Quem leu Martin Fierro sabe que a cultura baseia-se primariamente no indivíduo sem posses. Lembrando Darwin, ele notou sobre o gaúcho: - Como podem indivíduos sem posse ter tanto orgulho? Quem leu Assunção ou Rodrigues Molas sabe que o gaúcho é pré-Fazenda. Quando ela institui-se, ele torna-se marginal. Depois, mais tarde, dela dependente.

Outra fator que o autor considera erroneamente é o de esquecer que o gaúcho, com suas idiosincrasias culturais, era conhecido previamente bem antes do Parthenon Cultural e mais ainda do Paixão Cortes.

O que consideramos cultura gaúcha, nós, os que se consideram gaúchos sem artificialismo, começou por volta de 1600 nos pampas da América do Sul. Pré-fazenda, pré-boi mas derivado da, isto sim, introdução do cavalo e da mistura da cultura ibérica com a cultura indígena. Bem, depois acontece o gado chimarrão, e a mistura estava completa. A cultura que nos atraiu e nos influenciou diz respeito ao tropeiro, ao carreteiro, aos rio-grandenses observados por Dreys, aos gaúchos nômades observados também por Dreys (1817 no Rio Grande), Luccock (1807 no Rio Grande), Darwin (1832 no Prata), Hörmeyer (1850 no Rio Grande), padre Schoenards (1900 no Rio Grande), Head (1820), matreros, peões, tumbeiros, peonas, e um variado gradiente de camponeses do pampa. Isto é o que nos afeta e atrai como gaúcho.

Acho, aliás, que o autor também erra de mão ao acusar o tradicionalismo (o qual, reafirmo, não tenho ligação) de preconceituoso com demais culturas, pois um dos símbolos do Rio Grande, por eles defendido não é Sepé Tiaraju, o cacique indígena defensor das Missões?

Outro fator, errôneo, defendido pelo autor e por vários intelectuais não gaúchos, mas apenas rio-grandenses, é suporem o Rio Grande isolado do mundo. Esquecem que pré-Parthenon Literário, já se escrevia literariamente sobre o gaúcho na França (Dumas), na Alemanha (Kal May), nos Estados Unidos (Walt Witman no portentoso *Leaves of Grass*), no mundo.

Porque escreviam sobre o gaúcho? Porque se tratava de um tipo diferenciado culturalmente, chamava a atenção, apenas isto. Culturalmente, repito, antropológicamente chamava a atenção, assim como outros tipos no mundo. Ora, seu *ethos*, ou seus epítetos são apenas fatores culturais, isto deve ser bem frisado. Ninguém o supõe especial de outros tipos brasileiros, não, apenas um agrupamento que tinha determinadas obrigações culturais (refiro-me ao tipo campeiro do passado) modais, ou seja que a grande maioria tinha obrigação de cumprir. Algumas destas obrigações, diga-se de passagem, compartilhadas com tipos de outras partes do mundo. Os "esboços de construção mental" não são invenção do Parthenon ou de Barbosa Lessa, mas de centenas de

viajantes estrangeiros que estiveram mais entre 100 e 200 anos atrás nos pampas argentinos, uruguayos e rio-grandenses e anotaram o comportamental de uma região situada no Rio Grande do Sul, Uruguay e parte da Argentina.

Aliás, por falar em antropologia, estes nossos intelectuais rio-grandenses, em guerra constante com a cultura gaúcha, parecem crer numa antropologia evolucionista, pré-Franz Boas, preconceituosa, etnocentrista e do século retrasado. Impressionante! Nossos intelectuais iluministas consideram as formas de estar-no-mundo somente as ditadas pela mídia (neste momento, o espaço aberto pela Agência Carta Maior é fundamental!).

Eu, pessoalmente recomendaria sempre este pessoal que ataca cegamente a cultura gaúcha, a buscar sólidas bases de informações históricas e fundamentalmente ligadas à antropologia cultural. Recomendo também pesquisarem quadros antigos em museus na Argentina, Brasil, Uruguay etc. E estudarem as letras de nossas músicas. Como diria Edgar Morin, não há um método padrão. Para emitir-se opinião sobre algo é preciso mais do que uma tese acadêmica que tenha por finalidade apenas instrumentalizar o futuro pesquisador em sua capacidade de pensar e organizar suas pesquisas. São necessários sistemas mais abrangentes de captação das informações, antes de dar gafes intelectuais.

Feil deve ser jovem, pois vê com novidade com a velha história da bombacha ter origem fora do Rio Grande. Já comprovadamente com mais de 140 anos. Deus meu, até o *kilt* escocês tornou-se tradicional com menos tempo. Mas nossas reminiscências primeiras vêm do tempo do chiripá.

Quando comemoramos a Revolução Farroupilha (acho que todos os estado tem suas comemorações principais não é mesmo? Os cariocas não tem seu supercarnaval?), estamos aproveitando para celebrar uma raiz cultural e não defendendo o latifúndio. Basta ouvir nossa musica, sempre com forte crítica social embutida, desde a payada de Hernandez. Neste mar atual de mediocridade da música brasileira, parece que somos uma ilha de inconformismo político/social. Mas isto não é visto pelos críticos de nossa cultura. Na época da ditadura no Uruguay, é bom lembrar, a poesia Martin Fierro era proibida naquele país.

Fazendo um ligeiro parênteses, Francisco Ferreira de Souza, cirurgião-mor do 1o Regimento do Rio de Janeiro, acompanhando por mar sua unidade até o Rio Grande em 1773 (as notas só seriam publicadas em 1777), ou seja, 230 anos atrás, comenta sobre o povo local: "A ler e escrever se não empregam, pois todo destino é arrear e bolear." Isto parece ser indicativo de nosso passado.

A cultura gaúcha tem sido malhada, no Rio Grande (é sempre bom lembrar que esta alucinação é interna), na falta de um desafio intelectual maior, por pessoal de esquerda e direita. Note-se o vazio de ambição de nossos intelectuais.

Marx previa que o capital, na sua ânsia por expansão, buscaria o máximo de espaço geográfico (e isto vale tanto com relação ao petróleo do Iraque como nosso espaço cultural no Rio Grande), homogeneizando ao máximo os gostos, para vender seu produtos (todo lixo de diversão divulgado pela grande mídia, esta, extremamente ligada ao somente comercial). Marx continua mais atual como nunca.

O patrulhamento cultural efetivado por estes "intelectuais" servem apenas para propósito de nossa alienação. Devemos sambar (nada contra esta invenção do Estado Novo) apenas, ou ouvir a musica caipira (atual) pasteurizada (que saudades de Tonico e Tinoco)?

Ora, olhem as estatísticas, algumas décadas atrás, a maior parte da população do Rio Grande (e do Brasil) era do campo. Descendemos de pessoas do campo. Eu descendo de pessoas do campo. Peões, carreteiros. Uso diariamente, sem saber, assim como muitos dos "intelectuais", dezenas de palavras de origem campeira. Algum resto de comportamento, provavelmente também ficou em nós. Porque o preconceito então? Difícil responder. Talvez falta de opção para o desenvolvimento de teses? Fraqueza intelectual? Duvidosa orientação via universidade? Na Itália, o filosofo Gramsci já identificava esta postura da intelectualidade italiana de "tradição livresca e abstrata" que se sente mais ligada a poetas e escritores medíocres do que aos camponeses de seu país.

Por outro lado, o nosso estado tem uma tradição de retribuir com fama aqueles que atacam a cultura gaúcha. Há o caso de historiadores famosos no Rio Grande do Sul, que devem seu prestígio não à qualidade de suas pesquisas, mas apenas ao fato de incluírem em seus textos opiniões maniqueístas sobre nossos costumes, história, culinária, música, festas regionais etc. A atração é irresistível, pois imediatamente se abrem jornais e a mídia como um todo aqui no estado. E também imediatamente o intelectual entra para o Hall da Fama fácil.

O autor diz que a cultura gaúcha sufoca outras formas de cultura dentro do Rio Grande. Caso seja verdade, o

que não é, de quem seria a culpa se outras formas não aparecem, se não da própria Academia. Se estes intelectuais não perdessem tanto tempo atacando o gaúcho poderiam encontrar tempo para novos desafios. Aliás, na falta de pesquisadores da Academia é que surge uma etnologia gaúcha eventualmente improvisada. E também, parece-me, não é função dos tradicionalistas fazerem o papel das Universidades e demais instituições de ensino e pesquisa cultural ou mesmo folclórica.

Agora, por favor pessoal, nascemos aqui, fica difícil para mim, interessar-me primeiramente por outras culturas, preferir Chitãozinho a Jayme Caetano Braun. Como posso não ser atraído pela leitura de Ivan de Pedro Martins, ou Darcy Azambuja, ou Cyro Martins, ou Tabajara Ruas, ou Pedro Wayne, ou Érico Veríssimo, ou Guiraldes, ou dos contos gaúchos borgeanos? Como posso não gostar de mate, milongas, gineteadas, churrasco etc? Como posso não gostar da poesia de Luis Menezes? Evidentemente que isto não me impede de ler e gostar de Conrad, Elliot, Kafka, Fernando Pessoa, John dos Passos, Jorge Amado, Thomas Man e tantos outros, gostar de jazz etc. (aliás, nosso estado é rico em excelentes bandas de rock).

Vou terminar com uma frase do grande escritor argentino, Jorge Luis Borges: ²Assim como os homens de outras regiões pressentem e admiram o mar, nos veneramos a planície sob os cascos dos cavalos”.

(*) Evaldo Muñoz Braz é autor de *Manifesto Gaúcho e Retratos do Gaúcho Antigo, a genese de uma cultura*.

Arte & Cultura | 24/10/2004 | Copyleft 

Envie para um amigo Versão para Impressão



PRIMIERA PESSOA

O mito do gauchismo-pardal

Todo mito moderno é um roubo e uma ocupação: rouba a história e ocupa a imaginação do homem abstrato; devolvendo-lhe um arremedo de identidade. O mito do gauchismo, emalado nos arreios do tradicionalismo estancieiro, foi duramente criticado por Érico Veríssimo em “O tempo e o vento”, através do personagem Floriano Cambará.

Cristóvão Feil*

*"Sentido! – disse ele a um negro,
queres passar por bonito,
e és no entanto o mais maldito
que se encontra em todo o pago;
um favor é o que te trago,
quando ao serviço te admito".*

(*"Martin Fierro"*, de José Hernández, publicado em 1872. Aqui, Martin relata o tratamento dado aos peões nas estâncias do pampa. Canto XXV, 936.)

Jorge Luis Borges, um dos mais imaginosos escritores da literatura universal, tem um conto breve e trágico chamado *A intrusa*; tão breve, quanto denso de significações – uma das marcas da escrita borgeana. A trama é simples e direta: no final do século 19, dois irmãos, muito unidos, que “foram tropeiros, carneadores, ladrões de gado e, uma ou outra vez, trapaceiros”, começam a compartilhar dos serviços domésticos e sexuais de Juliana Burgos, uma morena de olhos rasgados e sorriso fácil. Na alma xucra dos irmãos brota o “amor monstruoso”, e “isso, de algum modo, os humilhava”. Então, vendem Juliana Burgos (“que era uma coisa”) a um prostíbulo; mas cada um, escondido, continua a freqüentá-la. “A infame solução havia fracassado; os dois haviam cedido à tentação de fazer trapaça”. Caim andava por ali. À intrusa Juliana Burgos, “que trouxera a discórdia”, só restava a morte. A sua eliminação é uma forma insana de reconciliá-los, na obrigação de esquecer-la.

Juliana Burgos

A metáfora borgeana, nesse caso, simboliza a intolerância do narcísico para com o Outro. O indesejado interpõem-se frente às imagens que desejamos ver ou ser. O narcisismo quer mais do mesmo – daí a sua intransigência para com o diferente. O diferente precisa ser eliminado. As Juliana Burgos precisam morrer. Suas existências são motivo de medo e sofrimento para a arranjada e sempre precária normalidade dos iguais.

A evocação borgeana não é fortuita. Senão, vejamos: no Rio Grande do Sul, os formuladores e militantes políticos do tradicionalismo gauchista tem medo de Juliana Burgos. Tem medo do diferente. Por isso querem impor a ordem unidimensional da estância. Ramiro Frota Barcellos, na obra *Rio Grande, tradição e cultura* (1915), é de uma clareza solar quanto aos propósitos delirantes do tradicionalismo estancieiro: "O que agora se verifica, mercê do atual movimento tradicionalista, é a transposição simbólica dos remanescentes dos 'grupos locais', com suas estâncias e seus galpões para o coração das cidades. Transposição simbólica, mas que fará sobreviver, na mais singular aculturação de todos os tempos, o Rio Grande latifundiário e pecuarista". O arrebatado Ramiro manifesta aqui uma violência latente, uma mentalidade-pardal, uma agressividade incomum na imposição de valores míticos que ele quer que sejam dominantes na região.

O tradicionalismo estancieiro de espetáculo constitui-se, a rigor, em um mito; um mito que trabalha para legitimar-se (e tornar-se exclusivo) como fala, hábitos, costumes, valores e discursos, através dos métodos da naturalização. Em sociedades escassamente letradas, como o Rio Grande do século XIX, o discurso do poder tem trânsito e capilaridade social difícil, e o grau de inteligibilidade é próximo do zero. Como fazer para legitimar o mando e, sobretudo, os valores hegemônicos de elites econômicas e culturais num cenário humano tão tosco e refratário? "Ele teria de ser feito – assinala José Murilo de Carvalho – mediante sinais mais universais, de leitura mais fácil, como as imagens, as alegorias, os símbolos, os mitos".

Esses "sinais mais universais", agora, são compreendidos e assimilados por todos. E de forma lenta, acumulativa e constante vão se naturalizando no senso comum das populações, sejam letrados ou iletrados. Não foi Mirabeau que afirmou ser necessário "apoderar-se da imaginação do povo"? Assim, o mito moderno é um roubo e uma ocupação: rouba a história e ocupa as mentalidades, em troca empresta-lhe um simulacro de identidade social. A mitologia é um processo lento, mas compensado por eficácia imagética, democratização horizontal dos discursos, porosidade étnica, nivelamento cognitivo, abolição do conflito, universalidade social, ocultamento do propósito original e seu caráter de sujeição/disciplinamento de classes, aparenta neutralidade política, e, o mais importante, naturalização simbólica de tudo que faz parte do universo mítico. Exemplo: "é da natureza do gaúcho ser assim, bravo, indômito, grosso e rebelde". Essa é a típica fala do mito: um constructo, um arranjo manipulatório com a moldura do Natural, visando objetivos de normalização, sujeição e disciplinamento social. O gaúcho (em abstrato) não é natural, assim como o social igualmente não é natural. Tanto o gaúcho coletivo, abstrato, quanto o cidadão conceitual são inventivas construções histórico-sociais. Ambos estão inscritos numa ordem cultural – que é histórica – que pode e deve passar pelo crivo de amiúdes revisões críticas, especialmente se estiverem a serviço de objetivos dissimuladamente políticos, comerciais ou falsamente culturais, como é o caso do gauchismo-pardal. As máscaras sempre caem, mas pode-se abreviar essa fatalidade. Roland Barthes diz que "a função do mito é transformar uma intenção histórica em natureza, uma contingência em eternidade". "Passando da história à natureza – prossegue Barthes – o mito faz uma economia; abole a complexidade dos atos humanos, confere-lhes a simplicidade das essências, suprime toda e qualquer dialética, qualquer elevação para lá do visível imediato, organiza um mundo sem contradições, porque sem profundidade, um mundo plano que se ostenta em sua evidência, cria uma clareza feliz: as coisas parecem significar sozinhas, por elas próprias".

O mito é naturalizado

No mito, a natureza das coisas é auto-explicada e, por isso mesmo, tautológicas, onde se define o mesmo pelo mesmo: "gaúcho é gaúcho; sendo gaúcho você é naturalmente tradicionalista; sendo tradicionalista você é naturalmente gaúcho". E estamos conversados, permanecemos prisioneiros de uma sentença irrecorrível. Quem estiver fora dessa perspectiva estreita está fora do mundo. É o diferente que precisa ser eliminado. É a temida Juliana Burgos. Sartre diz que a tautologia "é um duplo assassinato: mata-se o racional porque ele nos resiste, mata-se a linguagem porque ela nos trai". Além disso, a tautologia (muito presente no discurso gauchista) protege-se covardemente atrás do "argumento de autoridade" ou, como diz o senso comum, o ultimato vil do "carteiraço": "é assim porque é assim"; "porque é, e ponto final", "eu sei porque sou fulano de Tal". Ou, o que é pior: "eu sei porque sou seu Pai". Barthes diz que a tautologia é uma recusa à linguagem, e toda recusa à linguagem é uma morte: "a tautologia fundamenta um mundo morto, um mundo imóvel". Os assassinos de Juliana Burgos nunca dialogam com ela, nem a chamam pelo nome; uma "coisa" não merece razão e sensibilidade, merece o silêncio, a morte e o repasto do carancho rapineiro.

O processo mítico começa a desenvolver-se – assegura Raoul Girardet – "a partir do momento em que se opera na consciência coletiva o que se pode considerar como um fenômeno de não-identificação". O mito trata, então, de fornecer uma postíça identidade imagética às sensibilidades humanas. Como as ilusões estão todas mortas e enterradas, o mito as substitui por imagens de efeito placebo face às inquietações da modernidade avançada.

Lacan diz que "o faltante é estruturante". Pois, o fenômeno do tradicionalismo narcisista, em que pese a sua simbologia simplória e sem saliências, encerra profundas repercussões na alma popular. O mito por ser despolitizante; opera uma ponte entre o passado e o futuro, sem tocar no presente, porque aí habita a política.

O futuro será iluminado e glorioso como o passado na versão estancieira, e seleciona imagens identitárias, espelhos dourados ao homem-multidão. Não somos como os animais, que se alimentam do imediato; a alma humana se alimenta – sobretudo – do faltante, do sonho, da projeção dos contornos do futuro anunciados pelos filósofos, profetas, demiurgos e utopistas. A matéria dos sonhos é feita de retalhos mesclados de utopia, memória, esquecimento, superstição, consciência, inconsciência, religião, encantamento, frustração, satisfação, magia, ciência, lucidez e loucura. O “desencantamento do mundo” (Weber) nunca se completa, novos encantamentos modelam-se nos rescaldos da história, novos mitos surgem para roubar-nos a humanidade, a imaginação e a autonomia. Estudos em neurologia informam que os dois hemisférios do cérebro humano guardam, cada qual, a sua própria sintaxe de pensamento e expressão lingüística; de um lado, o pensamento e a fala simbólica, pré-lógica, mágica (de que se nutre o mito); de outro, se sobressai o pensamento e a linguagem conceitual e lógica (de que se nutre a ciência). Isso propicia o retorno do velho – mas sempre atual – tema binário da alienação e emancipação. Seja que categoria ou linha epistemológica estivermos tratando – lenda, tradição inventada, comunidade de imaginação, mito, má consciência, razão instrumental, ideologia, produção de verdades, etc. –, tudo se sintetiza dialeticamente no tema da alienação/reificação do homem sem qualidades. O mito é uma das tantas moradas da alienação e da heteronomia.

Quem tem medo de Floriano Cambará?

A história do Rio Grande foi contada por um sem-número de historiadores, cientistas sociais, etnógrafos, antropólogos, etc., muitos autênticos, alguns impostores. Mas, é na literatura vertida em arte, pela imaginação poética de Érico Veríssimo (1905-1975), que ela encontra o seu relevo mais saliente e expressivo. A historiografia é feita de memória e esquecimento; a memória dos vencedores e o esquecimento dos vencidos. Érico não esqueceu de ninguém, nos mais de dois séculos do mosaico humano rio-grandense que ele narrou.

Floriano Cambará é um personagem do grande escritor brasileiro, que, num exercício de metalinguagem, faz de Floriano o autor do romance “O tempo e o vento”, que abarca o período de 1745 à década de 1950. É um segundo eu do escritor, um álter ego, que ele dá vida nas mais de duas mil páginas da homérica narrativa ficcional sobre o Rio Grande do Sul – um Estado dividido em dois, social e economicamente; a metade Norte, onde o módulo rural é minifundiário, tem padrões socioeconômicos relativamente elevados; a metade Sul, onde a matriz produtiva é o latifúndio, o desenvolvimento humano é degradado, não houve industrialização e as poucas cidades são antigas, bonitas e decadentes.

No dia 17 de dezembro de 2005, Érico, se estivesse vivo, completaria 100 anos. Está, pois, aberta a temporada de debates sobre a obra desse escritor notável que ajudou a interpretar parte da complexidade, riqueza cultural, polissemia e polifonia do Rio Grande em que nasceu, sem nunca agasalhar-se nos pelegos do tradicionalismo piolho-de-estância. Sacrificam-se sozinhos, como perdiz no arame, os que suspeitam que “O tempo e o vento” seja mais uma tediosa obra regionalista de filiação passadista. O romance é um vasto e febricitante painel, em alto e baixo relêvo, das humanidades e desumanidades que o solo meridional experimentou na sua curta e densa história. “O tempo e o vento” não é uma narrativa plana e lisa, é sim uma narrativa com História (simbolizada pelo Tempo, pelas mulheres fortes, homens nem tanto, famílias, lutas pelo poder e pela vida) e com Natureza (simbolizada pelo Vento, pelas coxilhas, pelo pampa e pela terra). Terra essa que começa, pouco a pouco, a sair da natureza para entrar na história, através da apropriação privada, a estância, o latifúndio, os arames, o gado chimarrão, o charque, as vilas, as revoluções, a cidade de Santa Fé e o mítico Sobrado – o cenário privilegiado da intrincada trama de Érico.

Os trovões da razão crítica

Floriano Cambará é um crítico afiado do tradicionalismo gauchinho, bem como outros personagens do grande romance. É ilustrativo o diálogo áspero que travam Terêncio, o latifundiário, de um lado, e Floriano, o escritor, de outro.

“É estranho – observa Terêncio – que logo um escritor aí esteja a desprezar, a atacar os símbolos, as metáforas, os mitos. Como seria possível gerarem-se e manterem-se civilizações sem o uso de símbolos? Como poderia o homem transmitir a cultura aos seus descendentes, através dos séculos, sem os símbolos?”

“Estou absolutamente de acordo com o senhor – replica Floriano. – Como poderia haver arte literária sem símbolos? Como poderia existir arte poética sem palavras, símbolos ou metáforas? Mas quero que me entendam... A linguagem figurada pode ser perfeitamente inocente, além de bela e *necessária*. Mas o perigo começa quando o povo toma ao pé da letra, como verdades absolutas, os símbolos e metáforas políticas e sociais engendrados de acordo com o interesse imediato de quem os emprega.”

Lá fora, para sugerir tensão à narrativa, uma noite chuvosa e com trovoadas estremece molhando Santa Fé. Parece que os elementos celestes querem intervir na peleia verbal.

“Terêncio parece estonteado.

- Mas é assustador! – exclama. – Os senhores destroem tudo, não acreditam em nada e em ninguém! Se nós os gaúchos jogamos fora os nossos mitos, que é que sobra?

Floriano olha para o estancieiro e diz tranqüilamente:

- Sobra o Rio Grande, doutor. O Rio Grande sem máscara. O Rio Grande sem belas mentiras. O Rio Grande autêntico. Acho que à nossa coragem física de guerreiros devemos acrescentar a coragem moral de enfrentar a realidade.

- Mas o que é que o senhor chama de realidade?

- O que somos, o que temos. E não vejo por que tudo isso deva ser necessariamente menos nobre, menos belo ou menos bom que essas fantasias saudosistas do gauchismo com que procuramos nos iludir e impressionar os outros”, completou Floriano Cambará.

Roland Barthes se estivesse ali no sobrado de Santa Fé, naquela noite barulhenta e molhada, certamente, comentaria sobre o debate do mito gauchista: “A sua clareza é eufórica!”

* * *

Os brabosos gauchólogos que quiseram responder-me não lograram êxito. Serviço como de maula, *Che!*

É preciso, primeiro, que acertem o alvo. Que respondam ao objeto do artigo (o tradicionalismo gaucheiro), não a mim. Me esqueçam! Para tanto, é conveniente, por questões de elegância e estilo, já dizia o velho Machadinho, usar menos o pronome pessoal “eu”. E, prudência! Narciso, como os nossos gauchistas, morava no aconchego de um mito, e, coitado!, ao ver a sua imagem nas águas turvas do próprio ego, caiu no poço líquido de sua vaidade e morreu afogado! Por isso, amigos, cuidado ao sapatear nas restingas do vosso ego. Segundo, apeiem dos matungos, desarmem-se, limpem o barro das botas, lavem as mãos e retornem comportados às aulinhas de leitura e interpretação de texto: jamais critiquei a cultura gaúcha, que qualifico como das mais originais e saborosas do Brasil, tamanha a diversidade étnica do RS, mas sim o deformado, mítico e exclusivista “tradicionalismo-pardal”. Como sabemos, os pardais, depois de instalados numa querência, expulsam todos os demais pássaros habitantes da região.

Mais picardia, menos brabeza, senhores! Minhas armas são apenas palavras, que formam idéias, que formam pensamento, que formam linguagem, que formam, que reformam, que transformam, que retornam e que começam tudo de novo!

A polêmica Farroupilha " 17/01/2021

FLAVIO AGUIAR*

O mito farroupilha e suas narrativas continuam sendo balizas fundadoras da cultura sulriograndense, gaúcha e brasileira 185 anos depois de sua deflagração (setembro de 1835) e quase 176 depois de seu fim (fevereiro/março de 1845), a “Revolução Farroupilha” voltou a ser manchete. Desta vez, através de seu hino, acusado de ser racista por várias personalidades, devido, sobretudo, aos versos “povo que não tem virtude/acaba por ser escravo”. A polêmica foi deflagrada pela atitude da bancada do PSOL, na posse da atual Câmara de Vereadores em Porto Alegre, não se levantando quando o hino foi executado. Em primeiro lugar, devo fazer alguns esclarecimentos. Nada tenho a ver com a atitude da vereadora

Comandante Nadia, repreendendo a bancada do PSOL, pelo que considerou uma “atitude desrespeitosa”. Muito menos com o projeto de lei absolutamente idiota apresentado a seguir, obrigando todo mundo a ter uma “atitude de respeito” quando da execução dos hinos do Estado e do País. Considero que cada um ou uma deva ter a liberdade de se comportar como quiser durante a execução de hinos: levantar-se, ficar sentado, virar-se de costas, sair da sala, plantar bananeira, etc., desde que não agrida ninguém. Durante os anos da ditadura militar de 1964 me recusei a cantar o Hino Nacional, só voltando a fazê-lo no dia da primeira grande manifestação pelas Diretas Já, no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, em 25 de janeiro de 1984. Isto posto, passo a considerar os termos da polêmica, e sua moldura histórica.

Concordo com a argumentação do artigo de Florence Carboni e Mario Maestri, “A linguagem escravizada”, publicado aqui neste aterraeredonda, para quem a acusação de racismo anti-afro na letra do hino é anacrônica, levando-se em conta sua composição na primeira metade do século XIX. Isto não me impede de respeitar a posição de quem não queira aceitá-lo como representativo de seu sentimento antiracista. Deve-se ressaltar que as polêmicas em torno da letra oficial do hino são antigas e muito variadas, envolvendo até mesmo sua autoria, atribuída a Francisco Pinto da Fontoura, filho, porque havia o pai. Ao longo dos anos o filho ganhou o apelido de Chiquinho da Vovó. A adoção oficial da letra do hino se deu na década de 1930, depois de uma polêmica em torno de três versões para ela. E a letra foi modificada durante a ditadura civil-militar de 1964, retirando-se uma estrofe que falava em tiranias, glórias “gregas” e virtudes “romanas”. Ainda se discute se a retirada da estrofe se deu por razões ditatoriais, diante da palavra “tirania”, ou por arroubos regionalistas, diante da menção aos “estrangeiros” gregos e romanos. Essa menção, no entanto, rima com o “Zeitgeist” da época de sua composição, o “espírito do tempo”: neste se misturavam arroubos românticos com uma moldura intelectual com traços remanescentes de um neoclassicismo tardio, herdeiro do século XVIII. Como de resto aconteceu com todo o Romantismo brasileiro. O que pretendo é ver a presente polêmica dentro da moldura das variadas interpretações do levante contra o Império Brasileiro no Rio Grande do Sul, que levou à mais longa guerra civil da nossa história. Nestas interpretações, o que tenho visto, muitas vezes, é uma tentativa frequente de reduzir sua complexidade a leituras lineares, unidimensionais, que levam a uma simplificação positiva ou negativa de seu significado. E que desprezam a sua longevidade como algo importante para sua compreensão. É bom lembrar que a entronização definitiva da “Revolução Farroupilha” como evento histórico relevante e positivo se deu apenas durante os movimentos republicanos mais para o fim do século XIX e depois, com a proclamação da República, em 1889. Antes houve manifestações esporádicas sobre sua relevância, como a publicação das Memórias de Garibaldi em jornais do Rio Grande do Sul e do Rio de Janeiro, ainda em meados do século XIX, com a “bênção” nada mais nada menos do que de Alexandre Dumas, Pai, depositário e editor do manuscrito do caudilho italiano. O livro, apresentado como uma autobiografia algo romanceada, enaltece, decididamente, o perfil moral dos rebeldes rio-grandenses, com quem

Garibaldi manteve alguma correspondência depois de sua volta à Europa, embora esporádica. Publicado em folhetim no Rio Grande do Sul e no Rio de Janeiro, estas “Memórias” tiveram grande repercussão, por ser seu autor (embora a chancela fosse do pai de “Os três mosqueteiros”, de grande prestígio no Brasil) e personagem já um caudilho de renome internacional, promovendo a efígie do gaúcho graças ao poncho branco que costumava usar, tanto nas campanhas militares quanto nas manifestações políticas.

Outro marco importante foi o romance de Alencar, “O gaúcho”, publicado em 1870, que enaltece Bento Gonçalves, embora mantenha críticas ao movimento rebelde. Tenho por mim que o personagem Loredano, o ex-padre italiano vilão de “O Guarani”, publicado em folhetim em 1857, deva ter sido inspirado, ainda que de longe, nos italianos que lutaram com os Farroupilhas, “estrangeiros” que tinham fama de corsários e bandidos. Esse foi o caso do romance “O corsário”, de José Antonio do Vale Caldre e Fião, de 1851. Mesmo no romance “A divina pastora”, do mesmo, publicado em 1847, embora o personagem central seja um farroupilha, a revolta é vista criticamente. A República Rio-Grandense, seu nome oficial, também ficou conhecida pelos nomes inicialmente pejorativos de “República de Piratini”, alusão a sua primeira capital, apresentada como um vilarejo nos confins do Império vencedor, e “República dos Farrapos”, alusão a ideia algo enganadora de que seus líderes e comandados vestiam andrajos. Uma das obras que consagrou o nome “República de Piratini” foi o livro “Guerra Civil no Rio Grande do Sul”, do historiador Tristão de Alencar Araripe, publicada no Rio de Janeiro em 1881, muito crítico em relação ao movimento rebelde. Político do Partido Liberal, Araripe governou a província de 5 de abril de 1876 a 5 de fevereiro de 1877, nomeado pelo Imperador.

Foi somente depois da entronização positiva do movimento rebelde na historiografia rio-grandense, como na extensa obra de Alfredo Varela, História da Grande Revolução, de 1933, que termos como “Piratini” e “Farrapos” passaram a ser vistos como verdadeiros “Lieux de Mémoire”, na acepção de Pierre Nora, batizando o primeiro o Palácio do Governo do Estado, a partir de 1955, e o segundo dando nome a uma das principais avenidas da capital gaúcha, inaugurada em 1940. Outro nome pejorativo dado à República foi o de “República das Carretas”, alusão ao caráter itinerante de sua capital, que perambulou entre os municípios de Piratini, Caçapava (hoje dita do Sul) e Alegrete. Depois da proclamação da República criou-se uma versão altamente simplificadora do movimento, apresentando-o como uma antecipação do movimento republicano e até mesmo abolicionista, devido à formação de seus esquadrões de “Lanceiros Negros”, com escravos a quem se prometia a liberdade.

Quanto à antecipação da proclamação da República, há algo de muito verdadeiro nisto. Afinal, o general Netto, que a proclamou, o fez diante da tropa formada depois da batalha do arroio Seival, em 10 de setembro de 1836. E

Netto não era, originalmente, republicano. Se proclamou a República, o fez pressionado por oficiais de patente inferior, como Lucas de Oliveira e Pedro Soares. Da mesma forma, em 1889 o Marechal Deodoro, que também não era republicano, viria a proclamar a República no Campo de Santana, diante da tropa formada, e também pressionado por militares de patente inferior à sua. Enfermeiro, febril, achava que apenas depunha um ministério... E o traço militar permanece candente – para não dizer incandescente – na nossa história “republicana” até os dias de hoje.

O levante farroupilha foi um fenômeno extremamente complexo, e continua sendo, graças à amplitude das interpretações históricas sobre ele. Apesar de sua variedade, pode-se dizer que há duas grandes balizas que orientaram estas interpretações. De um lado, há a interpretação “eufórica”: foi um movimento republicano, democrático em sua essência, graças à “democracia” que caracterizava a estância brasileira fronteiriça. No limite, foi um movimento que antecipou o abolicionismo no Brasil, movimento que ganhou corpo mais robusto apenas depois da Guerra do Paraguai, embora literariamente fosse vigoroso desde antes. Um dos melhores testemunhos desta interpretação, sem prejuízo de outros, é o livro “Garibaldi e a Guerra dos Farrapos”, de Lindolfo Collor, lançado em 1938 pela Editora José Olímpio. Há algo de exagero em declarar todo o movimento como abolicionista. Se é verdade que havia abolicionistas nele, seu setor financeiramente hegemônico, o dos estancieiros e charqueadores fronteiriços, convivia muito bem com a escravidão. É verdade que não se pode comparar diretamente o universo das estâncias rio-grandenses, que eram um misto de unidades produtivas com unidades de defesa militar, com as fazendas cafeeiras ou açucareiras de mais ao norte do país. Naquelas não era incomum serem armados até os escravos, além da peonada, diante das necessidades de defesa e ataques fronteiriços. Mas daí a dizer que as estâncias eram “democráticas” vai uma distância enorme. Do outro lado, há a interpretação “disfórica”, que caracteriza o movimento como de todo reacionário, completamente dominado pela oligarquia latifundiária da fronteira rio-grandense, escravista e autoritária, tendo por base as disputas econômicas entre esta classe e as autoridades do centro do país em torno de temas como os impostos sobre a produção do charque nacional, que favoreciam a importação do charque platino (o que é verdade). Esta interpretação ganhou impulso entre gerações mais novas de historiadores, influenciados alguns pelo ideário marxista, outros pela tese de doutorado de Fernando Henrique Cardoso, “Capitalismo e escravidão no Brasil meridional”, de 1961. Na minha opinião, ambas as coordenadas tendem a deixar em segundo plano um aspecto fundamental da Revolta Farroupilha, qual seja, o das implicações políticas. A primeira diminui este aspecto em nome de uma aura de “superioridade moral” dos rebeldes sulinos, baseada em ideias, que hoje podemos considerar fantasmagóricas, como a de “democracia” nas estâncias militarizadas que ocupavam a fronteira com os territórios platinos. A segunda, colocando os aspectos econômicos no primeiro plano, e há algo de veracidade nisto, deixa de valorizar a intriga política que acabou por sustentar a mais longa guerra civil da história brasileira. Levo em conta que a história deste

levante rio-grandense do século XIX é inseparável de um capítulo ainda insuficientemente delineado na historiografia brasileira, qual seja, o da Maçonaria – como de resto, em toda a América Latina e mesmo nos Estados Unidos. Longe de mim reivindicar condição de especialista em assunto tão complexo. Mas pelo que pude depreender, na primeira metade do século XIX havia, pelo menos, duas grandes tendências nas lojas maçônicas brasileiras: a “Azul”, monarquista, e a “Vermelha”, republicana. Esta segunda tendência teria uma penetração ampla entre a jovem oficialidade no Rio Grande do Sul, contaminada pelo contato com seus congêneres uruguaios, embora muitos destes contatos se dessem, primeiro, através de confrontos militares. Esta tendência nos faz entender por que razão jovens oficiais, como Lucas de Oliveira e Pedro Soares, pressionaram o general Netto para que proclamasse a República, na sequência da vitoriosa batalha do Arroio Seival, em setembro de 1836. Tenho para mim que esta tendência maçônica ajudaria a explicar a bandeira da República Riograndense, consagrada em desfile militar na cidade fronteiriça de Piratini, elevada à condição de capital da República, ainda naquele mesmo ano: dois triângulos, o superior verde e o inferior amarelo, cortados por uma faixa vermelha, sem brasão, coisa que seria adotada somente depois da proclamação da República, em 1889. Os dois triângulos provinham da bandeira brasileira, sendo o verde representativo da Casa Portuguesa de Bragança, de que D. Pedro I era parte, e o amarelo da Casa Austríaca dos Habsburgo, de onde vinha sua esposa, D. Leopoldina, tia do futuro imperador Franz Joseph I (casado depois com Romy Schneider, ops, quero dizer, Sissi ou Elisabeth da Baviera) e do malgrado e infeliz imperador do México, Maximilian, ambos primos de D. Pedro II. Isto relativiza, por exemplo, a consideração de que o primeiro impulso do levante gaúcho seria separatista. Tratava-se de uma disputa de poder local, regional e talvez nacional. Ainda assim, duvido que os primeiros rebeldes de 1835 quisessem tomar o poder no Rio de Janeiro. Queriam tomar o poder em Porto Alegre, e foi o que fizeram, partindo da Praia da Alegria, do outro lado do Rio Guaíba, com as armas e os batelões assinalados. As intrigas políticas envolviam os estancieiros militarizados da fronteira, os charqueadores predominantes na região de Pelotas, e os militares e políticos favoráveis aos governos da Regência, durante a menoridade de D. Pedro II. A presença da Maçonaria ajuda a entender também como e por que os rebeldes do Rio Grande do Sul tinham ligações com o centro do Império. De outro modo não se consegue explicar a facilidade com que Bento Gonçalves, feito prisioneiro e transferido primeiro para o Rio de Janeiro, depois para o Forte de São Marcelo ou do Mar, na Bahia, conseguiu escapar deste último presídio, na Baía de Todos os Santos, com ajuda do Dr. Francisco Sabino, depois líder da Sabinada (revolta bahiana entre 1837 e 1838) , e fazer a longa viagem de regresso ao sul. Houve também algum tipo de interface fugaz com os revoltosos liberais de São Paulo e Minas Gerais, em 1842. Essa revolta provocou entusiasmo entre os já esgotados farroupilhas, depois de sete anos de luta, logo arrefecida pela derrota daqueles movimentos. Além dos personagens economicamente graúdos acima descritos, havia outros setores, ainda que não hegemônicos, presentes na revolta sulina. Havia uma “arraia miúda”, radicalizada, como o

Padre Chagas e Pedro Boticário, que acompanhou Bento Gonçalves na prisão. Preso na Fortaleza da Laje, não conseguiu fugir por ser muito gordo e não conseguir passar pela janela da fuga. Consta que Bento Gonçalves não o abandonou, sendo então transferido para a Bahia. Havia a jovem oficialidade de inclinação republicana, alguns dentre eles abolicionistas. E havia o caso mais curioso: a presença dos militantes da Giovine Italia, Jovem Itália, com Giuseppe Garibaldi, Luigi Rossetti e o Conde Tito Livio Zambeccari à frente, comandados por Giuseppe Mazzini, desde Londres. Sabe-se que quem levou Garibaldi ao encontro dos farroupilhas foi Rossetti, ainda no Rio de Janeiro. Garibaldi teria visitado Bento Gonçalves na prisão, na Capital da Corte e do Império. Como explicar esta ligação que, sem dúvida, ajudou a dar um colorido libertário aos rebeldes gaúchos? Maçonaria à parte, ou inclusa, deve-se levar em conta que a Giovine Italia, fundada em 1831 por Mazzini, abriu uma “Loja”, como se dizia, no Rio de Janeiro. Lutava contra os Habsburgo, o Papa e os Bourbon. Aqueles dominavam o norte da futura Itália; o Papa, o centro, e os Bourbon, o sul. A família imperial luso-brasileira era vista como aliada, ainda que por laços de casamento, dos Habsburgo... Então, lutar contra aquela era também lutar contra estes. E assim tivemos toda a aventura épica e romântica envolvendo Giuseppe e Anita Garibaldi, proclamados “herói e heroína de dois mundos”. A imagem radicalizada dos revoltosos se difundiu de tal modo que mais tarde, o pai do poeta Álvares de Azevedo, então estudante de Direito em São Paulo, escreveu-lhe uma carta manifestando sua preocupação diante das ideias “farroupilhas” (sic) de seu filho... Que os estancieros militarizados recrutassem escravos para lutar em suas fileiras não é de surpreender; foi costume das classes dominantes durante todo o século XIX, chegando até a nefasta Guerra do Paraguai, pelo menos. O que chama a atenção é o vínculo estreito que se estabeleceu entre os combatentes e seu último comandante, o Major, depois Coronel Joaquim Teixeira Nunes, tão odiado pelos imperiais quanto os “Lanceiros Negros” que ele comandava. Tão estreito foi este vínculo que os imperiais, chefiados pelo implacável Coronel Francisco Pedro Buarque de Abreu, futuro Barão de Jacuí, dito Chico Pedro ou também Moringue, parece que pelo formato de sua cabeça, não descansaram enquanto não assassinaram o Cel. Teixeira Nunes, o que conseguiram em 26 de novembro de 1844, no último combate da guerra civil, depois do episódio de Porongos, que ocorrera em 14 do mesmo mês. Digo assassinaram porque Teixeira Nunes foi degolado depois de ter seu cavalo derrubado, de ter sido lanceado gravemente pelo alferes imperial Manduca Rodrigues e feito prisioneiro. Comandava a tropa do Império o mesmo Moringue que, no entanto, não participou diretamente do combate. Teixeira Nunes conseguira escapar de Porongos com alguns dos Lanceiros Negros que comandava, e foi cercado com eles no local conhecido como Arroio Grande, hoje um município autônomo próximo da fronteira com o Uruguai e da Lagoa Mirim. E assim chegamos a este episódio – Porongos – chamado alternativa ou simultaneamente de “Desastre”, “Massacre” e/ou “Traição”. “Desastre”: atacada de surpresa, de madrugada, a força farroupilha foi desbaratada; mais de 300 farroupilhas foram feitos prisioneiros, entre eles 35 oficiais; e os imperiais apreenderam o arquivo da República Riograndense, canhões, outras armas e mil cavalos; o

comandante farroupilha, Davi Canabarro, escapou por pouco, vestindo roupas esfarrapadas, segundo alguns, ou só ceroulas, segundo outros. “Massacre”: os imperiais caíram sobretudo sobre os Lanceiros Negros que, embora sem armas de fogo, estiveram entre os poucos que resistiram, comandados por Teixeira Nunes, que conseguiu fugir com alguns deles. “Traição”: acusa-se Davi Canabarro de ter “acertado” o ataque com os imperiais para se ver livre dos Lanceiros Negros. Uma coisa é certa: houve incúria e desleixo por parte de Canabarro e seus oficiais, animados pela ideia de que já havia iniciativas de paz que se materializariam no envio ao Rio de Janeiro de Antonio Vicente da Fontoura para negocia-la, em dezembro de 1844. Consta que Canabarro estava em sua tenda de campanha na companhia de sua amante favorita, dita a “Papagaia”, no momento do ataque. Em 1999, quando do lançamento de meu romance “Anita”, em Porto Alegre, um bisneto do General Canabarro perguntou-me como este aparecia na narrativa. Disselhe, sem reboços, que três adjetivos rondavam a biografia do seu bisavô: “mulherengo”, “grosso” e “traidor”. E que eu podia confirmar, pelo que eu encontrara nas pesquisas, os dois primeiros, mas não o terceiro adjetivo. Motivo: a principal fonte da acusação contra Canabarro é uma carta que teria sido enviada pelo Conde, futuro Duque de Caxias, então presidente da província, ao Moringue, afirmando que havia uma combinação com o comandante farroupilha. Esta carta – divulgada a posteriori pelo próprio Moringue – foi objeto de contestações desde o momento de sua divulgação. Há quem aceite sua autenticidade; há quem a negue, atribuindo-a a uma falsificação feita pelo Moringue, para difamar Canabarro. Nas lutas políticas que continuaram depois da pacificação, com os militares farroupilhas reintegrados ao Exército Imperial, embora recebendo o título de Barão, o Moringue não ficou em primeiro plano. Não é de surpreender que tenha continuado sua guerra particular contra os farroupilhas. Desconheço (se alguém souber, que me informe) que tenha sido feito um exame grafológico da carta, para confirmar pelo menos a assinatura de Caxias, já que, se ela for verdadeira, é muito possível que tenha sido redigida por um secretário. Assim que, com relação a Canabarro, mantenho o princípio do “in dúbio, pro reo”. Há ainda o fato de que ambos se encontraram quando da rendição do comandante paraguaio em Uruguiana, em setembro de 1865. Só não se bateram em duelo por serem contidos pelos outros oficiais presentes. Quanto ao fato de estarem os Lanceiros Negros desarmados de suas armas de fogo, devo dizer que era costume – detestável, de todo modo – desarmar delas negros e índios que combatessem ao lado de outras tropas regulares. Não foi uma peculiaridade de Porongos. Não está em meus propósitos defender esta ou aquela versão do Hino Rio-Grandense. Considero isto de hinos coisa muito complicada. Quero sim trazer ao debate alguma profundidade histórica, que contribua para dar à visão do passado a percepção de suas complexidades. Além disto, **valé ressaltar que não é por ser criticado que um mito e também sua mitologia deixam de existir. Muitas vezes a crítica renova a percepção do mito como referência histórica. Tomo aqui mito no sentido de “narrativa fundadora”, ao largo do pré-conceito vulgar de que “mito” seja sinônimo de “mentira”.** E ressalto que isto não tem nada a ver com a vulgaridade burra de chamar o atual ocupante do Palácio do Planalto de “mito”. Naquele sentido mais

complexo, arrastando consigo tanto as visões eufóricas quanto as disfóricas, além de outras possíveis, como a minha, o mito farroupilha e suas narrativas continuam sendo balizas fundadoras da cultura sul-riograndense, gaúcha e brasileira. PS – Peço desculpas por não apresentar as devidas referências de muitas das afirmações que faço. Estou sem minhas anotações originais, guardadas em algum baú em São Paulo, e aqui em Berlim as bibliotecas estão todas fechadas. *Flávio Aguiar, escritor e crítico literário, é professor aposentado de literatura brasileira na USP. Autor, entre outros livros, de Anita (romance) (Boitempo).

“Os gaúchos e os outros”

Luís Augusto Farinatti – www.sul21.com.br – 20/set/2012



"Não há dúvida que há vários modos de sentir-se gaúcho. Mas é fato que a maioria deles passa pela identificação com o gaúcho como figura mítica, primeva, fundamental" | Foto: Paula Fiori/Palácio Piratini

Luís

Augusto

Farinatti

Especial para o Sul21

A Semana Farroupilha sempre atíça os ânimos no Rio Grande do Sul. Os centros de tradição organizam festividades, “acampamentos” e bailes. O desfile de 20 de setembro foi institucionalizado como uma parada cívica. Inúmeras pessoas vestem trajes ditos “típicos” e participam das comemorações, condensando formas de sentimento regionalista que existem, de modo difuso,

o ano inteiro. Porém, vem crescendo, nos últimos anos, uma contra-corrente que põe em questão as bases históricas dessa comemoração e, por aí, discute sua legitimidade. Parece que, cada vez mais, essa é também uma época de polêmica.

Uma parte das críticas dirige-se à representação do passado construída e ritualizada pela corrente hegemônica dentro do tradicionalismo. Outra parte questiona o culto a valores patriarcais que estavam unidos a uma hierarquia social extremamente desigual. Porém, não quero escrever especificamente sobre o tradicionalismo. Na verdade, há que se pensar para além dele. É perceptível, em diversos setores da sociedade, um sentimento regionalista difuso, incentivado por parte da mídia e utilizado pelos políticos. Esse sentimento de identidade não pode ser explicado apenas como produto do MTG, que não é seu único difusor e não conseguiria fazê-lo sozinho. Uma pergunta pertinente é indagar o porquê do sucesso social dessa identificação.

Não há dúvida que há vários modos de sentir-se gaúcho. Mas é fato que a maioria deles passa pela identificação com o gaúcho como figura mítica, primeva, fundamental. Ele teria sido o “tipo social” por excelência da região da Campanha, mas também existente em outras áreas. Os gaúchos teriam sido homens destros nas lides campeiras, que viveriam entre o trabalho como peões nas estâncias e a luta nas inúmeras guerras de antigamente (outra categoria vaga). Sua principal epopeia teria sido a Revolução Farroupilha, onde, guiados por líderes-estancieiros, que também encarnavam a “cultura gaúcha”, o povo do Rio Grande do Sul teria lutado contra a opressão do Império em busca de liberdade.



"Um dos grandes atrativos dessa figura, é que ela se presta para estabelecer uma diferença com relação ao restante do Brasil. Muitas das características que gostamos de atribuir ao gaúcho são as que nos põem em contraste com uma imagem que construímos do que seria o brasileiro" | Foto: Camila Domingues/Palacio Piratini

As pesquisas históricas atuais mostram inúmeras divergências com essa representação. Em primeiro lugar, os agentes sociais com aquelas características atribuídas ao "gaúcho" eram apenas uma parte da população das regiões do Rio Grande do Sul, nos séculos XVIII e XIX. Provavelmente, nem eram a maioria. Uma pequena elite de grandes estancieiros acumulava a maior parte da riqueza no campo, mas, abaixo deles, existia uma miríade de pequenos e médios produtores de gado e lavoura que formavam uma forte base social. Isso ocorria mesmo nas regiões onde os grandes latifundiários eram muito expressivos, como na campanha. A produção familiar era, portanto, comum mesmo antes da proliferação de núcleos coloniais de imigrantes alemães e italianos.

Além disso, a escravidão estava difundida por todo o interior do Rio Grande do Sul. Nas grandes estâncias, a mão-de-obra dos escravos campeiros, montados a cavalo, era imprescindível. Eles trabalhavam lado a lado com os peões livres. Além deles, diversos outros escravos trabalhavam nas roças, nos serviços domésticos ou como pedreiros, carpinteiros, sapateiros. A importância que tinham nessa economia explica porque a maioria dos líderes farroupilhas era contra a abolição da escravidão.

Por outro lado, ao contrário do que se repete em todos os chavões comemorativos, a Revolução Farroupilha não foi a luta dos rio-grandenses contra o Brasil. Uma parte importante dos moradores da província lutou a favor do Império. É impressionante como esse fato tende a ser minorado ou esquecido. Nem mesmo na região da Campanha, tida como base dos farroupilhas, havia tal unanimidade. Muitos dos líderes militares e grandes estancieiros, que ali viviam, eram legalistas.

Contudo, a vitória, nas construções posteriores, foi da imagem do gaúcho errante e lutador, combatente da Farroupilha, como se isso pudesse dar conta do que realmente importa na nossa história e, assim, justificar valores do presente. Essa escolha, é claro, explica muito mais sobre os homens do século XX e XXI, do que sobre um suposto “gaúcho histórico”. Um dos grandes atrativos dessa figura, é que ela se presta para estabelecer uma diferença com relação ao restante do Brasil. Muitas das características que gostamos de atribuir ao gaúcho são as que nos põem em contraste com uma imagem que construímos do que seria o brasileiro. Já se disse que ser gaúcho é a forma dos rio-grandenses sentirem-se brasileiros, que essas coisas estão unidas. Acredito que sim, mas na relação entre elas há também um componente de oposição.



"Não sentir vergonha de nossas especificidades culturais e permitir que elas floresçam é algo importante para a manutenção da riqueza cultural que reside na diversidade. Porém, um problema sério aparece quando, associado ao regionalismo, vem se colando um bairrismo que é cada vez menos inocente" | Foto: Antonio Paz/Palácio Piratini

Assim, os gaúchos de hoje, tal qual a figura mítica, seriam leais, viris, destemidos, guerreiros, não se dobrariam a tirania. Em contraposição, cria-se outro estereótipo dos brasileiros como desonestos, acomodados, submissos. Naturalmente, para funcionar, essa simplificação sobre “os brasileiros” impõe esquecer a imensa diversidade que ela encobre. E também fechar os olhos ao fato de que, entre 1817 e 1848, no mesmo contexto histórico da Revolução Farroupilha, outras revoltas análogas ocorreram no Pará, Maranhão, Bahia, Pernambuco, Minas e São Paulo. A essa oposição agregou-se, ainda, a idéia de que a presença dos colonos imigrantes teriam tornado o gaúcho mais europeu e trabalhador, ou seja, mais distante ainda do que se pensa dos brasileiros.

Um lado bastante interessante do regionalismo é a busca de levar adiante aspectos de uma cultura local e não permitir que ela seja completamente submergida na padronização proposta pela globalização econômica e cultural. Não sentir vergonha de nossas especificidades culturais e permitir que elas floresçam é algo importante para a manutenção da riqueza cultural que reside na diversidade. Porém, um problema sério aparece quando, associado ao regionalismo, vem se colando um bairrismo que é cada vez menos inocente.

Não se trata de querer acabar com as mitologias. Todos nós as temos, elas nos ajudam a dar sentido ao mundo. Muito menos é o caso de pretender colocar o conhecimento histórico no lugar delas. Afinal, este também não está isento de mistificações e armadilhas. Trata-se, apenas, de oferecer à sociedade outras representações do passado e novas linhas de raciocínio que possam exercitar a reflexão e fundamentar posicionamentos menos definitivos.

Luís Augusto Farinatti é historiador e professor do Departamento de História da UFSM

COMENTÁRIOS

[Comentário](#) de: Eduardo Frank | 20 de setembro de 2011 | 9:05

Será que este tradicionalismo estereotipado realmente é forte nos tradicionalistas, ou então existe mais na população em geral? Essa visão idealizada não proveria mais de um aspecto midiático e não dos CTGs? O problema maior não estaria na história que não é ensinada para os alunos, em vez de certos discursos anacrônicos passados para as pessoas?

[Comentário](#) de: [Elaine Noal](#) | 20 de setembro de 2011 | 9:22

Vejo esse louvor as tradições e também esse bairrismo, como forma de se manter a identidade, em tempos onde somos obrigados todos os dias, a incorporar inúmeras personagens, por conta da competitividade do mundo dito globalizado. Buscar manter as tradições, muitas vezes é a linha tênue entre o saudável e o insano. Claro que a história gaúcha vai além da revolução farroupilha, mas talvez essa devoção a data, venha de uma identificação com a nossa necessidade diária de sobreviver. Não sou especialista em história, mas entendo um pouquinho sobre comportamento humano, e o tradicionalista ao usar a pilcha e montar em seu cavalo, incorpora a força e virilidade dos bravos farrapos...

[Comentário](#) de: José Ricardo da Silveira Chagas | 20 de setembro de 2011 | 10:38

De fato, há dois mitos no RS: a identidade do gaúcho, moldada em guerras e revoluções e espírito trabalhador do colono (italiano e alemão). Na verdade, os dois são mentirosos ao extremo.

A chamada 'cultura gaúcha' é uma fraude. Ela se caracteriza por tradições, que são transmitidas por uma organização formal muito bem estruturada.

[Comentário](#) de: jane | 20 de setembro de 2011 | 10:45

“Uma parte importante dos moradores da província lutou a favor do Império. É impressionante como esse fato tende a ser minorado ou esquecido.”

Mui leal e valorosa-

Pois foi ali onde hj é a Azenha que nossa capital começou a merecer o título dado pelo nosso imperador, resisitindo a muitos cercos, fiel ao Império.

[Comentário](#) de: Tito Lívio | 20 de setembro de 2011 | 10:50

Precisamos de datas comemorativas para a coesão social. Entretanto, concordo com o texto, uma vez que a Revolução Farroupilha, uma vez mal explicada, pode se tornar base para que movimentos racistas tenham “justificativa”. A questão de ter “sangue europeu”, por exemplo, despreza outros feitos do passado e a miscigenação do povo gaúcho, denotando uma falta de base para a reprodução histórica, ou até mesmo uma má fé de quem o faz. É válido lembrar que o primeiro santo popular no Brasil foi Sepé Tiaraju, índio guarani das missões, combatente do século 18, e que tem seu nome em um município da região central do Estado (São Sepé).

[Comentário](#) de: Tito Lívio | 20 de setembro de 2011 | 10:59

Ainda nessa questão, comentei em outra matéria sobre cultura popular brasileira, que sempre parece privilegiar certos referenciais em detrimento a outros. No caso citei as músicas gaúcha e sertaneja, tendo em vista que parecem segmentos a parte da cultura

brasileira. Uma espécie de padronização do que é ser brasileiro...Estudei no RJ e eu era criticado, chamado de “separatista” porque não gostava de uma determinada banda pernambucana que era, segundo meus colegas de faculdade, a representação da brasilidade. Afinal de contas, o que é essa tal brasilidade? Sou brasileiro e gaúcho... Não vejo como ser menos brasileiro, como a própria matéria diz, por gostar de músicas regionalistas como sertanejo ou vanerão...

[Comentário](#) de: eloisa | 20 de setembro de 2011 | 11:04

A importância do cultivo das tradições de um povo é importante para segurança social. Segurança social como acolhimentos dos que ali nascem. Um indivíduo que encontra próximo de si identificação, inclusão, está menos afeito por ser captado por grifes, propagandas, consumo, drogas, desvios. Todos temos a necessidade de pertencer a algum grupo. Somos “bicho social”. O culto à tradição não pode ser segregacionista de raiz. Deve sempre existir um constante movimento de adequação para que não envelhaça e vire coisa careta. O cultivo à tradição é o investimento na continuidade daquele grupo ou sociedade. No cultivo das tradições está o evento passagem de rito. As passagens de rito em todas as sociedades do mundo sempre tiveram o significado de inclusão.

[Comentário](#) de: eloisa | 20 de setembro de 2011 | 11:18

Dia 20 de setembro viajava pelo interior do Estado do Rio Grande. Viagem e volta à Porto Alegre para pegar avião e voltar pra cidade onde residia.. Nesse dia passei por diversas cidades do interior do estado. Pelas ruas eu via os gaúchos vestidos com suas roupas. Emocionante ver quando um traje é vestido como a pele que cobre o corpo, com identidade. Gaúchos simples e orgulhosos do significado de suas vestes. Nesse momento de vestir ritualmente o traje vem-me o questionamento sobre a globalização. Porque devemos nos globalizar? Globalização é pasteurização. Ficamos iguais pela força de mídia, de consumo e de marketing. É mais fácil seguir o rastro de raízes verdadeiras, próximas e com significado. A diferença que carregamos pode ser nosso produto no mercado globalizado, na cultura, na arte e em tudo mais. Foi muito bonito ver os gaúchos e prendas dançarem no cenário da Torre Eiffel.

[Comentário](#) de: Marcelo | 20 de setembro de 2011 | 12:09

Excelente artigo. É preciso mais do que nunca discutir a importância ou não da Revolução Farroupilha. Foi A revolução ou foi mais uma entre tantas?
Outra questão : Qual foi o feliz (ou infeliz) fotógrafo que flagrou o Barack Obama pilchado na segunda foto à partir do topo?
saudações

[Comentário](#) de: André Corrêa | 20 de setembro de 2011 | 12:17

Como é bom ler neste dia 20 de setembro algo tão bom, pois nos últimos dias meus ouvidos inflamaram com tanta bobagem.

[Comentário](#) de: ferreira gullar | 20 de setembro de 2011 | 12:46

Excelente artigo. Parabéns ao seu autor. É bom saber que muitos têm críticas profundas em relação às falácias tidas como verdades absolutas quanto à história do povo gaúcho. Não me identifico com nada destes reacionários que ditam o que é ou não ser gaúcho. Como argumenta o articulista, em relação a quem realmente interessava a “revolução” farroupilha (ou seja aos grandes latifundiários, os mesmos que hoje se armam contra o MST e enquadram os seus membros como bandidos), acho que os CTGS se prestam somente a perpetuar a ideologia daqueles antepassados que nada tinham de “revolucionários”, senão que lutavam para perpetrar os seus interesses econômicos e não culturais.

[Comentário](#) de: manael | 20 de setembro de 2011 | 13:07

O pior das bobagens e das obviedades é elas serem ditas com ar de grande verdade ou de grande novidade. Chega deste discurso babaca e óbvio de crítica ao vinte de setembro e suas manifestações. A mitificação é própria de qualquer discurso histórico, em qualquer época, sob qualquer ideologia. Sou gaúcho, não gauchista, mas é emocionante ver o que o que festas do dia do gaúcho congregam de manifestações verdadeiramente populares e que se construíram sem nenhum incentivo oficial e contra a cooptação colonizada da inteligência pseudo letrada, na sua gênese. Oh gente chata! Qualquer manifestação folclórica no mundo é presidida por símbolos míticos ou por situações caricaturais e quimericas, mas isso não lhes retira o mérito de serem representações populares relevantes e válidas.

[Comentário](#) de: [Mico Louruz](#) | 20 de setembro de 2011 | 13:57

Ufa, Que bom ! Ainda existe vida inteligente abaixo do Manpituba.

[Comentário](#) de: Jorge | 20 de setembro de 2011 | 14:15

Não entendo por que o articulista fala de coisas óbvias com tom de novidade. Só faltou falar que a RF começou por causa dos altos impostos. Obrigado, já aprendi na quarta série do EF. Enfim, sempre terá alguém usando a imagem do “gaúcho forte” para conseguir votos, independente da ideologia, vide Olívio Dutra e Ana Amélia Lemos. Políticos sempre andarão com uma cuia embaixo do braço para bajular essas pessoas, nada mudará. Chega de assuntos irrelevantes e ‘batidos’.

[Comentário](#) de: Daniela | 20 de setembro de 2011 | 14:19

Derramamentos de sangue não são motivos de orgulho. Interesses ocultos, sempre houve e sempre haverá em qualquer batalha, seja ela uma histórica Guerra mundial, ou atual disputa de poderes entre oriente e EUA. Mas homens nobres com sentimentos puros e verdadeiros estavam presentes na Revolução Farroupilha, sim. E é disso pelo

que me orgulho, e nenhuma verdade tardiamente revelada me fará desacreditar na essência da alma farroupilha.

[Comentário](#) de: Tito Lívio | 20 de setembro de 2011 | 14:23

Todos comentários que li sobre a matéria me lembraram um episódio dos Simpson, quando a Lisa descobre a língua de aço do Jebediah Springfield. Querendo ou não, como observou o caro Manoel, o 20 de Setembro se manifesta em representações populares relevantes e válidas, entretanto devemos ser analíticos tb.

[Comentário](#) de: Tito Lívio | 20 de setembro de 2011 | 14:24

Em tempo, o professor Luis Augusto Farinatti foi extremamente feliz em seu texto.

[Comentário](#) de: ROSANGELA | 20 de setembro de 2011 | 15:22

Olha, li o artigo, tb li, os comentários feitos logo abaixo. O que posso acrescentar a toda essa reflexão sobre a figura do Gaúcho é que de alguém forte, que não se dobra a vontade da maioria, que luta por seus ideais. Claro que na R. Farroupilha, entre os que lutaram, como tem hoje qualquer lugar, tinha aqueles de más intenções ou com outras intenções que não os da Revolução. Mas, o não podemos deixar morrer é a imagem de pessoas fortes que nós gauchos temos perante o restante do país. que alguns outros estados querem nos diminuir, isto é claro e verdadeiro, veja o pouco caso pra não dizer deboche que fizeram a apresentação da nossa Miss Brasil, que é gaúcha. Deboche feito pela mídia brasileira. Eu sei que devemos olhar para nossa História com uma visão crítica, mas não podemos deixar que junto a essa reflexão venham os oportunistas nos diminuir.

[Comentário](#) de: Cintia Guterres | 20 de setembro de 2011 | 15:35

Por conta desse “tradicionalismo” absurdo e distorcido, em que pessoas criadas na região metropolitana, se travestem de “gaúchos campeiros”, durante a Semana Farroupilha, utilizando-se do vocabulário gauchês e trejeitos teatralmente dos homens da “lide campeira”, é que cada vez mais me distancio deste movimento. Estes gaúchos se acham melhores de que os demais irmãos brasileiros. Meu filho de nove anos, recebeu de tarefa escolar (tema de casa) a seguinte questão: O que é ser gaúcho? Inspirado na impressão que o movimento lhe causa respondeu: Ser gaúcho é ser grosso e mal educado e se achar o tal.

Tive então que contextualizar com ele a respeito de que ser gaúcho não é o que ele vê na Semana Farroupilha.

Um abraço a todos os gaúchos concientes.

Cíntia Guterres

[Comentário](#) de: [Elenilton Neukamp](#) | 20 de setembro de 2011 | 15:59

Alguém disse “manifestações populares” e “sem nenhum incentivo oficial”? Está faltando informação. Em Porto Alegre, o desfile custou 1 milhão e cem mil reais, pagos com dinheiro público!

É claro que há incentivos, oficiais e midiáticos. Tudo em nome da propaganda e do consumo. Não há nada de ingênuo aí, nem tampouco de manifestação “espontânea” do povo...

[Comentário](#) de: ajprestes | 20 de setembro de 2011 | 16:21

“Orgulho gaúcho” (entre aspas, não o real, de sentir-se ligado à terra onde nasceu e/ou se criou e/ou vive) é, cada vez mais, uma mistura de ingenuidade e desinformação. Vê se os cariocas precisam cantar “Cidade Maravilhosa” ou o que o valha em cada jogo do Fla ou do Vasco!

[Comentário](#) de: ferreira gullar | 20 de setembro de 2011 | 16:46

O comentário do Manoel me fez lembrar uma música do Toninho Horta, músico e compositor mineiro e universal: “Manoel o audaz”. Tá legal, Manoel, que texto crítico o teu e que inteligência! Quando tiver um filho quero que tenha a tua veia crítica e poder de análise. Deverias até tentar o lugar do articulista, quem sabe? Te candidata, meu velho! Te emocionar com manifestações tão fakes como estas manifestações de gauchismos? Tem dó, cara! Pseudo inteligência é o teu truquezinho velho e manjado de “ir contra a corrente”! Soa bem né? Parabéns “inimigo da intelligensia” e também por ter sacado o que ninguém sacou! Genial! Deixaste o articulista no chinelo!

[Comentário](#) de: Marcos | 20 de setembro de 2011 | 17:27

Fico impressionado com os comentários de pessoas que nasceram nos apartamentos e nunca viveram pelos campos e vilas do Rio Grande. Estas pessoas nunca tiveram contato com a cultura gaúcha viva, no linguajar, no cotidiano, no olhar de gauchos pobres, no modo de ser da gente simples do campo e da cidade. Se tais eruditos soubessem o que é nascer sobre um pelego, talvez respeitassem um pouco mais nossa cultura. O gaúcho, por essência, é pobre, humilde e trabalhador e, claro, para essas pessoas preconceituosas, isso é defeito.

[Comentário](#) de: Jaime Roberto | 20 de setembro de 2011 | 19:12

Recomendo ao professor e historiador que faça uma análise mais profunda, tipificando no mínimo 4 tipos: o gaúcho propriamente dito (do sul e campanha), o serrano, o missioneiro e o cidadão (porto-alegrense), posto que, acredito diferirem em muito entre suas características.

[Comentário](#) de: HELENA | 20 de setembro de 2011 | 19:59

Eu entendo que esse aspecto regionalista e acima de tudo, bairrista não foi deixado aqui pelos gaúchos tradicionalistas não, mas, pelo imigrante europeu. É uma forma de não se desligar do seu país de origem, isso de negar o país de nascimento, ainda mais quando esse país não represente seus anseios. É uma forma de poder criticar o que não gosta no país sem criticar a si mesmo, sem assumir que também faz parte desses defeitos que critica, embora com diferentes nuances dos defeitos gerais do país. Do que eu conheço e gosto dos tradicionalistas, que são as músicas, nunca vi ali expressões de menosprezo ao Brasil, como vejo nos sites de bate-papo em geral, o que corrobora com o que digo: O preconceito aqui veio da Europa e não dos pampas, seja ele qual tipo de preconceito for, até o contra gays. Os tradicionalistas são muito mais puros que os demais, essa é que é a verdade.

[Comentário](#) de: Eduardo Pereira | 20 de setembro de 2011 | 20:53

Texto auto-explicativo. Seria uma “tradição inventada”? E Da-lhe Inter Prof!

[Comentário](#) de: Gaudério | 20 de setembro de 2011 | 21:55

Cultura para o gullar é a bunda da mulata prostituindo-se para o mundo no carnaval carioca!!!

[Comentário](#) de: Paulo Afonso Oliveira da S.jr | 20 de setembro de 2011 | 22:04

Grande texto só poderia ser escrito por um ”baita” historiador, fazia um tempo que me questionava a respeito desta tradição e tudo que a engloba, nunca imaginei que seria colocada com estas belas palavras uma visão geral sobre tudo que está relacionado a ela e me fez abrir os olhos e repensar. De hoje em diante a minha visão mudou com muita certeza.

Abc do seu ex-aluno Paulo Afonso Jr

[Comentário](#) de: Gaudério | 20 de setembro de 2011 | 22:17

Quem não gostar que procure uma escola de samba, Parentins, Bumba meu boi, rodeio paulistano (cowboy), Padim “ciço” etc....

Vá procurar sua praia, não enche o saco ou em última instância, mude de país.

Esse povo se acultura com qualquer mer.. vinda do estrangeiro, se veste, ouve música, adora o “Obama”, sonha com Paris, onde serão eternos “latinos” e ficam malhando a cultura Gaúcha !!!!!

[Comentário](#) de: Gaúcho | 21 de setembro de 2011 | 8:19

Texto muito simples em termos de argumentos, e com algumas palavrinhas “pseudointelectuais” se tem vários “concordadores” nos comentários, estes tão superficiais quanto o texto. A cultura GAÚCHA é isto mesmo que se vê na rua, por isso causa essa dor como a do autor do texto, se nota uma grande mágoa, talvez este não seja gaúcho e gostaria de ser?! Em vez de tentar maliciosamente acabar com a história de um povo lutador e honrado por simples “ciúme” pq não exaltar o único povo que sabe de cor seu hino? Pq não exaltar a cultura riquíssima do RS difundida Brasil a fora? Aos grandes “entendedores” que concordaram com esse “belo” texto se é que moram em terras RIOGRANDENSES pq não vão embora? Por que não deixam em paz o povo do RIO GRANDE DO SUL? Ou se não morarem no RS pq não deixam passar despercebido o estado? Pq não comentem sobre os seus estados de origem? Ninguém aqui no sul quer saber o que vocês de outros estados pensam, não importa nada para a gente entendem? Ao autor do texto continue com essa tentativa frustrada de angariar míseros seguidores para sua “obra”, ou esqueça o RS e vá para onde bem entender, inclusive tenho vergonha de ter uma pessoa que nem você dando aula na gloriosa UFSM, universidade onde me formei!!!

[Comentário](#) de: Carlos Torres | 21 de setembro de 2011 | 10:59

Gaúcho, viva a sua manifestação! Enfim, temos mais uma prova cabal de que o gaúcho existe, acorçado em suas raízes. Nem corvo é original do RS. Se você não anda como o grupo social de ladrões de campo, representantes da barbárie no meio rural, de saqueadores das famílias que duramente desejavam fazer parte da civilização, poderíamos biografá-lo. Qualquer estudante, com metodologia elementar, mostraria de onde vc veio. Você deve ser mais um que confunde gente com touceira, a brandir a naturalidade como direito. Quanta estupidez! Os gaúchos autênticos, os primeiros bandoleiros, os malevas de campo, eram “estrangeiros”, degradados e fugitivos de muitos lugares, que vinham para o Rio Grande e Prata se esconder de seus crimes (diante da baixa presença de autoridades) e roubar as manadas das estâncias missioneiras. Pense em quanta desgraça produziu o mercado da courama. Nesse processo, miscigenaram seus filhos, nem sempre pela delicadeza de um ato de amor, mas pela preia e estupro da mulher nativa.

Em Santa Maria vc não deve ter frequentado a multiplicidade de lugares onde sempre vicejou a multiplicidade terrunha, o prazer pela artes e a dignificação do humano. Vc deve ter-se intoxicado com os cancioneiros da UDR, os quais amaldiçoam com o ódio o antigo território minuano.

Você vem nesse caldo de práticas que depois de usurpar o alheio, desenvolveu essa cultura de cérebro de grilheiro, que acha que tudo pode sobre os outros. Que não suporta qualquer nuance de direito. Cerca pra vc é só para proteger o amealhado.

Vc é justamente aquela herança maldita, forjada na tradição barbaresca, cultivada como identidade, que acha que embostar as cidades e praias, se entupir de carne de costela, cultivar cirrose, encher-se de adereços espalhafatosos, declarar, a pedido da grande mídia, seu amor ao Rio Grande, seja cultura. Elevada, agora, à cultura e comportamento social de massa, muge como a malta bagaceira do latifúndio, como se ainda estivesse numa carga infame. Faz parte dessa ofensa pública que mantém coerência simbólica com a atividade prática daqueles grupos de “fascinoras”. Por certo, vc, mesmo sendo produto midiático, é um coerente: andar a gaúcha sempre foi aproveitar os eventos para interesses próprios. Sempre que o RS arregimentou sua gente, os bandos gaúchos cometeram mais terror que o inimigo, pois circulavam pela área sem policiamento. Vá

ler o cômico Gay na invasão paraguaia. Talvez lhe provoque vertigem... Seu modelo se assemelha ao Fernandinho Beira-Mar e não ao homem da campanha. Achar que homem que monta o cavalo pode ser amaldiçoado como gaúcho é ofender a população do campo e a memória de seus antepassados.

Vá ler o elementar e nos poupe da sua arrogância ignorante.

Nisso tudo, algumas coisas são evidentes. O RS real, a população rural, os homens de campo, foram usurpados, perderam sua imagem e comportamento social, suplantados por essa fanfarra pilchada, cuja indumentária sequer representa os seres “concretos” (Gaúcho, não confunda com construção...). Como dizia um poeta nativista de São Borja, os campeiros foram atropelados pelo carnaval farroupilha.

E olhando mais cuidadosamente, o gauchismo é uma forma de não ser brasileiro, mas também de não se identificar com o Rio Grande histórico. No fundo, o gauchismo é o jeito de permanecer “estrangeiro”, de não se identificar com este povo genial, mestiço e inventivo. É por isso que o gauchismo possui suas maiores forças promotoras entre a cultura latifundiária dos senhores de escravos da fronteira, dos brigadianos, dos funcionários públicos, e da elite imigrante (estes encontraram um jeito de não se inserir sinceramente ao Brasil). Sem contar o sistema financeiro, e a especulação emotiva da mídia...

Paciência tem limites. E, Gaúcho, não venha arrotar autenticidade, que passando os devaneios farroupilhas, até você pode perceber que o Rio Grande, com sua ontologia e historicidade (não desmaie com os conceitos, sem eles não há possibilidade de compreensão), existe de fato. Quando tiver um tempinho, se os festejos caducos permitirem, saia de Santa Maria em direção a São Gabriel, cruze por D. Pedrito, siga para as bandas de Aceguá ou Jaguarão – ou trace nos caminhos fora da ilusão cidadina – que você mesmo poderá encontrá-lo.

[Comentário](#) de: Fernanda Marcon | 21 de setembro de 2011 | 12:08

Acho que a antropologia discorda um pouco da história nessa questão dos mitos. Qual é a noção de mito que o professor utiliza? Mito como não verdade? Qual tradição não inventada, mitificada? Qual região brasileira não é ‘regionalista’? E a figura indígena que pouco é lembrada na Bahia, em detrimento de uma cultura luso-afro-brasileira? Essa discussão do mito do gaúcho é muito antiga, mas é claro que a oportunidade do mês farroupilha sempre é muito bem aproveitada. Érico Veríssimo trocou cartas com uma escritora de Pernambuco sobre a importância dos regionalismos nos dois estados. Isso não é coisa do MTG, dos músicos nativistas, da mídia. Pensem nisso.

[Comentário](#) de: Lica Martins | 21 de setembro de 2011 | 16:59

Caro “Gaúcho”, sou nascida, criada, crescida e, após passar por outros estados do Brasil, atualmente moradora novamente residente no RS. Dancei em CTGs quando criança e fui criada em fandangos de galpão, ouvindo histórias ao redor do fogo de chão e usando vestidos de prenda, feitos sob medida. E é exatamente por culpa de pessoas como você, que hoje não faço mais nada disso. Esse ranço bairrista é algo que abomino. Ninguém é melhor que ninguém, caro conterrâneo. E, garanto a você, não é o fato de sabermos de cor nosso hino que nos torna melhores que quaisquer outros povos da terra. Isso só aumenta o umbigo de quem só insiste em ver o mundo através do seu. Sinto dizer mas hoje sou uma gaúcha, que ama seu estado mas que é uma cidadã do mundo,

apaixonada por todos os povos, usem eles trajes típicos ou não! E é isso que faz a diferença hoje em dia: unir, não excluir!

P.S. Um pouco de auto-crítica, no seu caso, só poderá fazer bem!

[Comentário](#) de: ferreira gullar | 21 de setembro de 2011 | 20:24

Mandou muito bem Lica Martins! É isso aí. Texto muito lúcido, diz tudo e não é agressivo. Parabéns!

[Comentário](#) de: ANGELO | 22 de setembro de 2011 | 2:52

Outros? Que outros?

[Comentário](#) de: ANGELO | 22 de setembro de 2011 | 3:18

Ô Carlos Torres! Não seja tão racionalista com o que tem mais valor simbólico que racional, tu achas que esse Gaúcho que escreveu não sabe que o Rio Grande de hoje é diferente deste que se festeja no 20 de setembro. Seria até ridículo se assim não fosse, mas, o caso aqui é festejos ao que aconteceu em 1835, logo, tem mais lógica a fala dele que a tua. Mesmo sabendo que tu não deixas de estar certo, ele também está, afinal, para isso o movimento é chamado “tradicionalista” querendo dizer que cultiva o que antes vigorava, agora se mantém por tradição. Depois tem mais, quem disse que os tradicionalistas negam que foram bandoleiros? Eu mesmo escutei várias músicas em que o tema é brigas, arruaças em bailes, que a polícia e eles não eram muito afinizados. Se é daqui debes lembrar o “chapéu tapeado de beijar santo em parede” em que termina dizendo e” num relance, se não vejo alguém de farda...” Os eruditos têm bronca dos gaudérios, se apequenando em enormes blá-blá-blás, parecem que não têm mais nada pra fazer, todo ano é a mesma coisa. Não se conformam de ver que o povo sabe da história sim, mas, gostam dos “malevas”, dos bandoleiros, se identificam com eles, mais com eruditos chatos e obstinados. Ou por qual outro motivo músicas que falam claro de comportamento bandoleiro fariam tanto sucesso?

[Comentário](#) de: Antonio Goulart | 22 de setembro de 2011 | 3:45

perdoe-me gullar, a manifestação facista de um covarde que sequer a capaz de usar seu próprio nome, exige uma resposta sem concessão, porque expressa algo muito profundo que um bairrismo tacanho, esta concepção do ame ou deixe, sabemos bem o que representa, nos que vivemos naqueles 20 anos de escuridão. Oxala este individuo seja parte dos terratenente atrasado, hoje subalterno as multinacionais do agronegocio, estes que tanto matam e exploram os camponeses, os trabalhadores rurais, desse brasil profundo, pelo menos expressa todo o ranço ideologico desta classe, o pior é se for um idiota, da classe trabalhadora e ideologicamente perdido.

Muitos anos fora, decadas, nem por isso menos gaúcho, nascido em terras de latifundio, nunca presencie esta manifestações agora “construidas”, quem era do campo se vestia e se comportava como tal, e o da cidade a mesma coisa, não havia harmonia de classe, era rico e pobre, estancieiro e peão, o espaço da fazenda não era este “espaço ideal”, era

como sempre foi, classes em polos opostos, a revolução farroupilha foi uma luta da burguesia, que necessitou da “força” da classe subalterna, ao final todos sabem como acabou os negros, “detalhe” que a historia construida omite. Assim como Sepe Tiaraju que quando criança era uma lenda, sobre a revolução farroupilha a verdade emergira, ja os facista reacionarios sempre o teremos.

[Comentário](#) de: nara aguiar | 22 de setembro de 2011 | 7:23

Verdades,se mentiras,se pudese mos voltar ao passado,mesmo um passado sangrento,é a nossa história;comemoremos entao o traje tipico que é formoso,e a história de todos os dias,que vem sendo contada através do dia a dia por gauchos e gauchas de todas as querencias deste rio grande abençoado.

[Comentário](#) de: Magerson | 22 de setembro de 2011 | 9:04

Sou de Santa Maria. Nasci e me criei na cidade e depois fui morar em Porto Alegre. Não sou do campo e nunca montei num cavalo. Não tenho nenhuma identificação com este gaúcho mítico, de bombacha. Aos olhos dos tradicionalistas, não seria considerado gaúcho, o que agradeço. Não tenho e não quero ter nenhuma identificação com este arquétipo do atraso. O Rio Grande do Sul faz tanta questão de ser diferente que acaba sendo invisível para o resto do Brasil. Moto há 5 anos em São Paulo e as únicas notícias que recebemos da terrinha é quando neva ou acontece alguma tragédia. Ninguém ouve falar da música do RS, da cultura do RS, da política do RS ou mesmo da economia do RS. Tá na hora de repensar este bairrismo, que só faz o RS andar de ré e nos causa vergonha em outros lugares do nosso país.

[Comentário](#) de: Daniela Nogueira | 22 de setembro de 2011 | 12:59

Texto lúcido e esclarecedor, como sempre! Me sinto honrada e privilegiada por ter acesso e poder compartilhar de mais esse aprendizado, sobre essa terra que não é minha natal, mas que amo mais que a minha.

Amo talvez justamente pelo bairrismo e tradicionalismos tão reverenciados pelos gaúchos. Acho isso belo e fascinante. Mas, é bom sentir os pés trazidos ao chão com textos menos romanceados e informações mais reais. Aprender é sempre bom e saber que mais um dia em minha vida eu aprendi algo novo e interessantíssimo sobre um tema conhecido, mas não totalmente desvendado, é uma alegria.

Abraço!

Dani (Fadinha Ruiva... rrsrrs)

[Comentário](#) de: Marlete | 22 de setembro de 2011 | 22:25

Gostaria de citar as palavras de Voltaire, sempre atual ” Em todas as nações a história é desfigurada pela fábula até que, por fim, a filosofia vem para esclarecer o homem. E, quando chega no meio dessa escuridão, encontra a mente humana tão iludida por

séculos de erros que mal pode desfazer o engano”. Muito devemos aos pensadores iluministas, que introduziram a razão nas esferas sociais e políticas. Pena que muitas pessoas não entendam o que um simples mito é capaz de provocar na população a longo tempo, pior quando a este se une o fanatismo. Dae vale perguntar, pra que serve teu conhecimento? Para oprimir e continuar o obscurantismo ou iluminar as mentes?

[Comentário](#) de: Marlete | 22 de setembro de 2011 | 22:33

Ah, acredito que todos que postaram aqui, são nascidos no RS. Porém alguns são conhecedores profundos das raízes deste estado, pessoas iluminadas pela filosofia e sabedoria. Já outros, devem apenas gostar de desfilar grandiosamente neste dia 20 de setembro que mostrou ser um massacre de escravos e peões.

[Comentário](#) de: Matheus Rodrigues | 23 de setembro de 2011 | 9:00

Estou morando no Rio de Janeiro já a um tempo e a diferença cultural é absurda, realmente me sinto em outro país, VIA DE REGRA a malandragem realmente “come solta”! Os motivos da Revolução Farroupilha realmente não são apenas os divulgados a aceitos por nós gaúchos, mas no desenrolar da revolução se tornaram mais nobres e dignos de orgulho.

Se existe insatisfação ai por Santa Maria (minha cidade) em relação a opinião dos teus patrícios, vamos trocar de cidade pois eu to querendo isso faz tempo.

[Comentário](#) de: Raquele Lopes | 24 de setembro de 2011 | 19:58

Após propaganda feita em aula, tive que chegar em casa e imediatamente acessar o SUL 21 para ler o artigo tão comentado do prof Farinatti. Lendo tal artigo, após ter tido uma base histórica sobre o vies que tal opinião foi produzida, concordo com os comentários sabiamente tecidos pelo professor. Talvez se a minha leitura tivesse sido feita em outra circunstância, o meu olhar poderia ter se encaminhado para o campo da ingenuidade e os meus “brios” de mulher gaúcha, tivessem sido mexidos, mas quanto percebemos a importância de uma contextualização histórica e de uma não generalização de um estereótipo, percebemos que as palavras não são em momento algum ofensivas a nossa “honra gaúcha”!

[Comentário](#) de: Jo | 20 de setembro de 2012 | 11:51

VIVA O RIO GRANDE DO SUL, tchêe

[Comentário](#) de: Carlos Alberto Potoko | 20 de setembro de 2012 | 15:10

Deveriam entender que os imperiais no Rio Grande do Sul não eram os representantes dos fazendeiros (que tinham suas milícias) nem os defensores dos seus interesses, mas o poder colonial, por razões militares, era obrigado a ceder às ambições dos chefes locais, dando-lhes terras, fazendo “vista grossa” aos abusos de poder que se registravam”

porque o império precisava deles para manter as fronteiras. Ou seja, se não fosse esta estirpe gaúcha, farrapa, certamente o RGS seria dos espanhóis. Daí essa paixão, romanceada talvez, mas muito importante diante de um mundo culturalmente consumista e globalizado.

[Comentário](#) de: Scheyla | 20 de setembro de 2012 | 20:27

E quem disse que quem se diz gaúcho agora tem que ser o filho do gaúcho de 200 anos atrás? <http://www.youtube.com/watch?v=zi-oOBH2m98>, olhem o vídeo e se informem além, nunca se quiz dizer o que o gaúcho fosse um índio que está no Brasil desde o início dos tempos. O Brasil é um país de misturas e há quem diga que 500 anos não são suficientes para se criar uma cultura. O gaúcho hoje, é filho de 2 ou 3 raças se não mais. Toma chimarrão e fala bem da sua terra, pois se nós mesmos não falarmos, que o fará? Não vive só no Rio Grande do Sul, pois gente que quer trabalhar e crescer na vida, vai conquistar o que é seu. Da mesma maneira que viu seus bisavós fazerem quando chegaram no Brasil. Herança européia, pode até ser, mas agora é nossa. E sinceramente, viva a Revolução farroupilha e aqueles que não acham que o Brasil tem que ser uma cultura só.

[Comentário](#) de: Thiago Cargnelutti | 20 de setembro de 2012 | 21:20

Por essa semana ouvi de uma professora sobre o entusiasmo dos alunos, contrastando com a semana no início do mês: “nossa pátria não tem nada de Brasil, nossa pátria é o RS”. Fosse dez anos atrás eu a teria abraçado buscando já mais um jeito de fazer isso acontecer. Ainda amo cavalo, lenço, chimarrão e tanta fotografia rica já petrificada na mente.. Também parece que devo minha construção, personalidade até, e também claro essa coisa boa que é se sentir parte de um chão. Não acho que orgulho seja pecado – como quase tudo, com moderação faz bem. Não acho que estaciereiro tentando melhorar seja injusto – afinal quase todos nós buscamos nos afirmar dia após dia, tendo pouco ou tendo muito. De qualquer forma, a análise é sadia, aceito que muitas de nossas fundações não são nobres ou nem mesmo existiram! Bom, aqui estamos, desse jeito, nada mal. Além do mais, com esclarecimentos vagando por aí, esperemos cultura superior nessa terra – não que agora seja ruim... A propósito, já tive cavalo, costumava passar o inverno usando lenço maragato todos os dias, até arrisquei tiros de laço.. Não jogue isso de lado, ainda vejo valor.. mas hoje me parece que todas essas “coisas gaúchas” juntas não dão muito certo, não dão os melhores frutos. Comprar de vez e profundamente ideais de liberdade, gana por mudança, senso crítico e bravura da nossa bagagem gaúcha não é difícil – é até meio natural. Querer ser diferente, meio separatista, às vezes se achar melhor, enfim, ter comunicação para coesão social e coisas assim, também não acho tanto problema e tampouco difícil de construir – apesar de fazerem mal uso por vezes. O que realmente me chateia, o que deixa nos deixa pra trás é que não percebemos ou não conseguimos fazer o mais importante ser: “... povo que não tem virtude acaba por escravo”. Pois é definitivamente uma riqueza ter cultura assim, com folclore lindo, com valores de onde se tira força etc. mas riqueza também é agregar valor, inovar, solucionar.. com a cabeça aberta.

“Orgulho da nossa autonomia e integração ao Brasil”, diz Tarso Genro

Expresso - -20/09/12 | 14:19

www.sul21.com.br – Acesso 21 setembro 2012



Governador assiste ao desfile cívico-militar que encerra Semana Farroupilha. /Foto: Caroline Bicocchi/Palácio Piratini

O desfile cívico-militar e tradicionalista que marca o encerramento da Semana Farroupilha no Rio Grande do Sul ocorreu neste 20 de setembro com homenagem do governador Tarso Genro (PT) às forças policiais gaúchas. Após passar em revista as tropas da Brigada Militar, Tarso assistiu aos desfiles na Avenida Edvaldo Pereira Paiva, junto ao Parque Marinha do Brasil, em Porto Alegre.

Para o chefe do Executivo, a data representa uma síntese da história e do orgulho do povo gaúcho. “Orgulho da nossa autonomia e do nosso sentimento de integração ao Brasil. As duas coisas estão condensadas neste 20 de Setembro”, disse o governador.

Cerca de 10 mil pessoas acompanharam o evento, que teve a participação de 4,5 mil tradicionalistas a cavalo e em carros alegóricos. O desfile temático previsto para ocorrer nesta quinta-feira foi transferido para sábado (21), a partir das 20h, no mesmo local do desfile tradicionalista (Av. Edvaldo Pereira Paiva, próximo à pista de skate do Parque Marinha do Brasil).

Com informações do Palácio Piratini

Últimas do Expresso

[“Orgulho da nossa autonomia e integração ao Brasil”, diz Tarso Genro](#)

INEDITORIAL: O 20 DE SETEMBRO

Paulo Timm – revisado a 21 de setembro de 2012

“Mito e invenção são essenciais à política de identidade pelo qual grupos de pessoas ao se definirem hoje por etnia, religião ou fronteiras nacionais passadas ou presentes, tentam encontrar alguma certeza em um mundo incerto e instável, dizendo: 'Somos diferentes e melhores do que os outros'". (Eric Hobsbawm , Sobre a História -p. 19)

“Fiz umas cinco perguntas ou seis. Para minha surpresa, ninguém sabia onde é que ficava o monumento (B.Gonçalves). Até que me disseram: ‘Ah, fica na avenida João Pessoa’. Era perto de onde eu estudava. Fui ao monumento - isto foi em 1945 - e encontrei o monumento muito abandonado. Então eu disse ao Bento Gonçalves, num diálogo com ele: ‘Velho, tu estás muito abandonado, muito esquecido, mas eu prometo que ainda vou fazer tu seres recordado. No dia 20 de setembro muita gente vai desfilar aqui para te homenagear.’”

Barbosa Lessa, entrevista a Ruben Oliven, 1983- http://www.torres-rs.tv/site/pags/rgsul_folclore2.php?id=879

“Não se trata de querer acabar com as mitologias. Todos nós as temos, elas nos ajudam a dar sentido ao mundo. Muito menos é o caso de pretender colocar o conhecimento histórico no lugar delas. Afinal, este também não está isento de mistificações e armadilhas. Trata-se, apenas, de oferecer à sociedade outras representações do passado e novas linhas de raciocínio que possam exercitar a reflexão e fundamentar posicionamentos menos definitivos.”

(Luiz Augusto Farinatti – Os gaúchos e os outros – www.sul21.com.br – Acesso em 21 09 2012)

Nas Américas, assim como na Europa, a associação entre passado e presente foi uma constante em projetos modernizadores ligados à criação de estados nacionais ou à organização da sociedade. Se a nação é “uma comunidade de sentimento que

normalmente tende a produzir um Estado próprio” (Weber, 1982, p. 207), antigas tradições reais ou inventadas - precisam ser invocadas para dar fundamento ‘natural’ às identidades em vias de criação, obscurecendo-se assim o caráter artificial e recente dos Estados nacionais. Essa dialética entre velho e novo, passado e presente, tradição e modernidade, foi uma constante nos processos que estamos analisando no Rio Grande do Sul.

(**Ruben G. Oliven** , Em busca do tempo perdido - O Movimento Tradicionalista Gaúcho- http://www.torres-rs.tv/site/pags/rgsul_folclore2.php?id=879")

Os tradicionalistas se colocaram no centro da operação sobre a autenticidade, assumiram os postos de guardiões de um pretensão Rio Grande tradicional, usando artifícios das construções das nações étnicas em uma região mestiça. Ou seja, o Tradicionalismo evidenciou-se como problema contemporâneo, vitorioso na celebração da identidade, construída pela rede societária de CTGs e Piquetes, com um órgão central de orientação, adestramento e controle (MTG), imposição de cartilhas de comportamento e visão sobre o passado, o lugar e o futuro de seus milhares de militantes no mundo. Para vingar, precisou supor que as suas “práticas” decorrem como sucedâneas da história.
(**Editorial** 20/09/11 : Gaúchos e gauchismos - www.sul21.com.br)

Ora, até um olhar limitado percebe que o gauchismo é um fenômeno pós-moderno do “parecer-ser”, sem ligação com o cotidiano da população, como diz o autor que motivou este debate. Celebração com calendário, dia, hora e lugar marcados, está mais na esfera dos dogmas. E, como se sabe, a militância do dogma é o fundamentalismo.
(**Carlos Torres – Comentário** www.sul21.com.br – 20 set 2011)

“O mito não é apenas uma maneira poética de se ver o mundo. Ou uma simples fantasia em torno de governantes e heróis de épocas remotas. É quase um culto, ou ritual, por meio do qual os homens podem entrar na posse plena de suas consciências.”

Victor Leonardi – Jazz em Jerusalém

Gaúcho que é gaúcho é assim: maula, mas sensível à poesia; hiperbólico mas llano, como o pampa que lhe faz morada. Apressado, mesmo que pareça para muitos, "Pra Nada", como vaticinou Ascenso Ferreira em seus versos satíricos:

Gaúcho

Ascenso Ferreira

Riscando os cavalos!

Tinindo as esporas!

Través das cochilhas!

Sai de meus pagos em louca arrancada!

– Para que?

– Pra nada!

Nada disso! O gaúcho é grande e conseqüente. Basta lembrar dois acontecimentos historicamente reconhecidos: A “Revolução de 1930”, que mudou o país e a “Legalidade”, de 1961, que garantiu a constitucionalidade até 31 de março de 1964. “Eis o homem”, como o pinta Marco Aurelio Campos no memorável poema com esse título, que deve ser compreendido, como o próprio Hino Riograndense, não como bravata mas como produto de um tempo de veneração da cultura clássica :

"Eu sou maior do que História Grega. Eu sou gaúcho e me basta..."

(http://www.galpaodapoesia.13rt.com.br/poemas/eis_o_homem.htm)

Por via das dúvidas, estamos no dia 20 de setembro, data máxima do civismo rio-grandense, celebrando a Revolução Farroupilha, um marco na épica regional. Nada a contestar o fato de que ele se repete sob aplauso oficial, com dia e hora marcados, num “setembro mordido por um cachorro louco”... Isto nada tem de pós-moderno. Pelo contrário, é da essência das sociedades primitivas e tradicionais a ritualização da vida social, do qual herdamos escassos momentos. “Quarup” é um exemplo disso. O mesmo com o famoso peru do “Thanksgiving” americano.

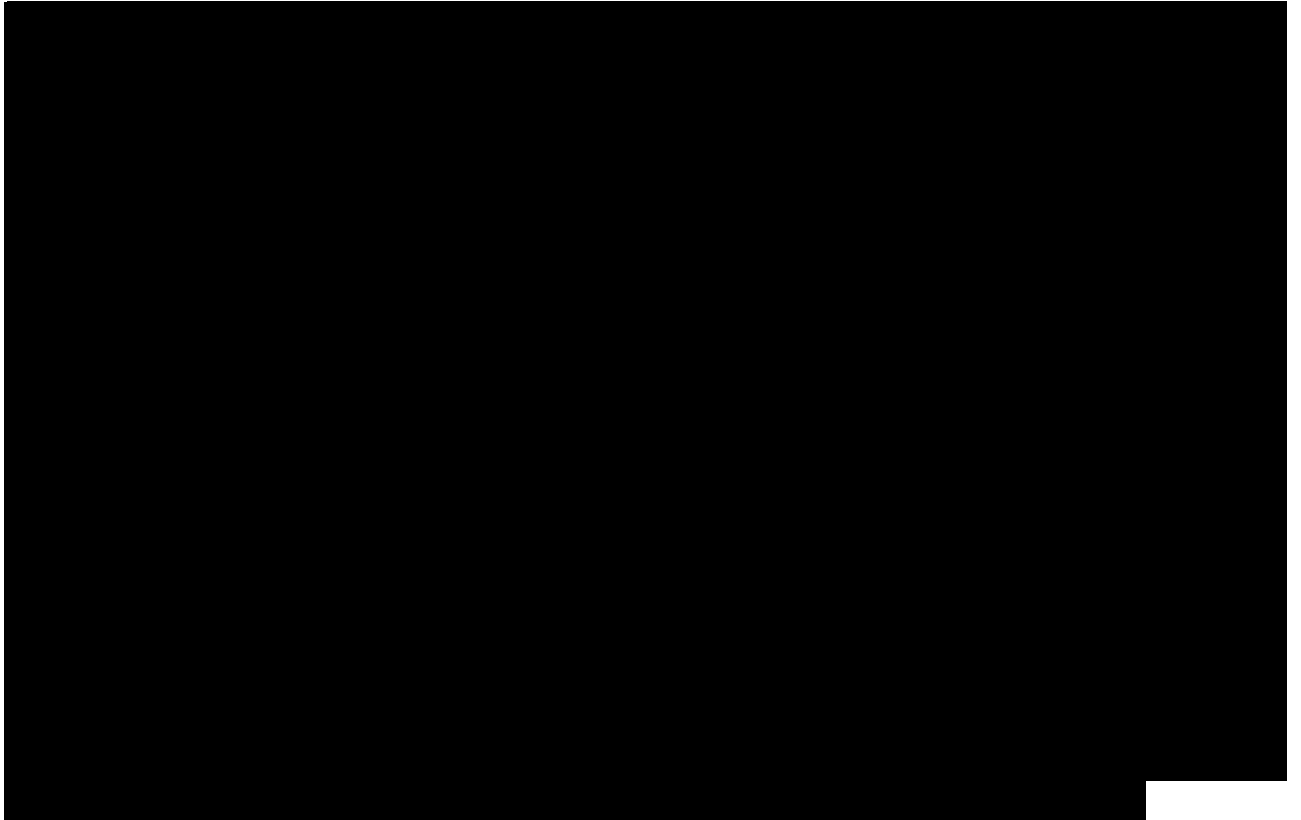
Um pouco, pois, de sua história e do Hino Rio Grandense:

HISTÓRIA DA REVOLUÇÃO FARROUPILHA.mp4

CriativeMT

http://www.youtube.com/watch?v=0bePYgNRy_w

Carregando...



Fechar

Hino Rio-Grandense - A Incrível História - RBS TV

<http://www.youtube.com/watch?v=6OwA1MMAkH0&feature=related>

Carregando...

Fechar

O especial sobre a Guerra dos Farrapos conta a incrível história do Hino Rio-Grandense, motivo de orgulho cantado em todos os momentos da vida dos gaúchos

Haverá hoje, além do Acampamento Farroupilha, no Parque da Harmonia, em Porto Alegre, muita cavalgada pelo interior, muita discursaria, tanto de palanque, quanto de beira do fogo, e fortes doses de folclore. Alguns, como o cientista político Dilan Camargo, ridicularizarão mais um vez os feitos de 35; Juremir Machado reiterará seu ceticismo diante de qualquer Revolução, Farrapa ou não; um ou outro historiador lembrará Bento Gonçalves. Mas, curiosamente, há pouco debate sério sobre o 20 de setembro. Ano passado houve muito mais.

Ah que falta faz o Décio Freitas! Ele, aliás, sentenciou :

"A historiografia dos Farrapos não é crítica. Há uma massa enorme de documentos que nunca foi utilizada pelos historiadores. Por quê? Porque os historiadores têm medo de mexer em verdades estabelecidas"

(Décio Freitas, APLAUSO 46 , 2003)

Faz –nos falta, também, o Joaquim Felizardo, tanto ou mais iridescente do que o Décio, mas também fumegante inveterado e senhor de papos homéricos. Devo muito a ele: meus primeiros passos no entendimento das razões na História...

Resta-nos, pois, na data, o regozijo com o folclore – ou faklore, como afirmam alguns - , farto por todo o Rio Grande- e até na China- , com a proliferação de CTGs, ficando a lacuna da reflexão.

Por certo, não é este o lugar para teses aprofundadas. Mas pior é a omissão.

Comecemos pela evocação de alguns fatos concretos na ocupação do Rio Grande do Sul e que o diferenciariam tanto do resto do país, até porque levados a cabo muito depois do Descobrimento:

E foi o que aconteceu. Dom Pedro II de Portugal, que foi regente de 1668 a 1683 e rei de 1683 a 1706, decidiu que o Império Português deveria ocupar a margem esquerda do rio da Prata. E doou, em 1674, duas capitanias “nas terras que estão sem donatários” ao longo da costa e até a “boca do Rio da Prata”. Essa doação foi confirmada dois anos depois por uma Bula Papal, que considerava que o Bispado do Rio de Janeiro tinha como limite no sul o rio da Prata.

O passo seguinte na consolidação da presença lusa no sul do continente foi a fundação da Colônia de Sacramento. Essa colônia tinha o objetivo de afirmar, definitivamente, a presença portuguesa na área, e servir como um ponto de apoio militar.

Ao final do século XVII, devido aos constantes conflitos de fronteira entre Portugal e Espanha, os jesuítas resolveram concentrar a população indígena convertida em uma área que consideravam mais segura, e escolheram a zona localizada na região noroeste do Rio Grande do Sul. Foram criados os "Sete Povos das Missões". Mas a prosperidade desses povos, que funcionavam independentemente das coroas portuguesa e espanhola, terminou por decretar o seu fim. Em 1750, um tratado firmado entre os dois países estabeleceu que a região das Missões passaria à posse de Portugal, em troca da Colônia de Sacramento, que havia sido fundada pelos portugueses em 1680 nas margens do Rio da Prata, defronte a Buenos Aires. Embora tenha havido resistência por parte de padres e índios, as Missões foram desmanteladas. Mas deixaram um legado que,

por muito tempo, seria a base da economia do Rio Grande do Sul: os grandes rebanhos de bovinos e cavalos, criados soltos pelas pradarias.

Por isso, a ocupação do Rio Grande começa não com o envio de colonos, mas com expedições de exploração, captura de gado e descoberta de rotas. A primeira delas, em 1725, foi liderada por João Magalhães. Dois anos depois, o grupo liderado por Francisco de Sousa e Faria estabeleceu o primeiro caminho que liga a Colônia de Sacramento à Vila de Curitiba.

Em 1740 chegou à região do atual Rio Grande do Sul o primeiro grupo organizado de povoadores. Vindos da ilha dos Açores, contavam com o apoio oficial do governo, que pretendia que se instalassem na vasta área onde anteriormente estavam situadas as Missões. Mas as dificuldades de transporte fizeram com que terminassem por se fixar na área onde hoje está Porto Alegre, a capital do Estado. Praticando a agricultura de pequena propriedade, não encontraram, em um território em que cada estância funcionava como uma célula independente, mercado para seus produtos, e terminaram por se integrar à economia voltada para a pecuária.

Posteriormente, em 1780, um fato iria reforçar ainda mais o caráter rural da vida do atual Estado. Foi criada a primeira charqueada comercial em Pelotas. Aos poucos, o charque se tornou o principal produto de exportação do Rio Grande, sendo enviado para as demais regiões do país.

Essa situação começou a ser modificada no início do século XIX. A estrutura econômica do Brasil de então se baseava na exportação dos produtos agrícolas plantados em grandes propriedades por trabalhadores escravos. O Rio Grande fornecia o charque para esses trabalhadores, e também para os moradores pobres das grandes cidades. Mas, a partir da década de vinte do século passado, o governo brasileiro resolveu estimular a vinda de imigrantes europeus, para formar uma camada social de homens livres que tivessem habilitação profissional, e pudessem oferecer ao país os produtos que até então tinham que ser importados, ou que eram produzidos em escala mínima. Isto significa que o governo queria trazer pequenos produtores - para fornecer alimentos para as cidades - e artesãos.

A idéia, apoiada por alguns, era rejeitada pelos senhores de escravos, que temiam que os trabalhadores livres "fossem um mau exemplo", demonstrando que o trabalho pago produzia mais e melhor que o escravo. Moradores de regiões mais ao norte do país, os grandes senhores de

escravos conseguiram impedir que os imigrantes fossem destinados às suas regiões. Por isto, o governo terminou por levá-los para o Rio Grande do Sul, que estava situado à margem do grande eixo econômico, no centro do país.

Os primeiros imigrantes que chegaram foram os alemães, em 1824. Eles foram assentados em glebas de terra situadas nas proximidades da capital gaúcha. E, em pouco tempo, começaram a mudar o perfil da economia do atual Estado.

Primeiramente, introduziram o artesanato em uma escala que, até então, nunca fora praticada. Depois, estabeleceram laços comerciais com seus países de origem, que terminaram por beneficiar o Rio Grande. Pela primeira vez havia, no país, uma região em que predominavam os homens livres, que viviam de seu trabalho, e não da exploração do trabalho alheio.

As levas de imigrantes se sucederam, e aos poucos transformaram o perfil do Rio Grande. Trouxeram a agricultura de pequena propriedade e o artesanato. Através dessas atividades, consolidaram um mercado interno e desenvolveram a camada média da população. E, embora o poder político ainda fosse detido pelos grandes senhores das estâncias e charqueadas, o poder econômico dos imigrantes foi, aos poucos, se consolidando.

Assim, o Rio Grande passou a participar, de forma secundária, da economia da colônia, integrando-se a ela como "fornecedor" das regiões voltadas para atividades de caráter exportador. Este papel seria desempenhado durante uma parte significativa de sua história.

(Lígia Gomes Carneiro, em "Trabalhando o couro - Do serigote ao calçado 'made in Brazil'" - Editora L&PM, 1986)

Do exposto, algumas observações:

O processo de ocupação do Continente de São Pedro tem, naturalmente, uma vertente original, indígena, que ganhará grande expressão no século XVII com a criação dos “Sete Povos das Missões”, duas vezes arrasado. A derradeira quando, mercê de uma ação militar conjunta de Portugal e Espanha, na implementação do Tratado de Madrid (1750), é vilmente destroçado. Da refrega emergiu o mito de Sepé Tiaraju: “Esta terra tem dono”... Aí inicia-se o êxodo dos índios e do gado por toda o pampa, do

qual provém a figura lendária do gaúcho errante, não só do lado português, como também do lado castelhano.

Outra vertente, portuguesa, de caráter estritamente militar, tem início, também no século XVII, com projeções no seguinte, com a criação dos fortes de , Rio Grande (1737) e (Colônia do Sacramento (1680). Os militares destacados nestes quartéis por serviços prestados recebem grandes porções (sesmarias) de terras no interior, dando origem às estâncias. Nas lides domésticas, campeiras e de segurança nelas serão ocupados escravos negros e , gradualmente, trabalhadores livres, de origem indígena, os quais funcionarão como verdadeiros exércitos a serviço do grande proprietário.

A ocupação induzida com casais açorianos da vasta hinterlândia do Guaíba, com Porto Alegre no epicentro, foi um fenômeno do final do Século XVIII e que viria a se consolidar, efetivamente, só ao longo do Século XIX, quando se vê fortalecida pelo desenvolvimentos da região serrana de ocupação colonial com alemães e italianos. Minha família – TIMM - , junto com um punhado de colonos alemães chega em Lomba Grande, hoje São Leopoldo, em 25 de julho de 1825.

Não há, pois, no Rio Grande do Sul, um só povo, uma só região, uma só cultura, mas várias, as quais vão se amalgamando ao longo dos dois últimos séculos. De uma forma geral, a ocupação do território ao sul do Brasil foi tardia, complexa – pela interveniência de Portugal, Espanha e Jesuítas - e institucionalmente lenta. Só em 1807, vésperas da Independência, foi elevada à categoria de capitania:

“Em 1627, jesuítas espanhóis criaram missões, próximas ao rio Uruquai, mas foram expulsos pelos portugueses, em 1680, quando a coroa portuguesa resolveu assumir seu domínio, fundando a Colônia do Sacramento. Os jesuítas portugueses estabeleceram, em 1687, os Sete Povos das Missões. Em 1737, uma expedição militar portuguesa tomou posse da lagoa Mirim. Em 1742, os colonizadores fundaram a vila de Porto dos Casais, depois chamada Porto Alegre. As lutas pela posse das terras, entre portugueses e espanhóis, teve fim em 1801, quando os próprios gaúchos dominaram os Sete Povos, incorporando-os ao seu território. Em 1807, a área foi elevada à categoria de capitania”
(http://pt.wikipedia.org/wiki/Rio_Grande_do_Sul)

Tudo leva a crer, porém, que foram os índios, dispersos, que deram origem ao gaúcho como primeiro povoador do Continente. Não por acaso a “Boa

Sociedade” chamava-os : “indiada”. Eram nativos pobres, feridos pela destruição das Missões, mas produto de quase dois séculos de convivência com signos ditos civilizatórios, como a música, letras e religião, transmitidos pelos jesuítas. Muitos continuaram vagando à ermo, vindo a criar um elemento típico da poesia gauchesca que é o enaltecimento da solidão, e não seu pranto, prova de que não se encontravam em depressão cultural ou existencial. Outros, acomodaram-se-iam como campeiros nas estâncias, sem qualquer vínculo obrigatório, como na servidão européia. Numa terra sem lei nem dono, fronteira móvel, eram frequentemente recrutados como guerreiros, daí retirando a mitologia da coragem e das façanhas de fogo. Muitos, porém, continuariam vagando pelo pampa, vindo a ser protegidos pelos padres nas vilas nascentes, nas quais eram parcimoniosamente alojados, de forma a não perturbar a rígida ordem social. Conheço o caso de Santa Maria, porque foi na periferia empobrecida desta já pujante cidade, nos idos de 1852, que muitos imigrantes engajados , retornados das campanhas contra Rosas, viriam a se alojar vindo a casar-se com mulheres indígenas, ou até mesmo fidalgas de menor expressão no modelo “imperial”. Caso de meu ancestral Andrea Timm e em particular de meus avós, com os quais convivi, Alvaro Timm e Ermestina Lemes, ambos analfabetos, ela de origem índia.

Isso posto, pensando no 20 de setembro, é bom separar o que é tradição - e aí se enquadra o movimento propriamente chamado de "Tradicionalista", cuja maior expressão são exatamente os CTGs, do que é cultura riograndense, aí situando a questão do separatismo .

Há uma confusão muito grande entre o FOLCLORE gaúcho, que acabou se concentrando na valorização da Revolução Farroupilha e a questão do sentimento separatista do gaúcho.

O folclore é e sempre será RETROSPECTIVO e nisso ele cumpre - e cumpriu- importantes papéis. (Timm, Paulo - Dia do Folclore:22 de agosto - <http://www.paulotimm.com.br/site/pags/noticias3.php?id=157&layout=>) Não fora ele, nós seríamos identificados, como são os australianos, pelo canguru; ou canadenses, por uma árvore. Os paranaenses, aqui ao lado, padecem do mesmo problema; são simbolizados por um pinheiro... O folclore, principalmente depois dos grandes esforços de Paixão Cortes e Barbosa Lessa , deu-nos uma expressão antropológica. Forçou a barra. Mas reconstruiu um modelo típico ideal do gaúcho - não o inventou - e o propôs como paradigma em meio a um processo da formação multicultural, que a geografia e a economia só acentuaram entre 1824 e meados do século XX. Funcionou! Aí está. Não foi imposto por nenhum Partido Político ou Igreja sectária. Rebrotou naturalmente do ventre do pampa para a sociedade

gaúcha como um Manifesto. E se instalou definitivamente como um dado da cultura. Lamentavelmente, perdeu-se um pouco na alegoria, reduzindo o gaúcho à épica, esquecendo-se tanto da tragédia que lhe deu origem, na destruição das Missões, como do drama das famílias que formaram as primeiras periferias pobres das vilas nascentes no Estado.

A recriação do gaúcho



Antônio Caringi: O Laçador, estátua idealizada do gaúcho para a qual Paixão Cortes serviu de modelo em 1954. Inaugurado em 1958, hoje é o símbolo da cidade, eleito por votação popular.^[75]

Este período foi marcado pela consolidação de um movimento cultural de importante repercussão posterior: o resgate em meio urbano das raízes e tradições campeiras que haviam por então se tornado motivo de piada para os habitantes da cidade, por conta da enfática promoção oficial dos ideais do progresso e do moderno nas décadas anteriores, que internacionalizara e urbanizara maciçamente a cultura local. Nascia em Porto Alegre o tradicionalismo gauchesco, hoje institucionalizado no Movimento Tradicionalista Gaúcho. Então apareceram Barbosa Lessa e Paixão Cortes como figuras de proa nesse processo, iniciando uma série de pesquisas antropológicas quando essa ciência mal era reconhecida no estado.^[76] Sua busca, porém, estava em sua origem mais ligada a um desejo de reconstrução histórica do que de interpretação. Em 24 de abril de 1948 aqueles folcloristas, junto com um grupo de jovens estudantes, haviam fundado na cidade o primeiro Centro de Tradições Gaúchas, o CTG 35. Ali tomavam mate e imitavam os hábitos campeiros, entre eles o da charla (conversa) que os peões entretêm nos galpões das estâncias. Barbosa Lessa recorda que

".... não se tinha muita pretensão de revolucionar o mundo, embora nós não concordássemos com aquele tipo de civilização que nos era imposto de todas as formas (...) não pretendíamos escrever sobre o gaúcho ou sobre o galpão: desde o primeiro momento, encarnamos em nós mesmos a figura do gaúcho, vestindo e falando à moda galponeira, e nos sentíamos donos do mundo quando nos reuníamos, sábado à tarde, em torno do fogo-de-chão".^[77]

Desde lá o movimento tradicionalista foi lentamente ganhado visibilidade, tendo como centro irradiador a capital, e se constituindo num verdadeiro estilo de vida para muitas

peças nos núcleos urbanos. Nos anos 60 apareceram artigos e palestras sobre o assunto, e também a figura de Teixeirinha, um fenômeno de popularidade. A partir da década de 1970 começaram a ser organizados por todo o estado vários festivais de música gauchesca, que deram espaço para expressões politicamente engajadas que levaram a uma integração entre regionalismos campeiros de vários países do Cone Sul, cujas histórias tiveram muitos pontos de contato. A partir da década de 1980, enfim, o ritmo desse processo acelerou enormemente, a ponto de ganhar respaldo da cultura oficial, atrair simpatizantes de outras origens étnicas e culturais, como os alemães e italianos, e inspirar a criação de centenas de CTGs além das fronteiras estaduais, até no exterior.^{[2][7]}

A análise acima não dá conta, entretanto, de todo o processo histórico de recuperação da imagem tradicionalista. Ele se constituiu, em Porto Alegre, no século XIX com a criação, por gente muito simples, de duas instituições : O Partenon Literário, em 1868, que mereceu uma análise de Sergius Gonzaga em que demonstra ali o nascimento da apologia do gaúcho ainda não glamourizado mas alçado “ à condição de símbolo(s) da grandeza do povo rio-grandense” forjado na luta farroupilha com os “paradigmas de honra, liberdade e igualdade que se tornariam inerentes ao futuro mito do gaúcho”; e o Grêmio Porto Alegre, em 1898, “ voltado para a promoção de festas, desfiles de cavalariões, palestras e **outras atividades ligadas ao culto das tradições**”. Em ambos,

“a preocupação com a questão da tradição e da modernidade, presente em ambas as entidades, embora sob formas diferentes. Ao mesmo tempo em que tinha como modelo o que considerava mais avançado da Europa culta, o Partenon evocava a figura tradicional do gaúcho e louvava seus abalados valores. O Grêmio Gaúcho, nas palavras de seu fundador, procurava manter as tradições, mas sem excluir os costumes do presente. Nos dois casos, um mesmo pano de fundo: um estado em transformação, no qual a tensão entre passado e presente começava a se fazer sentir. “

((**Ruben G. Oliven** , Em busca do tempo perdido - - O Movimento Tradicionalista Gaúcho- http://www.torres-rs.tv/site/pags/rgsul_folclore2.php?id=879")

Tudo levar a crer, também, que a campanha republicana tenha reacendido o espírito regionalista, fomentando o renascimento da figura do gaúcho como um lutador pela causa desde os primórdios da Revolução Farroupilha. Isto é o que se depreende da divulgação, com grande estardalhaço, do Manifesto de Bento Gonçalves, de 1838, pelos estudantes rio-grandenses da Faculdade de Direito de São Paulo, no ano de 1881. Dentre os

signatários, nada menos do Julio de Castilhos, eminente líder republicano e que viria a Presidir o Estado depois da queda do Império:

Bento Gonçalves da Silva

Manifesto de Bento Gonçalves da Silva (25 set. 1835)

Profissão de Fé Republicana , realizada dia 29 de agosto de 1881, pelos estudantes gaúchos da Faculdade de Direito de São Paulo, desta forma, reeditando o manifesto de Bento Gonçalves de 29 de agosto de 1838:

*"A geração atual deve conhecer melhor este manifesto que faz honra ao tão adulterado passado da terra rio-grandense. Publicando, divulgando este antigo documento, sentimos, além da satisfação de um ato espontâneo de justiça e do cumprimento de um dever honroso: em primeiro lugar, porque contribuiremos para fazer desvanecerem-se indignas imputações com que se tem pretendido nodoar a nossa brilhante história: depois porque sendo a revolução operada pela quase unanimidade da Província, tendo saído espontaneamente da sua índole e aspirações, da sua natureza íntima, - nós- filhos seus - nos cobriríamos do mesmo boldão , com que a quiséssemos manchar; finalmente, porque dada as necessárias diferenças entre aquela e a nossa época, justificamos, **aceitamos, glorificamos o pensamento político dos revolucionários de 1835.***

Trabalhamos também, pelas condições indispensáveis ao bem da Pátria, e essas condições só nos parecem legítimas, no seio da ordem democrática, - Somos republicanos. Não pelas nossas individualidades, mas pelo próprio patriotismo, temos necessidade de fazer francamente, perante os nossos patrícios, esta declaração.

Como republicanos convictos, sem exaltações imprudentes, tolerantes para com os indivíduos, intolerantes no terreno das idéias, reivindicamos o glorioso passado, que muitos caluniam e que outros, mais ingratos ainda, repudiam envergonhados.

Havemos de levantá-lo, havemos de reabilitá-lo."

<http://www.usp.br/fd/>

Nota:

Assinaram esta profissão de fé, os seguintes estudantes gaúchos da Faculdade de Direito de São Paulo em 29 de agosto de 1881:

-João J.Mendonça Júnior

-Júlio de Castilhos

-Eduardo Fernandes Lima

-Joaquim Ferreira da Costa

-Adolfo Luiz Osório

- *J.F.de Assis Brasil*
- *Homero Baptista*
- *Victorino Ribeiro Carneiro Monteiro*
- *João Francisco Machado da Silveira*
- *Theodolino Fagundes Filho*
- *Xisto Pinto Barbosa*
- *Alfredo Gama*
- *Ernesto Alves*
- *Antonio Mercado*
- *Álvaro Chaves*
- Estevam de Oliveira Júnior*
- *Leão Ribeiro*
- J.M.Gonçalves Chagas*
- *Henrique Martins Chaves*
- Argimiro Galvão*
- *Alcides Lima*
- *Oscar Paranhos Pederneiras*
- *Joaquim Martini*
- Angelo Pinheiro Machado*
- Enéas Galvão*
- *Francisco Leonardo Falcão Júnior*
- Antonio Augusto Borges de Medeiros***
- Severo B. d'Oliveira*
- João de Barros Cassal*
- Germano Hasslocher*

-Eurico da Costa

- João Jacintho de Mendonça

Esse é um testemunho de que o regionalismo já comovia a mocidade riograndense no calor da luta republicana, como substrato de uma alma gaudéria que se vinha forjando de longa data e que encontrava na Revolução Farroupilha um fator de exaltação.

Minha geração, porém, já tinha o regime republicano como consagrado e tinha perdido completamente, pelas rápidas transformações do Estado na primeira metade do século, a imagem do gaúcho.

Eu tive minha infância em Santa Maria entre 1945 e 1955, vindo depois para Porto Alegre, filho de um militar de origem alemã e uma prendada professora. Todos de cultura eminente urbana. Nunca montei num cavalo - as tentativas de meu avô, fazendeiro em Tupanciretá, foram desastrosas... - nem me adentrei nas profundezas do sertão pampeano. Sou, rigorosamente, um europeu: branco, supereducado, louco por livros e cinema, socialista. Nem sequer chimarrão se via nas nossas tertúlias portoalegrinas nos anos 60. Às vezes pintava um João, asmático e gauchesco, de cuia na mão nas rodas da Livraria do Arnaldo, na Praça da Alfândega. Mas era raro. Mesmo os que chegavam do interior e ganhavam alguma projeção, como um dos melhores tribunos daquela época, vindo de Quaraí, onde fez política, logo se socializavam na cultura eminente urbana de Porto Alegre. E víamos, sempre, a movimentação tradicionalista, cujo epicentro era exatamente no “Julinho”, onde eu estudei e de onde provinha grande parte da elite da época, com distanciamento e até preconceito. – “Era a indiada”, como se dizia. Hoje, malgrado a globalização, o gauchismo foi entronizado pelas elites, não sem alguma resistência, como um dado da cultura riograndense. E basta ir à Redenção para ver a infinidade de gente de cuia na mão. Até bombacha... Vitória do “tradicionalismo”. E eu, que era mais europeu do que brasileiro, sequer conhecia o Brasil, fora do Rio Grande, me fiz, neste processo, um gaúcho, de pilcha e espírito, identificando-me, mesmo à distância com “O Laçador”.

Outra confusão do tradicionalismo foi misturar folclore com ideologia, política e história.

O tradicionalismo, para se firmar, apoiou-se no feito da Revolução Farroupilha, mesmo desconhecendo-o em profundidade (acadêmica). É até meio suspeito para fazê-lo porque a toma como ato de fé. Até onde hoje

se saiba, houve mais traições do que glórias naquela Revolução. Seu próprio epílogo em “Porongos” foi claramente posto sob suspeição por Bento Gonçalves.

O saldo desse ataque foi a prisão de 280 homens de infantaria e 100 soldados negros massacrados, ou seja, a totalidade dos soldados negros presentes naquele acampamento. Conforme anotou Flores, em 4.2.1845, o barão de Caxias informava ao ministro da guerra, Jerônimo Francisco Coelho, que Canabarro havia prometido mandar entregar todos os escravos que ainda conservavam armas.

O próprio Bento Gonçalves criticou os acontecimentos de Porongos

"Foi com a maior dor que recebi a notícia da surpresa que sofreram o dia 14 deste! Quem tal coisa esperaria... por uma massa de infantaria cujos caminhos indispensáveis por onde tinha de avançar eram tão visíveis que só poderiam ser ignorados por quem não quisesse ver nem ouvir, ou por quem só quisesse ouvir a traidores talvez comprados por o inimigo... Perder batalhas é dos capitães, e ninguém pode estar livre disso; mas dirigir uma massa e prepará-la para sofrer uma surpresa semelhante é ser desfeita sem a menor resistência, é só dá incapacidade, e da inaptidão e covardia do homem que assim se conduz..." [Coletânea de documentos de Bento Gonçalves da Silva. 1835/1845. Porto Alegre, 1985. p. 256. In. ASSUMPÇÃO, Jorge Euzébio. Os Negros Farroupilhas e o Massacre de Porongos. Anais do I Simpósio Internacional do Litoral Norte sobre História e Cultura Negra. Osório: Facos, p. 117..]

Bento Gonçalves, entretanto, não foi o único que posicionou-se contrariamente à traição de Canabarro. Manuel Alves da Silva Caldeira, que havia sido sargento farroupilha em um dos Corpos de Lanceiros Negros, ainda vivo no final do século XIX, escreveu uma carta ao jornalista pelotense Alfredo Ferreira Rodrigues sustentando que Canabarro havia entregado os soldados negros para Moringue. Sua carta foi publicada na Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, em 1927. As denúncias de Caldeira reforçam a carta de Caxias a Chico Pedro:

"...Canabarro, de combinação com Caxias e Moringue, deu entrada a Moringue em seu acampamento, para derrotar a força comandada pelo General Netto que estava acampada em lugar que ficou livre do ataque." Para ele o acontecido na noite de 14/11/1844 havia sido programado: "Surpresa não, foi uma traição que Canabarro fez." [Carta de Caldeira a Rodrigues. In. HASSE, Geraldo. KOLLING, Guilherme. Lanceiros Negros. Porto Alegre: Já Editores, 2005. p. 71-74..] Caldeiras também enviou correspondência, em 1º de dezembro de 1898, ao historiador Alfredo Varela:

"É com viva satisfação que lanço mão da minha grossa pena para saber notícias suas e agradecer-lhe o presente que me fez do Livro 1º. Da História da Revolução de 1835 escrita pelo Sr. Narrando os fatos conforme eles se deram. Araripe diz que Canabarro foi surpreendido nos Porongos. Assis Brasil, navegando nas águas do batel carregado de mentiras do Araripe, diz o mesmo, e o Sr. Alfredo Ferreira Rodrigues também segue a opinião deles, inocentando o Canabarro pela traição que fez em Porongos. Forjem os documentos que quiserem para defender Canabarro que não conseguirão salvá-lo. Junto remeto os apontamentos que pediu-me referentes à minha pessoa durante a revolução de 35." [Anais do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. Vol. 5. CV. 3102.]

(Jerry Roberto Almeida
Traição e Morte no Cerro de Porongos)

Essa mesma análise sobre a Revolução Farroupilha é feita pelo CEBRASPO – Centro Brasileiro de Solidariedade aos Povos, como também pelo Sociólogo e pelo escritor Juremir Machado da Silva no seu livro “História Regional da Infâmia”, parcialmente reproduzido hoje no Correio do Povo - <http://www.correiodopovo.com.br/blogs/juremirmachado/>, o que nos faz indagar sobre a correção desta estreita e acrítica vinculação do Movimento Tradicionalista com a Revolução Farroupilha. A meu ver, o tradicionalismo deveria alimentar-se mais do folclore, vertendo mitos, mas sem escorregar pela História, na qual corre o risco de cometer irreparáveis erros.

A verdade é que o Tradicionalismo enveredou por esta sobrevalorização do 20 de Setembro de 1835 e já não tem volta. Tivesse, a propósito, sido mais cuidadoso com a História, teria valorizado mais o 11 de setembro, data da fundação da República Riograndense, em 1936, e não a façanha da Azenha, para ocupar uma freguesia (que embora fosse já a capital, nem cidade era...) com pouco mais de 3.000 moradores. Ao fim e ao cabo, como frisou o Editorial de www.sul21.com.br, “todas as suas “verdades” são refutadas pela historiografia, sociologia, antropologia críticas e jornalismo culto”. Pior, o Movimento Tradicionalista se constituiu como uma instância de autoridade sobre o folclore, operando como perigosa consciência disciplinadora das tradições. Ao fazê-lo, como já advertiu Tau Golin em “Hegemonia Gauchesca” - <http://sul21.com.br/jornal/2011/09/hegemonia-gauchesca/>, reduziu o o que deveria ser o gauchismo ao “gauchesco”.

“Ao introduzirmos o sufixo ismo dávamos-lhe o caráter de movimento sociocultural, com uma imaginação de mundo, reconhecimento de um dogmatismo de conexão passado-presente-futuro, e sua dimensão militante. O conceito apareceu no meu livro A ideologia do gauchismo”.

No limite, transformou-se numa seita retrógrada, desligada das raízes indígenas que lhe deveriam nortear, segregacionista e racista. Contam-se inúmeros casos em que negros são impedidos de entrar até mesmo em bailes e celebrações nos Galpões - Gustavo Pedrollo - <http://gauchismos.blogspot.pt/> .

No conjunto das análises, entre outros processos, ficou evidenciado que o movimento tradicionalista, para se credenciar publicamente, utilizou técnicas de invenção e construção do mito fundante, elegeu um episódio político-bélico (guerra civil de 1835-45, que glorificam como a Revolução Farroupilha) e de interesse de classe do passado (oligarquia), operando sobre ele para estabelecer paradigmas, referências axiomáticas e manipulação de identidade gentílica. Adicionaram xenofobia à manipulação do conceito de guerra de libertação colonial na fantasia de que no século XIX o Rio Grande unanimemente combateu o Império.

Os tradicionalistas se colocaram no centro da operação sobre a autenticidade, assumiram os postos de guardiões de um pretense Rio Grande tradicional, usando artifícios das construções das nações étnicas em uma região mestiça. Ou seja, o Tradicionalismo evidenciou-se como problema contemporâneo, vitorioso na celebração da identidade, construída pela rede societária de CTGs e Piquetes, com um órgão central de orientação, adestramento e controle (MTG), imposição de cartilhas de comportamento e visão sobre o passado, o lugar e o futuro de seus milhares de militantes no mundo. Para vingar, precisou supor que as suas “práticas” decorrem como sucedâneas da história.

A tarefa, porém, de pesquisa cuidadosa do MTG sobre música, danças, indumentária e estilos de vida antigas, são dignas de um prêmio de Antropologia. Eles não revelaram apenas formas de uma outra era, mas a própria alma de um povo rústico em sua formação.

Ainda assim, mesmo esta conquista do MTG vem sendo cada vez mais contestada pela crítica **mais criteriosa** do Rio Grande do Sul. A partir de 2007 começam a crescer as contestações ao caráter hermético e segregacionista do MTG, culminando na subscrição de um “Anti – Manifesto”, cuja principal mensagem é “O talibã é aqui”

“Um dos fenômenos socioculturais mais emblemáticos do Rio Grande do Sul, com repercussão no Brasil, começou a ocorrer em 2007. Alguns representantes da área cultural e da comunicação sistematizaram as interpretações e as opiniões de dezenas de intelectuais e artistas sobre o Movimento Tradicionalista Gaúcho.

...

Desse ponto de vista, o Manifesto condenou a militância tradicionalista para mangueirar o povo, demonstrando a insustentabilidade histórica de sua pretensão usurpadora, ao mesmo tempo em que defende um processo de inclusão na historiografia e na cultura de participação e representação republicana de todos os segmentos sociais.

Com os signatários iniciais, o Manifesto foi disponibilizado na internet. Através de um link, aqueles que concordavam com suas reflexões, passaram também a assiná-lo durante algum tempo. Multiplicou-se vertiginosamente por blogs, sites e emails. Uma repercussão extraordinária! Exceto para a mídia tradicional. Nenhum jornal impresso, rádio ou televisão pautou o assunto. Enquanto isso, as redes sociais o multiplicaram, novas interpretações apareceram, milhares de acessos ao endereço <http://gauchismos.blogspot.com/>.”

(Tau Golin - Hegemonia gauchesca - www.sul21.com.br - 15/09/11)

A meu juízo, muitas das críticas deste Manifesto são pertinentes, mas, no conjunto, uma verdadeira bomba nuclear capaz de destruir tudo ao redor do Tradicionalismo, com argumentos muitas vezes pedantes e exagerados. De qualquer forma, é sempre melhor a discussão do que a paz dos cemitérios.

Vamos, pois, ao separatismo, muitas vezes suscitado no 20 de Setembro.

Se ele ocorreu no passado, ou não, cabe aos historiadores comprová-lo. Para mim, a leitura do Manifesto de Bento Gonçalves de 1838 é muito clara: A República proclamada dois anos antes, pelos Farrapos, é fato consumado e quando muito, admite recompor-se a um novo Brasil Confederado no futuro. Claro que foi um ato político de pouca expressão popular, como, de resto, o foi a Independência do Brasil e a Proclamação da República e até a Revolução de 1930. Isso se explica, em grande parte, pela própria fisionomia social do Rio Grande do Sul, à época.

O Rio Grande era uma vastidão incerta, com uma população muito pequena e, certamente, poucas convicções nativistas. Por isto grande parte da população regional ficou do lado dos caramurus na Revolução Farroupilha, leais ao Império, vendo os farrapos com desconfiança. Era uma população que sequer havia digerido o processo de Independência e que talvez visse, no Império, uma esperança de recomposição com Portugal. Porto Alegre, aliás, ganhou o título de “Mui leal e valorosa”, que ostenta até hoje – inexplicavelmente! – porque rechaçou os Farrapos que a haviam conquistado em 20 de setembro de 1835....Isto não retira o mérito da Revolução Farroupilha. Seus líderes eram grandes estancieiros? Sim...E daí? Não se tratou de uma Rebelião de caráter urbano, onde, como até se viu, na mesma época, em outras regiões do Brasil, a emergência de multidões e líderes populares. Não foi também uma Revolta Camponesa, até porque não havia uma economia de tipo camponesa, sob cânones feudais, que o justificasse. Mas a Proclamação da Independência, nos Estados Unidos, em 1776, não foi muito diferente e entre os Pais da Pátria daquele país, quase todos eram proprietários iluministas. O mesmo viria a ocorrer em 1930, quando Getúlio Vargas se levantou em armas contra uma República Oligárquica e a destituiu, abrindo caminho para um país mais moderno? Enfim:

A região pesquisada, no primeiro terço do século XIX, era predominantemente rural, tendo como principal centro urbano, ainda que limitado, a vila de Porto Alegre. Aldeia dos Anjos e Viamão eram freguesias contíguas a Porto Alegre e tinham como atividade econômica principal a agricultura e a pecuária. A própria vila de Porto Alegre, excetuando-se um pequeno território urbanizado ao redor do antigo Porto dos Casais, às margens do Guaíba, era constituída por sítios, chácaras e algumas fazendas.

A população total destas três localidades, em 1807, chegava a 9.886 pessoas, sendo 3.415 escravos (34,5%) e 887 libertos (8,9%)². Percebe-se, a partir destes dados, que a proporção de escravos no conjunto da população era bastante significativa e semelhante à encontrada nas regiões de ocupação

mais antiga, como o Rio de Janeiro3.

(Gabriel Aladrén - Considerações sobre os padrões de alforria em Porto Alegre -1800-1835 -
<http://www.rj.anpuh.org/resources/rj/Anais/2006/conferencias/Gabriel%20Aladren.pdf>)

O resto do Brasil, nesta época, com mais de três séculos de vida, já tinha desenvolvido seus próprios interesses, contrários ao domínio colonial, do qual padeciam severas discriminações. O Rio Grande, porém, ocupado por militares portugueses retirados do serviço militar, com epicentro (deslocado) ainda na cidade de Rio Grande, estava longe de participar ativamente, como Minas, Rio de Janeiro e o Nordeste todo, do estado de espírito que levou à Independência. Porto Alegre, aliás, recém havia sido fundada por casais açorianos e sequer tinha foro de cidade, embora capital da Província desde 1812.

O alvará de 27 de agosto de 1808 e a Resolução Régia de 7 de outubro de 1809 elevaram a freguesia à categoria de vila, verificando-se a instalação a 11 de dezembro de 1810. Através de alvará de 16 de dezembro de 1812 Porto Alegre tornou-se sede da Capitania de São Pedro do Rio Grande, recém criada, e cabeça da comarca de São Pedro do Rio Grande e Santa Catarina.

Desconheço como se deu a Independência aqui no Rio Grande, e estranho que, tal como houve em outros pontos do país, a guarnição lusitana não tenha tomado os brios de quem lhe pagava os soldos...: a Coroa Portuguesa. Um registro de rebelião em Porto Alegre, e que acabaria elevando-a à condição de cidade, às vésperas de Independência, não chega aos pés de um Inconfidência Mineira:

Em 26 de abril de 1821 eclodiu uma primeira manifestação pública de contestação política na cidade, quando a Câmara, desobedecendo a determinações da Constituição Portuguesa que havia sido jurada pelo Príncipe Regente Dom Pedro, elegeu uma junta ministerial, que governou de 22 de fevereiro até 8 de março de 1822. Em 14 de abril deste ano, por decreto de D. Pedro I, a vila ganhou foro de cidade.

(wiki)

De qualquer forma, o SEPARATISMO no Rio Grande, se tem um olho no passado, o outro será sempre PROSPECTIVO, embora , inevitavelmente recorra ao FOLCLORE como justificação e propaganda. . Assim fazem aqui na Europa catalães, bascos , escoceses e todos os demais povos que se separaram , não sem dores, da antiga YUGOSLAVIA. E também os que se separaram da União Soviética. Um olho no padre, outro na missa. Porque o projeto POLITICO de emancipação é eminentemente IDEOLÓGICO, e

deve nutrir –se de sólidas razões para a construção de um futuro independente melhor.

Discutir o separatismo não é também mover uma guerra pela independência do Rio Grande do Sul, *tout court*. Trata-se, na verdade, de se discutir o federalismo no Brasil. E se ele , tal como está implantado, é bom ou mau para os gaúchos. Nessa discussão, temos que entrar com argumentos e determinação. Não será um convite para um jantar, nem um piquenique, ao qual levamos sanduíches. Trata-se de levantar argumentos e entrar de sola para rediscutir várias questões do federalismo no Brasil: a representação parlamentar no Congresso Nacional, o sistema tributário, o regime de subsídios ao capital e ao trabalho, segundo as regiões do país, os critérios de redistribuição do produto da arrecadação da União no Estado, os meios de comunicação e a industrial cultural, a importância dos resultados na educação , o balanço de produtos estratégicos , como petróleo e outros do subsolo, etc. Daí poderá até haver uma nova **concertação** federal. Mas se não houver conserto (...) a atual deve ser veemente combatida, nem que seja através de uma luta pela autonomia rio-grandense. Vivo , aliás, em Portugal, um país “pequeno, mas muito grande”, como lembra José Saramago , em “Viagem a Portugal” e com uma qualidade de vida exemplar, apesar da Crise. Pois bem, o Rio Grande é até maior do que Portugal, em população, em diversidade geográfica, em PIB industrial , em tecnologia e até em exportações. Só não é maior em glórias, apesar do Movimento Tradicionalista...

A data do 20 de setembro, portanto, deve nos resgatar parte destas glórias do passado, mas deve, sobretudo, lançar-nos com o olhar para o futuro de forma a nos perguntarmos: O que queremos do Rio Grande? Um Novo Nordeste, como profetizou em série de reportagens memoráveis Franklin de Oliveira, nos anos 1960, mercê da perda de substância no processo econômico em curso no país? Ou ficar a Pátria Livre, e morrer ... pelo Rio Grande, senão independente..., verdadeiramente autônomo.

O Gaúcho e sua (nossa) origem

Por volta de 1580, os cavalos abandonados na região do Prata em 1536 tinham se multiplicado aos milhares. Tanto que, em 1600, não podiam mais ser mais contados em suas gigantescas manadas. Os Pampas do Rio Grande, Uruguai e Argentina estavam povoados de cavalos chimarrões (cimarrones) e o povo que vivia nessa região, unida pela semelhança ambiental, se tornou um povo cavaleiro.

A posterior introdução do gado chimarrão, que também tornou-se abundante e formou rebanhos de 40 milhões de cabeças (somando Rio Grande, Uruguai e Argentina), sedimenta esta cultura. A partir dali havia gado solto e sem dono em abundância para ser caçado com laço por aqueles que não queriam outra vida, com liberdade tão incomparável. O gado chimarrão era a base da alimentação e origem de produtos que seriam comercializados e/ou contrabandeados (na época, uma rebeldia contra os pesados impostos).

Mas na origem da formação do gaúcho devem ser lembrados os índios pampeanos (nossos charruas e minuanos), que logo se adaptaram magnificamente ao cavalo (por volta de 1607). Sua miscigenação com o europeu fundiu as culturas ibérica e americana, e gerou os mozos perdidos (homens que optaram pela vida no pampa), sendo seu primeiro registro em 1617, já com chiripá, poncho e bota de garrão de potro (tendo esta indumentária uma evolução gradual e natural até por volta de 1865, com a substituição do chiripá pela bombacha, se estabilizando relativamente até agora).

Índios, mozos perdidos, vagabundos do campo (1642), changadores (1700) e gaudérios foram os antecessores do gaúcho, de origem e comportamento bem semelhantes. Mas, afinal, em que momento começa a existir o gaúcho? É impossível passar a faca sobre este variado mosaico e separar as partes que em muitos momentos se sobrepõem. A palavra "gaúcho", entretanto, só aparece em crônicas de viajantes na América do Sul por volta de 1770. Demonstra uma nova adaptação, ou melhor, a culminação dos tipos anteriores, presente simultaneamente no Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina.

O viajante francês Dreys, em observações entre 1817 e 1825 sobre o Rio Grande, assegura:

"Todos os exercícios de manejo e picaria dos mestres de equitação da Europa são familiares ao gaúcho, e alguns dos exercícios mais difíceis são mesmo entre eles divertimentos de crianças."

Os hábitos dos antigos gaúchos, sejam eles alimentares, de vestuário, aperos e arreios dos cavalos, forma de domar cavalos, de laçar ou bolear, maneira figurada de falar, palavras utilizadas e música, entre outros, passam a ser assimilados pelas novas ondas de colonização açoriana (1752) que o continente de São Pedro do Rio Grande do Sul sofreu. A cultura de fora se rende à cultura local e adapta-se, transforma-se ou desaparece. Neste período, muitos gaúchos eram vaqueanos (conhecem a região nos seus mais mínimos detalhes) e guiavam viajantes e exércitos pelo pampa. Outros tocavam infundáveis tropas de gado por léguas sem fim. Havia ainda os carreteiros, que transportavam produtos cortando a região de todas as maneiras. Os antigos e primeiros gaúchos nômades (injustamente chamados de ladrões no período do gado chimarrão, época de enfrentamento de forças pela posse do gado sem dono) trabalhavam sazonalmente em fazendas (eram pouco exigentes e pareciam se divertir no trabalho mais duro - eram exímios laçadores, boleadores, carneadores e artesões de produtos de couro necessários a montaria) e influenciavam de forma espantosa os filhos dos colonos da campanha ou povoados por onde passavam.

Os gaúchos influenciaram o comportamento de toda a região. Sessenta anos após a chegada dos açorianos, Saint-Hilaire anotou em seu diário que seus descendentes não queriam outro modo de vida, muitas vezes contrariando a vontade de seus pais. Todos queriam ser como os gaúchos. Nota-se traços deste fato mesmo na rígida colônia alemã já em 1858, anotado por Avé-Lallemant. Para ele, "esses alemães demonstram nos campo traços de gaucharia, que se destaca no manejo do laço, condução da tropa e pelo modo de montar e destaca alemães aparecerem montados a cavalo, com elegantes ponchos listrados". Quando o inglês Luccock esteve no Rio Grande em 1808, a região estava completamente acriollada (ou agauchada): todos andavam a cavalo na região, independente de serem índios, soldados, escravos, peões, estancieiros, comerciantes, viajantes ou crianças. Logo todos se transformariam num povo único: o gaúcho.

Em "Viagem ao Rio Grande do Sul", documento escrito em 1845 pelo belga A. Baguet, o autor fala de crianças com poucos anos cavalgando sem sela, a toda velocidade, descreve a forma como montam colocando o pé descalço no joelho do cavalo, a provação dos ventos da pradaria, a lealdade nas guerras, o costume da hospitalidade mesmo entre os mais pobres, a confiança humana nos vaqueanos, os principais costumes (o mate e suas propriedades e o churrasco), a exibição dos arreios com prata (feita até pelos vaqueanos mais simples), o impacto da imagem do pampa e a habilidade do gaúcho nas boleadeiras e no cavalo. Menciona à exaustão, com preciosas descrições, a habilidade do gaúcho com o

cavalo, o qual considera o melhor cavaleiro do mundo junto aos índios.

Vejamos algumas observações de Dreys (1817-1825) sobre os rio-grandenses:

"Independente dessas armas comuns aos militares, o rio-grandense traz consigo duas armas auxiliares peculiares, que somente os homens desta parte da América sabem manejar com habilidade: queremos falar do laço e das boleadeiras. Tem o rio-grandense contraído uma espécie de aliança com o cavalo, em virtude da qual é feito auxiliar indispensável da vida do homem, o cooperador assíduo de quase todos os seus movimentos. O rio-grandense folga em percorrer suas imensas planícies a cavalo. (...) A predileção que manifesta por seu cavalo não se contenta a admiti-lo como companheiro inseparável; ele se ocupa também em adorná-lo (...).

Nas guerrilhas do Rio Grande empregadas contra o estrangeiro, adquiriram uma reputação de firmeza e de coragem que o inimigo não desconheceu. A coragem do rio-grandense é fria e perseverante(...).

"Fazendo um parênteses, é bom lembrar que os gaúchos (considerando além do Rio Grande, os gaúchos do Uruguai e Argentina) foram a base utilizada na guerra em seus respectivos países, os quais lhes devem seja a independência, seja a manutenção das fronteiras - por exemplo: sem os gaúchos, basicamente rio-grandenses, Rosas, na Argentina, não teria caído). No Brasil o caso é exemplar: quem manteve as fronteiras ou lutou nas guerras foram os homens deste Estado, mesmo que os livros de história não lembrem disso.

Sobre a honra dos rio-grandenses, Dreys afirmou que "Sua palavra é inviolável".

Vários comentaram sobre a hospitalidade do rio-grandense/gaúcho, entre os quais Arsène Isabelle (1833):

"A hospitalidade é ainda, entre a maioria, uma virtude que se pratica com generosidade. " No seu comportamento, o gaúcho antigo e o acriollado tinham respeito para quem os tratavam de forma gentil, tinham uma base ética (mesmo que rudimentar), eram impetuosos e peleadores (quando necessário), tinham certa atração pela guerra (desde que seja a cavalo - jamais à pé), atração pela montaria (que se manifesta em muitos enfeites, até de prata) e tradição, seja na indumentária, seja na forma de arrear os cavalos.

A maneira de falar do gaúcho antigo chegou de forma impressionante até nossos dias. Mesmo nos maiores centros urbanos do Estado, dezenas de palavras oriundas da lida campeira continuam sendo usadas com significado paralelo ao original (apesar de que a quase totalidade das pessoas que as utilizam desconheçam esta origem).

Também chegaram até nossos dias a música, os payadores e a poesia gaúcha (cultura sim, mas derivada do canto dos homens do campo do passado). Simões Lopes Neto no seu Cancioneiro Guasca, antologia da música popular gaúcha do passado, mostra a atenção que os habitantes do interior tinham pelo gaúcho. Muitas pessoas do interior, ainda hoje ligadas diretamente ou indiretamente ao campo, compõem músicas e fazem poesias e trovas a maneira (ou lembrando a vida) do gaúcho. Centenas de músicos de qualidade compõem letras e músicas campeiras (nem sempre com apoio da mídia local). Festas que lembram as habilidades do gaúcho (doma e laço, principalmente) são atração sempre que acontecem, mesmo nas zonas mais metropolitanas. Pesquisadores como Paixão Côrtes e Barbosa Lessa conseguiram recuperar muito da dança gaúcha.

Chegou também uma espécie de reminiscência da campanha e um sentimento de épico.

Venera-se a planície. A base do comportamento do gaúcho (seu ethos) de forma geral chegou até os dias de hoje e influencia. Isto é um fato, pelo menos até 20 ou 30 anos atrás. Entretanto, a massificação proporcionada pela televisão e globalização (além de um antigo preconceito local à influência gaúcha) ameaçam esta antiga homogeneidade de povo. O "ser gaúcho", ou seja, a manutenção de características mínimas de identificação, tais como gosto pela música nativa, pela literatura regional ou manutenção do comportamental básico (combatividade era uma das características) passa a ser visto por intelectuais (rio-grandenses, pasmem!) como "negativa" e atrasada. Estes intelectuais, com marcada visão etnocêntrica, não consideram que expressam seu modo urbano (ou globalizado?) de ver. Contraditoriamente, estes mesmos intelectuais concordam que devem ser respeitada as culturas regionais de outros locais.

No mundo inteiro, incluindo sobremaneira a Europa e os Estados Unidos, festas regionais reforçam suas certezas sobre suas origens, como comportar-se frente às adversidades e planejar o futuro. Saberem quem são. Este é o sentido de conhecer o passado, afinal "É tão grave esquecer-se no passado como esquecer o passado. Nos dois casos desaparece a possibilidade de história".

Autor: **Evaldo Muñoz Braz** - e-mail: embraz.voy@terra.com.br

PUBLICADO EM <http://www.portalgaucho.com.br/?pg=1&act=19>

20/02/2011 09h00

FOLCLORE: ORIGEM DO GAÚCHO, Flavio Bastos

Origem do Gaúcho

Segundo Evaldo Munõz Braz, em artigo no portal “Amigos da Tradição”, a origem do gaúcho remete aos índios pampeanos (charruas e minuanos), que habitavam a região dos pampas gaúchos e adotaram o cavalo na sua lida diária, por volta do século xv. “Sua miscigenação com o europeu fundiu as culturas ibérica e americana, e gerou os mozos perdidos (homens que optaram pela vida no pampa), sendo seu primeiro registro em 1617”. A caracterização do gaúcho, com chiripá, poncho e bota de garrão de potro já acontecia nesse período. A partir de então, essa indumentária sofreu “uma evolução gradual e natural até por volta de 1865, com a substituição do chiripá pela bombacha, se estabilizando relativamente até os dias de hoje. De acordo com o autor, “índios, mozos perdidos, vagabundos do campo (1642), changadores (1700) e gaudérios foram os antecessores do gaúcho, de origem e comportamento bem semelhantes”. Para Munhoz Braz, o gaúcho, tal como se cristalizou na tradição e na história do Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina é fruto de muitas variáveis do ponto de vista antropológico: “É impossível passar a faca sobre este variado mosaico e separar as partes que em muitos momentos se sobrepõem. A palavra ‘gaúcho’, entretanto, só aparece em crônicas de viajantes na América do Sul por volta de 1770”. Provavelmente, o termo se refere a um amálgama de tipos presentes na região desde o período da colonização levada a cabo por portugueses e espanhóis e pode ter representado a fusão do que melhor apresentava cada grupo no processo de adaptação e miscigenação, que culminou na formação do tipo gaúcho, propriamente dito. A respeito disso, assim se refere Munõz Braz: “Demonstra uma nova adaptação, ou melhor, a culminação dos tipos anteriores, presente simultaneamente no Rio Grande do Sul, Uruguai e Argentina”. A partir do século xix, o termo gaúcho é incorporado no Brasil como gentílico, que designa os habitantes do Rio Grande do Sul e se refere ainda, segundo a Wikipédia, às pessoas ligadas ao campo, envolvidas com atividade pecuária em regiões onde há ocorrência de

campos naturais do Vale do Rio da Prata, descendentes de índios, mestiços e espanhóis. Essa herança cultural, de várias vertentes, com características peculiares ao modo de vida pastoril.

Fonte: <http://www.Portalgaucho.Com.Br>

O GAÚCHO E A FRONTEIRA NO MUNDO VIRTUAL CARMELLO

, Érika Fernanda

Mestranda do PPGCOM / UFRGS.

RESUMO

Um rico e diversificado mundo simbólico compõe a identidade cultural do estado do Rio Grande do Sul. Tanto assim que ela é capaz de, a princípio, justificar um forte sentimento existente de negação do gaúcho enquanto brasileiro. Tal fato é ressaltado pela história ímpar do estado, marcado por diversos movimentos separatistas desde o século XIX. Hoje, o tema separatismo ainda gera muita polêmica. Porém, a discussão migrou dos campos de batalha para a Internet. Este artigo é parte integrante de uma pesquisa em andamento, cuja proposta é analisar o que pensa a comunidade virtual de um site de cultura e tradição gaúchas sobre o que é ser gaúcho e sobre a formação de um Estado-nação próprio, a partir das mensagens enviadas pelos internautas para o mural de recados do mesmo. Entender como se dá o debate destas questões, tão atreladas à territorialidade, no espaço de fluxos é o objetivo do presente trabalho.

Palavras-chave: Identidade Cultural Gaúcha. Separatismo Gaúcho. Comunidade Virtual.

O gaúcho e a fronteira no mundo virtual

Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-12, julho/dezembro 2004.

2

1 INTRODUÇÃO

Identidade é “o processo pelo qual um ator social se reconhece e constrói significado principalmente com base em determinado atributo cultural ou conjunto de atributos, a ponto de excluir uma referência mais ampla a outras estruturas sociais” (CASTELLS, 2000, p. 39). Desta maneira, os valores e o comportamento de um grupo estão diretamente relacionados com seu conhecimento. Ou seja, sua identidade baseia-se na teoria e prática das tradições (BORNHEIM, 1987, p. 19-20). Para constitui-la, o estabelecimento de mitos e símbolos próprios é fundamental.

O mito é um sistema de comunicação, uma mensagem. Eis por que não poderia ser um objeto, um conceito ou uma idéia: ele é um modo de significação, uma forma. Será necessário, mais tarde, impor a essa forma limites históricos, condições de funcionamento, reinvestindo nela a sociedade (BARTHES, 2003, p. 199).

Para o autor, sendo o mito “uma fala”, tudo pode construir um mito, desde que

seja suscetível de ser julgado por um discurso. Ele acredita que “a mitologia tenta recuperar, sob as inocências da vida relacional mais ingênua, a profunda alienação que essas inocências têm por camuflar. (...) A mitologia é uma concordância com o mundo, não como ele é, mas como pretende sê-lo” (BARTHES, 2003, p. 248-49).

Identidade cultural e nacionalismo são conceitos que geralmente caminham juntos. De acordo com Smith (1997, p. 67), o nacionalismo é uma doutrina ideológica que visa “obter e manter a autonomia, unidade e identidade em nome de um grupo humano que segundo alguns de seus componentes constituem de fato ou em potência uma nação”. Castells (2001, p. 47), por sua vez, complementa, dizendo que o “fato de o nacionalismo contemporâneo ser mais reativo do que ativo, tende a ser mais cultural do que político, e, portanto, mais dirigido à defesa de uma cultura já institucionalizada do que à construção ou defesa de um Estado”. Aqui vale destacar que, embora esteja associada ao Estado-nação, “a idéia de que as nações somente podem ser livres se tiverem seu Estado próprio soberano não é imprescindível, nem universal” (SMITH, 1997, p. 68). Um exemplo dado pelo autor é a região da Catalunha, na Espanha, onde os catalães, ao invés de visarem a independência incondicional, objetivam o autogoverno

CARAMELLO, Érika Fernanda

Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-12, julho/dezembro 2004.

e a paridade cultural. Já o cenário do Rio Grande do Sul é um tanto diferente, como será visto a seguir.

2 O GAÚCHO E SUA NAÇÃO

Assim como os demais mitos, o do gaúcho também foi construído. Até meados do século

XIX, o termo gaúcho era pejorativo, advindo do termo guasca[2] e, posteriormente, de gaudério, nome este dado aos contrabandistas de gado oriundos do estado de São Paulo. Depois, se transformou num substantivo gentílico. “O que ocorreu foi uma ressemantização do termo, através do qual um tipo social que era considerado desviante e marginal foi apropriado, reelaborado e adquiriu um novo significado positivo, sendo transformado em símbolo de identidade regional” (OLIVEN, 1989). Comparando o gaúcho ao perfil de soldado, os estancieiros conseguiram mobilizar os peões para os combates da Revolução Farroupilha e demais guerras ocorridas nos países vizinhos da região sul do Brasil.

Trata-se essencialmente de um fenômeno ideológico o processo de construção do gaúcho como campeador e guerreiro, inserindo-o num espaço histórico onde os atributos de coragem, virilidade, argúcia e mobilidade são exigidos a todo momento, transportando-o ao plano do mito. E não há caso em que transpareça tão claramente a vitória da ideologia (CHAVES apud OLIVEN, 1989).

O Movimento Tradicionalista desempenhou um papel fundamental na construção da identidade cultural gaúcha. Numa breve retrospectiva, Tau Golin (apud MELO, 1995,

p. 7-8), diz que, em 1898, foi fundado o Grêmio Gaúcho, a primeira tentativa de estabelecer a mítica do gaúcho, buscando no passado aquilo que viam como tradição ou história do Rio Grande do Sul. No fim da década de 40, foram criados os Centros de Tradições Gaúchas (CTGs), espécie de clubes temáticos do tradicionalismo gaúcho. Neles, os líderes do Movimento Tradicionalista recolheram elementos da cultura popular

e estabeleceram as ditas verdadeiras tradições do Rio Grande do Sul, impondo um modelo para todos os gaúchos. Outro período importante foi a década de 70, com o surgimento do Movimento Nativista e seus festivais de música regional. Todo este mundo simbólico, composto por CTGs, vestimentas típicas, culto ao chimarrão, etc.,

hoje está presente na vida social dos rio-grandenses-do-sul e é responsável, segundo Leal (apud JACKS, 1999, p. 72) por “uma espécie de negação da identidade nacional como um todo e muito mais uma identidade do gaúcho como ser único”. Oliven (1989) ressalta tal aspecto: Embora brasileiro, ele seria muito distinto de outros tipos sociais do País, guardando às vezes mais proximidade com seu homônimo da Argentina e do Uruguai. Na construção social da identidade do gaúcho brasileiro, há uma referência constante a elementos que evocam um passado glorioso no qual se forjou sua figura, cuja existência seria marcada pela vida em vastos campos, a presença do cavalo, a

O gaúcho e a fronteira no mundo virtual

Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-12, julho/dezembro 2004.

4

fronteira cisplatina, a virilidade e a bravura do homem ao enfrentar o inimigo ou as forças da natureza, a lealdade, a honra etc.

Em outra obra, Oliven (1992, p. 100) aponta que a identidade cultural gaúcha baseia-se no passado que teria existido na região do Rio Grande do Sul denominada Campanha e no mito do gaúcho. O autor acredita que “manter a distinção entre o Rio Grande do Sul e o Brasil seria uma forma de preservar a identidade cultural do estado. Por isso, um elemento recorrente no discurso tradicionalista é a referência à ameaça que pairaria sobre a integridade gaúcha” (OLIVEN, 1992, p. 108). Isto pode explicar os anseios separatistas tão presentes na história do estado.

O principal movimento separatista aconteceu ainda no século XIX. A Revolução Farroupilha, uma luta armada comandada pelos estancieiros inconformados com a centralização imperial e com a taxa excessiva do charque gaúcho, visava dar mais autonomia à Província. Seu estopim foi em 20 de setembro de 1835, data da invasão da capital, Porto Alegre. Um ano depois, os farrapos proclamaram a República Piratini e elegeram Bento Gonçalves como presidente. Esta guerra somente findou com a assinatura do Tratado do Ponche Verde, em primeiro de março de 1845, entre os farrapos e o governo brasileiro.

Já no final do século XX, mais precisamente no ano de 1993, vieram-se diversos movimentos separatistas espalhados no Rio Grande do Sul: o Partido Farroupilha, do advogado porto-alegrense Granata; o movimento Pátria Livre, de “Domingão”, também da capital gaúcha, e outros menores, que ultrapassavam a marca dos vinte na região sul. Porém, nenhum destes teve tanta repercussão quanto o Movimento Nacionalista Pampa.

Fundado em 18 de fevereiro de 1990, o Movimento Nacionalista Pampa surgiu com a intenção de criar um novo país a partir da unificação dos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná. Seu líder é Irton Marx, um gaúcho de Santa Cruz do Sul. Ele idealizou um movimento bastante atuante, que já contou com 700 comissões municipais no sul do país, publicou o livro “Vai nascer um novo país: República do Pampa Gaúcho”, de sua autoria, e até elaborou uma bandeira desta nova república. Irton Marx tinha como argumento principal o fato de que, teoricamente, o Estado do Rio Grande do Sul seria, desde 1835, uma República, pois o Tratado do Ponche Verde extinguiu somente a Revolução Farroupilha e não a independência gaúcha

- prova disso são a bandeira e o brasão do Estado, que trazem a inscrição “República Rio-grandense”, além do hino gaúcho, que retrata a comemoração da Independência da República. Por não acreditar na possibilidade do governo brasileiro um dia vir a dar a autonomia às Unidades Federativas, a exemplo do que acontece nos Estados Unidos, o movimento pela República Federal do Pampa sonhava com a separação dos estados gaúcho, catarinense e paranaense. Os motivos apontados por Marx são o tratamento

CARAMELLO, Érika Fernanda

Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-12, julho/dezembro 2004.

periférico dado pelo Governo Federal a esta região e as grandes diferenças econômicas e culturais para com o resto do país, que evoca a idéia do gaúcho como não-brasileiro. Não suportamos mais a demonstração da má vontade do governo do Brasil em relação ao “País dos Gaúchos”, ou à República do PAMPA GAÚCHO. A desorganização e a corrupção generalizada por todo o território brasileiro, a indiferença para com a sua e a nossa gente, nos impelem a tomar uma decisão tão drástica que é o buscar a nossa própria autonomia, resgatando nossa história, firmando-nos como um povo autônomo, que olha o futuro com raro brilhantismo (MARX, 1990, p. 52).

Exposto na imprensa e investigado pela Polícia Federal, Irton Marx teve sua imagem desgastada. Porém, ainda hoje tenta fazer valer sua utopia separatista. Tanto que, em agosto de 2003, relançou o jornal semanário santa-cruzense O Estado Gaúcho, fator importante para a sua eleição como o vereador mais votado de sua cidade natal, após inúmeras tentativas frustradas em pleitos anteriores.

3 O GAÚCHO E A FRONTEIRA NO MUNDO VIRTUAL

Estas questões relativas à identidade cultural gaúcha e aos movimentos separatistas do Rio Grande do Sul têm como pano de fundo a territorialidade. Porém, a Internet, conhecida como um espaço de fluxos[3], vem servindo de palco para estes debates. Exemplo disso é o que acontece no site Galpão Virtual, o site de arte e tradição gaúchas do provedor Internet Via RS, pertencente à Companhia de Processamento de Dados do Rio Grande do Sul (Procergs).

No dicionário, o termo galpão designa uma “edificação aberta em um dos lados para abrigo de homens, animais, material, etc.” (FERREIRA, 1999, p. 965). Para um dicionário regional gaúcho, no entanto, o termo é mais abrangente:

1. Grande construção rústica edificada na sede da estância, destinada ao abrigo de homens e animais bem como à guarda de materiais e outras serventias. Possui, geralmente, uma área de chão batido e outra assoalhada com madeira bruta para guardar ração, arreios ferramentas e outros utensílios. No galpão se reúnem patrões, peões, tropeiros, viajantes e outros (menos as mulheres, pois trata-se de ambiente exclusivamente masculino); local onde se prepara e se come o churrasco e, num clima alegre e descontraído ao redor do fogo de chão, toma-se chimarrão, discutem-se as lidas de campo e contam-se causos. 2. Estábulo que serve de abrigo para animais. 3. Alpendre, varanda, edificação junto à casa de habitação (BOSSLE, 2003, p. 259). Hoje, as sedes dos CTGs recebem este nome. Neste espírito, foi criado o site Galpão Virtual em setembro de 2000, em alusão à Semana Farroupilha. Como seu nome sugere, o site tem a preocupação de ambientar o internauta como se estivesse num CTG virtual: a cor marrom predominante remete à madeira dos rústicos galpões das entidades tradicionalistas, bem como a linguagem presente em suas páginas, o O gaúcho e a fronteira no mundo virtual

Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-12, julho/dezembro 2004.

6

portunhol, uma mistura de espanhol e português, que é muito utilizada pelos gaúchos em razão da proximidade física com o Uruguai e a Argentina. Além desta ambientação, o internauta encontra no site, entre outros assuntos, receitas campeiras, poesias, músicas regionalistas cifradas para violão, informações acerca da vestimenta de gaúcho, registros de eventos, curiosidades, minidicionário guasca, história do Rio Grande do Sul, lendas, ditados e um extenso banco de dados com quase dois mil endereços de CTGs e piquetes tradicionalistas, muitos deles em outros estados e países. Porém, é na seção denominada Tchê-mail, objeto de estudo deste trabalho, que sua

comunidade virtual de internautas deixa as impressões acerca do site e de assuntos correlatos.

Ao contrário das comunidades ditas tradicionais, formadas pela proximidade geográfica, as comunidades virtuais são constituídas a partir de indivíduos com os mesmos interesses conectados na Internet. “Comunidade Virtual seria o termo utilizado para os agrupamentos humanos que surgem no ciberespaço, através da comunicação mediada pelas redes de computadores (CMC)” (RECUERO, 2001, p. 6). Baseada em Maffesoli no conceito de tribos eletrônicas, Gehrke (2002, p. 84) complementa: “utilizando a Internet como meio, tribos eletrônicas têm se formado, agregando indivíduos com os mesmos interesses, mesmo que distantes geograficamente.” Por fim, Recuero (2001, p. 11) diz que “a comunidade virtual é um elemento do ciberespaço, mas é existente apenas enquanto as pessoas realizarem trocas e estabelecerem laços sociais.”

O livro de visitas virtual do site Galpão Virtual, denominado Tchê-mail, esboça o alcance geográfico do mesmo, uma vez que boa parte de seus registros é de internautas de outros estados brasileiros e países. As mensagens nele publicadas também registram a formação voluntária de uma comunidade virtual interessada no tradicionalismo gaúcho, desfigurando a função inicial daquele espaço, que passou a apresentar características de fórum de debates. No entanto, dois assuntos debatidos entre os internautas no Tchê-mail chamam a atenção, pois remetem aos conceitos acima trabalhados. O que é ser gaúcho? Qual é o posicionamento dos mesmos sobre separar o Rio Grande do Sul do Brasil? Para saber o que a comunidade virtual mantida através do site pensa acerca destes assuntos, são apresentadas as mensagens do Tchê-mail que mencionam tais temáticas, enviadas em dois momentos distintos, conforme descrição abaixo.

4 IMPRESSÕES SOBRE O GAÚCHO

O primeiro período de mensagens analisadas compreende de junho a agosto de 2002, onde aconteceu uma fervorosa discussão sobre o que é ser gaúcho. Aqui, pode-se averiguar, nos comentários enviados ao Tchê-mail, o confronto de três grandes grupos: CARMELLO, Érika Fernanda

Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-12, julho/dezembro 2004.

os gaúchos que vivem no Rio Grande do Sul, aqueles que vivem fora do estado, e aqueles que não nasceram no Rio Grande do Sul, mas cultivam os hábitos e/ou apreciam a cultura sul-rio-grandense. O segundo caso lembra Smith (1997, p. 69), quando diz que “os integrantes da nação[4] que se encontram fora da pátria se consideram perdidos”.

O terceiro grupo, porém, é o mais intrigante, uma vez que foi o pivô de um grande debate no site, como provam as mensagens a seguir[5].

No dia 15 de junho de 2002, a internauta Juliana[6], de Joinville – SC, deixou no Tchê-mail a mensagem “Te achega gaúcho pro pampa teu lar. Convido todos pra conhecer este site!” Passados três dias depois, Graziela Weber, de Porto Alegre – RS, escreveu em resposta: “Mas bah! Me desculpem os barrigas-verde, mas não entendo a insistência dos Catarinenses em serem chamados de gaúchos... Tantas lutas tiveram os Genuínos Gaúchos para manterem e divulgarem nossa tradição para virem os Catarinos e se autodenominarem Gaúchos!”

Frente à reação desta internauta, outros gaúchos começaram a se manifestar.

No dia 24 daquele mês, Gumercindo, de Fortaleza dos Valos – RS, lembrou:

“Praticamente o Rio Grande começou a ser criado lá pelas bandas de Laguna, no século XVII. Então os barrigas-verde são nossos irmãos acima de tudo”. Um dia depois, Graziela

renovou sua posição, dizendo que “Os Catarinenses são irmãos assim como todo o

Brasileiro. Mas aí ser chamados de Gaúchos!” Nota-se uma certa ironia da internauta ao destacar a palavra irmãos quando se refere aos catarinenses e demais brasileiros, que reforça seu sentimento do gaúcho como ser ímpar.

Outro internauta envolvido na discussão foi Cristiano, de Novo Hamburgo – RS, que em 25 de junho enviou uma mensagem claramente destinada a Graziela, mesmo não apontando seu nome. Na oportunidade, ele lembrou que “muitas das grandes batalhas que nos deram a liberdade tiveram como QG a querência lagunense, que hoje pertence ao estado de Santa Catarina”. Insistindo em seu ponto de vista, Graziela, no dia 28 de junho, continuou afirmando que tinha conhecimento sobre “essa história de Laguna, mas Catarinenses são Catarinenses e Gaúchos são Gaúchos”.

Por fim, em 25 de agosto do mesmo ano, Odilon Dorval Klein, de Ijuí – RS, conseguiu amenizar a agressividade de Graziela. Sua mensagem foi direta: “Já tinha visto índio[7] grosso e boçal. Mas esse (sic!) tal de G.W. levou todas as fichas, pois não é que o vivente vem de atropelar nossos buenos irmãos de Santa Catarina?” Mais adiante, Odilon pediu desculpa aos catarinenses e disse que não há “nada pior que um gaúcho que não respeita os seus semelhantes.” Dois dias depois, Graziela, parecendo arrependida, escreveu: “está bem, Odilon, você me convenceu”. No último dia daquele mês, Odilon publicou nova mensagem no Tchê-mail, numa resposta à Graziela: “Peço desculpas pelo chasco. Mas veja, somos todos brasileiros e, por esse motivo, devemos respeito a todos os nossos irmãos. E principalmente o gaúcho que sempre primou pelo respeito e cordialidade”.

O gaúcho e a fronteira no mundo virtual

Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-12, julho/dezembro 2004.

8

Passadas algumas semanas, um internauta deixou um recado provocativo em relação à discussão acima. No início de seu recado, Sady Carlos de Souza Júnior, de São

Paulo – SP, perguntou: “Como vão os nossos gaúchos? Sou gaúcho, moro em São Paulo há

algum tempo e venho por esta dar um alô a todos os conterrâneos e barrigas-verdes! :-
)”

Mais adiante, o assunto renasceu, desta vez na mensagem enviada em 6 de outubro por Renato Kammler, de Marcelino Ramos – RS. Ele escreveu: “Quero falar que gaúcho é todo aquele que defende e se orgulha de nosso pampa, não importando se é catarinense ou cearense”. Assim, ele se posicionou sobre o que é ser gaúcho, no caso mostrando que é mais um “estado de espírito” do que mesmo um substantivo gentílico dos nascidos no estado do Rio Grande do Sul. Porém, a continuação desta mensagem é particularmente interessante: “mas só quem nasceu aqui tem o verdadeiro sangue dos heróis farrapos nas veias, coisa que aqueles b... enrustidos do Casseta e Planeta nem em sonho algum dia terão. Um grande abraço deste que se orgulha de ser chamado de gaúcho”. Aqui, o internauta demonstrou aversão ao programa humorístico da Rede Globo, que, na época, exibia semanalmente personagens com trejeitos homossexuais trajando vestimentas gaúchas, numa explícita paródia ao mito do gaúcho.

5 IMPRESSÕES SOBRE O SEPARATISMO GAÚCHO

Já num outro momento, mais precisamente entre os dias 31 de agosto e 22 de setembro de 2003, em razão da comemoração da Semana Farroupilha, o Tchê-mail foi palco de outra discussão polêmica, que até o presente momento divide as opiniões dos internautas do site: o movimento separatista da República do Pampa Gaúcho. Neste período, quase uma centena de mensagens sobre esta temática foi enviada.

Apesar do descrédito sobre Irton Marx e seu movimento, provocado pela mídia no início da década de 90, há ainda quem é entusiasta da idéia. É o caso de Manoel Augusto Diniz, de Santa Cruz do Sul - RS, não por acaso a cidade natal do líder do Movimento Nacionalista Pampa. No dia 31 de agosto de 2003, ele disse que gostou de visitar o site, porém este “deixou a desejar no quesito Separatismo, sendo que assim deixou de lado o crescente sentimento que faz parte de nosso dia-a-dia, e também os movimentos organizados em prol desta causa”. Já no dia 5 de setembro, Diniz voltou a publicar nova mensagem, desta vez apelando para o boicote ao programa Casetta e Planeta, e terminou seu recado evocando: “Viva o povo gaúcho. Viva a República Riograndense!”

Três dias depois, o internauta Vilnei Costa, de Porto Alegre – RS, mostrou-se contra o ideal separatista defendido por Diniz, ao afirmar que não acreditava ver a separação do Brasil como a solução para os problemas dos gaúchos. No mesmo dia, Diniz, diferenciando o gaúcho dos brasileiros e novamente clamando por um Estado

CARAMELLO,
Érika Fernanda

Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-12, julho/dezembro 2004.

nação próprio, disse que respeitava opiniões contrárias a sua, embora considerasse “estranho uma pessoa ser contra sua própria cultura e a favor de uns b... que denigrem nossa imagem gaúcha, e conseguiram associar a imagem do homem sul-rio-grandense ao

homossexualismo”.

Neste mesmo dia, Diniz sugeriu aos demais internautas que assinassem o campo “país” do formulário de envio das mensagens do Tchê-mail como “República Riograndense”,

algo que ele próprio já fazia em suas mensagens anteriores e continuou fazendo em diversas mensagens posteriores a esta. Porém, com o limite da cota de caracteres de preenchimento do campo, no site aparece apenas “República Rio Grande”. Seu apelo foi atendido no período determinado para esta análise pelos internautas Renato Kammler, de Marcelino Ramos – RS, já citado anteriormente na discussão sobre ser gaúcho, Jonas, de Alegrete - RS, Luciano Silva e Antonio, ambos de Santa Cruz do Sul – RS, Glauco, de Curitiba – PR, os porto-alegrenses Fernando e um internauta cujo pseudônimo é Gaúcho, além de outro de pseudônimo Tchê, que, por sua vez, não indicou sua localidade. Todos preencheram o campo “país”, ou com os

mesmos dizeres de Diniz, ou como “Pampa Gaúcho”. Já Rodrigo Furquim, de Porto Alegre – RS,

preferiu escrever “Brasil” com aspas.

No dia 11 de setembro, Diniz chegou a enviar para o Tchê-mail trechos do texto da proclamação da Independência da República Rio-grandense, ocorrida nesta data no ano de 1836. Também relembrou quando, no início dos anos 90, a Rede Globo, através do programa dominical Fantástico, ridicularizou o estado através de uma reportagem parcial sobre o movimento da República do Pampa Gaúcho. Naquela ocasião, a matéria mostrou imagens com nomes de estabelecimentos comerciais de origem alemã na cidade e a aparência de seus habitantes - loiros, em sua maioria, devido à descendência germânica de sua população. Feito isso, destacou Irton Marx, o líder do movimento República do Pampa Gaúcho, explicando os motivos que o levaram a lutar pelo separatismo, enquanto mostrava cenas dele falando na língua utilizada por seus antepassados com seu cachorro de raça pastor alemão. Assim, a reportagem conseguiu associar a imagem de Irton Marx ao nazismo alemão, assim como seu movimento, sua

cidade e seu estado, causando uma grande repercussão no Rio Grande do Sul e no Brasil afora.

Em meio às mensagens enviadas por Diniz, muitos internautas interagiam com o mesmo, alguns o elogiando pela defesa da causa separatista, outros demonstrando interesse para obter mais informações sobre os movimentos separatistas existentes no sul do país. Na contramão deste pensamento estava a internauta que assinou sob o nome de Lele, uma gaúcha que reside em Curitiba – PR. No dia 9 de setembro, ela afirmou: “orgulho-me de ser gaúcha, mas acima de tudo somos brasileiros e nossa cultura é rica. Não podemos ser soberbos, presunçosos e limitados só porque somos do RS. Depois que saí do RS, eu entendi isso. E nem por isso deixei minhas raízes”. Já no O gaúcho e a fronteira no mundo virtual

Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-12, julho/dezembro 2004.

10

dia 11 de setembro, ela afirmou que “o RS (e nem outro Estado) não é e nunca será auto-suficiente.” Apesar de discordar com Diniz, numa outra mensagem enviada neste mesmo dia, Lele se dirigia a ele dizendo que considerava a discussão importante e o assunto oportuno. Ela também se dizia favorável à manutenção do tradicionalismo, às comemorações da Semana Farroupilha e de tudo relativo ao estado. Havia apenas uma exceção: “sou contra o separatismo. Só isso”. Mais adiante, ela questionou:

“Verdadeiros Rio-grandenses então são somente aqueles que concordam com o separatismo? Conceito novo de Rio-grandense agora?” E complementou: “Os Riograndenses

de coração não precisam ser necessariamente a favor do separatismo. Eu sou Gaúcha, Rio-grandense e não sou a favor do separatismo”. Outro comentário desta internauta estava presente numa mensagem datada de 16 de setembro, onde ela disse: “Preservar a cultura e as tradições, sim. O que não quer dizer fechar as fronteiras e viver de mal com o resto”.

Outra internauta que segue este mesmo pensamento é Karen, uma gaúcha que mora em Porto Alegre – RS. Em suas primeiras participações no Tchê-mail, datadas em 10 de setembro, ela se perguntava: “Para que separar?” Adiante, ressaltou que, caso o Brasil se desintegrasse, São Paulo continuaria sendo um centro mais forte que o Rio Grande do Sul, e Minas Gerais continuaria tendo uma história e uma cultura tão ricas quanto às gaúchas. Por fim, ela enfatizou: “somos gaúchos com muito orgulho, ainda mais inflamados agora com as comemorações da Semana Farroupilha; mas, acima de tudo, somos Brasil”. Por sua vez, Gumercindo Pantaleão, de Santa Maria – RS, ressaltou

que “o lance do separatismo só ocorreu em nossa história por fatores que se somaram naquela época. Hoje isso não existe mais”. Por fim, se dizia “gaúcho de coração e brasileiro por opção”. Era um discurso muito semelhante ao de Luis Carlos Azzi Araújo,

da cidade gaúcha de São Jerônimo: “somos brasileiros, nós, gaúchos, por opção; enquanto ELES (os demais brasileiros)[8], em decorrência da linha de Tordesilhas”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste breve trabalho, pode-se observar algumas tendências entre os internautas do site Galpão Virtual. Na discussão sobre o que é ser gaúcho, havia o pensamento comum de que, o fato de não ter nascido no Rio Grande do Sul, não impediria uma pessoa de se sentir gaúcha - em especial os catarinenses, em razão da luta desde povo para a instauração da República Juliana, enquanto no Rio Grande do Sul

ocorria concomitantemente a Revolução Farroupilha. Independente disto, é

prerrogativa o apreço pela cultura sul-rio-grandense para ser um gaúcho. Como lembrou o internauta santa-mariense Gumerindo Pantaleão no dia 12 de setembro de 2003, ser “gaúcho é um estado de espírito”. O mesmo não se pode dizer quando o assunto em pauta era o separatismo do estado, como o citado Movimento Nacionalista Pampa: CARMELLO, Érika Fernanda

Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-12, julho/dezembro 2004.

houve um embate muito forte entre aqueles que eram favoráveis e os que eram contra a separação do Brasil. No entanto, hoje, o cerne está no debate ideológico, não mais em sangrentas lutas. Assim, parece que o mito do gaúcho vem perdendo sua força original, como já sugeriu o pernambucano Ascenso Ferreira em seu poema “Gaúcho”: “Riscando os cavalos. Tinindo as esporas. Través das coxilhas. Sai de meus pagos em louca arrancada. Para que? Pra nada!”

Ainda que Castells conceitue o espaço de fluxos como desterritorializado, onde as fronteiras e o corpo físico perdem importância, percebe-se nos debates a presença de um linguajar próprio dos habitantes do Rio Grande do Sul, o portunhol, bem como a referência a locais delimitados, que vai da palavra Galpão presente no nome do site, passa pela questão da identidade cultural gaúcha e chega nos movimentos separatistas sul-rio-grandenses. Em todos estes casos, a delimitação fronteiriça é latente, trazendo à tona a existência da fronteira na Internet. Sobre este assunto, há ainda outro ponto relevante: em nenhuma das mensagens dos períodos analisados houve a sugestão ou tentativa desta comunidade virtual promover um encontro real para que seus membros pudessem discutir seus pontos de vista, por mais que estes tenham interagido no Tchêmail.

O debate prossegue, sendo o presente artigo apenas parte de um trabalho em andamento. E, ao que tudo indica, tão cedo a interação entre os internautas não cessará – aliás, estas discussões se encontram na pauta do dia daquela seção do site.

BIBLIOGRAFIA

BARTHES, Roland. Mitologias. Rio de Janeiro: DIFEL, 2003.

BORNHEIM, Gerd A. O conceito de tradição. In: BORNHEIM, Gerd A. et al. Cultura brasileira: tradição e contradição. Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

BOSSLE, Batista. Dicionário gaúcho brasileiro. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2003.

CASTELLS, Manuel. A sociedade em rede. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

_____. O poder da identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo Aurélio século XXI: o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GALPÃO VIRTUAL. Disponível em: <<http://www.galpaovirtual.com.br>>. Acesso em: 05 abr. 2004.

GEHRKE, Mirian Engel Rotinas digitais de comunicação pessoal: Internet e sociabilidade contemporânea. Dissertação de Mestrado em Comunicação e Informação apresentada à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2002.

JACKS, Nilda. Querência: cultura regional como mediação simbólica. Porto Alegre: Ed.Universidade/UFRGS, 1999.

O gaúcho e a fronteira no mundo virtual - Intexto, Porto Alegre: UFRGS, v. 2, n. 11, p. 1-12, julho/dezembro 2004.

MARX, Irton. República do Pampa Gaúcho [26 mai. 1996]. CARMELLO, Érika Fernanda.

CREMONESE, Lia Emília. DARDE, Vicente William da Silva. Santa Cruz do Sul: FABICO/UFRGS.. Vai nascer um novo país: República do Pampa Gaúcho. Santa Cruz do Sul: Excelsior, 1990.

MELO, Itamar. A invenção do gaúcho. Sextante, Porto Alegre, n. 24, p. 6-8, dez.1995.

OLIVEN, Ruben George. A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação.

Petrópolis:

Vozes, 1992.

O Rio Grande do Sul e o Brasil: uma relação controversa. RBCS, n. 9, fev.1989.

RECUERO, Raquel da Cunha. Comunidades virtuais: uma abordagem teórica. In: Seminário

Internacional de Comunicação, 5., 2001, Porto Alegre.

SMITH, Anthony D. La identidad nacional. Madri: Trama Editorial, 1997.

[1] Versão revisada e atualizada do artigo apresentado na 7ª FOLKCOM - Conferência Brasileira de Folkcomunicação, evento realizado entre os dias 13 e 16 de maio de 2004, na Univates, em Lajeado - RS.

[2] “Homem rústico, valente, forte, guapo, grosseiro, rude” (BOSSLE, 2003, p. 278).

[3] De acordo com Castells (2000, p. 436), “o espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempo compartilhado que funcionam por meio de fluxos”. O autor afirma que sua existência depende da presença de circuitos eletrônicos, nós e centros de comunicação, além da organização espacial das elites empresariais.

[4] Grifo meu.

[5] Em razão da grande quantidade de erros de digitação, ortografia a gramática, a grafia das mensagens

presentes neste trabalho foram revisadas, sem ocasionar perda ou alteração de seu sentido original.

[6] As pessoas são citadas neste trabalho pelo nome e/ou apelido que colocaram no campo homônimo no formulário de envio de mensagens do Tchê-mail.

[7] Sinônimo de gaúcho, numa alusão aos índios que viviam na região dos Sete Povos das Missões.

[8] Grifo meu.

FONTE -

www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/download/4082/4456
www.seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/download/4082/4456

EM BUSCA DO TEMPO PERDIDO - o Movimento Tradicionalista Gaúcho

Ruben G. Oliven

Dois aspectos são comuns àqueles que, a partir de perspectivas diversas, cultuam as tradições gaúchas: a presença do campo, mais especificamente da região da Campanha, localizada no sudoeste do

Rio Grande do Sul, na fronteira com Argentina e Uruguai; e a figura do gaúcho, homem livre e errante, que vagueia soberano em seu cavalo, tendo como interlocutor privilegiado a natureza das vastas planícies dessa área pastoril (Oliven, 1988).

Esse culto à tradição passou por diversos momentos. Começou em meados do século XIX, quando não existia mais a figura marginal desse gaúcho do passado, gradativamente transformado em peão de estância. Por volta de 1870 o Rio Grande do Sul experimentou modificações econômicas - com o cercamento dos campos, o surgimento de novas raças de gado e a ampliação da rede viária - que atingiram e modernizaram a Campanha, simplificando sua pecuária e eliminando certas atividades servis, como as dos posteiros e dos agregados, expulsos dos campos em grande número. A implantação de frigoríficos estrangeiros e a decadência das chasqueadas gaúchas acentuaram esse processo a partir do fim da Primeira Guerra Mundial, quando começou a aparecer o 'gaúcho a pé', expressão usada nos romances sociais de Cyro Martins.

Em meados do século XIX a figura do gaúcho estava praticamente extinta. Por isso, estava também em condições de ressurgir como instrumento ideológico de sustentação dos que a tinham destruído (Gonzaga, 1980, pp. 118-119). Em 1868, um grupo de intelectuais e escritores fundou em Porto Alegre o Partenon Literário, sociedade de letrados que, através da exaltação da temática regional, tentou juntar os modelos culturais vigentes na Europa e a visão positivista da oligarquia rio-grandense. Vejamos o que diz Sergius Gonzaga:

“Caberia aos integrantes da Sociedade Partenon o esforço para louvação dos tipos representativos mais caros à classe dirigente. Sedimenta-se ali o início da apologia de figuras heróicas, alçadas à condição de símbolos da grandeza do povo rio-grandense. Encontra-se na sedição farroupilha os paradigmas de honra, liberdade e igualdade que se tornariam inerentes ao futuro mito do gaúcho, dissolvendo-se os motivos econômicos e as diferenças entre as classes, existentes no conflito. A configuração dos heróis não era ainda a do gaúcho estilizado e 'glamourizado', mas o vetor encomiástico já se fazia presente. Compreende-se a apologia em função do surgimento nas cidades, em especial Porto Alegre, de jovens 'ilustrados'- oriundos dos setores intermediários - que iriam usar as 'belas letras' como alavanca para sua escalada. Repetia-se um fenômeno de extensão nacional: o processo de mobilidade social dessa intelligentsia de origem bastarda condicionava-se à intimidade que pudesse ter com os detentores do poder. Articulava-se uma troca: ascensão, prestígio ou simples reconhecimento cambiados por subideólogos, aptos a oferecer fórmulas (amenas à oligarquia) de representação da realidade, e por artistas, capazes de pôr em prosa e verso as qualidades varonis dessa mesma oligarquia” (Gonzaga, 1980, pp. 125-126).

Embora os literatos do Partenon tenham exaltado a temática gaúcha, só em 1898 surgiu a primeira agremiação tradicionalista, o Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, voltado para a promoção de festas, desfiles de cavalariáns, palestras e outras atividades ligadas ao culto das tradições. A fundação da entidade foi obra de João Cezimbra Jacques, republicano, positivista, homem de origens modestas que lutara como voluntário na Guerra do Paraguai e recebera a

patente de major do Exército. Segundo ele, o Grêmio tinha como objetivo

“organizar o quadro das comemorações dos acontecimentos grandiosos de nossa terra (...) Pensamos que esta patriótica agremiação não é destinada a manter na sociedade moderna usos e costumes que estão abolidos pela nossa evolução natural e que a época em a qual vivemos não comporta mais, e nem é tampouco ela -uma associação, tendo por fim trazer para objeto de suas práticas jogos e elementos recreativos do tempo corrente e importados do estrangeiro. Nem uma coisa nem outra. Mas é ela, sim, uma associação destinada a manter o cunho de nosso glorioso Estado e conseqüentemente as nossas grandiosas tradições integralmente por meio de comemorações regulares dos acontecimentos que tornaram o sul-rio-grandense um povo célebre diante, não só de nossa nacionalidade, como do estrangeiro; por meio de solenidades ou festas que não excluem os usos e costumes, os jogos ou diversões do tempo presente; porém, figurando nelas, tanto quanto possível, os bons usos e costumes, os jogos e diversões do passado; por meio de solenidades que não só relembrem e elogiem o acontecimento notável a comemorar, pelo verbo ou pelo discurso, como por meio de representação de atos, tais como canções populares, danças, exercícios e mais práticas dignas, em que os executores se apresentem com o traje e utensílios portáteis, tais como os de usos gauchescos” (Jacques, 1979, pp. 56 e 58).

Além de enfatizar o culto às tradições, a citação trata de questões que, na época, despontavam: a existência de costumes superados por “nossa evolução natural”, a problemática das práticas trazidas “do estrangeiro”, a existência de “bons” usos e costumes etc. Em outros termos, as mesmas questões seriam recolocadas mais tarde.

Havia dois aspectos comuns ao Partenon Literário e ao Grêmio Gaúcho. O primeiro: ambos eram formados por pessoas de origens modestas, não detentoras de terras ou de capital. Como ocorreu em outras partes do Brasil e do mundo, a atividade intelectual era, ao lado das carreiras militar e política, uma das poucas formas de ascensão disponíveis a pessoas oriundas das camadas depossuídas e desejosas de ingressar na esfera do poder. As condições econômicas, sociais e políticas ainda não permitiam que se formasse uma camada de intelectuais dotada de relativa autonomia.

O segundo aspecto era a preocupação com a questão da tradição e da modernidade, presente em ambas as entidades, embora sob formas diferentes. Ao mesmo tempo em que tinha como modelo o que considerava mais avançado da Europa culta, o Partenon evocava a figura tradicional do gaúcho e louvava seus abalados valores. O Grêmio Gaúcho, nas palavras de seu fundador, procurava manter as tradições, mas sem excluir os costumes do presente. Nos dois casos, um mesmo pano de fundo: um estado em transformação, no qual a tensão entre passado e presente começava a se fazer sentir.

No ano de criação do Grêmio Gaúcho, o líder republicano e positivista Borges de Medeiros assumiu pela primeira vez a presidência do Rio Grande do Sul, iniciando um domínio sobre a política local que duraria trinta anos. A Proclamação da República levara ao poder o Partido Republicano Rio-

Grandense, no qual era pequena a influência da oligarquia pecuária da Campanha. O novo grupo dominante, embora também pertencente à elite econômica, provinha do Norte do estado e era formado por jovens que haviam estudado em universidades do Centro do país. Positivistas, dotados de um projeto modernizador e autoritário, consideravam o despotismo esclarecido como a melhor estratégia para organizar a sociedade local. Auguste Comte era favorável à existência de “pequenas pátrias” com não mais do que três milhões de habitantes (na época da Proclamação da República, o Rio Grande do Sul tinha aproximadamente um milhão). Como, naquele momento, as províncias não tinham condições de se tomar independentes, os positivistas brasileiros, interpretando a idéia de Comte, defendiam a adoção de um federalismo radical. Para Júlio de Castilhos, fundador e ideólogo do Partido Republicano Rio-Grandense, isso implicava “o não-reconhecimento de uma única nação brasileira, mas de várias nações brasileiras provisoriamente organizadas sob uma federação; a independência de cada estado para organizar-se de forma republicana sem nenhuma limitação por parte da Constituição Federal” (Pinto, 1986, p. 36).

Coerente com a idéia positivista de que o progresso só poderia ser alcançado se a ordem fosse mantida, o lema de Júlio de Castilhos era “conservar melhorando”. Pouco antes da Proclamação da República, ele defendeu em *A Federação*, jornal de seu partido, que o 20 de setembro (data de eclosão da Revolução Farroupilha de 1835-1845) fosse adotado como Dia do Gaúcho: “A comemoração do 20 de setembro tem, pois, este sentimento, significando que o passado é a fonte em que o presente se inspira para delinear o futuro”. Com o advento da República, e a ascensão de seu partido ao poder no Rio Grande, Castilhos elaborou uma constituição estadual de forte inspiração positivista, que definia como “insígnias oficiais do estado as do pavilhão tricolor da malograda República Rio-Grandense”.

Nas Américas, assim como na Europa, a associação entre passado e presente foi uma constante em projetos modernizadores ligados à criação de estados nacionais ou à organização da sociedade. Se a nação é “uma comunidade de sentimento que normalmente tende a produzir um Estado próprio” (Weber, 1982, p. 207), antigas tradições reais ou inventadas - precisam ser invocadas para dar fundamento ‘natural’ às identidades em vias de criação, obscurecendo-se assim o caráter artificial e recente dos Estados nacionais. Essa dialética entre velho e novo, passado e presente, tradição e modernidade, foi uma constante nos processos que estamos analisando no Rio Grande do Sul.

A fundação do Grêmio Gaúcho foi seguida pela criação de mais cinco entidades, consideradas pioneiras pelos tradicionalistas **(1)** União Gaúcha de Pelotas (fundada em 1899 por Simões Lopes Neto, grande escritor regionalista), Centro Gaúcho de Bagé (1899), Grêmio Gaúcho de Santa Maria (1901), Sociedade Gaúcha Lombagrandense (fundada em 1938 em área de colonização alemã) e Clube Farroupilha de Ijuí (fundado em 1943 em área de colonização alemã e italiana).

O surgimento de centros tradicionais no pós-guerra

Em 1948 surgiu em Porto Alegre o 35 CTG, primeiro centro de tradições gaúchas, cujo nome evocava a Revolução Farroupilha deflagrada em 1835. Fundado principalmente por estudantes secundários oriundos das áreas pastoris, onde se praticava a pecuária em grandes latifúndios, ele serviu de modelo a centenas de centros semelhantes, que se espalharam pelo Rio Grande do Sul e por outros estados.

Um ano antes de criarem o ‘35’, os mesmos jovens haviam fundado o departamento de tradições gaúchas do grêmio estudantil do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, na época considerado colégio-padrão. Entre 7 e 20 de setembro de 1947, organizaram a primeira Ronda Gaúcha, que deu origem à atual Semana Farroupilha. À meia-noite de 7 de setembro, antes da extinção do fogo simbólico da Pira da Pátria, tomaram ali uma centelha que, transportada para o saguão do colégio, serviu para acender a ‘Chama Crioula’ (no Rio Grande do Sul, usa-se a expressão *crioulo* para designar o que é nativo, original e puro, ou seja, natural do próprio estado).

No mesmo ano, a Liga de Defesa Nacional incluiu nos festejos da Semana da Pátria o traslado dos restos mortais do general David Canabarro, segunda maior liderança da Revolução Farroupilha, de

Santana do Livramento (onde ele fora estancieiro) para o panteão do cemitério da Irmandade da Santa Casa da Misericórdia de Porto Alegre. Montados em cavalos cedidos pela Brigada Militar, oito desses jovens organizaram uma guarda de honra que acompanhou o trajeto dos restos do herói farroupilha. Esse episódio aparece, em vários depoimentos de tradicionalistas, como um ritual de passagem fundamental e como mito de criação do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

Barbosa Lessa, um dos fundadores do movimento, conta que, vindo a Porto Alegre para estudar, quis visitar o monumento com a estátua eqüestre de Bento Gonçalves, o maior herói farroupilha, alvo de sua admiração:

“Fiz umas cinco perguntas ou seis. Para minha surpresa, ninguém sabia onde é que ficava o monumento. Até que me disseram: ‘Ah, fica na avenida João Pessoa’. Era perto de onde eu estudava. Fui ao monumento - isto foi em 1945 - e encontrei o monumento muito abandonado. Então eu disse ao Bento Gonçalves, num diálogo com ele: ‘Velho, tu estás muito abandonado, muito esquecido, mas eu prometo que ainda vou fazer tu seres recordado. No dia 20 de setembro muita gente vai desfilar aqui para te homenagear.’” (2)

Mais adiante, o mesmo Barbosa Lessa relata que, dois anos mais tarde, em 5 de setembro de 1947,

“estava em casa, pela manhã, lendo o jornal, e vi que chegavam restos mortais de David Canabarro. Então, eu saí correndo. Ainda dava tempo de chegar d solenidade, ali na praça da Alfândega, aplaudir aquela solenidade da chegada dos restos mortais de David Canabarro. E, para minha surpresa, vi alguns rapazes da minha idade, a cavalo, vestidos d gaúcha, fazendo parte da solenidade da Liga de Defesa Nacional, discurso e tal. Quando aquele grupo se dispersou, corri atrás do grupo e perguntei para aquele que me pareceu o chefe daquela turma, um cara muito magro, bigodudo: ‘Quem são vocês? Como é que eu posso me entrosar com vocês?’ E aí disse o cara: ‘Tu podes me procurar. Eu estudo no Júlio de Castilhos’. Eu disse: ‘Pó, eu também estudo láW. ‘Mas eu estudo d noite’, disse ele. ‘Eu também estudo d noite. Como é teu nome?’ Paixão [Cortes]’. ‘Eu, Lessa’ .”(3)

Entrevistas realizadas com alguns desses fundadores, que continuam a ser figuras proeminentes no Movimento Tradicionalista Gaúcho, revelam que a maioria deles era, formada por descendentes de pequenos proprietários rurais de área pastoris onde predominava o `latifúndio, ou de estancieiros em processo de descenso social. Sua presença na capital estava ligada aos estudos. Embora cultuassem valores ligados ao latifúndio, eles não pertenciam à oligarquia rural. Além disso, o movimento buscava recuperar valores rurais do passado, mas sua base estava, desde a origem, na cidade. Como observa um de seus intelectuais, ex-patrão (depois veremos o sentido do termo) do 35 CTG:

“(...) há, queiramos ou não, uma aura de saudade envolvendo o tradicionalismo. Ninguém sente saudade do que está perto. A saudade - e o Tradicionalismo - exigem distanciamento, tanto que este é um fenômeno tipicamente citadino, não do campo,

urbano e não rural” (Fagundes, 1987, p. 13).

A capital era, ao mesmo tempo, ameaça e desafio. Nela, esses jovens moravam em casas de parentes, trabalhavam durante o dia e estudavam à noite. Na descrição de um deles:

“Porto Alegre nos fascinava, com seus anúncios luminosos a gás neon. Hollywood nos estonteava com a tecnolorida beleza de Gene Tierney e as aventuras de Tyrone Power, as lojas de discos punham em nossos ouvidos as irresistíveis harmonias de Harry James e Tommie Dorsey, mas, no fundo, preferíamos a segurança que somente nosso pago sabia proporcionar, na solidariedade dos amigos, na alegria de encilhar um pingo e no singelo convívio das rodas de galpão. Não nos conhecíamos uns aos outros, mas devíamos andar nos pechando pelos labirintos da capital. Nunca tínhamos ouvido falar nas anteriores experiências nativistas - dos anos 60, dos anos 90 e dos anos 20 - e precisávamos escolher nosso rumo por nós mesmos. Quando o existencialismo de Jean-Paul Sartre pôs diante de nós o derrotismo e a descrença, instintivamente nos agarramos a nossos rudes antepassados para uma afirmação de vitória e fé. Por essa época, o Rio Grande andava bastante esquecido de si mesmo, e a própria bandeira estadual permanecia queimada e escondida desde novembro de 1937. Resquílios do Estado Novo e de seu sufoco centralizador” (Barbosa Lessa, 1985, pp. 56-57).

O depoimento é valioso. Aparece nele, em primeiro lugar, o elemento cidade. Para os padrões atuais, a Porto Alegre dos anos 40 era pequena e pacata, mas experimentava rápido crescimento: sua população aumentou em 45% entre 1940 e 1950, passando de 272 mil para 394 mil habitantes. Já era vista como metrópole, cheia de labirintos e de símbolos de progresso, como os anúncios de neon. Em segundo lugar, aparece o grande impacto da indústria cultural norte-americana, com seus discos e filmes e os ídolos a eles associados. Finalmente, filosofias cétricas oriundas da Europa freqüentavam o ambiente, questionando o sentido da vida e do mundo. Tudo isso era fascinante e ameaçador, despertando nesses jovens interioranos a vontade de buscar no campo e no passado um refúgio seguro e claro. Duas ameaças havia contra esses valores: a invasão cultural dos Estados Unidos (Moura, 1984), especialmente marcante no período da Segunda Guerra Mundial (Disney, Hollywood, Coca Cola etc.), e o centralismo econômico, político e cultural imposto pelo Estado Novo (1937-1945).

Em 24 de abril de 1948 um grupo de 24 jovens, estudantes do Colégio Estadual Júlio de Castilhos e ex-escoteiros - estes um pouco mais velhos, trabalhando como comerciários -, criaram o 35 CTG. Nas discussões preliminares surgiu a proposta de fazer da associação uma espécie de academia tradicionalista, restrita a 35 membros, mas prevaleceu a idéia de abri-la a todos os que desejassem integrá-la. Os jovens - todos homens - passaram a se reunir nas tardes de sábado num galpão (4) improvisado, na casa do pai de um deles. Tomavam mate e imitavam os hábitos do interior, entre eles o da *charla* que os peões costumam manter nos galpões das estâncias.

“Nos reuníamos em torno de um fogo de chão lá na rua Duque de Caxias para contar

causos. Eram só rapazes. Moças não pertenciam ao grupo, como habitualmente no galpão são só homens que... Cultuávamos aqui, no nosso encontro, como se estivéssemos na Campanha, tomando chimarrão, vez em quando até uma ca çhacinha aparecia, cada um entrava. com umas moedas, contribuía aqui e ali para comprara erva, os gastos eram mínimos. Não se tinha muita pretensão de revolucionar o mundo, embora nós não concordássemos com aquele tipo de civilização que nos era imposto de todas as formas (...) não pretendíamos escrever sobre o gaúcho ou sobre o galpão: desde o primeiro momento, encarnamos em nós mesmos afigura do gaúcho, vestindo e falando d moda galponeira, e nos sentíamos donos do mundo quando nos reuníamos, sábado d tarde, em torno do fogo-de-chão.”(5)

Queriam constituir um grupo que revivesse a tradição, e não uma entidade que refletisse sobre ela. Era, portanto, necessário recriar o que imaginavam ser os costumes do campo e o ambiente das estâncias. Por isso, a estrutura interna do 35 CTG não reproduziu o tradicional vocabulário das associações (presidente, vice, secretário, tesoureiro, diretor etc.), mas adotou os nomes usados na administração dos estabelecimentos pastoris (patrão, capataz, sota-capataz, agregado, posteiro etc.). No lugar de conselhos deliberativo e consultivo, criou-se o Conselho dos Vaqueanos; em vez de departamentos, invernadas. As atividades culturais, cívicas ou campeiras também receberam nomes ligados aos usos e costumes das estâncias gaúchas, como rondas, rodeios e tropeadas (Mariante,1976, p. 11).

Os estatutos do 35 CTG afirmavam: “O Centro terá por finalidade: a) zelar pelas tradições do Rio Grande do Sul, sua história, suas lendas, canções, costumes etc., e conseqüente divulgação pelos estados irmãos e países vizinhos; b) pugnar por uma sempre maior elevação moral e cultural do Rio Grande do Sul; c) fomentar a criação de núcleos regionalistas no estado, dando-lhes todo apoio possível. O Centro não desenvolverá qualquer atividade político-partidária, racial ou religiosa” (Barbosa Lessa, 1985, p. 64).

A origem social dos aderentes surpreendeu os fundadores, que, como vimos, haviam optado por abrir o Centro a todos os segmentos:

“À medida que já íamos nos primeiros dias que o movimento foi se ampliando numericamente pra gurizada que estudava, os rapazes de melhor posição sócio-econômica, os filhos de fazendeiros ou já fazendeiros, foram se afastando do movimento. Ficou um movimento de pés-rapados, porque (...) esses jovens mais ricos não queriam se misturar com o povô. Então, víamos aqueles que mais poderiam caos ajudar, por ter condições de trazer um cavalo, de contribuir para uma sede, eles foram saindo e nós, os que sobrevivíamos com nosso pequeno salário e ainda tendo que pagar estudo e tudo o mais, tínhamos que fazer correr na roda, cada um trazendo algo, que se não me engano foi o Glaucus que chamou de guampa de apoio. Era um guampa, copo de chifre, onde percorria na volta e cada um dava as moedinhas que dispunha para comprar chimarrão, a erva etc: (6)

Embora não contasse com a adesão dos filhos de fazendeiros, nem encontrasse muita receptividade na capital, o '35' se mudou para a sede da Federação das Associações Rurais do Rio Grande do Sul (Farsul, hoje Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul), órgão representativo dos fazendeiros gaúchos:

“Não é que Porto Alegre tenha nos recebido mal. Afinal, éramos jovens, simpáticos, alegres, comunicativos, trabalhadores e bons estudantes, e não havia motivo para a capital nos ter antipatia. Mas era uma cidade muito cônica de sua responsabilidade como retransmissora da cultura cosmopolita e consumista e não tinha tempo a perder com nossas charlas e declamações. Quando muito, sorria condescendentemente para nossos desfiles conduzindo a Chama Crioula no dia 20 de setembro, ocasião em que nos revitalizávamos ante a verificação de que não éramos meia dúzia de gatos-pingados, e sim uma dúzia. Duas dúzias talvez” (Barbosa Lessa, 1985, p. 75).

A liderança tradicionalista se queixa constantemente da rejeição que sofreu por parte da capital e das elites gaúchas. Ressentida, ela considera que o sucesso de seu movimento não foi reconhecido e que o tradicionalismo continua sendo visto como “coisa de grosso”.

Os centros de tradição na área de colonização alemã

Os tradicionalistas ficaram intrigados com o fato de que o primeiro CTG surgido depois do '35' - o Fogão Gaúcho - foi fundado, em 7 de agosto de 1948, em Taquara, cidade localizada em área de colonização alemã.

“Nós procurávamos divulgar, o objetivo desde os estatutos era divulgar as nossas tradições nos países vizinhos e nos estados irmãos, nós tínhamos um sentido de expansão através dos outros estados. E o primeiro CTG, a primeira resposta, veio de Taquara, da região colonial alemã, que nos perturbou todos os nossos objetivos. Nós achávamos que viria eventualmente da Campanha e veio da região colonial alemã. (7)

Como vimos, os fundadores do '35' era jovens estudantes interioranos, descendentes de pequenos proprietários rurais da área de latifúndio. Praticamente todos tinham sobrenomes de origem portuguesa. **(8)** Os fundadores do CTG Fogão Gaúcho, ao contrário, eram adultos, boa parte com ascendência alemã. À semelhança do que pode ter ocorrido com os dois CTGs pioneiros, criados em área de colonização alemã durante a Segunda Guerra Mundial, os fundadores do Fogão Gaúcho pretendiam afirmar sua brasilidade e sua 'gauchidade'. Isso transparece em entrevistas que concederam. Alguns participantes da roda de chimarrão tinham necessidade

“de se afirmar, perante a sociedade taquarense, como gaúchos e não como ‘estrangeiros’. Porque muitos deles, sendo de origem alemã, ainda sentiam as influências negativas da perseguição sofrida durante a Segunda Guerra Mundial, como suspeitos de pertencerem à ‘quinta-coluna’ (...) Possivelmente não era esta a intenção da maioria daqueles que se associaram ao CTG, após a sua fundação, mas certamente alguns dos novos sócios tinham estas intenções” (Jacobus,1985, pp. 2-3).

O surgimento de entidades tradicionalistas fora da área pastoril de colonização portuguesa do Rio Grande do Sul - mais especificamente, em áreas de colonização alemã e italiana - coloca uma questão importante: a hegemonia da cultura gaúcha, no sentido pampeano **(9)**, num estado que sofreu as mais variadas influências culturais. Não se trata de fenômeno restrito à área dos latifúndios de pecuária, onde o modelo teve origem. Essa hegemonia atinge as áreas de minifúndio colonizadas por alemães e italianos, onde nunca existiu semelhante complexo pastoril. A figura do gaúcho, com suas expressões campeiras, envolvendo o cavalo, a bombacha, o chimarrão e a representação de um tipo social livre e bravo, serviu de modelo para grupos étnicos diferentes, unindo os habitantes do estado em contraposição ao resto do país.

Teixeira observa que, no Rio Grande do Sul, o termo ‘colono’ tem origem histórica bem definida, associada ao processo de colonização por imigrantes europeus que praticavam agricultura familiar em pequenas propriedades. Mais do que desvalorizada, essa atividade chegava a ser considerada degradante, diante de uma pecuária que dominava a paisagem do estado desde a colonização portuguesa.

Assim, além de designar os imigrantes e seus descendentes, desde o começo da colonização alemã e italiana o termo colono, “no nível das representações, significava, sobretudo, carência de certos atributos positivamente considerados. Colono remetia à noção de pessoa com carência de ambição, de traquejo social, de elegância, de postura corporal e comportamental, de senso de oportunidade e de progresso, de arrojo, de perspicácia, de sagacidade” (Teixeira, 1988, p. 54).

É expressiva a presença, no Rio Grande do Sul, de empresários e políticos de origem alemã e italiana, a ponto de seis governadores com sobrenomes italianos terem exercido o poder entre 1955 (quando a imigração italiana completou oitenta anos) e 1979. Mas o tipo social representativo continua a ser o gaúcho, idealizado pelos imigrantes e considerado superior (Willems, 1946; Roche, 1969; Azevedo, 1982). Os fazendeiros eram a camada social mais poderosa do estado. Além disso, o principal símbolo do gaúcho era o cavalo, animal que, na Europa, era apanágio e marca de distinção da aristocracia rural. Ao chegarem ao Brasil, uma das primeiras providências dos colonos era adquirir esse tipo de montaria, logo que possível (Willems, 1944; Bastide, 1964). Identificando-se com o gaúcho, eles experimentavam uma forma simbólica de ascensão social. No outro extremo, as figuras do índio e do negro têm uma presença extremamente pálida nessa representação.

A elaboração da matriz do tradicionalismo

Entre 1948 e 1954 surgiram 35 novos centros de tradição gaúcha, concentrados principalmente nas áreas pastoris, mas distribuídos por praticamente todas as regiões do estado (em Porto Alegre criou-se apenas uma espécie de 'mini CTG doméstico'). Na época, os tradicionalistas discutiam o rumo que suas entidades deveriam tomar. Existiam duas posições: a mais 'aristocrática' defendia maior preocupação com o 'nível cultural' (entendido como cultura escolarizada) dos CTGs, de modo a evitar que eles fossem apenas um lugar de entretenimento; a outra valorizava exatamente este aspecto e achava que não devia haver preconceito contra a 'cultura popular'.

Em 1954, os centros surgidos a partir de 1948 se reuniram pela primeira vez num congresso, realizado em Santa Maria para discutir esta e outras questões. Luiz Carlos Barbosa Lessa, um dos fundadores do 35 CTG, apresentou a tese *O sentido e o valor do Tradicionalismo*, que se tornou a tese-matriz do Movimento Tradicionalista Gaúcho. O autor, à época com 24 anos e recém-formado em direito (profissão que não desejava exercer), se matriculara, em São Paulo, na Escola de Sociologia e Política, onde lecionava o sociólogo norte-americano Donald Pierson, **(10)** formado pela Universidade de Chicago e autor de *Teoria e pesquisa em sociologia*. Além deste livro, também era adotado *O homem*, publicado em 1936 pelo antropólogo norte-americano Ralph Linton. Ambos os autores estavam preocupados com os efeitos do crescimento da população, as conseqüências da urbanização e as modificações na família e nos grupos locais, problemática recorrente nas ciências sociais da época, fortemente influenciadas pelos trabalhos de Durkheim, escritos na França no século XIX. Barbosa Lessa, que considerava as aulas muito monótonas, teve que voltar ao Rio Grande do Sul alguns meses depois. Quando foi redigir a tese-matriz do tradicionalismo, percebeu como os dois cientistas sociais estavam próximos desse assunto:

*“Nesses dois ou três meses, em 53, me deram a bibliografia básica que eu deveria adquirir, na qual figuravam Teoria e pesquisa em sociologia, de Donald Pierson, e O homem, de Ralph Linton. Eu não continuei o curso, mas voltei ao Rio Grande do Sul em fins de 53 com, no mínimo, estes dois livros (...) e fui lá pra fazenda em Piratini e me lembro que foi lá que eu li e anotei estes dois livros. Para mim, foi uma revelação. Como eu estava muito imbuído dos assuntos tradicionalistas, eu fui vendo até que ponto se encaixava naquilo que nós estávamos fazendo. Foi quando eu aprendi o conceito de sociedade, o conceito de cultura, o conceito de tradição, o conceito de visão cultural e por aí a fora. Todos aqueles conceitos básicos. Eu percebi que dava para formar uma coisa boa. Pode parecer que, a partir daí, em 54, eu tenha ao longo da vida me embrenhado em estudos de sociologia, mas confesso com toda a sinceridade que devo ter lido esses dois livros naquela época e mais o Dicionário de sociologia, da Editora Globo, que eventualmente eu consulto. Toda a minha sabedoria em ciências sociais são na parte teórica, esses três livros e não mais do que isso. **(11)**”*

Vê-se acima um bom exemplo de como o saber produzido por acadêmicos se torna senso comum. Embora não o saiba, o Movimento Tradicionalista Gaúcho é um dos maiores difusores das idéias das ciências sociais norte-americanas da década de 1940.

A tese-matriz do tradicionalismo começa enfatizando a importância da cultura, transmitida pela tradição, para que uma sociedade funcione como uma unidade. Todo o problema residiria no fato de que isso não estaria ocorrendo de forma satisfatória, já que, para Barbosa Lessa, “a cultura e a sociedade ocidental estão sofrendo um assustador processo de desintegração”, especialmente nítido “nos centros urbanos (...), através das estatísticas sempre crescentes de crime, divórcio, suicídio, adultério, delinquência juvenil e outros índices de desintegração social” (Barbosa Lessa, 1979; p. 5). Dois fatores principais causariam essa desintegração: o enfraquecimento do núcleo das culturas locais e o desaparecimento gradativo da capacidade de transmissão de cultura por parte dos “grupos locais”.

Não é difícil perceber-se, no texto, a influência do pensamento social do século passado e do começo deste. As conseqüências do processo de urbanização são elaboradas indiretamente através daqueles que o autor denomina “mestres da moderna sociologia” e que podem ser caracterizados como membros da escola sociológica de Chicago. Embora o termo não apareça, descreve-se o fenômeno da anomia, enunciado por Durkheim e aplicado ao aumento populacional e à divisão social do trabalho. A ênfase na temática da desagregação, que seria acelerada pela cidade, lembra as teorias dicotômicas, ou de contraste, principalmente a teoria do *continuum folk* urbano, do antropólogo norte-americano Robert Redfield, que considerava a desorganização da cultura, a secularização e o individualismo como conseqüências da urbanização. A vida nas cidades enfraqueceria ou destruiria os firmes laços que, segundo ele, integravam os homens em uma sociedade rural, criando uma cultura urbana caracterizada pela fragmentação de papéis sociais e por comportamentos mais seculares e individualistas. A homogeneidade da sociedade rural, dotada de estrutura monolítica e sem ambigüidades, seria substituída nas cidades por uma estrutura social marcada pela diversidade de papéis, ações e significados. No campo, os elementos culturais seriam definidos; nas cidades, fragmentados. A cultura urbana traria então, inevitavelmente, conflito e desorganização (Oliven, 1988).

Como esse tipo de teoria, tão em voga na época, foi aplicada à realidade do Rio Grande do Sul? É interessante ver como a crise social encontra uma ‘solução’ no Tradicionalismo, já que este

“visa precisamente combater os dois reconhecidos fatores de desintegração social. O fundamento científico deste movimento encontra-se na seguinte afirmação sociológica: ‘Qualquer sociedade poderá evitar a dissolução, enquanto for capaz de manter a integridade de seu núcleo cultural. Desajustamentos nesse núcleo produzem conflitos entre os indivíduos que compõem a sociedade, pois estes vêm a preferir valores diferentes, resultando então a perda de unidade psicológica essencial ao funcionamento eficiente de qualquer sociedade.’ Através da atividade recreativa ou esportiva que o caracteriza - sempre realçando os motivos tradicionais do Rio Grande do Sul - o Tradicionalismo procura, mais que tudo, reforçar o núcleo da cultura rio-grandense, tendo em vista o indivíduo que tateia sem rumo e sem apoio dentro do caos de nossa época. E, através dos Centros de Tradições Gaúchas, o Tradicionalismo procura entregar ao indivíduo uma agremiação com as mesmas características do ‘grupo local’ que ele perdeu ou teme perder: o ‘pago’. Mais que o seu pago, o pago também das gerações que o precederam.” (Barbosa Lessa, 1979, pp. 7-8)

A tese-matriz tomou posição na polêmica entre os que defendiam a “qualificação cultural” e os

partidários da “massificação popular”:

“O Tradicionalismo deve ser um movimento nitidamente popular, não simplesmente intelectual. É verdade que o Tradicionalismo continuará sendo compreendido, em sua finalidade última, apenas por uma minoria intelectual. Mas, para vencer, é fundamental que seja entendido e desenvolvido no próprio seio das camadas populares, isto é, nas canchas de carreiras, nos auditórios, nas radio-emissoras, nos festivais e bailes populares, nas ‘Festas do Divino’ e de ‘Navegantes’ etc. Para alcançar seus fins, o Tradicionalismo serve-se do Folclore, da Sociologia, da Arte, da Literatura, do Teatro etc. Tudo isto constitui meios para que o Tradicionalismo alcance seus fins. Não se deve confundir o Tradicionalismo, que é um movimento, com o Folclore, a História, a Sociologia etc., que são ciências. Não se deve confundir o folclorista, por exemplo, com o tradicionalista; aquele é o estudioso de uma ciência, este é o soldado de um movimento. Os tradicionalistas não precisam tratar cientificamente o folclore; estarão agindo eficientemente se servirem dos estudos dos folcloristas, como base de ação, e assim reafirmarem as vivências folclóricas no próprio seio do povo” (Barbosa Lessa, 1979, p. 8).

A opção feita pela tendência ‘popular’ implica a existência de divisão entre camadas populares e elite intelectual. Sintomaticamente, os membros deste último grupo são comparados a soldados, que têm como missão formular os princípios e entender o sentido do Tradicionalismo, levando-o às camadas populares, incapazes de compreender a ‘finalidade última’ do movimento, mas necessárias para que este seja forte e vitorioso. Considerados meios para que se alcancem os fins do Tradicionalismo, ciências e saberes são enquadrados em uma visão instrumental. Apesar disso, a liderança tradicionalista obviamente constitui um grupo de intelectuais, com razoável produção escrita. De certo modo, podem ser vistos como intelectuais medianos, que não possuem instâncias de consagração (no sentido dado por Bourdieu) de sua produção, como ocorre com os intelectuais ligados a universidades ou academias. Entrevistas realizadas com alguns membros dessa elite mostram que eles tentam afirmar-se como intelectuais no Rio Grande do Sul, mas enfrentam desconfiança dentro do seu próprio movimento:

“Há várias alas no Tradicionalismo. Duas principais: a ala fisiológica (...) e uma ala cerebral cultural que atualmente está muito defasada, hostilizada pela ala fisiológica. Eles têm mania de chamar o pessoal que estuda de medalhões (...) Nós somos os medalhões do movimento tradicionalista (...) A qualquer momento eles nos requisitam, nos convocam, nos chamam para conferências, mas na hora dos congressos, quando eles vêem que a gente discute certos casos com eles... Como o CTG sobrevive, como o CTG ganha dinheiro, como constrói sua sede, tudo isso eles saberão te dizer, mas não pergunta a eles qualquer coisa de cultura que eles vão dizer bobagens. (12)

Crescimento do gauchismo

A expansão do Tradicionalismo seguiu uma dinâmica interessante. O movimento teve pouca repercussão em Porto Alegre, mas no interior do estado, e mesmo fora dele, seu crescimento foi impressionante. A partir do I Congresso Tradicionalista realizado em 1954 em Santa Maria, os centros de tradição gaúcha passaram a reunir-se anualmente para ouvir a apresentação de teses, aprovar moções e tomar deliberações. No VII Congresso, realizado em Taquara em 1961, foi aprovada a Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista, redigida por Glaucus Saraiva, um dos fundadores do '35' e autor do *Manual do tradicionalista* (Saraiva, 1968), que fornece orientações para os tradicionalistas e os centros de tradições gaúchas.

Durante o XII Congresso, realizado em Tramandaí em 1966, foi fundado o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), que passou a congregar a maior parte das entidades do estado, tomando-se "o catalizador, disciplinador e orientador das atividades dos seus filiados, no que diz respeito ao preconizado na Carta de Princípios do Tradicionalismo Gaúcho" (Mariante, 1976, p. 13).

O Tradicionalismo conseguiu se expandir também em outras direções. Em 1954, o governo do estado criou o Instituto de Tradições e Folclore, vinculado à Divisão de Cultura da Secretaria de Educação e Cultura, transformado vinte anos depois na Fundação Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore, órgãos normalmente dirigidos por tradicionalistas. Em 1964, uma lei estadual oficializou a Semana Farroupilha (entre 14 e 20 de setembro de cada ano), fazendo com que a Chama Crioula passasse a ser recebida com todas as honras no Palácio Piratini, sede do governo, e se tornassem oficiais os desfiles realizados em 20 de setembro, em quase todas as cidades do estado, pelos centros de tradições gaúchas e a Brigada Militar. Em 1966, outra lei estadual elevou o hino farroupilha à condição de hino do Rio Grande do Sul. No governo Triches (1971-1975), foi montado, no Palácio Piratini, um 'galpão crioulo', que procura recriar o ambiente das estâncias e serve para recepcionar visitantes ilustres, com churrasco, carreteiro **(13)** e apresentações de música e de danças regionais. Nesse mesmo período o estado doou um terreno para que o 35 CTG pudesse construir sua sede própria.

Em 1979 foi criada a Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo, desmembrando-se a antiga Secretaria de Educação e Cultura. Seu segundo titular foi Luiz Carlos Barbosa Lessa, um dos fundadores do '35', que, defendendo a existência de doze regiões culturais no estado, implantou pólos para interiorizar a cultura gaúcha (Secretaria de Cultura, Desporto e Turismo do Governo do Rio Grande do Sul, sal.). As atividades regionalistas passaram a contar com um apoio que não conheciam antes. **(14)** Em 1988, uma lei estadual instituiu, na disciplina de Estudos Sociais, o ensino do folclore em todas as escolas estaduais de primeiro e segundo graus do Rio Grande do Sul. Em 1989, outra lei oficializou as *pilchas* (conjunto de vestes típicas dos antigos gaúchos, compreendendo a bombacha, botas, lenço e chapéu) como "traje de honra e de uso preferencial" no estado, deixando sua caracterização a cargo "dos ditames e diretrizes do Movimento Tradicionalista Gaúcho".

O Tradicionalismo também conseguiu irradiar na sociedade civil o culto às tradições gaúchas. Criaram-se a Estância da Poesia Crioula, uma espécie de academia de letras para escritores de temas gauchescos, e a missa crioula, com uma liturgia inspirada na mesma temática, na qual Deus é chamado "patrão celestial", a Virgem Maria é a "primeira prenda do Céu" e São Pedro aparece como "capataz de estância". O casamento crioulo, realizado com noivos vestidos de acordo com a tradição, também se tomou bastante comum no estado. Em várias cidades do interior, rodeios festivos passaram a reviver as lides campeiras das estâncias, e o Movimento Tradicionalista Gaúcho instituiu um concurso anual para escolher a 'primeira prenda' do Rio Grande do Sul. Em 1971, em Uruguaiana, cidade localizada na área da Campanha, o CTG Sinuelo do Pago criou a Califórnia da Canção Nativa, primeiro festival de música nativista do estado. Realizado anualmente, ele serviu de modelo para os cerca de quarenta festivais

existentes hoje nas mais diversas regiões. Esses eventos costumam reunir milhares de jovens que, geralmente acampados, evocam as músicas e o ambiente da vida campeira, bem como os símbolos da identidade regional (Araújo, 1987). **(15)**

O crescente interesse pelas coisas gaúchas ajuda a explicar o consumo de produtos culturais voltados para essa temática. Uma emissora FM da Grande Porto Alegre se define como uma "rádio de bombachas" e só toca músicas nativistas, tendo sido premiada, em 1989, com o título de Veículo de Comunicação do Ano, concedido pela Associação Rio-Grandense de Propaganda. Além dela, outros programas de rádio e de televisão, colunas em jornais, revistas e publicações especializadas, livros, editoras, livrarias, feiras de livros e a própria publicidade fazem referência direta aos valores gaúchos (Jacks, 1987). O mesmo ocorre com bailões (Maciel, 1984), conjuntos musicais, cantores, discos, restaurantes típicos (com *shows* de músicas e danças gaúchas), lojas de roupas etc. Trata-se de um mercado de bens materiais e simbólicos de dimensões nada desprezíveis, que movimentam grande número de pessoas e recursos e que, pelo visto, está em expansão.

O consumo de produtos culturais gaúchos não é novidade, mas era bem menor e estava mais concentrado no campo ou em camadas populares (urbanas e suburbanas) de origem rural. A novidade são os jovens das cidades, em boa parte de classe média, que há pouco tempo começaram a tomar chimarrão, vestir bombachas e ouvir música gaúcha - hábitos que perderam o estigma da grossura. O novo mercado está concentrado em cidades, onde vivem cerca de 75% da população do estado, e atinge grande número de pessoas sem vivências rurais. **(16)**

A disseminação do movimento

Embora o MTG não consiga controlar todas as expressões culturais gaúchas (Oliveira, 1984), nota-se claro crescimento do número de adeptos e da influência do Tradicionalismo, que é considerado hoje por seus líderes como "o maior movimento de cultura popular do mundo ocidental", contando com "uma participação direta de dois milhões de pessoas" (Barbosa Lessa, 1985, p. 98). Os dados sobre os centros de tradições gaúchas são bastante precários e exigem cuidado. Em 1976, um historiador do tradicionalismo afirmou que "apenas decorridas três décadas, foram criadas cerca de seiscentas entidades nativistas, das quais quase quatro centenas encontram-se em atividade e fazem do tradicionalismo sua razão de ser" (Mariante, 1976, p. 12). Três anos depois, o mesmo número de CTGs ativos foi apontado na introdução à reedição de *O sentido e o valor do Tradicionalismo* (Barbosa Lessa, 1979, p. 4). Mas, a partir de certo momento, cresceu e passou a variar muito, sem correspondência com a realidade, o número de CTGs divulgado, sobretudo, pela imprensa local. Uma reportagem publicada pelo jornal *Zero Hora* em 22 de junho de 1986 fazia referência a mil CTGs no estado; outra, do mesmo jornal, edição de 4 de maio de 1989, falava em "quase 1.500". Os dados do próprio Movimento Tradicionalista Gaúcho; datados de 1987, assinalavam um total de 886 entidades, incluindo CTGs, piquetes, grupos folclóricos, associações, grêmios e outras. Em 24 de junho de 1988, o *Diário do Sul* publicou depoimento em que o vice-presidente do MTG afirmava a existência de 1.196 CTGs filiados. Mas, segundo um integrante do movimento, este número incluía todas as entidades tradicionalistas existentes no estado.

A criação de um CTG é relativamente simples e freqüentemente se dá em função de disputas internas, o que ajuda a explicar o grande número de entidades em cidades pequenas. Nas palavras de um ex-patrão de CTG:

*"O cidadão frustrado na vida comunitária, aquele que não pode ascender socialmente numa sociedade ou no Rotary, ou no Lions, ou na maçonaria, entra facilmente para o CM. Resolve fundar um CTG e funda com a maior facilidade. E se torna um líder. Aparece aí na imprensa, é entrevistado, ganha uma relevância comunitária que explica a extrema abundância de CTGs no estado (...) No momento em que ele é derrotado por uma facção adversária no CTG, ele não se conforma com a derrota (...) simplesmente isto por cissiparidade, ele funda (...) outro CTG. **(17)***

Como o fazem os membros do MTG, cabe diferenciar entre CTGs (entidades mais completas) e piquetes (entidades parciais, cujo nome evoca os pequenos poteiros, ao lados das casas, onde são colocados para pastar os animais utilizados no cotidiano). Um CTG funciona como uma espécie de clube (em diversas localidades, é de fato o único clube existente), compreendendo diversos departamentos (as, internadas, nome que evoca as grandes extensões de terra cercada que, nas estâncias, se destinam à engorda do gado). Um CTG se caracteriza pelas várias atividades que executa, nas áreas social (festas, fandangos), cultural (música, declamações), campeira (rodeios, gineteadas) e outras, tendo uma sede que funciona como centro de entretenimento e lazer. Os piquetes deveriam ser um desses departamentos de CTG, pois não precisam ter sede e seus integrantes, menos numerosos, se dedicam somente às atividades campeiras, deixando de lado as demais. Idealmente, cada piquete deveria ser filiado a um CTG, mas isso não ocorre na prática. Foi uma situação que fugia do controle do MTG: o grande número de piquetes forçou seu registro como entidades autônomas.

Atribui-se a origem dos piquetes a divergências entre grupos de um mesmo CTG que, descontentes, resolvem criar seus próprios departamentos campeiros **(18)**, que, sem necessidade de sede ou de grande número de membros, se multiplicaram. Essa expansão pode indicar também que as atividades campeiras vêm conquistando mais preferência entre os tradicionalistas.

Apesar da discrepância de dados, possivelmente exagerados, houve um crescimento muito acentuado de entidades tradicionalistas nos últimos anos. Vale a pena examinar sua distribuição pelo estado. O movimento divide o Rio Grande do Sul em 27 'regiões tradicionalistas', cujos critérios de constituição - em principio, geográficos - são considerados variáveis pelos próprios integrantes do movimento, que admitem a existência de outras injunções. Nas palavras de um dos seus membros,

“no início era devido d localização geográfica e há até certo tempo as regiões tradicionalistas correspondiam às regiões educacionais do estado (...) Mas hoje a gente sabe que a questão política está sempre por trás...”

Não trabalharemos com as 27 regiões tradicionalistas propostas pelo MTG, mas com as doze Regiões Culturais (ou pólos culturais), desenhadas pelo então secretário de Cultura, Desporto e Turismo, Barbosa Lessa, com o objetivo fazer um mapeamento cultural do estado. Além do aspecto geográfico, essa divisão leva em consideração, entre outras, características históricas, étnicas e culturais das regiões, assim discriminadas: Litoral Norte, Missões, Campos de Cima da Serra, Litoral Sul, Central, Sul, Campanha, Colonial dos Vales, Colonial da Serra, Planalto, Alto Uruguai e Metropolitana.

Confrontando-se os dados de 1987 sobre entidades tradicionalistas, obtidos junto ao MTG, e os

dados sobre população do mesmo ano preparados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, pode-se elaborar uma tabela:

Distribuição das entidades tradicionais regiões culturais do Rio Grande

Região	CTGs	Outras	Total	Hab.
Litoral Norte	23	26	49	174.
Missões	26	10	36	373.
Campos da Serra	21	37	58	157.
Litoral Sul	12	1	13	218.
Central	77	61	138	644.
Sul	34	18	52	516.
Campanha	62	28	90	607.
Colonial dos Vales	63	17	80	1.161.
Colonial da Serra	41	30	71	560.
Planalto	53	84	137	729.
Alto Uruguai	71	11	82	871.
Metropolitana	59	21	80	2.124.

14/02/2011 00h00

DUAS REFLEXÕES DE JORGE FREDERICO DUARTE WEBBER

http://www.torres-rs.tv/site/pags/rgsul_folclore2.php?id=817"

REPAROS À TESE DE CHICO PINTO

Por: Jorge Frederico DuarteWebber*

Soy gaucho y entiendaló

como mi lengua lo explica:

Para mí la tierra es chica

y pudiera ser mayor,

ni la víbora me pica

ni quema mi frente el sol.

(Martín Fierro, J. Hernández).

Em sua tese Repensar o Movimento Tradicionalista Gaúcho – apresentada no 13º Congresso da CBTG, em Florianópolis/SC, e no 56º Congresso do MTG-RS, Cachoeirinha/RS, ocasião em que foi reconhecida por unanimidade e incluída nos anais do evento –, o advogado, escritor e piloto Dr. Francisco Pinto Fernandes nos diz, em um tom sombrio: "Fantasmas rondam os nossos galpões. No povoamento dos campos do pensamento esses espectros plantam

sementes invasoras que, numa pérfida ação destruidora, alimentam-se com o soro que nos dá vida. É uma obra orquestrada? A nossa percepção diz que sim".

Como excelente escritor, deixa no ar um suspense em torno de quem são os vilões do drama, os quais inculpa pelo crime de lesa pátria, deixando para explicitar somente mais adiante que "a exposição maléfica a que o MTG está sendo submetido" é culpa do processo de globalização, o qual "por si só, tende horizontalização dos valores, o que já é pernicioso. Mas, valores não selecionados pelos seus aspectos culturais, sociais, humanistas (...) Valores dirigidos aos interesses de corporações industriais, financeiras, até mesmo religiosas (...) A perniciosidade, no caso, é muito mais espúria, ela se vale de expedientes muitas vezes mascarados.. Como a aranha vai montando a sua teia, na qual os menos avisados, são capturados. Se nós do MTG não formos prudentes perderemos a nossa identidade".

Apesar de defender que seria purismo infantil "voltar à semelhança dos tempos idos" e que afirmar não quer "manter pontos de vistas indiscutíveis", ele se mostra tremendamente retrógrado e reacionário, golpeando na mesma velha tecla já desgastada, de tanto que os prosélitos do colonialismo cultural propalaram-na nos anos 70 e 80: "um perigo muito maior se faz presente diuturnamente em todos os nossos caminhos,

especialmente em nossos lares. É a penetração da mídia escrita, falada, televisionada e a Internet que, com a força que possuem, criam ou modificam hábitos, costumes, padrões morais, folclores e tradições".

Nota-se também o endeusamento de uma pessoa sem dúvida singular e com virtudes e defeitos como qualquer outra, mas nada que justifique tais exageros: "Glauco Saraiva, quando elaborou a Carta de Princípios, foi de uma visão ímpar. Em vinte e nove itens, racionalizou um código de conduta que, após quarenta e quatro anos da aprovação, mantém-se claro e atualizado. Glauco Saraiva tinha o saber exato do que era o Movimento Tradicionalista. Só um homem dotado de inteligência profunda, adicionada a um sábio conhecimento e a um amor ventral pela sua origem poderia se antecipar no tempo de maneira tão clara – à semelhança de um exercício de futurologia". Isso se deve ao fato de Glauco Saraiva não ter recusado o desafio do tradicionalismo e ter deixado bases para que, no futuro, cabeças pensantes revejam seu legado. Nunca vi ninguém fazer um documento para servir de manual ou código de conduta sem buscar sua transcendência no tempo. Onde já se viu fazer algo desta envergadura para ser modificado no mês seguinte!

E o Dr. Pinto Fernandes coloca Glauco Saraiva numa posição ainda mais alta ao dizer que ele e Barbosa

Lessa “tinham o dom de falar, escrever e interpretar a época em que viveram. Como estudiosos, tiveram a preocupação de levantar os problemas que o MTG, ainda incipiente já enfrentava. Com a inteligência e a limpidez dos fazedores de história, anteciparam-se no tempo, na preocupação de deixar um caminho para o – "resgate de valores" – que fosse imperecível. E deixaram. Deixaram duas obras que, se fossem devidamente estudadas, analisadas e cotejadas em profundidade, temos certeza, não estaríamos nesse congresso pedindo uma reflexão e uma ação para os problemas das perdas gradativas na nossa cultura e, volto a dizer, da nossa identidade como gaúchos". Como se tais obras jamais precisassem de revisão e atualização! Quanta ingenuidade!

Chico Pinto não tem a intenção de ensinar ou polemizar, marcando uma posição tristemente cômoda, porque não é aqui um educador ou tutor, mas um advogado apenas preocupado em defender a CBTG, sem a percepção de que ser tradicionalista é também ensinar a viver e a pensar e lutar em defesa do que nos é caro, contra tudo e contra todos se preciso for. E isso sem falarmos no fato de que mesmo tais instituições precisam ser revistas e reformadas, com o passar dos anos, dos *zeitgeisten* e das *weltanschauungen*, como ele mesmo reconhece.

Mas dizer que a Carta de Princípios, após quarenta

e quatro anos, mantém-se clara e atualizada é talvez o maior de todos os seus deslizos. E as duas obras às quais se refere, se fossem mesmo estudadas, analisadas e cotejadas com a radicalidade devida, não seriam levadas tão a sério assim e ele não estaria naquele Congresso, onde um monte de bacudos que bancam os grandes sábios, auto proclamados guardiões da “verdadeira Tradição”, decidem os rumos do Tradicionalismo a partir de pressupostos gnosiológicos tão errôneos.

O tradicionalismo e suas teses fundadoras pedem uma reflexão urgente. É necessário promover uma revisão de seu arcabouço filosófico, para que sejam propostas ações que irão combater as ameaças, internas e externas, e sanear os problemas com a nossa identidade cultural, nosso *ethos* gaúcho. É preciso contextualizar e relativizar – exercícios necessários de revisão histórica, que fazem tremer os intelectualóides que se dizem historiadores, mas não passam de “estoriadores” e atochadores.

Ao citar o sociólogo (auto-intitulado – não me consta que ele tenha se formado) Barbosa Lessa, o mestre Chico Pinto pinta paisagens horrendas, advindas de teses, hoje refutadas, de escolas sociológicas e antropológicas ultrapassadas! Ei-las: "A cultura e a sociedade ocidental estão sofrendo um assustador processo de desintegração. Incluídas nesse panorama geral, a cultura e a sociedade.

(...) Analisando tais circunstâncias, mestres da moderna Sociologia chegaram à conclusão de que os problemas sociais cruciantes da atualidade são causados, ou incentivados, pelo relaxamento do controle dos costumes e noções tradicionais de cada cultura (...). Se, porém, a cultura invadida não é predominante e forte, a confusão social é inevitável: idéias e hábitos incoerentes sufocam o núcleo cultural, desnorteando os indivíduos, e fazendo-os titubear entre as crenças e valores mais antagônicos. Quem mais sofre com essa confusão social – acentua o sociólogo Donald Pierson – são as crianças e os adolescentes, os responsáveis pela sociedade do porvir".

Só que a Escola Sociológica de Chicago, da qual Pierson veio, foi moderna na sua época. Seus estudos foram importantes em seu tempo, porém, hoje, pensa-se de maneira diferente. O que era tido como desintegração, passou a ser lido como uma análise típica a partir de uma posição de classe hegemônica, um preconceito de classe, para ser mais preciso, e não o sinal dos tempos.

Na própria conceitualização do vocábulo Tradição, nota-se a influência positivista a colocar tal étimo num altar: "é muito mais que um nome. É um arcabouço estruturado no passado, que se lança para o porvir em função dos valores com que foi composto. Adjetivada adquire conotações que a levam a exprimir recordações, memórias, sentimentos, enfim, significâncias variáveis. É

no conceito que ela se define. É do seu conteúdo que o homem se alimenta". Para ele, o Tradicionalismo deriva "da necessidade social de o homem expressar e vivenciar, em grupo, atos e fatos passados, que são motivos comparativos e identificados como suas condutas. O exercício do tradicionalismo será permanente, na razão direta, da fidelidade com que é praticado".

Indo além, em sua passagem pela Antropologia Social, ele incorre em graves falhas teórico-metodológicas, ao afirmar: "A cultura original vem do nascer e independe de qualquer graduação ou escolaridade. Transmitida e absorvida pelos sentidos é mais autêntica e mais representativa. É a cultura da sabedoria nata. É a matriz principal, a fonte de atividade". E, mais além: "quando nos associamos ao MTG, adquirimos todo um passado que é motivo de nosso orgulho – para revivermos, cultuarmos e transmiti-lo aos nossos semelhantes, na íntegra, dos valores culturais que a consagra" (o grifo é meu). E o senso comum costuma aplaudir e premiar o exercício irregular das ciências sociais, que tanto desastre epistemológico costuma provocar.

No entanto, o etnólogo e sociólogo francês, professor emérito da Sorbonne (Universidade de Paris Descartes) e Diretor de estudos da Escola de Altos Estudos em Ciências Sociais, Georges Balandier (1955)

nos chama a atenção para a realidade: se a cultura não é um dado, uma herança que se transmite imutável de geração em geração, é porque ela é uma produção histórica, isto é, uma construção que se inscreve na história e, mais precisamente, na história das relações dos grupos sociais entre si.

Já o sociólogo jamaicano Stuart Hall nos ensina que a identidade é formada, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência do momento do nascimento. Existe sempre algo tão “imaginário” ou fantasiado sobre sua unidade, que ela permanece sempre incompleta, esta sempre “em processo”, sempre “sendo formada”, nunca fechada, dada a priori!

E o antropólogo francês, professor de sociologia e antropologia da Universidade de Paris Descartes, Denys Cuche, diz que a identidade é vista como uma condição imanente do indivíduo, definindo-o de maneira estável e definitiva. Ele é levado a interiorizar os modelos culturais que lhe são inculcados e/ou impostos, até o ponto de se identificar com seu grupo de origem.

E, ainda no exercício ilegal da antropologia, o advogado identifica um novo fator causal da Aculturação, no capítulo das Identidades: a Concessão, o primeiro ato, o que dá início à agressão cultural. Cultura,

na tradição, tem que ser compreendida como imutável, pois são bens entregues na íntegra e, se deturpados, perdem a singularidade. Voltamos a dizer: (...) "usar a herança recebida e no culto dos seus valores, sermos dogmáticos nas nossas ações". Daí deriva o fato de a concessão ser o ato de ceder valores inalienáveis e basilares, que levam à deturpação dos princípios consagrados pelo MTG, consciente ou inconscientemente.

E vai mais longe, chegando a propor uma taxonomia de subespécies de Concessão: "A consciente é sempre dolosa – esconde, em grande parte, interesses outros. É destrutiva e, portanto, tem que ser eliminada, de preferência no nascedouro, pois ramificada cria males difíceis de serem extirpados". Há aqui uma insofismável demonstração de que o autor desconhece o conceito antropológico de cultura e os modos como ela opera em seus nexos sociais, porque a vê como imutável, estanque e estagnada, e advoga pelo seu engessamento.

Além disso, ao propor uma gradação das concessões, ele incorre em dois erros incompreensíveis, posto que vindos de uma autoridade com tão vasta erudição: 1) o uso de bombachas argentinas em cavalgadas e dentro dos CTGs, porque, como dá a entender na conclusão de sua tese, a cultura estrangeira é lesiva, porque vem camuflada sob o manto de interesses

políticos e, principalmente, comerciais, e (2) o uso do "você" em lugar do "tu".

Mas equivocava-se ele também quanto ao pronome de tratamento. No interior do Rio Grande do Sul, na cidade fronteiriça de Jaguarão, por exemplo, maiormente entre as classes subalternas, o pronome de tratamento “você” era usado para pessoas de *status* mais alto, a quem se deve um tratamento mais respeitoso do que o íntimo “tu”. Ou então para pessoas estranhas, forasteiras, com quem não se tem trato algum, como o *usted* o *vos* dos castelhanos. O tu, usado a *troche y moche* e flexionado na terceira pessoa do singular, é muito urbano e pouco usado pelas pessoas mais humildes da campanha – que é o berço do gaúcho *stricto sensu*, não me referiro, aqui, ao sentido gentílico de rio-grandense. Nunca vi um peão tutear (tratar por tu) o patrão ou o administrador da estância.

Segundo o Dr. Pinto, os dirigentes dos órgãos que formam a cúpula da CBTG, onde a castelhanofobia é hegemônica, estão de acordo que a maioria dos desvios é cometida de maneira impensada, ocasionada pelo não conhecimento da doutrina que instrui o nosso Movimento. Soma-se a não observância à Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho", esse dogma maior da doutrina tradicionalista gaúcha. Para ele, o verdadeiro tradicionalista é aquele cujo código de

conduta é linear com o que preceitua a Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho, que passou a ser uma norma no interior do MTG, a Lei Maior da CBTG, segundo ele. Portanto, a desobediência, caracterizada na infração de qualquer item do art. 10, do regulamento em pauta, incorre em falta consciente. A responsabilidade da pessoa física ou jurídica tem que ser exigida portanto. “Êh, ô ô... vida de gado: povo marcado, hei, povo feliz” (*Admirável Gado Novo*, grande música de Zé Ramalho)!

No entanto, esse legalismo, esse fervor pelas normas, tão propalado pela *intelligentsia* orgânicos (no sentido gramsciano) do tradicionalismo gaúcho remete à imagem do Velho Viscacha, o gaúcho integrado e servil, do magistral poema *Martín Fierro*, de José Hernández, em oposição ao gaúcho apocalíptico (apropriando-me da denominação de Humberto Eco) hernandiano, o gaúcho malo de Sarmiento, encarnado no épico acima, pelos gaúchos *Martín Fierro* e o Sargento Cruz, bem como seus filhos, e pelo herói real retratado em *Juan Moreyra*, de Eduardo Gutiérrez. Vê-se aqui que o gaúcho do imaginário tradicionalista, não é aquele que canta: “E se alguém me pisar no pala, meu revolver fala e o bochincho está feito” (*Gaúcho de Passo Fundo*, imortal chótis de Teixeira)!. Também não é aquele que descreve sua maestria num duelo crioulo: “Me levantei sem alarde, por causa do desaforo, e larguei meu marca

Touro, num medonho ‘buenas tarde’” (*Bochincho*, poema do grande pajador Jayme Caetano Braun)!

Entretanto, apesar destes erros, que também Glaucus Saraiva, Barbosa Lessa e Paixão Côrtes e outros cometeram, na externação de seu fervor tradicionalista, a tese do mestre Chico Pinto tem inegáveis méritos, frutos não só da tremenda erudição do autor – diga-se *en passant*, dono da maior biblioteca gaúcha de Brasília –, mas também do imenso amor dele pelos temas de cultura gaúcha e seu papel protagônico na difusão do Movimento Tradicionalista Gaúcho em Brasília. E, de todos, a meu ver, o maior mérito é, como o próprio título da tese sugere, o de convocar à revisão das teses que embasam o arcabouço filosófico e estrutural do MTG, com a finalidade de resgatar a sua pureza de propósitos e a atualização de alguns de seus princípios já caducos.

Eu mesmo já chamava a atenção para este fato, em meu trabalho *Tradições & Contradições Gaúchas – uma Análise Crítica do MTG*. Em minhas conclusões, no citado estudo, eu alertava:

Tenho visto os CTGs voltados, bitoladamente, na maioria das vezes, para dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), fechados nesse microcosmos limitado e, por isso mesmo, imobilizados e sem condições de resolver seus próprios problemas de escassez de perspectivas para o futuro. Parece-me que, ao voltarem seus olhos para o passado (o da historiografia oficial) e

para o gaúcho de antanho (o mito arquetípico do “centauro dos pampas” e não o homem real da campanha), esqueceram-se de olhar para o presente e, assim, foram colhidos de surpresa pela avalanche do futuro, despreparados que estavam para reconhecer o caráter dinâmico da cultura, a qual não é estática como a água estagnada, mas um permanente processo sócio-histórico, um devir.

Penso que aos CTGs têm faltado um constante diálogo com o que acontece fora de seus limites físicos e intelectuais. Em primeiro lugar, chama facilmente a atenção o enorme despreparo da *intelligentsia* tradicionalista. Os precursores do MTG (alguns deles, infelizmente, pretensos donos da verdade) ficaram para trás no tempo; estudaram (muitos deles sem o devido preparo acadêmico) teses científicas hoje comprovadamente falseadas e ultrapassadas e sobre elas erigiram as estruturas teóricas e filosóficas do Movimento. É incalculável a importância que tiveram para a causa, mas, por outro lado, puseram tudo a perder no momento em que não reconheceram que o mundo mudou e continuaram presos àquele arcabouço teórico superado, sem permitir que os seguidores das novas abordagens sociológicas, antropológicas, históricas, semióticas etc. e dos novos sistemas epistemológicos interdisciplinares prosseguissem (com melhores resultados) o trabalho por eles começado, mas, hoje, defasado e carente de mudanças.

Em segundo lugar, também salta aos olhos a inércia dos CTGs enquanto espaço cultural. Praticamente voltados só para as atividades sociais, recreativas e eqüestres, esqueceram-se das de ensino e pesquisa, aprofundando ainda mais, por este motivo, o fosso que os separa do universo exterior, onde a cultura evolui segundo o ritmo que o mundo — às vésperas do 3º milênio — lhe imprime. Sem uma atividade permanente de ensino e pesquisa, que amplie e aprofunde de forma crítica os estudos pré-existentes, é

impossível a formação de uma intelectualidade capaz e doutra, apta para enfrentar, de forma séria e cabal, os desafios e problemas que possam obstar o progresso do Movimento — uma elite que transcenda os estreitos limites do Tradicionalismo retrógrado e ultrapassado, sem resvalar, contudo, nos modismos e estilizações de um falso modernismo tão ou mais pernicioso.

Um primeiro passo, para reverter o processo de estagnação e o marasmo em que o Movimento se encontra, seria o de se criar, no âmbito dos CTGs, bibliotecas e desenvolver campanhas para a formação de um acervo de valor, com livros (relevantes!) de história, antropologia, sociologia, etnologia, lingüística, artes e outros campos do conhecimento que tratem cientificamente do tema cultura. Em seguida, instituir Piquetes ou Montoneras (GTs) de Estudo, cujos trabalhos, desde que aprovados por uma banca examinadora de saber reconhecido (v.g. professores universitários, bacharéis, licenciados etc.), serão divulgados para o quadro social do CTG, entidades regionais e o próprio IGTF, na forma de publicações, palestras, aulas e seminários.

Paralelamente, a Invernada Cultural deve promover debates, mesas redondas e conferências com a participação de professores universitários, artistas e intelectuais de diversos setores, para discutir os temas das mais variadas áreas do saber, o que, desta forma, enriquecerá e ampliará o *background* da *intelligentsia* tradicionalista/nativista e abrirá novos horizontes, oferecendo inúmeras perspectivas e possibilidades para o Movimento.

É importante notar que abrir horizontes não significa, em hipótese alguma, abandonar a senda do Gauchismo, mas, sim, aperfeiçoá-lo e adequá-lo aos novos tempos, impedindo a sua decrepitude e falência, o que o fará perder o “bonde da história” e

os adeptos, que são, em última análise, a garantia de sua continuidade (e não de continuísmo), crescimento e expansão. É gritante o descompasso do Movimento Tradicionalista Gaúcho em relação ao ritmo acelerado que o mundo pós moderno imprime às transformações em todos os níveis e este atraso é o que deixa sem resposta muitas das indagações de seus seguidores, que ficam estarecidos face a duas realidades distintas e até contraditórias, levando-os ao desestímulo e à deserção.

O grande desafio, então, parece-me, por tudo isso, combater imediatamente as duas maiores e mais preocupantes patologias: o passadismo anacrônico, que vem, lenta e paulatinamente, devorando a sua capacidade vital de evolução e auto-reprodução, o que impedirá a sua metamorfose, e o diletantismo com que são tratados os temas culturais do âmbito tradicionalista/nativista, criando para tanto condições para que o próprio CTG assuma-se também como escola e, a partir dela, forme uma vanguarda capaz de acompanhar a evolução da cultura e manter o Movimento *pari passu* com o mundo do qual é parte integrante.

É preciso termos em mente, conforme o que ensinava Eric Hobsbawm, que as tradições inventadas são um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras, tácita ou abertamente aceitas, de natureza ritual ou simbólica, que visam a inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica em uma continuidade em relação ao passado real ou mitificado. É o que faz a semióloga Lucia Santaella acusar-nos de sermos uma "ciumenta manutenção de anacronismos culturais ou de exotismos", "nostálgicas

reminiscências dos mitos artesanais e rurais" (Santaella, 1990: 58, 72 *et passim*), pelo nosso apego ao passado mitificado e pela glamourização do folclore e do pitoresco.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho reflete sua representação do mundo social, que, segundo o historiador francês Roger Chartier, professor Escola dos Annales, são, sempre, determinadas pelos interesses do grupo que as forjam e pretende prolongar-se no poder, criando normas e manuais que mostram o que é ser gaúcho segundo sua ótica hegemônica, no sentido de vigiar e punir os desvios, dentro daquilo que a antropóloga britânica Mary Douglas estudou em *Pureza e Perigo*.

Para concluir o presente texto, quero deixar muito bem claro aqui o meu respeito e admiração pelo prócer que, inegavelmente, ele é e, também, o meu carinho pela sua pessoa bonachona, com quem tive deliciosos momentos de boa prosa e debate sadio. Como eu já disse, citando Néelson Rodrigues, “toda unanimidade é burra”, por isso reservo-me o direito de discordar do mesmo, sem, contudo, deixar de reverenciar o brilhante mestre.

Brasília/DF, 10/VIII/2006.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CARVALHO, José Murilo de. *A Formação das Almas – o imaginário da República no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural – Entre Práticas e Representações*. Lisboa: Difel, 1990.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

HALL, Stuart. *Identidades Culturais na Pós-Modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

HOBBSAWM, Eric & RANGER, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

LARAIA, Roque de Barros. *Cultura: Um Conceito Antropológico*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 3ª ed. Campinas: UNICAMP, 1994.

LESSA, Luiz Carlos Barbosa. *Nativismo - um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1985.

LESSA, Barbosa & CÔRTEZ, Paixão. *Danças e andanças da Tradição Gaúcha*. 2ª ed. Porto Alegre: Garatuja, 1975.

MARTINS, José de Souza. *Capitalismo e Tradicionalismo - Estudos sobre as contradições da sociedade agrária no Brasil*. São Paulo,

Pioneira, 1985.

MEYER, Augusto. *Gaúcho - história de uma palavra*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, s/d.

MOFFATT, Alfredo. *Psicoterapia do Oprimido*. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 1986.

MOLAS, Ricardo E. Rodríguez. *Historia Social del Gaucho*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Pioneira, 1976.

_____ *Caminhos da Identidade: Ensaios sobre etnicidade e multiculturalismo*. São Paulo: EdUNESP; Brasília: Paralelo 15, 2006.

OLIVEN, Ruben George. *Violência e Cultura no Brasil*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____ *A Parte e o Todo - a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

OLIVEN, Ruben G. et alii. *Ciências Sociais Hoje - 1984 (Anuário de Antropologia, Política e Sociologia)*. São Paulo: Cortez/ANPOCS, 1984.

ORNELAS, Manuelito de. *A Gênese do Gaúcho Brasileiro*. Rio de Janeiro: MEC, 1956. Os Cadernos de Cultura, 102.

_____ *Gaúchos e Beduínos (a origem étnica e a*

formação social do Rio Grande do Sul). 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio/ Brasília: INL, 1976.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. 4ª. ed. São Paulo, Brasiliense, 1994.

_____ *Românticos e Folcloristas*. Cultura Popular. São Paulo: Olho d'Água, s/d.

PESAVENTO, Sandra Jatahy & OSTERMANN, Nilse Wink. *A História do Rio Grande do Sul - a versão, o mito e a proposta de um ensino crítico*. Porto Alegre: Assembléia Legislativa do Estado/CORAG, 1985.

POMER, León. *El Gaucho*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1971. Col. La Historia Popular/Vida y milagros de nuestro pueblo, 29.

QUESADA, Ernesto. *En torno al criollismo – textos y polémica*. Buenos Aires: CEAL, 1983.

REVERBEL, Carlos. *O Gaúcho - Aspectos de sua Formação no Rio Grande e no Rio da Prata*. Porto Alegre: L&PM, 1986. Col. Universidade Livre.

RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a Civilização - processo de formação do desenvolvimento desigual dos povos americanos*. 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

RIBEIRO, Hércion. *A Identidade do Brasileiro - "Capado, sangrado" e festeiro*. Petrópolis: Vozes, 1994.

SANTAELLA, Lúcia. *(Arte) & (Cultura) – Equívocos do Elitismo*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1990.

SARMIENTO, Domingo Faustino. *Facundo – Civilización y Barbarie*. 2ª ed. Buenos Aires: Colihue, 1983.

SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. 3ª ed. São Paulo: Martin Fontes, 1986.

SCHNEIDER, Samuel. *Proyección Histórica del Gaucho*. Buenos Aires: Procyón, 1962.

SILVA, Tomás Tadeu da (org). *Identidade e Diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais*. 6ª ed. Petrópolis: Vozes, 2000.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura: Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

WEBBER, Jorge F. Duarte. *Tradições & Contradições Gaúchas – uma Análise Crítica do MTG*. Porto Alegre: Página do Gaúcho, 2001.

_____ *Você disse História Cultural?* Brasília: artigo, 2008.

NOTA (*): O Prof. Jorge Webber – conhecido, no meio musical nativista, pelo pseudônimo “El Chango Duarte” – é Licenciado e Bacharel em História, com especialização em História Cultural, na área de Imaginário, Cotidiano e Discurso, pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da UnB. Este porto-alegrense é funcionário público federal e, nas horas vagas, “dublê” de músico, poeta e cartunista. Militando no MTG-DF desde o começo de 1981, é o fundador Nº 9 do Centro de Tradições Gaúchas “Jayme Caetano Braun” (CTG-JCB), do qual foi Posteiro da Invernada Cultural algumas vezes, além de ter sido também Diretor-Geral do Departamento de Cultura e Tradições Gaúchas da Estância Gaúcha do Planalto (EGP). Filiado a várias entidades

culturais, como a Academia Internacional de Letras “Três Fronteiras” - Brasil, Argentina e Uruguai (AIL3F), a Casa do Poeta Brasileiro (POEBRAS), à Associação Nacional de História (ANPUH) e à Associação Nacional dos Pesquisadores de História da Latino-América e Caribe (ANPHLAC), é pesquisador respeitado no meio acadêmico, com textos publicados na internet e citado em obras sobre o gaúcho e a cultura rio-platense, tendo sido reconhecido como “um dos mais brilhantes estudiosos da cultura do Rio Grande do Sul”, pelo jornalista Henrique Júdice Magalhães, do Jornal “A Nova Democracia”.

OS ESTORIADORES & FOUCLORISTAS E SUAS APOSTILAS

Prof. Jorge Frederico Duarte Webber*

Lagarto que sai
da toca,

quer chumbo,
diz o ditado,

e eu me paro
embodocado,

quando um
olhar me
provoca.

*(Bochincho,
Jayme Caetano
Braun)*

Parece que estou condenado à pena perpétua de

ter que bater na mesma tecla sem que me dêem ouvidos! É como o tonel das Danaides. Talvez porque em "casa de ferreiro, espeto de pau" – o atual Patrão da Federação Tradicionalista Gaúcha do Planalto Central (FTG-PC) é professor de História aposentado –, ou talvez pela cara de pau de certos dirigentes tradicionalistas que não vão com a minha e me acusam de radical, de ovelha negra do Tradicionalismo. Mas a verdade é que a FTG-PC, para o concurso de prendas e peões de 2005, ofereceu a os/as candidatos/as uma apostila que pretende englobar os mais diversos aspectos da cultura gaúcha, com vistas a prepará-los para as provas de conhecimentos gerais.

Como tantos outros colegas historiadores e pesquisadores profissionais, não sou contra apostilas ou outras obras do tipo "Síntese Histórica". Sou sim contra apostilas e sínteses mal feitas, mesmo se criadas com a boa vontade de ajudar no preparo de candidatas ao posto de Primeira Prenda ou Peão Farroupilha ou Tropeiro de um CTG ou de uma Federação, pois tais obras, muitas vezes, apresentam aspectos não tão relevantes da história e tratam os fatos históricos de modo desconexo e superficial. Mas a verdade é que, no mais das vezes, tais apostilas – sem falar dos erros ortográficos, de digitação e outros de caráter teórico-metodológicos –, são reducionistas e generalizantes,

optando mais por oferecer informações esparsas, do que preparar o/a candidato/a para assumir as responsabilidades de ser o Peão Farroupilha ou Tropeiro ou a Primeira Prenda de um CTG.

A asneira já começa com os conteúdos de História e de Geografia do Brasil selecionados para as provas. Não bastasse tais conteúdos serem já objeto de estudo nos bancos escolares em todo o país, os/as candidatos/as são obrigados a revê-los, deixando de dar o devido valor àqueles conteúdos voltados para a cultura gaúcha exclusivamente. E tendo os/as candidatos/as o ensino médio completo ou quase, o conhecimento das disciplinas que são do currículo básico nacional, devem ser tacitamente aceitos pelos jurados como já adquiridos, sendo, portanto, desnecessário constar de uma apostila desta natureza matéria das disciplinas supracitadas.

Além disso, faz-se mister que nos demos conta de que os candidatos ao posto de Peão Farroupilha ou Tropeiro e as postulantes ao título de Primeira Prenda Adulta de uma entidade como um Centro de Tradições Gaúchas ou uma Federação já deveriam ter conhecimentos prévios sobre a Cultura Gaúcha que lhes habilitassem a tentar tão elevado lugar no universo tradicionalista. Um candidato a Peão Tropeiro ou

Farroupilha ou uma candidata a Primeira Prenda de um CTG, mesmo que tenha nascido em outra UF, deve conhecer a história, a geografia e a cultura do Rio Grande do Sul, notadamente da área pampeana, que é o berço do gaúcho, mesmo porque certos episódios da História do Rio Grande do Sul e do Rio da Prata são estudados em História do Brasil, no ensino médio. Qualquer prenda ou peão que participe de uma Invernada Artística deve saber algo sobre os trajes, os instrumentos, os ritmos, as danças e gerações coreográficas, independentemente de ler ou não a Apostila, que é mui fraca também nessa matéria. É preciso que demonstrem vontade de aprender mais. É este o futuro dirigente tradicionalista que queremos.

Prender-se à enumeração de nomes e datas é a asneira número dois, pois há muito a ciência da História deixou de lado esse ultrapassado modelo de historiografia factual, a chamada *histoire événementielle*, que reduz-se uma simples enumeração dos fatos. Mais do que discorrer sobre um fato histórico, que os livros tratam com muito mais propriedade do que uma simples apostila, é necessário passar a o/a candidato/a uma visão geral sobre a sociedade gaúcha do passado. E é nítida a orientação positivista nesta corrente historiográfica, como na maioria das escolas ultrapassadas de historiadores, a qual dava muita

importância a datas e nomes de "heróis" e lugares de grandes batalhas e acontecimentos, com uma ênfase predominante em política, diplomacia e guerras, fazer generalizado entre os historiógrafos do [século XIX](#), menosprezando a dinâmica interna dos fatores conjunturais e supra e infra-estruturais, sem incorporar o estudo das mentalidades, do imaginário, do cotidiano, do discurso, da história imediata e da longa duração, sem dar voz aos excluídos, os marginalizados e os silenciados da história e sem combinar abordagens da [antropologia](#), da sociologia, da psicologia social, da semiologia e da lingüística com as da [história](#).

Outra asneira é apresentar apenas a visão hegemônica da História. Exemplo disso é a Guerra dos Farrapos, feito que, ainda hoje, é objeto de controvérsias entre historiadores de diversas escolas historiográficas. E, além disso, esquecem-se do significado que a "Epopéia Farroupilha" teve naquele contexto e, mais tarde, em outros, como o do próprio MTG. É importante que, ao tratarmos de um tema dessa magnitude, aqueles que temos responsabilidades como educadores, como historiadores e/ou como tradicionalistas não deixemos de inserir o tema no macrocosmo da Cultura Gaúcha, sob pena de estarmos tratando de algo tão importante para nós de maneira fragmentada e superficial, sem conexão com o contexto

sócio-histórico que engendrou a realidade sob exame. Daí termos que tratá-lo em seu aspecto talvez mais delicado para muitos, o ideológico, porque remete a um mito fundador do Tradicionalismo. Mais do que tratar do tema do "Decênio Heróico", é necessário que a apostila faça uma viagem ao passado, que leve o/a candidato/a até os estertores do Império, para tentar montar um cenário do que aconteceu no Rio Grande às vésperas da República e o que acontecia no meio literário e das ciências sociais da época. É preciso ter em mente o modo como se enquadram tais temas no nosso passado, para termos uma idéia mais clara das relações que se formam entre aspectos aparentemente desconexos do universo circundante. É necessário desconstruir os discursos, o imaginário e as representações sociais por trás dos fatos históricos freqüentemente ideologizados pela historiografia oficial.

Ligada a esta, a quarta asneira tradicionalista é a de só apresentarem a visão lusófilo-castelhanófoba da cultura gaúcha, por seguir a versão oficial da História, de extração positivista, visão essa hegemônica no seio do Tradicionalismo, que afirma ser o gaúcho brasileiro bem diferente de seus homônimos argentinos e uruguaios, além de não considerar o avanço português sobre as terras d' Espanha no Prata como uma invasão e usurpação, como nós, os pangauchistas, fazemos. Mas a

História (no sentido gnosiológico), que não é uma ciência exata, tem dessas coisas. É como sempre disse a meus alunos: a verdade só será revelada no dia em que for inventada a máquina do tempo. Mas isso não nos impede de procurarmos acercarmo-nos ao máximo à realidade, mesmo sendo a verdade (ontológica) uma construção aproximada, relativa, parcial e subjetiva.

Como eu já disse em um texto anterior meu (*Aos Falsos Exegetas e Glosadores do Tradicionalismo*): é necessário assumir que isso é, em grande parte, resultante de um dos pecados originais do Tradicionalismo: ao optar por popularizar o Movimento, seus idealizadores puseram de lado a qualificação intelectual, no sentido de "cultura escolarizada ou cultivada" (Lessa, 1985: 79), a formação acadêmica, deixando que o Gauchismo fosse "compreendido, em sua finalidade última, apenas por uma minoria intelectual" (id., ibid.: 83), abrindo cancha para os atochadores, os pseudo intelectuais (que propalam ser historiadores, quando não passam de enroladores), e dando margem à "chutologia filodóxica", ao "achismo empirista", ao amadorismo, ao saber folhetinesco e ornamental, de *peanuts* e efemérides, que sempre leva ao tratamento dos temas culturais de forma superficial, fragmentada e desconexa. Daí não me surpreender que alguém nos rotule de "ciumenta manutenção de

anacronismos culturais ou de exotismos", "nostálgicas reminiscências dos mitos artesanais e rurais" (Santaella, 1990: 58, 72 *et passim*), pelo nosso apego ao passado mitificado e pela glamourização do folclore e do pitoresco.

E seguia eu: Afirmam que para ser um bom tradicionalista não é necessário ser um intelectual e é a própria tese-matriz do MTG que diz: "Para alcançar seus fins, o Tradicionalismo serve-se do Folclore, da Sociologia, da Arte, da Literatura, do Esporte, da Recreação, etc. Tradicionalismo não se confunde, pois, com Folclore, Literatura, Teatro, etc. Tudo isso constitui MEIOS para que o Tradicionalismo alcance seus fins. Não se deve confundir o Tradicionalismo, que é um movimento, com o Folclore, a História, a Sociologia, etc., que são ciências. Não se deve confundir o folclorista, por exemplo, com o tradicionalista: aquele é o estudioso de uma ciência, este é o soldado de um movimento. Os Tradicionalistas não precisam tratar cientificamente o folclore; estarão agindo eficientemente se servirem dos estudos dos folcloristas, como base de ação, e assim reafirmarem as vivências folclóricas no próprio seio do povo" (os grifos são meus). Mas acontece que, ao servirem-se das ciências que estudam os fenômenos daquilo que propus chamar de "universo cultural gaúcho", muitos tradicionalistas, para atingirem os seus

fins, nem sempre claros ou transparentes, vêm promovendo lambanças e até mesmo catástrofes epistemológicas, filosóficas e teórico-metodológicas nestas ciências, sem o mais mínimo pudor, porque moralmente amparados e estimulados pela mitológica tese de Barbosa Lessa, um compêndio de dogmas tradicionalistas, tal como a Carta de Princípios, cuja crítica é tabu passível de excomunhão, por ser um perigo contra a pureza dos nobres ideais tradicionalistas.

Os pesquisadores profissionais, com saber chancelado pelo selo de uma respeitada instituição de ensino superior (reconhecemos a profusão de universidades caça-níqueis, as PPP – papai pagou, passou – e a falência do ensino médio em colocar formandos de alto nível intelectual na academia), sabemos que devemos perseverar na busca e no aperfeiçoamento de métodos sancionados de análise, acompanhamento e avaliação dos problemas postos ao nosso exame criterioso. Nós damos pareceres sérios e bem fundamentados, não emitimos opiniões, não metemos o bedelho, como os “estoriadores” e os “foucloristas” que, graças ao malabarismo teórico-metodológico de Barbosa Lessa, pululam nas sarjetas do MTG, criando monstros como o Regulamento da Lei das Pilchas! Além disso, não trabalhamos por mera filodoxia, no sentido dado por Immanuel Kant, ou por puro

diletantismo, mas porque é a profissão que escolhemos, nossa vocação, nossa paixão, nosso vício!

Quanto ao condicionamento social do conhecimento, sempre gosto de voltar ao bom e velho Adam Schaff, que nos mostra, de um lado, uma verdade ontológica (história *res gestae*) jamais atingida e, de outro, uma verdade relativa, parcial e subjetiva (História *rerum gestarum*), fruto de uma operação gnosiológica, que procura aproximar-se daquela o máximo possível, com os dados das fontes fidedignas que possuímos, em um trabalho como de detetives. Sabemos de antemão que o processo de conhecimento da vida social nunca será um processo de aproximação total e definitivo. Mas nós, os historiadores, antropólogos e sociólogos de verdade, não desanimamos; embora reconheçamos a perfeição como inatingível, nunca deixamos de persegui-la. É o que nos dá autoridade *ex cathedra* para reivindicar mais procedência do que outros discursos, como o do senso comum, o qual os “enrolólogos” costumam usar para fundamentar suas patacoadas. Esses bacudos que se dizem pesquisadores, pseudo-intelectuais, não passam de meros leitores, uma vez que são desprovidos da necessária bagagem teórico-metodológica para o exercício legal das ciências sociais. Lamentavelmente, são eles que dominam satrapias e mandarinos dentro do MTG – a fábrica de ideologia da

CBTG –, porque, como já cansei de dizer, mas repito de novo, por se acaso há surdos (pior surdo é quem não quer ouvir): na terra de cegos que é o Tradicionalismo Gaúcho, quem tem um olho é patrão, capataz, posteiro, agregado ou vaqueano!

Brasília/DF, 20 de julho de 2005.

Referências Bibliográficas:

- LESSA, Luiz Carlos Barbosa. *Nativismo – um fenômeno social gaúcho*. Porto Alegre: L&PM, 1985. Col. Universidade Livre, V.4.

- SANTAELLA, Lúcia. *(Arte) & (Cultura) – Equívocos do Elitismo*. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1990. Col. Biblioteca da Educação, Série 7: Arte e Cultura, V.1.

- SCHAFF, Adam. *História e Verdade*. 3ª ed. São Paulo: Martin Fontes, 1986.

- WEBBER, Jorge F. D. *Você disse História Cultural?* Brasília: artigo científico, 2008.

Apêndice:

DEFESA

Chamado para ajudar na indicação da Primeira Prenda Adulta pelo Patrão da Estância Gaúcha do Planalto (EGP), Dr. Ubirajara Maciel Alves Branco, elaborei, a pedido do supracitado, uma prova de conhecimentos gerais, para ser utilizada como critério auxiliar na tarefa de escolha, não como concurso. Para tanto, me foi dada a apostila *Síntese Histórica do Rio Grande do Sul*, de autoria do santa-mariense Taylor Fagundes, para servir de base para a elaboração da prova.

Que a última questão da minha prova era polêmica? Sim era, mas sob nenhum aspecto cambaleante ou vaga! Ainda mais se levarmos em conta que o seu enunciado oferece à candidata uma luz quanto à resposta, pois ressalta as fraquezas da apostila. Bastava ler "Síntese Histórica do Rio Grande do Sul", de Taylor Fagundes, para ver que a obra tem diversos erros e é reducionista e generalizante (opção "a"); que ela tende à reificação da candidata (opção "b"), pois simplesmente oferece uma série de conhecimentos fragmentados e desconexos tão somente para obrigá-la a estudar para a prova, sem se preocupar com a sua formação intelectual, moral e espiritual (que é o verdadeiro objetivo de um educador); que a obra oferece apenas a visão oficial do Tradicionalismo e das correntes historiográficas hegemônicas, pois em nenhum momento faz a autocritica do MTG e em nenhum momento apresenta outras versões dos fatos históricos superficialmente abordados (opção "d") e que ela tira a oportunidade de um melhor preparo das candidatas, pois as prende a um texto sintético e falho, sem aconselhá-las a busca de outras fontes que lhe trouxessem conhecimentos mais amplos e profundos (opção "e"). Qualquer pessoa

com um mínimo de conhecimentos sobre a história do Rio Grande do Sul e a Cultura Gaúcha – uma exigência básica para quem postula o posto de Primeira Prenda Adulta de um CTG respeitável como a Estância Gaúcha do Planalto –, vê que a resposta "c" é a única que não se aplica à Apostila, pois a mesma não oferece, a ninguém, conhecimentos profundos sobre os aspectos citados, por tratar-se justamente de uma "Síntese", como o próprio Sr. Albino Becker dos Santos chamou a atenção, no item 1 de seu recurso.

A prova baseou-se apenas na apostila. Mas as obras que li em toda a minha vida acadêmica e tradicionalista ultrapassam, e muitíssimo, a pequena relação de obras consultadas pelo Sr. Taylor Fagundes - pessoa contra quem não tenho queixas, mas logo se vê que não é um historiador, embora esse não seja um requisito necessário ao tradicionalista. Mas essa é condição *sine qua non* para um intelectual, na mais plena acepção do étimo, principalmente quem pretende criar uma prova de fundamento (e não uma prova medíocre).

Em momento algum, houve opinião pessoal, mas sim o parecer de um historiador profissional, formado por uma Universidade respeitada, bacharel e licenciado, com especialização (pós-graduação *lato senso*), filiado à Associação Nacional dos Pesquisadores de História da Latino-América e Caribe (ANPHLAC) e à Associação Nacional de História/Associação Nacional dos Professores Universitários de História (ANPUH), habilitado para dar aulas, fazer pesquisas, elaborar textos e pareceres sobre matéria historiográfica e histórica, ao contrário dos pseudo-intelectuais que se auto-proclamam historiadores e propalam asneiras. Opiniões podem ser diferentes sim, mas quando um perito, com autoridade *ex-cathedra*, se pronuncia, do alto de seu saber, já não é somente opinião (porque a opinião pertence ao domínio da *doxa*, do senso comum), mas sim um juízo de valor abalizado, que pertence ao domínio da ciência, da *epistème*!

Ao contrário do que fui acusado, não fui movido por vaidade

alguma, ao apresentar o meu currículo, mas, exclusivamente, pela necessidade de certificar as minhas competências como intelectual e como tradicionalista, para que as candidatas e seus familiares, bem como a instituição, ficassem seguras de que a prova fora elaborada por alguém com formação, educação e qualidades morais e intelectuais, e não por um picareta desses que pululam nas sarjetas do Tradicionalismo, dizendo-se mui *connaisseurs*. As minhas qualidades e defeitos todos conhecem, pois sou, além de seguro do que faço, transparente e sincero e nada tenho a esconder. E sempre disse, parafraseando o grande pensador romano Cícero: *nec me pudet fateri nescire quod nesciam* (não me envergonho de confessar que ignoro aquilo que não sei)! Mas, pela minha própria formação, tenho muito mais autoridade para tratar de certos assuntos de História e Cultura do que outros.

[NOTA (*):O Prof. Jorge Webber – conhecido, no meio musical nativista, pelo pseudônimo “El Chango Duarte” – é Licenciado e Bacharel em História, com especialização em História Cultural, na área de Imaginário, Cotidiano e Discurso, pelo Programa de Pós-Graduação em História (PPGHIS) da UnB. Este porto-alegrense é funcionário público federal e, nas horas vagas, “dublê” de músico, poeta e cartunista. Militando no MTG-DF desde o começo de 1981, é o fundador N° 9 do Centro de Tradições Gaúchas “Jayme Caetano Braun” (CTG-JCB), do qual foi Posteiro da Invernada Cultural algumas vezes, além de ter sido também Diretor-Geral do Departamento de Cultura e Tradições Gaúchas da Estância Gaúcha do Planalto (EGP). Filiado a várias entidades culturais, como a Academia Internacional de Letras “Três Fronteiras” - Brasil, Argentina e Uruguai (AIL3F), a Casa do Poeta Brasileiro (POEBRAS), à Associação Nacional de História (ANPUH) e à Associação Nacional dos Pesquisadores de História

da Latino-América e Caribe (ANPHLAC), é pesquisador respeitado no meio acadêmico, com textos publicados na internet e citado em obras sobre o gaúcho e a cultura rio-platense, tendo sido reconhecido como “um dos mais brilhantes estudiosos da cultura do Rio Grande do Sul”, pelo jornalista Henrique Júdice Magalhães, do Jornal “A Nova Democracia”.]

CARTA DE PRÍNCIPIOS DO MOVIMENTO TRADICIONALISTA DO RIO GRANDE DO SUL

Definição: Tradicionalismo ou Movimento

Tradicionalista é um organismo social, perfeitamente definido e estatuído, de natureza cívica, ideológica doutrinária, com características próprias e singulares que o colocam em plano especialíssimo no panorama da vida rio-grandense, brasileira e americana.

Cumprindo ciclos sociais, culturais, literários e artísticos de natureza

nativista, procurando influir em todas as formas de manifestação da vida e

do pensamento rio-grandenses, o Tradicionalismo gira em uma órbita que

tem como centro os problemas rurais da nossa terra, o homem brasileiro em

geral e o rio-grandense em particular, sua maior expressão, e onde estão

fixadas as suas raízes mais profundas.

Objetivos:

O Tradicionalismo tem por objetivos:

I. Auxiliar o Estado na solução dos seus problemas fundamentais e na conquista do bem coletivo.

II. Cultuar e difundir nossa História, nossa Formação Social, nosso

Folclóre, enfim, nossa Tradição, como substância basilar

de
nacionalidade.

III. Promover, no seio do nosso povo, uma retomada de
consciência dos
valores morais do gaúcho.

IV. Facilitar e cooperar com a evolução e o progresso,
buscando a
harmonia social, criando a consciência do valor coletivo
e
combatendo o enfraquecimento da cultura comum e a
desagregação
que daí resulta.

V. Criar barreiras aos fatores e idéias alienígenas que nos
vêm pelos
veículos normais de propaganda e que sejam
diametralmente opostos
ou antagônicos aos costumes e pendores naturais do
nosso povo.

VI. Preservar nosso patrimônio sociológico representado,
principalmente, pelo linguajar, vestimenta, arte culinária,
formas de
lides e artes populares.

VII. Fazer de cada C T G um núcleo transmissor de
herança social e
através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção
de valores,
princípios morais, reações emocionais, etc., criar em
nossos grupas
sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e
pensar
coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao
meio, para a
reação em conjunto frente aos problemas comuns.

VIII. Estimular e incentivar o processo aculturativo do
elemento imigrante
e seus descendentes.

IX. Lutar pelos direitos humanos de Liberdade, Igualdade
e
Humanidade.

X. Respeitar e fazer respeitar seus postulados iniciais que
têm como
característica essencial a absoluta independência de
sectarismos

políticos, religiosos e raciais.

XI. Acatar e respeitar as leis os poderes públicos legalmente

constituídos, enquanto se mantiverem dentro dos princípios de

regime democrático vigente.

XII. Evitar todas as formas de vaidade e personalismo que buscam no

Movimento. Tradicionalista veículo para projeção em proveito

próprio.

XIII. Evitar toda e qualquer manifestação individual ou coletiva, movida

por interesses subterrâneos de natureza política, religiosa ou

financeira.

XIV. Repudiar, enfim, todas as manifestações e formas negativas de

exploração direta ou indireta do Movimento

Tradicionalista.

XV. Prestigiar e estimular quaisquer iniciativas que, sincera e

honestamente, queiram perseguir objetivos correlatos com os do

Tradicionalismo.

XVI. Incentivar, em todas as formas de divulgação e propaganda, o uso

sadio dos autênticos motivos regionais.

XVII. Influir na Literatura, Artes Clássicas e Populares e outras formas de

expressão espiritual da nossa gente, no sentido de que se voltem para

os temas nativistas.

XVIII. Zelar pela pureza e fidelidade dos nossos costumes autênticos,

combatendo todas as manifestações individuais ou coletivas, que

artificializem ou descaracterizem as nossas coisas tradicionais.

XIX. Estimular e amparar as células que fazem parte do seu organismo

social.

XX. Procurar penetrar e atuar nas instituições públicas e

privadas,
principalmente nos colégios e no seio, do povo, buscando conquistar
para o Movimento Tradicionalista a boa vontade e a participação dos
representantes de todas as classes e profissões dignas.
XXI. Comemorar e respeitar as datas, efemérides e vultos nacionais e,
particularmente, o dia 20 de Setembro, como data máxima do Rio
Grande do Sul.
XXII. Lutar para que seja instituído, oficialmente, o DIA DO GAÚCHO,
em paridade de condições com o "Dia do Colono" e outros "Dias"
respeitados publicamente.
XXIII. Pugnar pela independência psicológica e ideológica do nosso povo.
XXIV. Revalidar e reafirmar os valores fundamentais da nossa formação,
apontando às novas gerações rumos definidos de cultura, civismo e
nacionalidade.
XXV. Procurar o despertar de consciência para o espírito cívico de
unidade e amor à Pátria.
XXVI. Pugnar pela fraternidade e maior aproximação dos povos
americanos.
XXVII. Buscar, finalmente, a conquista de um Estágio de Força Social que
lhe dê ressonância nos Poderes Públicos e nas classes rio-grandenses,
para atuar real, poderosa e eficientemente, no alevantamento dos
padrões de moral e de vida do nosso Estado, rumando, fortalecido,
para o campo e o homem rural, suas raízes primordiais, cumprindo,
assim, sua alta destinação histórica em nossa Pátria.
Parágrafo único – Esta carta está sujeita a modificações e
acréscimos em futuros Congressos

Tradicionalistas, conforme as
necessidades.

(Esta Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista do Rio Grande do Sul, redigida por Gláucus Saraiva, foi aprovada pelo 8º Congresso, realizado de 20 à 23 de julho de 1961, na cidade de Taquara, Estado do Rio Grande do Sul.)

Comissão Relatora:

Irmão Bento José Labre

Cap. Hugo da Cunha Alves

Frei Clarêncio de Tapejara

Dr. Gilberto Prates

José Paim Brites

Aluizio Ferreira Palmar

12 de dezembro às 12:09 ·

Fico arrepiado toda vez que ouço o Hino da Legalidade e lembro da grande mobilização contra a tentativa de golpe em 1961.

Gente, foi lindo demais da conta, Operários, camponeses, estudantes, militares legalistas mobilizados na luta.

No Rio Grande do Sul, o governador Brizola encampou a fábrica da Tauros e distribuiu armas para o povo. E foi assim que os golpistas recuaram.

Negociaram o recuo. Concessões daqui, concessões dali. Mas aí é outra



Hino da Legalidade

Legalidade: um legado de Leonel Brizola. Avante brasileiros de pé Unidos pela liberdade
Marchemos todos juntos com a bandeira Que prega a lealdade Protesta c...

[YOUTUBE.COM](https://www.youtube.com)

Do livro **História da Academia Rio-Grandense de Letras**, de **José Carlos Rolhano Laitano**, 2ª edição.

A PRESENÇA DA MULHER

A figura da mulher ocupou espaço especial na história do Parthenon. Embora presente na literatura, ainda antes da fundação do Parthenon Litterario, Delfina Benigna da Cunha foi atuante nas atividades do Parthenon. Todavia, a mulher intelectual sofreu preconceito ao longo da história acadêmica e, na Academia Brasileira de Letras, a questão feminista sofreu retrocesso pretensamente baseado na tradição francesa, como se verá em capítulo mais adiante.

Permanecendo no âmbito do Parthenon Litterario, escreve Ramírez:⁹

A Europa era um ferredouro de concepções e correntes, cujas ondas de influência repercutiam na América e no Brasil. Se a corte centralizava a administração governamental, na esfera intelectual o Rio Grande do Sul dispunha de uma indelmentível autonomia, graças ao intercâmbio frequente de parentescos e de interesses comerciais com o Prata.

Das capitais, Buenos Aires e Montevideú, importávamos os últimos figurinos de Paris, as intrigas palacianas e políticas, os mais recentes questionamentos literários. É assim que nomes de gigantes do pensamento europeu como Tomas Hobbes, Montesquieu, Adam Smith, John Locke, Lamennais, Lacordaire, Voltaire, Rousseau, Diderot, Goethe, Kant, Herder, Benjamin Constant, Guizot, Thiers, Darwin, Renan, Allan Kardec, se entrecruzavam e interagem na mente e nas discussões dos membros do Partenon Literário, a partir de 18 de junho de 1868. Da mesma forma como o faziam os homens mais cultos do Rio Grande do Sul, nesse período. Ali se lia e conhecia Shakespeare, Cervantes, Esproncenda, Becquer, Walter Scott, Byron, Shelley, Chateaubriand, Stendhal, Lamartine, Balzac, Victor Hugo, Alexandre Dumas, Theophile Gautier.

Da literatura portuguesa, compulsavam-se clássicos como Camões, Bocage, Camilo Castelo Branco, João de Deus, Alexandre Herculano, Ramalho Ortigão, Almeida Garret, Tomás Ribeiro e Guerra Junqueiro.

As cabeças mais arejadas da província conheciam e liam os autores representativos da nascente literatura brasileira (como Joaquim Manoel de Macedo, com seus romances “A moreninha” e “O moço loiro” de José de Alencar).

[...]

Detalhe importante. Havia participação feminina no Partenon Literário. Professoras e escritoras ali compareciam, de olhos abertos para o mundo, a disputar o direito à própria expressão individual.

Sensibilizava-as o exemplo de mulheres lúcidas e decididas, empenhadas a se firmarem num mundo predominantemente masculino, desde Anita Garibaldi, a lagunista que se transmudara em heroína farroupilha e européia, à americana Harriet Beecher Stowe, autora da novela abolicionista “A Cabana do Pai Thomaz”, e à francesa Louise Michel, com sua conduta política arrojada.

⁹ RAMIREZ, Hugo. Palestra proferida no Arquivo Histórico Municipal Moysés Velinho, Porto Alegre, em agosto de 1999: Influências ideológicas no Partenon Literário.

O Rio Grande do latifúndio e das escaramuças bélicas era lugar para homens afeitos à luta, comandando a família, aprovando o casamento das filhas, amancebando-se com escravas. A mulher limitava-se aos afazeres domésticos, criação de filhos e frivolidades, se o dinheiro assim o permitisse.

Hilda Hübner Flores, citando o jornal farroupilha *O Artilheiro*, descreve a cena:

Mocinhas urbanas satisfaziam a vaidade elaborando caprichosos penteados à chinesa, ou dos pentes de Paris (pentes de tartaruga fabricados no Rio de Janeiro), ou dos trepa-moleques (carrapitos no alto da cabeça que exigiam grandes pentes de tartaruga ou de chifre para manter erguido o farto ornamento); depois se punham à janela a colher os resultados do seu aprumo.¹⁰

Todavia, segundo seu estudo, na verdade, a mulher, em especial ou mesmo durante a batalha farroupilha, fez mais do que manter-se coquete:

A documentação consultada mostra que a década da guerra civil revelou nomes femininos no exercício de distintas atividades e díspares funções, não raro acumulando duas ou mais atividades, desde a maternidade, a educação e a instrução dos filhos, a administração da charqueada ou da estância, a criação de criança abandonada, a costura, bordados, confeitos, a navegação e, pasmem, cultivando a intelectualidade que produziu trabalho pioneiro no jornalismo, na literatura e, sobretudo, informando e denunciando acerca do que foi um dos capítulos mais destrutivos de nossa história.¹¹

As primeiras mulheres que assumiram posição de destaque na vida intelectual foram Luciana de Abreu, Luísa de Azambuja, Amália dos Passos Figueroa, Revocata Heloísa de Mello e Delfina Benigna da Cunha.

Delfina, nascida em São José do Norte, filha de militar, ficou cega aos vinte meses de idade; todavia, logrou estudar e é considerada a primeira figura literária gaúcha e é seu o primeiro livro de versos publicado em tipografias rio-grandenses.

Luciana de Abreu foi convidada quando ainda professora pouco conhecida e tornou-se a primeira mulher a ingressar numa academia de letras.

Em 1873, Luciana pronunciou discurso sob o título *A Educação da Mulher*,¹² onde destacou a situação feminina e, para que se tenha ideia do momento de mudança cultural pelo qual passava a nossa sociedade naquele século, transcrevo as suas palavras, que contrapunha, inclusive, o pensamento de alguns acadêmicos:

¹⁰ HÜBNER FLORES, Hilda A. Obra citada, p. 11.

¹¹ HÜBNER FLORES, Hilda A. Obra citada.

¹² ABREU, Luciana. *Revista Parthenon Litterario*, dezembro 1873, p. 535-539.

É insolito o meu comparecimento n'esta tribuna; a qualquer de vós vai parecer descomunal o meu arrojo, vindo até aqui dizer-vos algumas palavras acerca da educação da mulher; e de certo parece injustificado o procedimento que tenho, eu fraca mulher, ante tantas intelligencias esclarecidas, ante tão bellos talentos, vir expor a minha opinião, sem titulo algum que autorise a minha presença aqui.

Mas, senhores, nos banquetes de Aristipo, n'essa bella e illustrada Athenas, a par dos philosophos mais eminentes assentavão-se as meigas filhas do lyceu e da academia, que, com admiração olhavão para o modesto e quasi divino Socrates.

E eu, senhores, considerando que a intelligencia não tem privilegios, nem titulos exclusivos, e que a palavra, essa poderosa arma da civilisação, não deve ser escasseada, ainda pelos mais obscuros, ousei, ainda que tremula ao dar os primeiros passos, vir até aqui certa de que seria bem recebida.

Meus senhores, trata-se de preparar a mulher para preencher a sublime missão que lhe foi confiada pela Providencia; e tendes ouvido já d'esta tribuna palavras de animação e setenciosos preceitos que sem duvida estão gravados no cofre perfumoso do vosso coração.

Aproveito n'este momento a occasião de render uma homenagem sincera ao Parthenon Litterario que com dedicação e sacrificio se tem occupado na grande obra do futuro, da educação da mãe de familia.

Minhas senhoras, nós temos sido victimas dos prejuizos das preocupações do seculo. nós temos sido olhadas como seres á parte na grande obra da regeneração social, quando sem nós impossivel seria á humanidade aperfeiçoar-se e progredir; porque nós somos mãis e o primeiro e mais intimo vagido da infancia do homem recebemol-o nós em nosso seio, dispensando-lhe os cuidados que são a nossa vigilia, as nossas lagrimas, as nossas dores e alegrias, o nosso amor emfim.

Nós temos sido calumniadas, dizendo-se que somos incapazes dos grandes commetimentos, que somos de intelligencia fraca, de perspicacia mesquinha; e que não devemos passar de seres caseiros, de meros instrumentos do prazer e das conveniencias do homem; quando o nosso ensino tem preparado os mais perfeitos heróes da humanidade; e quando, á testa das nações, quer na cadeira, quer na officina modesta do operario, temos dado exemplos de assombrar os povos e os seculos!

Nós temos sido condemnadas á ignorancia, privadas dos direitos de cidadãos, e reduzidas á escravas dos caprichos politicos de legisladores imprevidentes e egoistas, quando beneficicas espalhamos o bem-estar na vida intima social preparando o coração de nossos filhos para a virtude, e inspirando-lhes desde os primeiros dias o amor ardente pela liberdade e pelo progresso.

Haja vista, senhoras, a nação ingleza o progresso á que tem attingido; e porque não veremos n'esse facta a nossa salutar influencia?

Nem me objectem, senhoras, os vergonhosos excessos que dizem commetter as infimas mulheres inglezas no dia de exercer a mais nobre prerrogativa do poder popular, isto é, o voto. A isso vos

responderia eu com o que se dá entre nós n'essas ocasiões; e então não são as mulheres, os entes quasi desprezíveis, são homens pela mór parte inteligentes e instruidos, que se aproveitam da miseravel educação que em geral, homens e mulheres, recebemos em um paiz como o nosso, onde se ensina tudo, menos o que valem a dignidade pessoal e os interesses da patria considerados herança commum de todos nós.

Perdoai-me, senhoras, esta digressão; perdoai-me que eu pouco abusarei da vossa complacente attenção.

Nós temos sido injuriadas atrozmente ainda, atirando-se-nos o baldão injusto de inconstantes e desrespeitadoras de nossos deveres e de incapazes das grandes acções, quando vivemos a vida do amor no estado de filha, de abnegação no de esposa, e das dôres profundas no de mãe. Chamão-nos borboletas, dão-nos epithetos ligeiros, quando devião considerar-nos martyres no eterno Golgotha da vida social.

Entretanto, na apreciação da virtude das mulheres, põe-se em relevo a injustiça dos homens.

Aquelles, que para o seu sexo levão a longanimidade a um ponto apenas concebivel, para o sexo debil levão a exigencia até o ridiculo da exaggeração.

A virtude é uma, senhores, uma deve ser em ambos os sexos.

Se no paraizo houve uma Eva, também em Nazareth houve uma Maria; se as Helenas e Cleopatras existirão, o mundo admirou as Joannas d'Arc e as Izabeis de Castella.

Para seduzir uma Eva houve no principio do mundo uma serpente; hoje, para cada Eva seduzivel ha um mundo de serpentes. Contra essa multidão de reptis que se arrastão pelos pavimentos de marmore e pelas alcatifas de velludo, só ha um recurso: a boa educação.

A pobre creatura que apenas sabe vestir-se e adornar-se para agradar porque se lhe não ensinou mais, crê em qualquer farçante que a lisongea e lavra talvez a sua propria perdição. E quem poderá censural-a com justiça?

Se a educação entre nós chegasse ao ponto onde devera chegar, serião os pais os primeiros confidentes de suas filhas, não seria essa honra reservada á escravas interesseiras e inimigas.

São vulneraveis, eu confesso, os defeitos que nos fazem ter as preocupações do mundo, a insufficiente educação que recebemos, o estado excepcional em que nos collocão; póde alguma de nós ser frivola até o ridiculo, ou descuidada até a sordidez; póde alguma de nós ser pretenciosa até o fôfo orgulho, ou submissa até a baixesa do cervilismo; póde ainda ser perversa e abominavel até o que ha de mais hediondo nos instinctos humanos; concedo: mas, até quando ha de querer-se que sejamos anjos lançando-se-nos do céo da luz, da instrucção, e de nossa verdadeira posição?

Quererão que sejamos instruidas e sabias, fechando-nos as academias, os porticos dos templos da sciencia?

Quererão que sejamos todas immaculadas, quando a mocidade masculina se perverte impunemente logo nos primeiros annos, desde que abandonando o seio de suas mãis, vai para o dominio dos pais?

Quererão de nós os grandes commetimentos, as emprezas

arrojadas, quando se incumbem de pensar por nós e vedão-nos todos os meios, quer materiaes, quer politicos ou moraes?

Nós não somos somenos ao homem: a nossa alma tem a mesma passividade e actividade que a d'elle, e tanto a sensibilidade como a intelligencia e liberdade participão do mesmo gráo de capacidade e podem ter o mesmo gráo de desenvolvimento n'um ou n'outro sexo.

O que convem pedir, o que venho aqui em vosso nome altamente reclamar, é, de parceria com a educação, a instrucção superior commum a ambos os sexos; é a liberdade de esclarecer-nos, de exercer as profissões a que as nossas aptidões nos levarem.

Dêem-nos educação e instrucção; nós faremos o mais. A nossa posição legitima na sublime missão de que estamos incumbidas, nós a tomaremos pelo nosso trabalho, e a humanidade ha de tudo ganhar com o nosso triumpho.

Permitti-me, senhoras, que termine fazendo-vos um apello, que será a nossa profissão de fé.

É preciso que a mulher se compenetre do importante papel que lhe está confiado, que faça mesmo lembrar ao homem que se elle é o rei da criação, ella é a legitima rainha.

Longe de nós os vicios que, pela nossa educação frivola, tem algumas vezes dado pretexto aos nossos detractores; longe nós a mentira, a dissimulação, o amor do luxo, da vaidade e da impostura. Não desprezemos o estudo, o silencio de nosso gabinete, nem o berço de nosso filhinho pelo turbilhão louco da valsa, nem pelo canto da sereia que se chama Moda e que muitas vezes em um só dia consome o laborioso trabalho de nossos pais, o suor de nossos maridos, o futuro, e não poucas vezes a honra de nossas familias.

Então, quando ouvirmos falar a um d'estes, bradaremos com energia:

Vós, que rebaixastes a dignidade da mulher, que a considerastes como um ser quasi desprezível, vinde! Eu vos chamo a juizo no tribunal de vossa propria razão.

O ser que vilipendiastes deu a vida a vossos heróes e a vosso sabios!

Os Alexandres e Napoleões, os Homeros e Camões quando cruzarão a perigosa quadra da infancia forão alimentados com o succo precioso dos peitos de uma mulher, seus primeiros passos forão por ella guiados, suas inspirações forão n'ella colhidas.

Recordai-vos vós mesmos: quem vos ensinou a balbuciar as primeiras palavras, quem modulou esse instrumento ingrato, que hoje contra ella voltais?

E os primeiros sons que soltastes não foi ainda um hymno dirigido á rainha dos anjos?

Podeis mostrar-nos algum dos quadros que representão a grande historia da humanidade, sem que appareça a mulher?

Na entrada do mundo antigo vereis Eva, a mãe do genero humano, a autora do grande cataclysmo do Edem.

Na entrada do mundo moderno, Maria mãe na graça, bemdita, immaculada co-redemptora do genero humano.

Em todos os magnificos sucesos do antigo e moderno mundo

ver-nos-heis sempre exercendo alto poderio nos destinos dos povos e na ventura das nações.

Negaste-nos o direito de legislar; mas desde a abolição da lei salica, concedeste-nos o direito de dar a lei aos legisladores.

Negaste-nos o direito de obter cargos e honras, entretanto deixaste-nos o direito de distribul-as.

Fechaste-nos as portas da sciencia; mas nunca podereis privar-nos de avassalar os sabios e os heróes com os recursos de vosso engenho.

Em conclusão, senhoras, nós apparentemente os vencidos, somos n